

LINGUA PORTUGUEZA

GRAMMATICA

DESCRIPTIVA

BASEADA NAS DOCTRINAS MODERNAS

PELO

DR. MAXIMINO MACIEL

NATURAL DE SERGIPE

*Formado em medicina e em direito, professor cathedratico no
Collegio Militar, da Sociedade de Medicina e
Cirurgia do Rio de Janeiro.*

« Lex sum sermonis, linguarum
regula certa, qui me non didicit.
cetera nulla petat. »

BACON.

2.º MILHEIRO DA 5.ª EDIÇÃO

AUGMENTADA E REFUNDIDA

FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OUVIDOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^{ia}

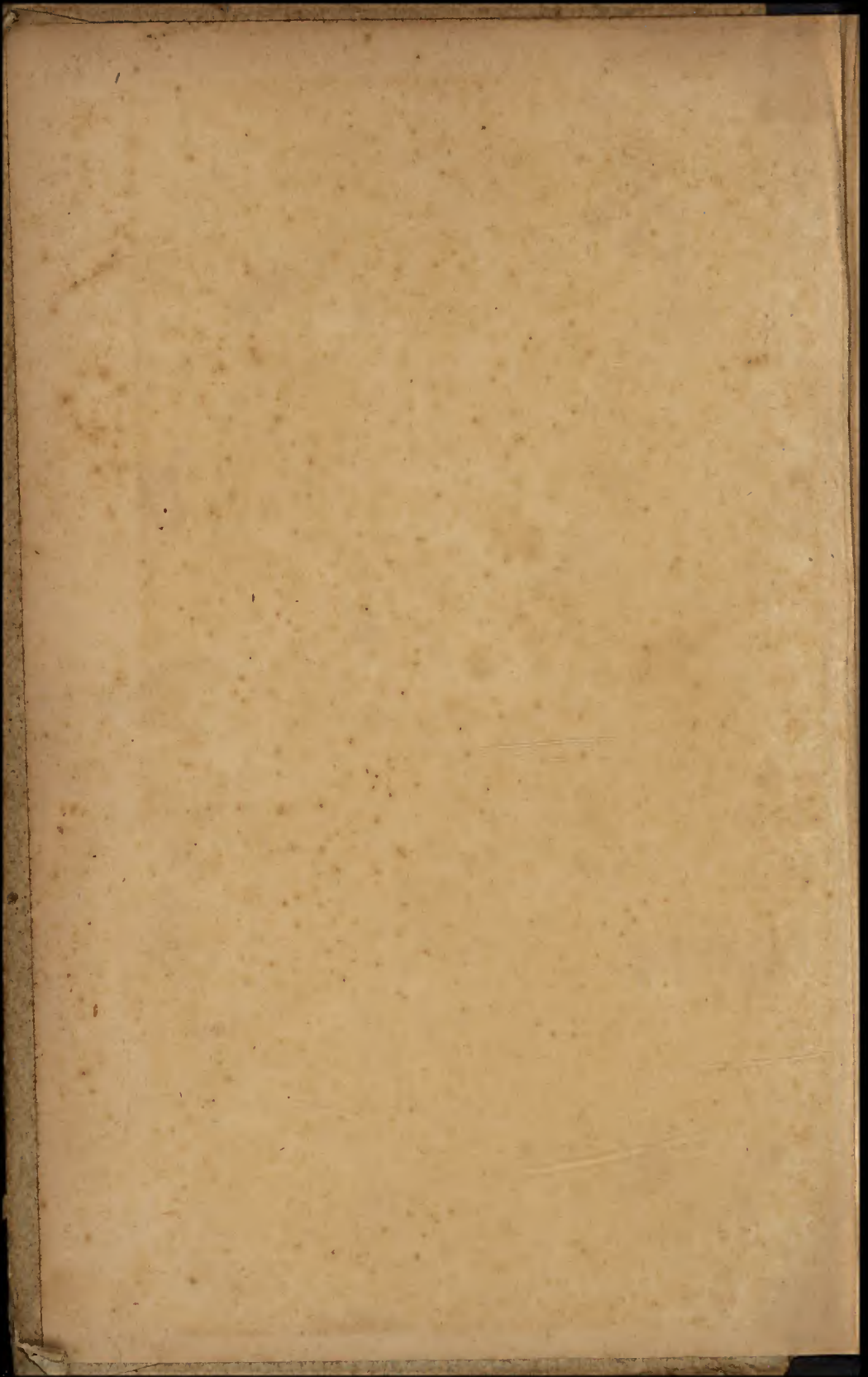
PARIS

96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

53, RUA GARRETT, 53
(LIVRARIA BERTRAND)

1914



GRAMMATICA

DESCRIPTIVA



OBRAS DO AUTOR

Grammatica Analytica , baseada nas doutrinas modernas (esgotada)	\$
Philologia Portugueza . — Ensaios descriptivos e historicos. (esgotada)	\$
Grammatica Descripta , 5. ^a edição	5\$000
A Taxinomia social e seu autor (collecção de artigos publicados no <i>Debate</i>	\$
Lições de Botanica geral , professadas no Gymnasio Nacional.	6\$000
Noções de Agronomia . — Lições complementares ao estudo de Botanica.	4\$000
As proporções do individuo humano . — These inaugural approvada com distincção.	\$
Lições elementares de Lingua Portugueza	2\$000
Discurso na distribuição de premios aos alumnos do <i>Collegio Militar em 1903</i>	\$
Valeur des différentes méthodes de traitement dans la tuberculose . — Mémoire présenté au Congrès International de Paris	\$
La médication urique dans la tuberculose . (<i>Revista Medico-Cirurgica do Brasil</i>).	\$
L'illusion des arsénicaux dans la tuberculose . (<i>Revista Medico-Cirurgica do Brasil</i>).	\$
Elementos de Chimica geral	6\$000
Elementos de Zoologia , de accordo com a fauna brasileira (em elaboração)	\$



LINGUA PORTUGUEZA

GRAMMATICA

DESCRIPTIVA

BASEADA NAS DOCTRINAS MODERNAS

PELO

DR. MAXIMINO MACIEL

NATURAL DE SERGIPE

*Formado em medicina e em direito, professor cattedratico no
Collegio Militar, da Sociedade de Medicina e
Cirurgia do Rio de Janeiro.*

« Lex sum sermonis, linguarum
regula certa, qui me non didicit,
caetera nulla petat. »

BACON.

2.º MILHEIRO DA 5.ª EDIÇÃO

AUGMENTADA E REFUNDIDA

FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OUVIDOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^{ia}

PARIS

96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

73, RUA GARRETT, 75

(LIVRARIA BERTRAND)

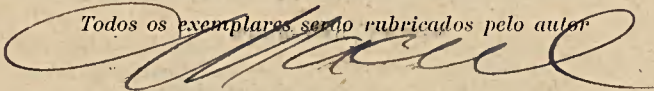
1914

12.881
~~12.797~~



ADYAMICARD

Todos os exemplares serão rubricados pelo autor



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	
Tombo	

PROLOGO DA 2.^a EDIÇÃO

Em 1887, embora no verdôr dos nossos annos; publicámos o nosso primeiro trabalho — GRAMMATICA ANALYTICA em que, baseando-nos nas doutrinas modernas, concorremos de algum modo para romper com a velha tradição, quebrando os antigos moldes em que se vasava a grammaticographia.

É certo que esse trabalho nosso a que alludimos, posto que liouvésse sido aceito pelos competentes e exaltado pela imprensa, se resentia de muitos defeitos, devidos á transição em que se achavam as doutrinas d'então.

Além disso, nós o esereveramos baseados mais no que havíamos lido do que na observação e até *experimentação* dos pheuomenos da lingua, de sorte que actualmente discordamos de alguns pontos, graças á longa pratica do magisterio em que consolidamos o que sabiamos e adquirimos o que hoje se ácha exarado no corpo dessa GRAMMATICA DESCRIPTIVA.

A nós, mas aos competentes, não nos cabe ajuizar do merito do nosso trabalho, porém verá o leitor que as questões mais importantes da lingua se acham expostas, de modo por assim dizer, novo, de accordo com o que mais recentemente se tem publicado sobre philologia.

A nossa grammatica póde não prestar, mas a orientação é inteiramente differente do que se tem publicado sobre grammatica portugueza, e a maior parte dos pontos, quasi toda a doutrina, estão consolidados por autores de nomeada.

Assim procedemos, porque a probidade scientifica aconselha citar-se um autor, desde que lhe estejamos de accordo com as opiniões attinentes a um ponto, para mostrarmos as fontes a que recorreremos.

Este é e ha de ser o nosso proceder, sempre que houvermos de eserever sobre qualquer assumpto.

Apesar, porém, do grande numero de obras citadas, parece-nos que se não perdeu a nossa individualidade nesse compendio, porque á doutrina assimilada juntámos as nossas observações proprias, como verão os competentes.

A syntaxe mereceu-nos attenção por ter sido uma das partes mais descuradas; assim se acha desenvolvida tanto quanto nos permittiram as nossas investigações e ao mesmo tempo exemplificada mediante classicos e estylistas de nota.

Rarissimos são os exemplos nossos e esses poucos devidos ao trabalho improbo de estarmos folheando escriptores para colher o exemplo adequado, de modo que a nossa syntaxe está de accordo com os monumentos da lingua.

É um dos maiores defeitos e até falta de criterio formular o autor a regra e fazer o exemplo, o que largamente tem contribuido para o divorcio entre a grammatica e os phenomenos da lingua, quando aquella deve ser o codigo, o registro em que estes se achem consignados.

.....

Esta grammatica nada tem com a outra, servc apenas de um como protesto aos que injusta ou justamente nos criticaram, até mesmo sobre pontos de que já nos havíamos occupado em outras publicações posteriores ao nosso compendio de 1887.

Tudo progride e *errare humanum est*.

Si neste ainda ha senões, si as doutrinas não são as verdadeiras, exerça a critica o seu direito e dever, pois nos havemos de corrigir e curvar sob o peso da verdade.

Restar-nos-á sempre o lenitivo, o incentivo de haver concorrido para a diffusão de luzes em nossa Patria.

Sentimos não nos ser possivel, por motivos de ordem economica, darmos uma edição nitida, mas « *fecimus quod potuimus, faciant meliora potentes* ».

O AUTOR.

Capital Federal, 1 de Outubro de 1894.



Algumas palavras sobre a 3.^a edição

A acceitação que conseguiu a edição anterior, as cartas de encomios que professores dos Estados nos dirigiram attinentes á orientação que demos ao nosso trabalho, se nos tornaram o maior incentivo para proseguirmos nas ultteriores edições.

Bem sabemos que, para os que se iniciam na aprendizagem é pesada a nossa Grammatica e até inconveniente, desde que ao alumno não presereva e limite o professor o que tem de ser estudado.

Alguns professores houve que vos aconselharam a desmembrar a nossa grammatica em dous ou tres cursos, de concerto com o desenvolvimento intellectual do alumno.

Reflectimos, e ao que nos aconselhavam não acquiescemos, pois era improficuo e penoso imprimir outra nortcação a um trabalho que haviamos erigido no constante labor das nossas investigações, na diuturnidade, na inquirição dos autores e stylistas de nomeada.

Mantemos por isso a mesma orientação, porque póde leccionar por qualquer compendio quem sempre se acha de posse da materia para saber dosal-a aos alumnos : no que se constitue o merito do professor.

Era tanto mais impossivel quanto a nossa grammatica, destoando de todas as demais, constituia um livro que, excellendo-lhe certa nota de individualidade, não se argúa de cópia de trabalhos preexistentes.

Assim sempre o entendemos no quanto havemos publicado, por isso que todo trabalho intellectual se deve resentir de certo cunho de individualidade, pois o merito em quaesquer ramos de nossos conhecimentos decorre do espirito de systematização.

Tanto assim que em nossa Grammatica Analytica e na edição a esta posterior alguns autores houve que hauriram



doutrinas nossas e nem sequer nos fizeram a minima referencia no corpo da obra.

Até houve Grammaticas que se diriam o resumo da nossa: nossos exemplos, a nossas doutrinas lá se acham e ao nosso nome não se reservou sequer a minima referencia.

Mas deixemos passar estes factos: aquelles que nos leram, nos manusearam, nos farão a justiça que nos assistir no fôro da consciencia, ainda que os admova por ventura contra nós qualquer motivo justificavel.

Na materia que nos occupa, temos as nossas opiniões assentadas: boas ou más, erroneas ou acertadas esforçamos em pol-as de maior concerto possivel com os factos da lingua. Corram então por conta de exíguo criterio nosso na interpretação d'elles os desacertos de que, si por acaso os houver, nos penitenciaremos, desde que nol-os provém com logico fundamento e com os factos da lingua.

27-1-901.

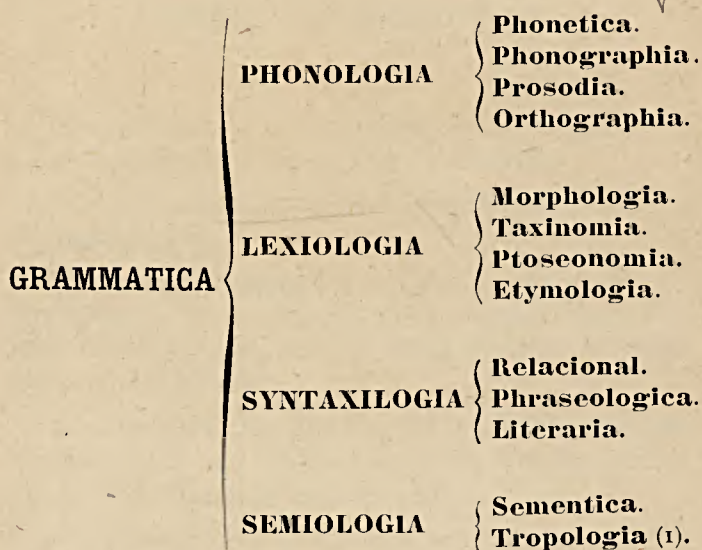
Quanto á actual edição, tivemos de aclarar muitos factos, dando-lhes nova interpretação mais consoante com o progresso da linguistica.

Ainda nos esforçamos por estudar a lingua nos seus monumentos literarios, consolidando-lhe por isso os factos e a doutrina com exemplos selectos, hauridos aos principaes escriptores que se nos afigurou poderem servir de normas á syntaxe da lingua.

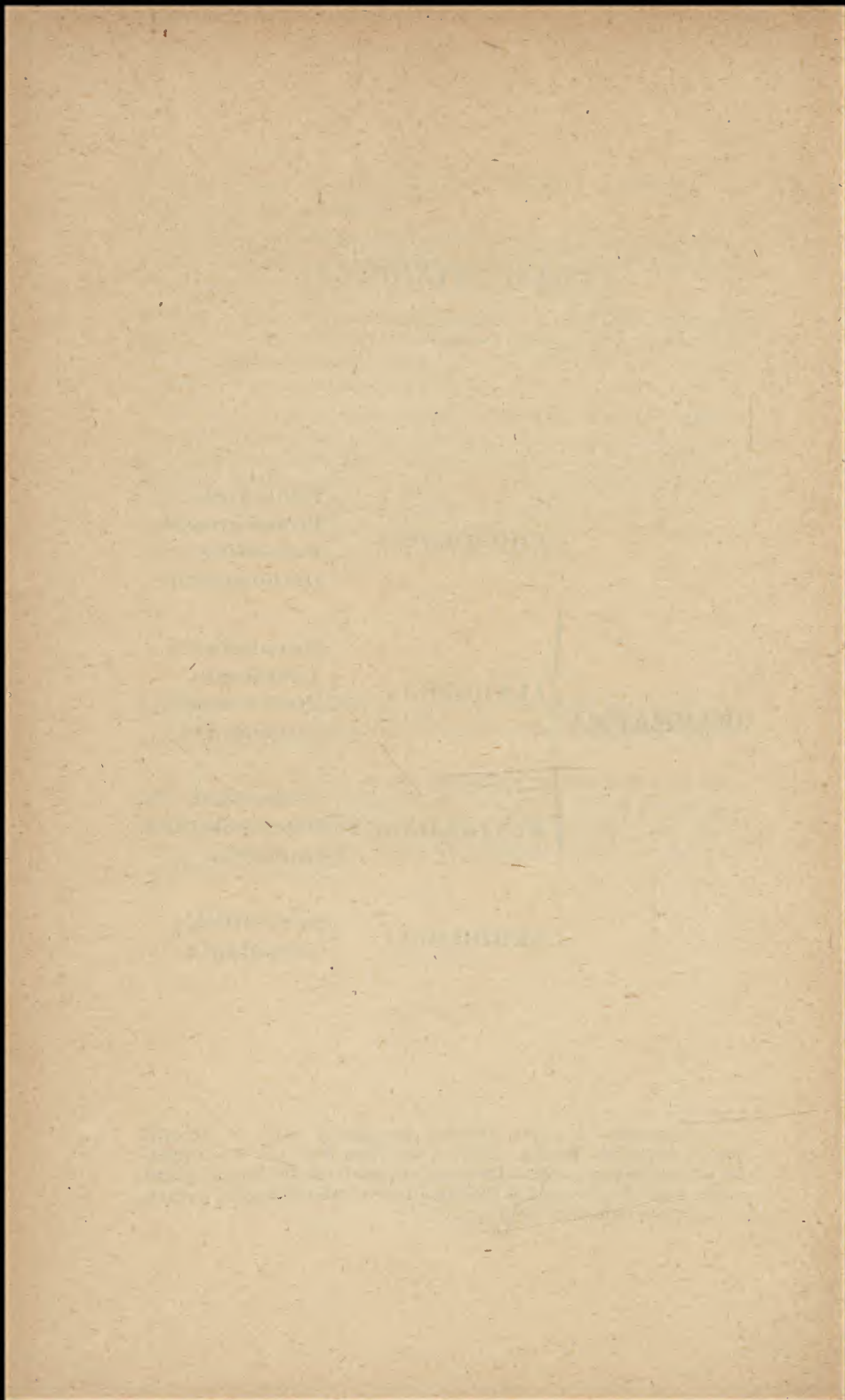
1-7-910.



PLANO SYNOPTICO



(1) Mantemos a nossa divisão, porquanto está de accordo com os factos da lingua. Além d'isso, têm sido por nós fundadas e refundidas muitas theorias em materia de lingua portugueza, afim de que seja a Grammatica a interpretação authentica dos phenomenos da lingua.



GRAMMATICA DESCRIPTIVA

NOÇÕES PROPEDEUTICAS

Grammatica é a systematização logica dos factos e normas de uma lingua qualquer.

A grammatica póde ser *descriptiva*, *historica* e *comparativa*.

Grammatica *descriptiva*, que tambem se diz *expositiva*, é a systematização organica dos factos e normas proprios de uma lingua, isoladamente considerada.

Grammatica *portugueza* é a systematização organica das normas e factos da lingua portugueza, isoladamente considerada.

Grammatica *historica* é a systematização das normas e factos da lingua desde a sua origem até nossos dias, isto é, aquella que trata da evolução da lingua nos seus diversos periodos de formação.

Grammatica *comparativa* é a systematização das normas e factos de duas ou mais linguas comparadas entre si, isto é, nas suas diversas relações e divergeneias.



Ha tambem a **grammatica geral**, que se poderia chamar glossologia, isto é, o tratado das normas geraes e abstractas que se poderiam applicar á expressão do pensamento ou á linguagem (1). « Linguagem, diz Sayce, é a manifestação exterior do pensamento consciente » (2).

O pensamento, pois, ha de manifestar-se mediante signaes cuja theorização constitue actualmente a semica (3).

A semica póde ser :

A) **Mimica**, desde que a expressão do pensamento se exerça mediante movimentos physiologicos ou gesticulações;

B) **Phonetica**, desde que a manifestação do pensamento se exerça mediante a voz humana, isto é, sons articulados. A semica phonetica é propriamente a linguagem no rigor do termo, é a palavra viva (4);

C) **Graphica**, desde que a expressão do pensamento se exerça mediante symbolos literaes. A semica graphica constitue o que vulgarmente se chama linguagem escripta.

A semica mimica, anterior ás outras fórmulas de expressão, constitue a linguagem mimica ou accionada que já não pertence ao dominio da grammatica, cujo objecto é o estudo exclusivo da palavra, já constituída por sons laryngeos, já representada por symbolos literaes (5).

Palavra é, pois, a expressão de uma idéa ou conceito significativo por convenção e, considerada attinentemente á

(1) MAX MULLER, *La science du langage*, pag. 4.

(2) SAYCE, *Philologie comparée*, pag. 130.

(3) ADOLPHO COELHO, *A lingua portugueza*, pag. 1.

(4) DELON, *Gram. franç. d'après l'histoire*, pag. 8.

(5) RENAN, *Origine du langage*.

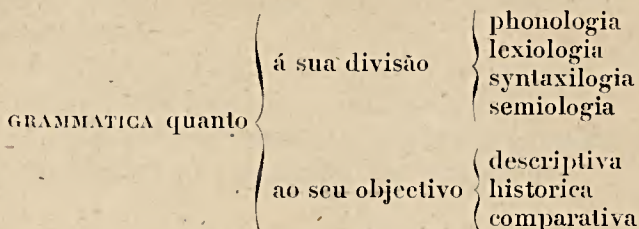


sua significação, chama-se **termo**; atinentemente á sua estrutura, á sua organização material, á sua fôrma exterior, chama-se **vocabulo** (1).

A grammatica estuda as palavras de uma lingua sob as suas quatro modalidades, isto é, como *som*, como *organismo*, como *função* e como *signal*; e assim se deve dividir em **phonologia**, **lexiologia**, **syntaxiologia** e **semiologia**.

A divisão tripartita da generalidade dos grammaticographos — em **phonologia**, **lexiologia** e **syntaxiologia** — não tem mais razão de ser, depois que o estudo da **significação** se individualizou, constituindo por si um ramo delimitado, maximé com os estudos de Darmsteter (2) que usa do termo **semantica** para designar a theoria logica da significação.

Ao nosso ver, porém, o termo semiologia, ou melhor **semasiologia**, como quer Reinach (3), satisfaz plenamente, passando o termo semantica, por mais restricto, a ser uma subdivisão da semiologia, como havemos de ver.



Assim o seguinte schema synoptico nos mostra as quatro partes geracs cujo conjunto organico e systematico constitue a grammatica :

(1) JULIO RIB., *Gram. port.*, pag. 2.

(2) DARMSTETER, *La vie des mots*.

(3) REINACH, *Physiologie classique*.



GRAMMATICA

Phonologia, isto é, o estudo da palavra como som, isto é, um producto organico do aparelho phonetico.

Lexiologia, isto é; o estudo da palavra como organismo, isoladamente considerada.

Syntaxilogia, isto é, o estudo da palavra como funcção, collectivamente considerada.

Semiologia, isto é, o estudo da palavra como signal, exteriormente representativo de uma idéa, conceito (1) ou uma relação.

(1) A maior parte dos grammaticos e professores seguem a divisão da grammatica em **morphologia** e **syntaxilogia**, de accordo com o que estatuiu o prof. Julio Ribeiro, a quem não damos razão neste ponto e por isso persistimos na nossa divisão, conforme o nosso plano synoptico.



PARTE I

PHONOLOGIA

Phonologia é o tratado dos phonemas, isto é, dos sons constitutivos da palavra debaixo de todos os pontos de vista (1).

A phonologia estuda os phonemas :

A) Isolados e independentes da palavra, de que são elementos constitutivos;

B) Representados por symbolos ou letras, mas ainda isolados e independentes da palavra;

C) Grupados na contextura ou corpo da palavra, mas relativamente á sua accentuação e quantidade;

D) Representados por symbolos ou letras, mas já grupados e dependentes da palavra.

A phonologia, pois, se divide em *phonetica*, *phonographia* (2), *prosodia* e *orthographia*.

PHONETICA

Phonetica é o estudo dos phonemas, isto é, dos sons organicos da palavra, considerados em si ou em suas correlações.

(1) HENRY, *Gram. comparée du grec et du latin*, pag. 13, — A. COELHO, *A lingua portugueza*, pag. 4. — MACIEL, *Gram. analytica*, pag. 3.

(2) COSTA CUNHA, *Manual do Examinando*.



A phoneticea pôde ser :

A) **Descriptiva**, ou **physiologica**, quando expõe methodica e praticamente a theoria dos phonemas em relação uns aos outros ou aos organims que os formam;

B) **Historica**, quando expõe a theoria da substituição e suppressão dos phonemas, isto é, as modificações por que passaram no deurso da sua evolução no organismo da lingua (1).

A phonetica historica é a base logica de quaesquer estudos comparativos ou etymologicos applicados á lingua (2).

Phonema é qualquer som laryngeo constitutivo do vocabulo e produzido pela acção physiologica das cordas glotieas ou voeas.

O termo **phonema** usa-se por uma necessidade scientifica; é mais preciso e mais restricto do que o termo **som**, porém mais geral do que os termos — **voz** ou **consonancia**, pois designa qualquer producto laryngeo ou emissão vocalica (3).

O phonema produz-se por tres factores physiologicos :

A) A *corrente expiratoria* cuja intensidade é governada pelos musculos productores do movimento expiratorio;

B) O *obstaculo* que, interpondo-se á corrente expiratoria, produz na glote o phonema cuja vibração se effectuou no tubo vocal;

C) O *espaço resonante*, isto é, a cavidade bucal onde o phonema já produzido adquire seu caracter especifico (4).

Os organims cujo conjunto constitue o *apparelho phonetico* ou *vocal* são :

A) *Os pulmões* e a *trachéa*, que fazem simultaneamente as vezes de um folle;

(1) BRACHET, *Gram. historique*, pag. 90.

(2) HENRY, *Gram. comparée du grec et du latin*, pag. 11.

(3) HENRY, obra citada.

(4) ADOLPHO COELHO, *A lingua port.*



b) A *arynge*, cujas cordas gloticas vibram e imprimem ao phonema seu character especial;

c) A *pharynge*, a *cavidade nasal* e a *bucal* em que o phonema se modifica para mais ou para menos (1).

Correspondentes aos tres modos por que se formam no aparelho vocal, ha tres ordens de phonemas : **sonoros, explosivos, fricativos.**

Phonemas sonoros são aquelles que, produzindo-se sem movimento sensivel dos organs articuladores, passam livremente pelo tubo vocal (2).

Os phonemas sonoros dizem-se geralmente **vozes** e os symbolos ou notações que os representam chamam-se **vogacs**; os explosivos e fricativos dizem-se **ruidos articulados** ou **consonancias** e as suas notações ou symbolos dizem-se **consoantes** ou **alterantes** (3).

As vozes e as consonancias nos impressionam o *ouvido* e se estudam na *phonetica*; as vogacs e as consoantes nos impressionam os *olhos* e se estudam na *phonographia* (4).

Seja essa a doutrina deduzida da observação exacta dos phenomenos de vocalização e, tanto assim que « um som qualquer, segundo Delon, pag. 82, póde ser figurado por um signal de fôrma qualquer, pois nada muda o som ».

Assim foi que os grammaticos gregos chamaram aos sons *stoichéia*, e os latinos *elementa*, ao passo que ás notações graphicas chamaram os primeiros *gramma* e os segundos *litera* (5).

Os phonemas sonoros são *a, i, u*, que se dizem **primitivos, inorganicos, fundamentacs**, pois são communs

(1) BOUILLET, *Dict.*, pag 1801.

(2) HEMETERIO, *Gram. port.* pag. 1. — JULIO RIB., *Gram. port.*, pag. 6.

(3) E. ALVARUS, *Inst. gram. apud Julio Rib.*, pag. 7. — BRUNOT, *Gram. hist.*, pag. 50. — DELON, pag. 83.

(4) HEMETERIO, *Gram. port.*, pag. 7.

(5) EGGER, *Gram. comparée*, pag. 11. — C. BEAUFILS, *Étude du latin*, pag. 8.

a todas as linguas e delles se formaram os phonemas *o, e* que se dizem por isso **secundarios, organicos** ou **intermediarios** (1).

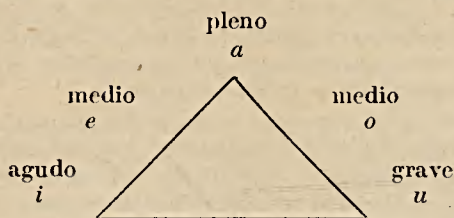
Assim se explicam esses phenomenos :

$$a + i = \acute{e}; a + u = o.$$

No latim, no grego e nas demais linguas aryanas ou indo-européas provam-se experimentalmente esses phenomenos e, até nos idiomas modernos — francez e inglez — esses sons intermediarios se grapham muitas vezes mediante os primitivos; ex. : *aurora, maison, said, daughter*, em que $a + i = \acute{e}, a + u = o$.

O phonema *a*, som fundamental, mais importante de todos, é pleno, claro; o phonema *i* é agudo e o phonema *u* é surdo e grave (2).

Note-se o seguinte schema :



Os phonemas *i* e *u*, diz Beaufils, são os dous pólos do vocalismo.

Phonemas explosivos ou momentaneos são os que, produzindo-se por contacto completo ou interrupção instantanea dos orgams articulad-

(1) G. e WIERZEYSKI, *Eléments de gram. latine*, pag. 2. — G. BEAUFILS, pag. 9. — BOPP, *Gram. des langues indo-européennes*. t. I., pag. 23. — AYER, *Gram. française*, pag. 23. — REINACH, *Gram. latine*, pag 272. — REGNAUD, *La linguistique evolutioniste*, pag. 2. — MASON, *Englich grammar*, pag. 10.

(2) M. KERSTEIN, *apud Burgraff*, pag. 53. G. e WIERZEYSKI, *Eléments de gram. latine*, pag. 2. — BEAUFILS, *Etude du latin*, pag. 9. — AYER, *Gram. française*, pag. 23.

res, cessam logo após a produção da voz e são os seguintes : *q, t, p, mé, guê, d, b, né, ré, lê*.

Phonemas fricativos ou spirantes são os que, produzindo-se por contacto incompleto ou simples aproximação dos orgams articuladores, não cessam logo após a produção da voz e são os seguintes : *fê, cê, xê, v, z, gê*.

Todo phonema explosivo ou fricativo é sempre surdo ou sonante (1).

A) **Surdo**, si não houver vibração concomitante das cordas glóticas;

B) **Sonante**, si houver vibração concomitante das cordas glóticas.

Os explosivos surdos são : — *q, t, p, mé, ré* e os fricativos surdos : — *fê, sê, xê* (2).

Os explosivos sonantes são : — *guê, d, b, né, lê* e os fricativos sonantes : — *v, z, gê*.

Os phonemas surdos são asperos e fortes e estão sujeitos ao abrandamento na formação das linguas romanas, segundo a lei do menor esforço, ao passo que os sonantes são brandos e fracos e estão sujeitos ao reforço.

A todo phonema surdo e forte corresponde um sonante e fraco. Assim temos :

<i>q</i>	cujo correspondente é	<i>guê</i>
<i>t</i>	—	<i>d</i>
<i>p</i>	—	<i>b</i>
<i>r</i>	—	<i>l</i>
<i>mé</i>	—	<i>né</i>
<i>fê</i>	—	<i>v</i>
<i>c</i>	—	<i>z</i>
<i>xê</i>	—	<i>gê</i>

(1) MAX MULLER, *La science du langage*, pag. 43.

(2) HENRY, *Gram. comp. du grec et du latin*, pag. 21. — BRUNOT, *Gram. hist.*, pag. 54. — BRACHET et DUSSOUCHET, *Grammaire française*, pag. 25.



O phonema *r* (forte) tem variante fraca *r* (fraco intervocalico) e, segundo Henry, o primeiro é **glotal** e o segundo **uvular** (1).

Para o sabio glotologo Pezzi (2) o *r* intervocalico e **tremulante** ou **oscillante**.

O facto é que é elle uma variante phonica do som typico *rr*, do mesmo modo que os sons *é*, e *ó* são variantes de *e* e *o* : são neophonemas, como *nhé*, *lhé*, pois a lingua crêa sons, como erêa novos vocabulos por modificação (3).

Resumo synoptico

PHENOMAS quanto	}	á especie	{ consonaneias vozes
		ao processo de formação	{ explosivos fricativos
		ao orgam em que se formam	{ guturales palataes linguaes dentaes labiaes

Classificação physiologica.

A distribuição por ordem, segundo os orgams em que se elaboram os phonemas, constitue a classificação d'estes.

Elaboram-se em diversos pontos do apparelho vocal e diz-se *ponto* ou *logar articulativo* a região em que se operam e vibram.

(1) HENRY, *obra cit.*

(2) PEZZI, *La science du langage.*

(3) REGNAUD, *Origine et philosophie du langage*, pag. 148.



Assim ha, segundo o ponto em que se elaboram, as seguintes ordens ou categorias de phonemas :

Guturales	<i>q — gue — a</i>
Palataes ou velares.	<i>jê — xê — i</i>
Linguaes	<i>rê — lê</i>
Dentales	<i>t — d — c — z</i>
Labiales	<i>p, b, m, n, fê, vê, u.</i>

Os phonemas *mê, nê* nasalizam-se; as vozes *é, ó* são — a primeira guturo-palatal, por ser formada de *a* gutural e de *i* palatal; a segunda guturo-labial por ser formada de *a* gutural e de *u* labial.

Homorganicos são os phonemas que se formam sob a acção do mesmo organ, constituindo grupos de sons equivalentes, ex. : *q = gue; t = d = c = z; fe = v = p = b; re = le*, etc.

Heterorganicos são os phonemas que, não se formando sob a acção do mesmo organ, não constituem grupos de sons equivalentes, ex. : *q — t — ç — nê*, etc.

Grupos phoneticos.

Os phonemas se alliam, constituindo os grupos vocalicos e os grupos consonantales.

Os grupos vocalicos de dous phonemas são os diphtongos e os de tres são os triphongos.

Diphtongo é todo grupo vocalico constituido por duas vozes, pertencentes á mesma syllaba, ex. : *au, eo, ea, ue*, etc.



O diphtongo é :

A) **Oral**, si for constituido por duas vozes, livre e puramente proferidas, ex. : *au, ea, oi*.

B) **Nasal**, si for constituido por duas vozes modificadas por acento nasal ou til, ex. : *ão, ãe, ãe*.

O primeiro phonema diz-se **prepositivo** e o segundo **positivo**.

A lingua vernacula possui os seguintes grupos de diphtongos oraes, tendo alguns mais de uma graphica :

1.º Grupo em que *a* é a prepositiva, ex. :

ae, ai — *pae, naípe* (1)
ao, au — *pao, lauto*

2.º Grupo em que *e* é a prepositiva, ex. :

ea — *nivea, aurea*
éa — *idéa, epopéa*
ei — *falei, leigo*
éi — *annéis, parcéis*
éo — *réo, chapéo*
eu — *euge, morreu*

3.º Grupo em que *i* é a prepositiva, ex. :

ia — *gíria, glória*
ie — *santie, serie*
io — *Mario, rio*
iu — *puniu, subiu*

4.º Grupo em que *o* é a prepositiva, ex. :

oa — *mágoa, anagoa*
oe — *destroe, moe*
oi — *arroio, boi*
ou — *lousa, amou*

(1) Conforme os exemplos, preferam-se *ae* e *ao* para a *destinacia* do vocabulo; *ai* e *au* para o inicio e o meio.



Em alguns nomes, estranhos ao lexico portuguez, apparece *oi* graphado por *oy*, ex. : *Eloy*, *Godoy*, *Niteroy*.

5.º Grupo em que *u* é a prepositiva, ex. :

<i>ua</i>	—	<i>agua</i> , <i>legua</i>
<i>ue</i>		<i>tenue</i> , <i>instrue</i>
<i>ui</i>		<i>lui</i> , <i>cuido</i>
<i>uo</i>		<i>arduo</i> , <i>annuo</i>

Nos diphtongos em que *i* é a pospositiva, ás vezes, grapha-se por *y*, de accôrdo com a etymologia, ex. : *Maynarte*, *Jockey*, *Ruy*.

Sirva esta observação para provar que a fôrma graphica não é que constitue o diphtongo.

Aos diphtongos da nossa lingua se póde applicar a classificação de Walker em **propri**os o **impropri**os, que na nossa grammatica chamamos **directos** e **inversos**; mas hoje accetamos de preferencia a classificação de Walker de accôrdo com Burgraff (1).

Proprios se dizem aquelles em que ha fusão organica dos phonemas constitutivos, ex. : *au*, *ei*, *oe*, etc.

Improprios se dizem aquelles em que ha uma ligeira successão prosodica dos phonemas constitutivos, ex. : *ia*, *uo*, *io*, *ea*, etc.

As seguintes normas ou leis prosodicas os distinguirão perfeitamente :

A) Todo diphtongo proprio, sendo final, constitue vocabulo oxytono, ex. : *cantãe*, *morreu*.

B) Todo diphtongo improprio, sendo final, constitue vocabulo paroxytono, ex. : *santie*, *vigario*, *táboa*, etc.

Toda voz que se combinar com a que se segue na ordem alphabetica *a* — *e* — *i* — *o* — *u* — constituirá diphtongo proprio, ex. : *ae* — *ai* — *ao* — *au*; *io* — *iu*; *ou*.

Note-se que tanto *o* como *u* se podem igualmente combinar com *i* ou *e* apesar de serem posteriores na escala vocalica, ex. : *oe*, *oi*, *ue*, *ui*.

(1) WALKER, *Pronouncing Dict.*, pag. 32. — BURGRAFF, *Gram. générale*, pag. 61. — MACIEL, *Gram. analytica*, pag. 9.



Ha vozes **concurrentes** que, embora pareçam diphtongos, não o são, pois a primeira é sempre **tonica**; a última **atonica** e constitue por si uma syllaba, ex. : melodí-a, fastí-o, argú-o, desagú-a, averigú-a.

Este phenomeno é frequente em alguns homonymos oculares, ex. : água — agúa, continuo — continúo, pronúncia — pronúncia, secretária — secretária, glória — glória.

Diphtongos nasaes.

O diphtongo nasal é constituido por dous phonemas ou vozes, modificadas por accento nasal ou til.

O accento nasal ou til é um antigo *m* ou *n* que, superposto á prepositiva diphtongal, tomou no correr dos tempos a fórma ou aspecto graphico em que o vemos actualmente, pois assim o comprovam antigos documentos.

A lingua vernacula possui apenas os seguintes diphtongos nasaes :

- 1.º *ãe* — mãe, pães ;
- 2.º *ão* — mão, estão ;
- 3.º *õe* — põe, opiniões ;
- 4.º *ui* —

que apenas apparece no vocabulo *muito* em que o *m* inicial nasaliza o diphtongo, do mesmo modo que ás vezes o phonema *m* ou *n* tem força regressiva sobre a vogal da syllaba precedente, nasalizando-a, ex. : *animo*, *amo*, etc.

No norte da Republica, maximé no meu Estado, igual facto se dá no vocabulo *ruim*, em que o grupo *ui* é regressivamente nasalizado pelo phonema final *m*.

Triphthongo.

Triphthongo é todo grupo vocalico constituido por tres vozes, pertencentes á mesma syllaba.



A lingua portugueza conta apenas os seguintes triphthongos :

- 1.° *uae* — *averiguae, quaes*
- 2.° *uay* — *Paraguay, Uruguay*
- 3.° *uei* — *averigui*
- 4.° *ueo* — *gueo*

Todo triphthongo está sempre no vocabulo precedido de um som gutural.

Grammaticos ha que, em desacordo flagrante com os factos e a abalisada opinião do eminente philologo Frederico Diez, não querem admittir a triphthongação na lingua vernacula, talvez levados por má observação dos nossos phenomenos de vocalização ou por haver apenas um numero limitadissimo de triphthongos (1).

O primeiro phonema do triphthongo se diz prepositivo, o segundo interpositivo e o terceiro pospositivo.

Na triphthongação, o phonema interpositivo vibra mais do que os dous outros e sobre elle recae o peso dynamico da voz (2).

Grupos consonantaes.

Grupo consonantal é a reunião de duas ou mais consonaneias compatíveis, pertencentes á mesma syllaba, ex. : *gn, cr, dr, sp, st* e outros.

Os grupos são iniciaes, mediaes e finaes, segundo a sua posição no corpo do vocabulo.

(1) Vide FREDERICO DIEZ, *Gram. des langues romanes*.

(2) Sobre peso vocalico, vide BOPP, *Gram. des langues indo-européennes*.



A maior parte são mediaes; poucos são os finaes.

Estes grupos nos provieram quasi todos do latim, já integralmente formados, de sorte que poucos se formaram na propria lingua.

Os grupos assim se formam :

1.º Grupos em que *b* é o primeiro elemento,
ex. :

br — *bravo, abrir*
bl — *blenda, biblia*
bd — *hebdomadario*

2.º Grupos em que *c* é o primeiro elemento,
ex. :

ch — *chamar, archivo*
cl — *clave, tecla*
cr — *cravo, acre*
ct — *facto, acto*

3.º Grupos em que *d* é o primeiro elemento,
ex. :

dr — *dragão, pedra*

Os grupos *dh* e *dl* apparecem em vocabulos estrangeiros, introduzidos na lingua vernaeula,
ex. : *dhalia*.

4.º Grupos em que *f* é o primeiro elemento,
ex. :

fl — *flor, affluir*
fr — *fraco, afro*

5.º Grupos em que *g* é o primeiro elemento,
ex. :

gd — *Magdalena, amygdalas*
gl — *gloria, anglo*
gm — *fleugma, augmento*
gn — *gnoma, magno*
gr — *grato, agro*



6.º Grupos em que *l* é o primeiro elemento,
ex. :

lh — *lhano, filho*

7.º Grupos em que *m* é o primeiro elemento,
ex. :

ms — *orgams, sotams*
mn — *mnemonica, outomno*

8.º Grupos em que *n* é o primeiro elemento,
ex. :

ns — *fnis, sons*
nh — *tenho, manhã*

9.º Grupos em que *p* é o primeiro elemento,
ex. :

pc — *concepção, recepção*
ph — *phonetica, apophonia*
pl — *plaga, duplo*
pn — *pneuma, hypnose*
pr — *prazer, comprar*
ps — *psalmo, syllepse*
pt — *ptisana, apto*

10.º Grupos em que *r* é o primeiro elemento,
ex. :

rh — *rheuma, arrhas*

11.º Grupos em que *s* é o primeiro elemento,
ex. :

sc — *scena, nascer*
sk — *eskisto*
sl — *eslinga*
sm — *esmeralda, esmalte*
sp — *spasmo, conspirar*
st — *stase, restar*

12.º Grupos em que *t* é o primeiro elemento,
ex. :

tn — *atmosfera, tmese*
tr — *treme, atroz*
tl — *atlante, atlas*



13.º Grupos em que *v* é o primeiro elemento,
ex. :

vr — *lavra*, *nevrose*

O phonema *x* é duplo, e, valendo por *cs*, é um verdadeiro grupo, ex. : *sexo* = *secso*; *reflexo* = *reflecco* (1).

A sonoridade dos idiomas está na razão inversa do numero de grupos e na directa do numero de vozes livres.

A lingua italiana é das mais sonoras, até mais do que o latim cujos grupos ella dissolveu e os marcou com a geminação consonantica (2), ao passo que as teutonicas são asperas e **insonoras**, por terem muitos grupos.

Ha tambem grupos trilateros cuja constituição é a seguinte :

<i>ctr</i>	—	<i>actriz</i>
<i>scl</i>		<i>sclerose</i>
<i>scr</i>		<i>escravo</i>
<i>spl</i>		<i>splenite</i>
<i>spr</i>		<i>espreitar</i>
<i>spn</i>		<i>dyspnéa</i>
<i>str</i>		<i>stringe</i>
<i>ptr</i>		<i>redemptriz</i>

Apparecem alguns em que o *h* lhes complica a estrutura, mas á primeira inspecção ocular, pois o *h* não é letra; é notação etymologica (3).

Notem-se, porém, estas combinações consonanticas : *chr*, *sph*, *phl*, *phr*, *thr*, *thm*, *pht*, *sth*, apparecentes em vocabulos para marcar-lhes a etymologia grega, como em : *Christo*, *esphera*, *sphyngc*, *phleugma*, *phrase*, *anthropoide*, *rythmo*, *aphiose* e *asthma*.

(1) *La deuxième année de latin*, RIEMANN et GOELZER, pag. 4.

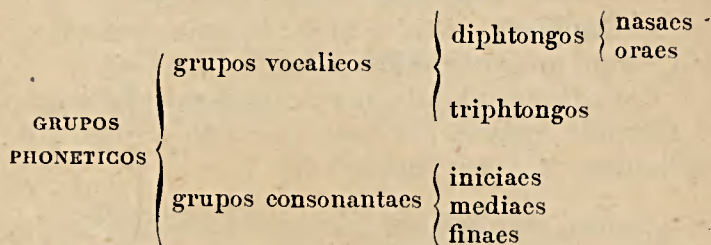
(2) A geminação não é propriamente grupo consonantal; é apenas signal etymologico.

(3) « H littera non est » diziam os latinos.



Na divisão graphica do vocabulo, o grupo passa intacto e integralmente para a linha seguinte, ex. : dy + *spnéa*, e + *scra* + vo, a + *phto* + se.

Resumo synoptico



Syllabismo.

Syllaba é um som ou grupo de sons distintos de que se constitue o vocabulo.

« A syllaba, diz Humboldt, constitue por si unidade de som ».

As syllabas separam-se e contam-se por epellação, isto é, a divisão do vocabulo em tantas partes phoneticas quantas as syllabas que organicamente o constituem, afim de os podermos graphar correctamente.

No vocabulo *gratidão* o phenomeno da epellação assim se effectua : gra-ti-dão (1).

A decomposição por letras como g-r-a-t-i-d-ã-o constitue a solletração ou syllabação.

A syllaba, segundo o seu phonema sonoro, ou voz fundamental, póde ser :

A) **Simples**, si tiver uma só voz, como no vocabulo — ba + ta + lha.

(1) BURNOUF, *Méthode pour étudier la langue grecque*, pag. 7.

B) **Composta**, si tiver mais de uma voz, como nos vocabulos — Deus, paes, mais.

Segundo a sua consonancia, pôde ser :

A) **Incomplexa**, si tiver apenas uma consonancia, como nos vocabulos — caro, lauto.

B) **Complexa**, si tiver mais de uma consonancia, como nos vocabulos — mais, Bra + sil.

Por extensão tambem se chama syllaba a que é formada apenas por uma voz, isto é, uma voz syllabica, ex. : a + mo, e + ra.

A syllaba será **directa** si começar por consonancia, e **inversa** si for por voz livre, ex. : pa + to e el, am, etc.

Toda consonancia pôde formar syllaba directa, ex. : ba, cae, dei, pau, etc.

Nem toda consonancia pôde formar syllaba inversa, ex. : ol, az, am, an, etc.

As syllabas são iniciaes, mediaes e finaes, segundo a posição que occupam no corpo do vocabulo.

Resumo synoptico.

SYLLABAS quanto	}	ás suas vozes	{ simples
			{ compostas
		ás suas consonancias	{ incomplexas
			{ complexas
		ás suas posições	{ iniciaes
			{ mediaes
			{ finaes

Segundo o numero de syllabas, os vocabulos são monosyllabicos ou polysyllabicos, conforme tenham uma ou mais syllabas.



O vocabulo polysyllabico póde ser :

A) Dissyllabico, si tiver duas, ex. :

pen + na;

B) Trisyllabico, si tiver tres, ex. :

pro + te + ger;

C) Tetrasyllabico, si tiver quatro, ex. :

a + mi + za + de;

D) Pentasyllabico, si tiver cinco, ex. :

fi + de + li + da + de

e assim por diante.

Os vocabulos tambem podem ser **parisyllabicos** ou **imparisyllabicos**, conforme tenham numero par ou impar de syllabas.

Sirva apenas essa divisão para o estudo da derivação latina, em que o imparisyllabismo da declinação exerceu suprema influencia nos phenomenos da derivação, maximé nas fórmas divergentes, oriundas de casos diferentes no corpo da mesma declinação.

Tautosyllabismo.

Dizem-se tautosyllabicos os vocabulos, de uso popular e familiar, constituídos por duas syllabas, repetidamente iguaes.

São de uso constante na linguagem familiar; formam-se geralmente mediante a repetição da syllaba tonica do nome proprio ou do commum, familiarmente estragados, ex. : *Nonica, Nhonhó, Lulú, Daddé, mamãe, papae, tetê, totó*, etc.

Por tautosyllabismo se ensaia e começa a aprendizagem infantil da lingua materna, pois os orgams da criança pouco a pouco se conformam com a articulação dos vocabulos, á medida que se fortalecem.



Estes e outros phenomenos aqui os consignamos para assignalarmos a superioridade da grammatica moderna, que se não adstringe apenas aos phenomenos da lingua classica, como a antiga; mas observa as linguas nos seus factos mais vivos, mais palpitantes, sujeitos ás leis geraes da biologia, por ser a linguagem articulada a função característica do homem na série animal.

PHONOGRAPHIA

Phonographia é o tratado tanto dos symbolos representantes dos phonemas ou sons como das notações lexicas correspondentes.

Alguns glotologos imperfeitamente designam esta parte da phonologia sob o nome de **phonica** (1); mas, ao nosso ver, empregue-se o termo **semiographia**, que já se acha em Adolpho Coelho, designando o estudo descriptivo dos signaes ou symbolos, proprios da linguagem graphica.

O termo **semiographia** é mais significativo, mais vasto do que **phonica**; constitue por si a sciencia dos signaes ou symbolos que podem mudar de aspecto de povo a povo (2).

Estes symbolos são as **letras** e as **notações lexicas**, cujo estudo methodico constitue a semiographia ou phonographia.

Letras são as notações graphicas visuaes, e ás vezes tacteis, que representam os phonemas de uma lingua.

As letras se dizem :

A) **Vogaes**, sempre que representam as vozes, isto é, os phonemas sonoros e são seis : *a, e, i, o, u, y*, pois o som vocalico *i* se grapha com a notação latina *i* ou com a grega *γ*.

(1) CACCIA et FERRARI, *Dict. italien-français*.

(2) ASSIER, *Physiologie du langage graphique*.



B) **Consoantes** ou alterantes, sempre que representam as consonancias, isto é, os phonemas explosivos e fricativos.

As letras consoantes são dezenove : *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z.*

Algumas consoantes representam mais de uma consonancia ; algumas consonancias se grapham por mais de uma consoante.

Sirva mais esta asserção para estatuir-se definitivamente a differença entre **som** e a sua **notação** correspondente que póde variar, segundo os grupos de linguas.

Alphabeto, abcdario ou abc é todo o conjunto de letras que, methodicamente expostas, representam os phonemas de uma lingua.

O nosse é constituido, como nas linguas romanas, por vinte e cinco letras : dezenove consoantes e seis vogaes.

O symbolo *h* é mais notação lexica do que propriamente letra ; o *ω* não nos pertence, posto que occorra em algumas formas teutonicas : *ω*alsa *ω*agon, re*ω*olver, etc., em quanto se não hajam assimilado á graphica da lingua portugueza.

As letras, segundo sua estrutura, são :

A) **Simples**, isto é, graphadas apenas por uma notação, ex. : *a, e, b, d, t, k*, etc.

B) **Compostas**, isto é, graphadas por notações differentes, embora tenham unidade prosodica definida, ex. : *nh, ch, lh, qu, sc, ph, rh*.

C) **Modificadas**, isto é, alteradas por notações lexicas que lhes modifiquem o valor prosodico, ex. : *ã, ô, ó, ç*.

D) **Geminadas** ou dobradas, isto é, graphadas



por duas notações identicas, ex. : *bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, pp, rr, ss, tt.*

E) **Ingeminaveis**, isto é, sempre graphadas por uma notação, ex. : *j, k, q, v, x* e as seis vogaes *a, e, i, o, u, y.*

Na chrestomathia antiga da nossa lingua geminava-se a vogal para marcar o alongamento, mas actualmente o accento agudo exerce essa função.

As letras se distribuem, segundo uma ordem inalteravel e invariavel, e então é que, por assim dizer, constituem o alphabeto da lingua a que pertencem.

A ordem alphabeticia ou lexicographica póde ser (1):

A) **Geral**, isto é, a successão das letras, como se acham no corpo do alphabeto, ex. : *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

B) **Vocalica**, isto é, a successão natural das vogaes na ordem em que se vão formando os phonemas que organicamente representam, *a, e, i, o, u, y.*

C) **Consonantica**, isto é, a successão das letras consonantae como se acham no corpo do alphabeto, menos as vogaes, ex. : *b, c, d, f, g, h, j, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z.*

Em virtude desta distribuição methodica, invariavel e commum á maior parte das linguas da Europa occidental, é que os philologos attribuem ao latim a origem do nosso alphabeto.

O alphabeto que nos parece tão simples, tão natural e até tão familiar, é a mais extraordinaria invenção, uma das maiores conquistas da civilização.

(1) JULIEN, *Cours de gram. supérieure*, pag. 28.



Está admittido por notaveis palcographos que a origem historica do alphabeto se deve aos Phenicios.

Assim é que, de accôrdo com a tradição historica, o phenicio Cadmo passa por haver transportado e propagado o alphabeto na Grecia, de onde foi pelos Romanos levado para a lingua latina, que o transmittiu ás linguas novilatinas (1), á medida que se formaram, como orgams das novas nacionalidades.

« O nosso alphabeto latino (2) é o alphabeto phenicio, modificado pelo genio hellenico e traçado em sentido inverso para permittir á escriptura o dirigir-se da esquerda para a direita, pois que ia primitivamente da direita para a esquerda ».

Nas linguas em que não ha alphabeto, isto é, naquellas em que, como a chincza, domina o hieroglyphico, avultam-se as difficuldades, porquanto um symbolo, um signal exprime uma idéa, um conceito, um objecto e até um pensamento perfeito e integralizado.

Nestas linguas a escriptura tem certo quê de mysterioso e sagrado e por isso é que se chamaram hieroglyphicas.

As letras têm tres propriedades : nome, fórma e valor.

Nomé é a palavra com que designamos a letra, isoladamente tomada, ex. : *jota, eme, que, erre, esse, ypsilon*.

Forma é a expressão graphica, visual e geometrica da letra : *o*, que é representado por um circulo.

Valor é a função prosodica da letra no organismo do vocabulo.

O valor pôde ser :

A) **Alphabetico**, isto é, sempre que a letra tem no vocabulo o som do alphabeto, ex. : *mato, pharol*, etc.

B) **Syllabico**, isto é, sempre que a letra tem

(1) BENDER, *Storia della lit. latina*, pag. 3.

(2) ASSIER, *Physiologie du langage graphique*.



no vocabulo o valor diverso do do alphabeto, ex. : *medo*, *casa*, em que o « ê » e o « s » têm valor syllabico.

c) **Etymologico**, isto é, sempre que a letra se acha no vocabulo, attestando apenas insonoramente a etymologia, ex. : *acto*, *redempção*, *Magdalena*, *outomno*, *psalmo*, etc.

Para symbolizar as necessidades da orthographia, segundo o que se acha estatuido na maior parte das linguas, as letras se representam por duas fórmas : maiusculas ou grandes e minusculas ou pequenas.

As maiusculas assim : A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Y, Z.

As minusculas assim : a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.

As letras, quer maiusculas, quer minusculas, revestem as seguintes fórmas typographicas :

A) A fórma **romana**, geralmente para impressão dos textos das obras;

B) A fórma **italica** ou **grypho** para captar a attenção do leitor, mudando ás vezes a significação das palavras;

C) A fórma **gotica**, geralmente nas circulares, bilhetes, cartões de visita, etc.;

D) A fórma **calligraphica**, geralmente nas obras de luxo e elegancia, etc.

Resumo synoptico

LETRAS quanto á	natureza	{	vogaes
		{	consonantes
	fórma	{	maiusculas
		{	minusculas
	estructura	}	simples
			compostas
			modificadas
			geminadas
			ingeminaveis

Graphica dos phonemas.

Os phonemas, isoladamente tomados, se poderiam representar por 21 symbolos : 5 para os sonoros—*a-e-i-o-u*; 10 para os explosivos—*q-t-p-g-d-b-m-n-r-l* e 6 para os fricativos—*c-f-j-x-v-z*.

Mas, para satisfazer ás condições e ás bases em que repousa a orthographia historica ou etymologica, a que se têm de adscrever as linguas cultas, manifestam-se no corpo do vocabulo representados, pela maior parte, por mais de uma letra e ás vezes até modificados por notações lexicas.

1.º	<i>a</i>	pelos symbolos	<i>a — á</i>
2.º	<i>e</i>	—	<i>e — é</i>
3.º	<i>i</i>	—	<i>i — e</i>
4.º	<i>o</i>	—	<i>o — o-ou</i>
5.º	<i>u</i>	—	<i>u — ú-o</i>

As variantes *ê* e *ô* grapham-se por *e — ê*, *o — ô — ou*. Assim se grapham os explosivos :

1.º	<i>bê</i>	pelos symbolos	<i>b — bb bh (raro)</i>
2.º	<i>dê</i>	—	<i>d — dd dh (raro)</i>
3.º	<i>guê</i>	—	<i>g — gu</i>
4.º	<i>quê</i>	—	<i>c-cc-ch-cq-q-qu-k</i>
5.º	<i>lê</i>	—	<i>l — ll — lh</i>
6.º	<i>mê</i>	—	<i>m — mm</i>
7.º	<i>nê</i>	—	<i>n — nn — nh — nm</i>
8.º	<i>pê</i>	—	<i>p — pp</i>
9.º	<i>rê</i>	—	<i>r — rr — rh — rrh</i>
10.º	<i>tê</i>	—	<i>t — tt — th</i>

Assim se grapham os fricativos, ex. :

1.º	<i>cê</i>	pelos symbolos	<i>c-çc-cc-ç-s-ss-x</i>
2.º	<i>fê</i>	—	<i>f — ff — ph</i>
3.º	<i>gê</i>	—	<i>g — gg — j</i>
4.º	<i>vê</i>	—	<i>v — w (raro)</i>
5.º	<i>xê</i>	—	<i>x — ch</i>
6.º	<i>zê</i>	—	<i>z — s — x</i>



Assim se grapham os phonemas sonoros que se nasalizam :

1.º	<i>am</i>	pelos symbolos	<i>an — am — ã — ão</i>
2.º	<i>ão</i>	—	<i>am — ão</i>
3.º	<i>em</i>	—	<i>em — en</i>
4.º	<i>im</i>	—	<i>im — in — ym — yn</i>
5.º	<i>om</i>	—	<i>om — on</i>
6.º	<i>um</i>	—	<i>un — un</i>

A orthographia tem por objecto estatuir e especificar methodicamente os casos e as condições em que, na representação integral do vocabulo, se devem empregar um ou outro symbolo, uma ou outra fórma graphica para correctamente sabermos graphar os phonemas, já então combinados no corpo da palavra ou vocabulo.

Notações lexicas.

Dizem-se notações lexicas os diversos signaes graphieos ou symbolos referentes a certos voeabulos para lhes regularizarem a prosodia.

As notações lexicas são : o *accento agudo* (´), o *circumflexo* (ˆ), o *nasal* (˜), o *apostropho* (˘), o *hyphen* ou *traço de união* (-), o *cedilha* (ç), o *ponto abreviatio* (.) e o *trema* (¨) (1).

Toda notação lexica tem um nome, uma fórma e um valor em funcção.

Estudam-se na phonographia, porque quasi todas historicamente equivalem a letras.

(1) Podemos, para uniformidade de doutrina, estender o nome de *accento* a todas as notações e então chamar *apostropho* ou *accento suppressor*, *hyphen* ou *accento ligativo*, *cedilha* ou *accento sibilante*, *ponto abreviatio* ou *accento abreviatio*, *trema* ou *accento diastasio* ou *trematico*.

As notações lexicas e as syntacticas têm o nome geral de notações *graphicas*; pois as lexicas regulam a prosodia do voeabulo; as syntacticas as phrases, esclarecendo-lhes o sentido e concorrendo para a intuição e intelligencia exacta do trecho ou periodo.



Funcção das notações

O accento agudo apparece :

A) Sobre as vogaes terminaes — *a, e, i, o, u*, de qualquer vocabulo oxytono, ex. : *sabiá, café, javalí, enxó, urubú*.

B) Para indicar a contracção de dous *aa* brandos, ex. : *á cidade = a a cidade, áquelle = a a quelle*;

C) Para indicar a syllaba tonica de vocabulo desconhecido ou de introduccção recenté, ex. : *átono, perispoméno*;

D) Para indicar a tonalidade intensa de monosyllabos accentuados, ex. : *sé, fé, pé, cá, lá, dá, já*;

E) Para indicar e distinguir a tonica de vocabulos homographos, ex. : *duvida — dúvida, secretária — secretaria, — prégar — pregar, véde — vêde, séde — sêde, déste — d'este, pára — para*.

F) Para mear a tonica do vocabulo de pronuncia dupla, attestando a opinião prosodica do escriptor, ex. : *hippódromo — hippodrómo, nível — nivél, projectil — projectil, acónito — aconító, protótypo — prototypo, réptil — reptil, grácil — gracíl, pégada — pegáda*.

O accento circumflexo apparece :

A) Sobre as vogaes tonicás, *é, ó* dos vocabulos perispomenos, ex. : *mercê, avó* e seus derivados;

B) Sobre a vogal tonica *ó* de algumas fórmas verbaes e de algumas palavras, ex. : *vóá, móá, canóá, atóá*;

C) Sobre a terceira pessoa do plural de alguns verbos, marcando a contracção de dous *ee*, ex. : *têm = teem; vêm = veem*.

D) Sobre a vogal *ó* ou *é*, para distinguir vocabulos homographos, ex. : *fórma e fóрма, córte e córte, véde e vêde, séde e sêde, sé e sê, etc.*

Tanto o accento agudo como o circumflexo se podem chamar neste caso **accentos distintivos**, applicando-se ao portuguez o que Franco Meirelles escreveu acerca da lingua ingleza (1-2).

O accento nasal apparece :

A) Sobre a terminação nasal de qualquer vocabulo feminino e oxytono, ex. : *irmã, maçã, romã*;

(1) FRANCO MEIRELLES, *Gram. ingleza*.

(2) Conforme o novo systema graphico de alguns philologos portuguezes, seguido por alguns professores, torna-se exagerado o numero de accentos distintivos para fixar a prosodia ou orthoepia de certos vocabulos.



B) Sobre a prepositiva de qualquer diptongo nasal, ex. : *mãe, pão, vão*.

O accento suppressor ou apostropho apparece :

A) Para substituir o *m* da preposição *com*, mas apenas no verso, antes dos artigos, ex. : *co'o*=com o; *co'um*=com um;

B) Ao alto da preposição *de* (*d'*) para substituir a vogal absorvida, ex. : *d'este, d'aquelle, d'isto, etc.*

É erro empregar-se o apostropho nas contracções : *n'um n'isto, n'elle, n'outro, n'aquillo*, porque não houve nenhuma vogal eliminada.

Nellas a vogal suppressa foi o *e* da antiga fórma *en*, e assim o apostropho devera ser antes, como usa Leoni (1) ex. : *num=en — e + um; n'isto=en — e + isto*; porém « melhor, diz Julio Ribeiro, é seguir o caminho mais curto e escrever *num, nisto, noutro, nelle, naquillo* » etc.

Além disso por que empregar o apostropho nestas contracções, si não o empregamos nas fórmas articulares *no, na, nos, nas*, formadas em identicas condições?

O hyphen ou traço de união apparece :

A) No fim da linha, desde que a palavra a exceda, ex. : *di-gno, a-cto, da-mno, a-pto, elli-pse*;

B) Nas enclises pronominaes, ex.: *vejo-me, escrevo-te, diz-me, conta-nos, trago-vos, amo-o, etc.*

C) Nos vocabulos constituídos por juxtaposição, maximé nos modernos, ex. : *via-lactea, contra-ponto, physico-chimica, porta-voz, ex-chefe*.

O cedilha apparece sempre :

A) Sob *c* antes de *a, o, u* no interior do vocabulo para dar-lhe o valor de *s*, ex. : *caça, paço, Cabuçú*.

O ponto abreviativo apparece.

A) Nas **siglas**, isto é, nas letras iniciaes e maiusculas, que representem emblemas e denominações, etc. : *C. M.* (Collegio Militar), *E. F. C. B.* (Estrada de Ferro Central do Brazil), *S. P.* (Serviço Publico), *P. S.* (Post-scriptum), etc.

« Toda palavra abreviada, diz Parato, se marca com um ponto » (2) abreviativo.

B) Nas abreviações parciaes, isto é, naquellas em que houver mais de uma letra do vocabulo abreviado, ex. : *Snr., Dr., Illm.º, V. Ex.ª*

(1) LEONI, *Genio da lingua port.*

(2) PARATO, *Gram. normale della lingua italiana.*

A notação *h* apparece sempre no corpo do vocabulo :

A) Para attestar a etymologia, ex. : *homem, prohibir, abhorrezer, rheuma, theatro, dhalia.*

B) Para obstar a diphtongação, ex. : *bahia, sahi, trahia.*

C) Para formar letra composta, ex. : *ph, ch, n, lh.*

D) Nas interjeições espontaneas, ex. : *ah! eh! ih! oh! uh!*

E póde apparecer por interferencia, isto é, por influencia graphica de um vocabulo sobre outro, parecendo haver identidade de raiz.

Assim é que occorrem esses erros barbaros — *thesoira* por falsa analogia a *thesouro, sachristão* por falsa analogia a *Christo, author*, por influencia ingleza, *Nitheroy*, pela influencia graphica das palavras gregas.

As notações lexicas, excepto o hyphen, valem por letras, desapparecidas na evolução historica da lingua.

Assim o agudo e o circumflexo valem por uma vogal substituida.

O cedilha é um antigo *z* de origem italiana — *zediglia* (1) ; o ponto abreviativo vale pelas letras que faltam, o nasal ou til é um antigo *n* alterado e o *h* ainda tem fóros de letra por sua posição no corpo do vocabulo.

O trema está desusado ; a sua função é exercida já pelo *h*, ex. : *bakù*, já pelo *accento agudo*, ex. : *saúdo*, etc.

Historico das letras.

As letras mais antigas de que se serviam os Romanos eram 16; mas na epoca aurea, no periodo mais florescente da lingua latina, o alfabeto fixou a regularidade das fórmulas das letras e adquiriu maior numero de notações.

Assim as primeiras 16 letras de origem puramente phenicia e modificadas pelos Gregos eram as seguintes : a, b, c, d, e, f, i, l, m, n, o, p, r, s, t, u.

Do que se vê faltam os signaes, g, h, j, k, v, x, y, z.

A letra *h* (2) era uma especie de notação cuja fórma, semelhante á do *f*, servia apenas para marcar a aspiração correspondente ao espirito rude dos Gregos.

(1) CHASSANG, *Nouvelle gram. française.*

(2) REINACH, *Gram. latine.* — GUARDIA et WIERZEISKI, *Gram. lat.*



Na época dos Decemvros, segundo o testemunho das XII taboas, o som *g* (gue) era ainda representado por *c* e pelos fins da Republica romana então começou o uso do *g* como tambem do *k*.

A letra *k* é de origem grega, havendo-se conservado nas mais antigas e remotas inscrições.

A notação *j* começou a ser usada mais ou menos dous seculos antes da queda da Republica romana, mas sem distincção de vogal ou consoante.

Mais tarde, no seculo XIV, começou a distincção do *j* como consoante e do *i* como vogal e tanto assim que os escriptores quincentistas empregavam indifferente *i* ou *j*.

Reproduziu-se este facto igualmente nas linguas novilatinas, principalmente na italiana, em que no plural dos nomes em *io* escreviam *ij*, como em *studio* — *studij*; *occhio* — *occhij*, etc. (1).

No seculo da Renascença começou a distincção do *v* e do *u*, sons distintos que anteriormente eram representados apenas por *v*, segundo se vê ainda nos antigos textos da lingua portugueza e nas linguas romanas (2).

A notação *x* data dos fins da Republica romana; era considerada mais uma abreviação do que uma letra.

A fórma do *x* nos manuscriptos lembra-lhe a constituição historica, pois o *x* não é mais do que *c+s* ou *g+s=x*, segundo observamos na prolação de certos vocabulos eruditos, ex. : *sexo*, *nexo*, *fixo* (3).

A notação *y* foi tomada aos Gregos pelos escriptores romanos para representarem com exactidão os vocabulos importados do grego para o latim (4) (5).

A notação *z* andou muito tempo usada na linguagem escripta das damas romanas antes de ter sido introduzida no corpo do alphabeto, razão por que occupa o ultimo logar no alphabeto novi-latino (6).

(1) SAUER, *Gram. italienne*.

(2) Vide as *Chrestomathias*.

(3) CLINTOCK, *Gram. latina*.

(4) *Fr. Domingos Vieira*.

(5) Os abnegados Missionarios, que, arrostando no periodo colonial as florestas e tendo por arma apenas a cruz, iam chamando as nossas tribus ao gremio da civilização, grapharam tambem com *y* um som de vocabulos indigenas que aos ouvidos lhes soavam analogo ao *v* grego, ou *u* francez.

(6) REINACH, *Obra citada*.



PROSODIA

Prosodia é o tratado da quantidade e accentuação dos phonemas na constituição do vocabulário.

A prosodia temem se diz **orthophonía** ou **orthoepía**, termos mais expressivos, mais logicos do que prosodia, mas este prefere-se por mais usado e mais familiar, apesar de que Soares Barbosa, contrario á doutrina de Sotero dos Reis, estatue differença entre prosodia e orthoepía : esta para as linguas vivas, aquella para as mortas.

A prosodia se occupa da quantidade e da accentuação dos phonemas.

Quantidade prosodica

Quantidade prosodica é a extensidade da prolação de uma syllaba, isto é, a maior ou menor duração da voz quasi imperceptivel no acto de proferil-a (1)

Perdeu-se nas linguas novi-latinas a noção de quantidade que nos idiomas classicos — grego e latim tinha um valor quasi musical sob a fórma de toada melodiosa, apreciavel principalmente na estrutura do verso latino.

Ainda assim, as syllabas por sua quantidade se dizem — longas e breves.

São longas :

(A) Por accentuação tónica, ex. :

papo bebe chita pode bambú

(1) BURGRAFF, *Gram. générale.*

B) Por posição, isto é, sempre que a vogal syllabica estiver antes de duas consoantes, ex. :

altar herva monismo folgar avulta

C) Por diphtongação propria, ex. :

auto geito tabaréo partiu destroe

D) Por diphtongação nasal, ex. :

mães escrivães opiniões muito coração

E) Por licença poetica, isto é, hyperbibasmo, ex. :

<i>púdico</i>	por	<i>puídico</i>
<i>inclito</i>	—	<i>inclito</i>
<i>Érico</i>	—	<i>Eríco</i>
<i>ocio</i>	—	<i>ocio</i>
<i>impar</i>	—	<i>impar</i>

F) Por homonymia, distintiva da categoria grammatical, ex. :

<i>analyse</i>	ao lado de	<i>analyse</i>
<i>recita</i>	—	<i>recita</i>
<i>celebre</i>	—	<i>celebre</i>
<i>publico</i>	—	<i>publico</i>
<i>homologo</i>	—	<i>homologo</i>
<i>telegrapho</i>	—	<i>telegrapho</i>

São breves, ex. :

A) Toda syllaba que, não tendo a vogal em posição nem diphtongo, não está sob o accento tonico, ex. : *veloz, vocabulo, segundo* ;

B) Todas as syllabas constituidas pelas variações pronominaes, — *me — te — se — nos — vos — lhe — o — a — os — as* ; que, por não terem accentuação definida, se annexam ás formas verbaes.

C) Todas as particulas monosyllabicas, maxime as proposições, as conjuncções e os arti-

gos, ex. : *o — de — sem — com — que — si — e — mas*, etc. (1-2).

Si assim não fôr estudada a quantidade, as normas ou leis grammaticaes ficarão flagrantemente em desaccôrdo com os factos, pois a noção de quantidade prosodica quasi desapareceu das linguas novi-latinas (3), absorvida pela accentuação.

Accentuação prosodica.

Accentuação prosodica é a maior intensidade d'uma syllaba em relação ás outras do mesmo vocabulo.

Esta syllaba, que por sua intensidade vibra mais forte e serve de base á prosodia do vocabulo, diz-se *tonica* ou *predominante*; as outras dizem-se *atonicas* ou *predominadas*.

O *accento tonico* regula a prosodia do vocabulo; e, si cada syllaba fosse representada por uma nota musical, a syllaba *tonica* seria representada por uma nota mais alta, mais aguda na escala diatonica (4).

(1) BRACHET, *Gram. historique*, p. 140.

(2) Os monosyllabos se dividem em **inaccentuados** ou **atonicos** e **accentuados** ou **tonicos**, pois estes ultimos sempre contêm **diphthongos** ou se acham assignalados por **notação lexica** ou letra equivalente, ex. : *dão, grau, rei, não, mãe; dá, ré, pé, vós, Job*, etc.

(3) Seja como fôr, os unicos vestigios que nos remanescem da syllaba **longa** se adscrevem ás seguintes regras :

São longas todas as syllabas **tonicas**, as **diphthongaes** e as de vogal seguida de duas consoantes, salvo si forem estas *l* ou *r* em que póde ser então longa ou breve a syllaba, ex. : *cara, faca, amar, rapido, cautéla, anão, mãe, emporio, celebre*.

(4) RIEMANN et GOELZER, *La première année de grec*, pag. 8; *La deuxième année de latin*, pag. 5; *La première année de latin*, pag. 6.

A proporção que o latim se barbarizou por influencia popular, a accentuação foi dominando a quantidade, de sorte que concluiu por vencel-a e absorvel-a.

Assim, nas linguas novi-latinas, que provieram mais do latim barbaro do que do classico, o estudo da prosodia se adstringe ao da **accentuação**; o proprio verso, que na lingua latina se baseava na quantidade, nas romanas se baseia na accentuação.

Accentuação tonica.

A syllaba tonica pôde ser a ultima, a penultima, e a ante-penultima, e assim o vocabulo pôde ser :

A) **Oxytono**, desde que o accento pese sobre a ultima syllaba, ex. : *café, chacal, coração*;

B) **Paroxytono**, desde que o accento tonico pese sobre a penultima syllaba, ex. : *grandeza, virtude, secretaria*;

C) **Proparoxytono**, desde que o accento tonico pese sobre a antepenultima, ex. : *amâramos, esplêndido, justissimo*.

Tanto os paroxytonos como os preparoxytonos se denominam **barytonos**; e, segundo a tecnologia antiga e imperfeita, os oxytonos se dizem **agudos**, os paroxytonos **graves** e os preparoxytonos **esdruxulos** ou **dactylicos**.

Oxytonos.

São geralmente oxytonos :

A) Os vocabulos terminados por — *á, é, ê, i, y, ó, ô, ú*, ex. : *Pará, rapé, você, cobri, jurity, Maceió, avô, urubú*;

B) Pelas vozes nasaladas — *ão, em, im, om, um*, ex. : *coração, tambem, marfim, wagon, jcjum*;

C) Pelos diphtongos proprios — *ae, ai, au, ei*,

éo, eu, iu, oe, oi, ou, ui, ue, ex. : *cantae, pacau, direi, chapéo, morreu, vestiu, comboi, virou, Guardafui, instrue*;

D) Pelos diptongos nasaes — *ãe, ão, õe, õem*, ex. : *Magalhães, caixão, limões, propõem*;

E) Pelos elementos — *al, el, il, ol, ul*, ex. : *vegetal, cordel, anil, anzol, taful*.

F) Pelos elementos — *ar, er, ir, or, ur*, ex. : *amar, comer, dormir, amor, Arthur*.

G) Pelos elementos — *az, ez, iz, oz, uz*, ex. : *cartáz, cortez, nariz, retroz, reluz*.

Paroxytonos.

São geralmente paroxytonos :

A) Os vocabulos terminados por *a, e, o, u*, ex. : *lyra, monte, prado, tribu*;

B) Os terminados pelos diptongos improprio, *eo, ia, ie, ua, uo*, ex. : *area, floreo, copia, especie, Mario, ardua, continuo*;

C) Os terminados por *éa, ia, io*, ex. : *epopéa, avaria, navio*.

D) Os terminados por *x*, ex. : *index, calix, phenix*.

Proparoxytonos.

São geralmente proparoxytonos :

A) Muitos substantivos e adjectivos homographos de verbos, ex. : *dívida, número, anályse, célebre, público*;

B) Todos os superlativos absolutos organicos, ex. : *justissimo, paupérrimo, difficilimo*.

C) A maior parte dos vocabulos gregos, ex. : *philosopho, agrónomo, geógrapho, philólogo*;



d) Todas as primeiras pessoas dos pluraes do imperfeito do indicativo e as do subjunctivo; as do mais que perfeito e as do presente do condicional, ex. : *amávamos, amássemos, amáramos, amaríamos* ;

e) Os vocabulos que terminam por :

aco	—	maníaco	loquo	—	ventríloquo,
aro		sáfaro	nubo		prónubo
cola		incola	olo		vitriolo
ebra		algebra	paro		ovíparo
fero		florífero	pedc		bípede
fluo		melífluo	peto		centrípeto
frago		naufrago	sono		altísono
fugo		centrífugo	nubo		íncubo
gena		indígena	ulo		montículo
geno		nubígeno	uplo		quadruplo
gero		belligero	voló		malévolo
ico		poético	vomo		ignívomo
imo		décimo	voro		herbívoró

Translação do accento tonico.

Ha vocabulos que se poderiam chamar **divergentes** ou **duplos prosodicos**, pois nelles se effectua o phenomeno da prosodia dupla, sujeita aos caprichos individuaes, de sorte que apparece parallelamente o accento tonico erudito ao lado do popular, e este muitas vezes triumphá sobre aquelle (1).

(1) A esta accentuação que varia conforme os caprichos individuaes poderiamos chamar **clonica** em opposição á accentuação tonica, que é fixa e immovel, termos estes que assumiriam na grammatica o valor que têm em physiologia.



Assim occurrem :

PROSODIA ERUDITA

Hippódromo
 projéetil
 pegada
 protótipo
 involúero
 decáno
 réptil
 larýngea
 meníngia
 Dámocles
 Édipo
 Péricles
 Sóphocles
 Agatóeles
 Cleopátra
 Heródoto
 Praxiteles
 epheso
 impares
 eclampsia
 anúria

PROSODIA POPULAR

Hippodrómo
 projectil
 pégada
 prototýpo
 invólucro
 décano
 reptil
 laryngéa
 mcningéa
 Damócles
 Edípo
 Pericles
 Sophóeles
 Agatóeles
 Cleópatra
 Herodóto
 Praxitéles
 Epheso
 impáres (1)
 eclámpsia
 anúria

A prosodia actual, cmbora etymologicamente incorrecta, porém corrente e aceita das fórmãs *academia*, *átomo*, *acónito*, *Iphigénia*, *Andrónico*, *Oscár*, *Heráclito*, *Arthur*, *pântano*, *myope*, *prés-byta*, *pharmácia*, *oceáno*, *resedá*, *escamonéa*, *monolitho*, *idólatra*, *Cleópatra* e outras, provanos ser a lingua um organismo a cujas fórmãs plasticas modificam e transformam diversos factores mesologicos (2).

(1) FREIRE, *Reflexões sobre a lingua portugueza*, pag. 21.

(2) Seguimos a abalizada opinião do notavel literato e scien-
 tista o Snr. Dr Ramiz Galvão que opina devermos restabelecer
 a pronuncia correcta e etymologica nos vocabulos eruditos,
 mormente nos termos technicos, sempre que nos fôr possível.

O grammatico que experimente, observe, systematize e exponha estes phenomenos, mas não lhes opponha obstaculos ao desenvolvimento, pois se effectuam segundo leis fataes, independentes da nossa vontade, impostas pelo uso popular ou a influencia erudita.

Accentuação dupla.

Nos vocabulos formados por juxtaposição, sentimos geralmente no organo auditivo a acção de dous accentos tonicos, constituindo o phenomeno da accentuação dupla que muitos igualmente dizem **binaria** (1).

Assim é que nos vocabulos juxtapostos : — *cóntradânsa, éntrelinha, espléndidaménte, mónogrâmma, prótoplâsma* e outros, se notam dous accentos tonicos, isto é, o accento *primario* e o *secundario*, sendo este governado por aquelle, posto que recaia sobre a primeira fórma.

Até ha fórmas eruditas, geralmente gregas e latinas, em que o accento tonico se acha posto entre dous secundarios; um antes — **protonico**, outro depois — **paratonico**, ex. : *ventríloquo, bellígero, altisono, herbívoro, monologo, philólogo, photographo, etc.*

Em qualquer destes vocabulos ha duas fórmas que, desde que se desaggregassem, assumiriam, por serem **polysyllabicas**, os seus accentos tonicos, que perderam por effeito da juxtaposição.

Accentuação perispomena ou circumflexa.

Servindo-nos da glotologia grega, os voeabulos podem chamar-se (2):

1) Perispoméno, desde que a syllaba final seja tonica e circumflexa, ex. : *avô, você, comer, etc.*;

1) HENRY, *Gram. comparée du grec et du latin.*

2) RAPH, KUERNER, *Gram. grega.*



B) Properispoménos, desde que a syllaba penultima seja tónica e circumflexa, ex. : *rochedo*, *silvedo*, *coco*, *gôsto*, *amoroso*, *povo*, *vêde*.

E conveniente estatuir as seguintes normas ou leis em que se bascia a prosodia dos properispoménos :

A) Será properispoméno no plural todo vocabulo que o for no masculino e no feminino, ex. :

bôbo	bôba	bôbos	bôbas
côxo	côxa	côxos	côxas
bôlso	bôlsa	bôlsos	bôlsas
fôfo	fôfa	fôfos	fôfas
balôfo	balôfa	balôfos	balôfas
ensôssso	ensôssa	ensôssos	ensôssas
pilôto	pilôta	pilôtos	pilôtas
rôxo	rôxa	rôxos	rôxas
salôbro	salôbra	salôbros	salôbras
ôco	ôca	ôcos	ôcas
tôlo	tôla	tôlos	tôlas
rôto	rôta	rôtos	rôtas
tôdo	tôda	tôdos	tôdas
lôbo	lôba	lôbos	lôbas
pôço	pôça	pôços	pôças
môço	môça	môços	môças
gôdo	gôda	gôdos	gôdas
rapôso	rapôsa	rapôsos	rapôsas (1)

B) Não será properispoméno no plural todo vocabulo que o for apenas no masculino, mas não no feminino, ex. :

nôvo	nôva	nôvos	nôvas
pôsto	pôsta	pôstos	pôstas
chôco	chôca	chôcos	chôcas
pôcco	pôcca	pôccos	pôccas
ôvo	ôva	ôvos	ôvas
bondôso	bondôsa	bondôsos	bondôsas

(1) Entretanto sôgro e sógra, sôgros e sógras.



c) Não serãõ, quasi nunca, properispoménos no plural a maior parte dos vocabulos destituidos de fôrma feminina, ex. :

fôgo	fógos
pôvo	póvos
glôbo	glóbos
fôrro (subst.)	fórros
fôro	fóros
pôrto	pórtos
ólho	ólhos

Poucas as excepções que occorrem, e são estas as principaes, ex. : rôstos, sôldos, sôros, côcos, bôlos, dôrsos, estôfos, entrecôstos, repôlhos, bôjos, pôtros, nôjos, piôlhos, lôdos, colôssos e mais alguns ;

d) Será quasi sempre properispoméno no plural todo substantivo homographo relativamente a uma fôrma verbal, ex. : sôpros, gôstos, côrros, vôos, dôbros, endôssos, engôdos, encôstos, esbôços, escôlhos, entôrnos, gôzos, jôrros, môrros, rôlos, sôcos, sôrvos, vólvos, môlhos, bôtos, chôros, tôpos, etc.

São estas as leis ou normas que, deduzidas dos phenomenos da lingua, deveriam ter sido estatuidas pelo Sr. Julio Ribeiro, em cuja grammatica neste assumpto lavra a maior confusão (1), pois elle não as poude systematizar.

Todo o esforço hoje consiste em reduzir os factos da lingua a formulas geraes, descobrindo as leis a que logicamente se prendem os phenomenos glossológicos.

A grammatica hoje é tão **experimental** quanto a physica, a chimica, a biologia, etc.

(1) JULIO RIB., *Gram, port.*, pag. 25.



Metaplasmos.

Metaplasmos são alterações que, posto se effectuem no organismo do vocabulo, não lhe alteram a significação (1).

Os metaplasmos descriptivamente estudados se podem dizer **alterações prosodicas**; e **alterações phoneticas**, desde que se effectuem no periodo de formação de qualquer lingua.

A **corrupção phonetica** ou **cacoepia** é tambem metaplasmo, mas inconscientemente elaborado na prosodia popular mediante diversas causas e influencias.

As alterações prosodicas se effectuam por seis processos glóticos: addição, subtracção, transposição, substituição, assimilação e dissimilação.

Addição.

Addição prosodica é o reforço exercido por um ou mais phonemas adventicios e exteriores ao vocabulo.

A addição se effectua:

A) Por **prothese**, desde que o reforço seja no começo, ex.: *alevantar*, *abaixar*, *ainda*, *até*, *espaço*, *estar*, etc.;

B) Por **epenthese**, desde que o reforço seja no meio, ex.: *plaina* = *plana*, *registro* = *registo*, *florzinha* = *florinha*; *barata* = *brata*.

(1) A palavra **metaplasmo**, desde os grammaticos latinos, tem sido empregada e ainda hoje por todos, como BURGRAFF, JULIEN, etc.

É imprescindivel que as fórmulas alteradas por metaplasmo tenham a *sancção do uso* na linguagem *culta* e autorizada: do contrario serão *cacoeplas* e *plebcismos* que se não compadecem com as condições da sã linguagem nas suas manifestações literarias e scientificas.



c) Por *epithese* ou *paragoge*, desde que o reforço seja no fim, ex. : *assim* = *assi*, *mim* = *mi*, *rubim* = *rubi*, *martyre* = *martyr*, *prol* = *pro*.

Subtração.

Subtração prosódica é a queda de um ou mais phonemas pertencentes ao vocabulo (1).

A subtração se effectua:

A) Por *apherese*, desde que seja no começo, ex. : *no* = *eno*, *sertão* = *desertão*, *nisto* = *enisto*, *salmo* = *psalmo*, *tisica* = *phtisica*, *namorar* por *enamorar*.

B) Por *syncope*, desde que seja no meio, ex. : *espr'ança*, *p'ra*, *soante* = *sonante*, *mor* = *maior*.

C) Por *apocope*, desde que seja no fim, ex. : *marmor* = *marmore*, *regime* = *regimen*, *san* (são) = *santo*, *mui* = *muito*;

D) Por *synalepha*, desde que seja de uma vogal antes de outra, ex. : *d'este* = *de este*, *d'onde* = *de onde*, *d'alva* = *de alva*, etc.

E) Por *echthlipse*, desde que seja do *m* da preposição *com* antes dos artigos, mas exclusivamente no verso, ex. : *e'o* = *com* + *o*, *eo'um* = *com* + *um*;

F) Por *crase*, desde que seja de *a* antes de outro *a* que se reforça e se marca com o accento agudo : *á cidade* = *a a cidade*, *áquelle* = *a a aquelle*;

G) Por *dissimilação*, desde que seja de um som

(1) A adição prosódica também se diz *auxese* e a subtração *hypherese*; a *synalepha*, e *echthlipse* e a *crase*, além de subtrahir, fundem os sons, abreviando-lhes a prolação.

por efeito de outro *igual*, ex. : caridoso = caridadoso, bondoso = bondadoso, prothese = prothese, syntaxico por syntactico, frade — fradre, etc.

Transposição.

Transposição prosódica é o deslocamento tanto de phonemas como do acento tónico no organismo do vocabulo.

A transposição se effectua :

A) Por *hyperthese*, desde que o phonema passe de uma syllaba para outra; ex. : desvaído = desvariado, aipo = apio, resaibo = resabio ;

B) Por *metathese*, desde que o phonema se transponha dentro da mesma syllaba, ex. : sempic = sempic, frol (antigo) = flor, promenor = pormenor ;

C) Por *diastole*, desde que o acento tónico se transponha da syllaba anterior para a posterior, ex. : bellodrómo por bellódromo, gracil por grácil, impio, por impio, pantáno por pântano, murmurio por murmúrio ;

D) Por *systole*, desde que o acento se transponha da posterior para a anterior, ex. : invólucro por involúcro, autópsia por autopsía, lithúrgia por lithurgía, acónito por aconito, átomo por atómo, présaga por presága, etc.

A *diastole* e a *systole* se comprehendem no termo geral *hyperbibasmo*, isto é, transposição da syllaba tónica, maximé no verso para satisfazer ao rigor da metrica ou versificação, de sorte que, enquanto a *systole* contrae e encurta prosodicamente o vocabulo, a *diastole* o alonga e o dilata, como se opéra na revolução cardíaca a que tomamos os nomes.



Substituição.

A substituição é a permuta de um phonema por outro mediante condições determinadas.

A substituição se effectua :

A) Por apophonia ou deflexão, desde que um phonema sonoro ou vogal se substitua por outro mediante a acção de um prefixo, ex. : in + amigo = inimigo, in + apto = inepto, com + damnar = condennar, com + calcar = conculcar, in + barba = imberbe ;

B) Por paragrammatise, desde que um phonema consonantal se substitua por outro, apenas por euphonia, ex. : amal-o por amar-o, cil-o por eis-o, fil-o por fiz-o, vimol-o por vimos-o.

A marcha deste phenomeno foi, segundo nos attestam antigos documentos, a seguinte : — amar-lo — amal-o (assimilação do *r* verbal ao *l* do pronome *lo*), amal-o (perda do *l* do pronome *lo* e sua substituição pelo hyphen).

Assim nos demais, ex. : eisto — eillo — eil-o, fizlo — fillo — fil-o, vimoslo — vimollo — vimol-o, perlo — pello — pelo, do mesmo modo que no latim se elaboraram muitas fórmulas similares, ex. : puerula — puerla = puella, casterulo = casterlo = castello, etc.

c) Por assimilação ou attracção, desde que um phonema se substitua, accomodando-se (r) á fórmula de outro, ex. : cor + romper = com +

(1) CHASSANG, *Gram. latine*, pag. 23, *Grammaire grecque*, pag. II. — NOUVELLE, *Gram. française*, pag. 23. — GUARDIA et WIERZEYSKI, pag. 36. — BURGRAFF, *Gram. générale*, pag. 91.



romper, *dis* + *ferente* = *dis* + *ferente*, *an* + *notar* = *ad* + *notar*, *ir* + *regular* = *in* + *regular*, etc.

Assimilação.

Sempre que no organismo do vocabulo ha sons consonantaes diferentes e asperos, um reage sobre o outro, de sorte que se homologam e se identificam, ex. : *op* + *por* = *ob* + *por*, *ir* + *regular* = *in* + *regular*, *cor* + *roer* = *com* + *roer*, etc.

É a assimilação ou alliteração (1) intravocabular.

Este phenomeno que mais se manifesta sobre os prefixos, se transmittiu do latim ao portuguez, em que se immobilizou, fixando-se em grande numero de fórmas.

Assim é que por assimilação apparecem numerosas geminações, ex. : *nostro* — *nosto* — *nosso*, *musto* — *musso* — *moço*, *asture* — *assore* — *açor*, etc.

Mas vocabulos ha em que a geminação se perdeu, depois de haver existido na fórma **intermediaria** existente na lingua archaica : — *mosso* e *matrar*, etc.

A assimilação pôde ser :

A) **Progressiva** ou **ascendente**, desde que a força assimilativa parta do som anterior para o posterior.

Assim, nas fórmas *nostro* e *musto*, a força assimilativa partiu do *s* para o *t*.

B) **Regressiva** ou **descendente**, desde que a força assimilativa parta do som posterior para o anterior.

Assim, nas fórmas — *corromper*, *irregular*, a força assimilativa partiu do *r* da raiz para o phonema final do prefixo.

Na lingua latina a assimilação pôde ser **completa** e **incompleta**, conforme appareçam ou não sons **gemina-dos**.

No lingua portugueza, porém, a assimilação mais frequente, mais geral, se effectua regressivamente por attracção da raiz sobre os prefixos, conforme os seguintes casos :

(1) Vêde — GUARDIA et WIERZEYSKI, pag. 57. — BURGRAFF *Gram. générale*, pag. 91, — EGGER, *Gram. comparée*, pag. 142.



Assimilações de prefixos.

O prefixo *ad* latino assimila-se em:

<i>c</i> — ac-clamar	por	ad-clamar
<i>f</i> — af-firmar	—	ad-firmar
<i>g</i> — ag-gregar	—	ad-gregar
<i>l</i> — al-locução	—	ad-locução
<i>n</i> — an-notar	—	ad-notar
<i>r</i> — ar-rolar	—	ad-rolar
<i>s</i> — as-sumir	—	ad-sumir
<i>t</i> — at-trahir	—	ad-trahir
<i>p</i> — ap-parecer	—	ad-parecer

O prefixo *com* assimila-se em :

<i>l</i> — col-ligar	por	com-ligar
<i>r</i> — cor-romper	—	com-romper

O prefixo *ex* latino assimila-se em :

<i>f</i> — ef-fusão	por	ex-fusão
---------------------	-----	----------

O prefixo *in* latino assimila-se em :

<i>l</i> — il-limitar	por	in-limitar
<i>m</i> — im-mortal	—	in-mortal
<i>r</i> — ir-regular	—	in-regular

O prefixo *dis* assimila-se em :

<i>f</i> — dif-fundir	por	dis-fundir
-----------------------	-----	------------

O prefixo *ob* latino assimila-se em :

<i>c</i> — oc-caso	por	ob-caso
<i>f</i> — of-fensa	—	ob-fensa
<i>p</i> — op-por	—	ob-por

O prefixo *sob* ou *sub* latino assimila-se em :

<i>c</i> — suc-cumbir	por	sub-cumbir
<i>f</i> — suf-focar	—	sub-focar
<i>g</i> — sug-gerir	—	sub-gerir
<i>p</i> — sup-por	—	sub-por



O prefixo grego *syn* assimila-se em :

<i>l</i> — syl-lepse	por	syn-lepse
<i>m</i> — sym-metria	—	syn-metria

Dissimilação

Sempre que no organismo do vocabulo ha dous sons consonantaes de igual natureza e asperos, um tende a ser substituido ou eliminado por outro mediante dous processos.

A) Por **supressão**, desde que um som caia por effeito de outro igual, ex. : *bondoso* por *bondadoso*, *caridoso* por *caridadoso*, *prothese* por *prosthese*, *frade* por *fradre*.

A supressão do *r* por effeito de outro manifesta-se geralmente na prosodia popular, e assim nas fórmãs — *pertubar* por *perturbar*, *exprobar* por *exprobrar*, *propio* por *proprio*, *prostar* por *prostrar*, constituindo vicio de pronuncia, etc.

B) Por **substituição**, desde que um som se converta homorganicamente por effeito de outro igual, ex. : *syntaxico* por *syntactico*, *lírio* por *li-lio*, *marmelo* por *malme-lo*, etc.

— Estes phenomenos quasi sempre occorrem nos adjectivos, isto é, si na raiz houver *r*, o suffixo terá *l* e vice-versa, ex. : *integral*, *fraternal*, *exemplar*, *familiar*, salvo os adjectivos de formação erudita e modernos, ex. : *philosophal*, *polygonal*, em que os sons não se repellem, por não estarem sujeitos á prosodia popular em que se elaboram os grandes phenomenos da lingua.

Corrupção phonetica

Corrupção phonetica ou **cacoepia** é o estrago por que passa o vocabulo nos seus sons consti-



tutivos sob a acção da pronuncia popular das classes illetradas.

Assim se observam as corrupções — *binho* por *vinho*, *borços* por *bolços*, *colmejo* por *colmeia*, em que o vocabulo se desviou da fôrma classica.

Diz-se fôrma classica ou lexicographica aquella que, adoptada em uma epoca, se acha registrada nos lexicons ou dictionarios, ex. : *vinho*, *trabalho*.

Vocabulos ha que possuem duas fôrmas classicas de igual valor e significação, ex. : *noite* = *noute*, *açoite* = *açoute*, *syncope* = *syncopa*, *carbono* = *carbone*, *covarde* = *cobarde*, *taverna* = *taberna*, *fadigar* = *fatigar*, *cousa* = *coisa*.

Estes vocabulos se dizem **syncreticos** ou **duplos**, e uma das fôrmas tende a se immobilizar, expellindo a outra.

No começo do seculo XVI occorriam quatro fôrmas paralelas do verbo *ser* na primeira pessoa do singular do presente do indicativo; assim havia *so*, *som*, *são* e a fôrma *sou* que se immobilizou, apesar do estorço dos classicos, maximé do grammatico João de Barros, em preferir a fôrma *som* por mais aproximada do typo latino *sum*.

Algumas fôrmas que se reprovam em certos periodos da lingua se adoptam e se registram em outros; passam ao estado de classicas, por se empregarem e usarem constantemente.

Assim, as fôrmas — *enteado*, *estomago*, *quantia*, *diocese*, *piiedade*, *giria*, *glotão*, *zanolho*, eram outrora anticlassicas e corruptas segundo José Freire, pois as que se adoptavam eram — *anteado*, *estamago*, *quontia*, *diacese*, *piadade*, *gira*, *golotão*, *zanolho*, que se arcaizaram e se baniram da lingua culta, existindo apenas hoje na tradição popular.

A corrupção phonetica, um dos factores da transformação organica dos idiomas, se exerc e se rege por duas leis biologicas : a **lei da transição** e a **do menor esforço**, pois a corrupção se produz com tanta regularidade como os phenomenos de ordem physica (1).

(1) DARMSTETER, *La vie des mots*, pag. 8. — BRACHET, *Dict. de la langue française*.



Segundo a lei de transição, effectua-se sempre a corrupção phonetica mediante phonemas **intermediarios**, attestados nos periodos arcaicos da lingua. Assim é que o phonema *p* desce a *v*, passando homorganicamente por *b*, ex. : *populo* — *pobló* — *povo*, *cseopa* — *escoba* — *eseova*, etc. (1).

De accôrdo com a lei do menor esforço se explicam as **transformações** por abrandamento e as **quedas** dos phonemas, já no periodo historico da formação da lingua, ex. : *digito* = *dedo*, *monstrare* = *mostrar*, *multo* = *muito*, já na prosodia popular, ex. : *aua* = *agua*, *bataia* = *batalha*, *qua* = *qual*, *ama* = *amare*, phenomeno peculiar aos Brasileiros indoutos.

Interferencia phonetica.

Assim como no organismo do vocabulo os phonemas se assimilam e se dissimilam, assim vocabulos ha eujos phonemas se modifícam por influencia dos de outros, de sorte que aquellas fórmas irregulares e menos geraes se vão adaptando á prosodia de outras, mais conhecidas e mais geraes.

Este phenomeno se diz **interferencia** ou **analogia morphologica**, que ás vezes se exerce sobre um vocabulo inteiro ou expressão, transfigurando-os organicamente, por effeito de outro vocabulo.

Assim se vão substituindo as fórmas *constroe*, *destroe*, *consume* por *construe*, *consume* por analogia ás fórmas cognatas mais regulares — *instrue*, *assume*; as fórmas *jouve* por *jazi*, *jouvera* por *jazera*, *jouvesse* por *jazesse*, *jouver* por *jazer*, por serem regulares e por isso mais compatíveis com o desenvolvimento natural da lingua.

A interferencia se está effectuando nos verbos *impedir* e *despedir* que, eomquanto não sejam formados de *pedir*, mas de *pedire* latino, soffrem a *interferencia* do verbo *pedir*, por effeito de uma falsa analogia ou « *cominação analogica* » (2).

Apparecem, pois, as fórmas *impeço*, *dispeço*, *impeça* e *dispeça*, etc., por *impido* e *despido*, *impida* e *despida*, incompatíveis com o estado actual da lingua, pois são proprias do portuguez medieval.

Erram os grammaticos que, oppondo-se ao desenvolvimento da lingua, preeonizam as fórmas — *impido*, *despido*,

(1) A lei da transição é o corollario do grande principio, assinalado por Plinio : « *Natura saltus non facit* ».

(2) REGNAUD, *La linguistique évolutioniste*.



impida e *despida*, pois sobre os verbos *impedir* e *despedir* actua por interferencia o verbo *pedir* por uma falsa analogia exterior existente entre este e aquelles.

A interferencia é tão poderosa, estraga tanto as fórmulas, que expressões e phrases inteiras se corrompem, e assim é que occorrem as expressões *culpido* e *escarrado* por *esculpido* e *encarnado*, *semprenoiva* por *centinodia*, maximé muitas expressões latinas de que nos utilizamos, ex. : *necessidade tem cara de herege* por *necessitas caret lege*.

A interferencia pôde ás vezes resultar da coexistencia de diversos processos para a expressão de uma mesma relação grammatical.

Assim se explica por que o condicional, creação organica das linguas romanas, pôde ainda ser eliminado pela interferencia do imperfeito do indicativo, ex. : eu *estudava*, si podesse, por eu *estudaria*...

Este phenomeno querem que seja brasileirismo, mas já o temos achado em escriptores portuguezes, maximé nos modernos; é uma tendeneia irresistivel da lingua, por isso torna-se commum tanto a Brasileiros como a Portuguezes.

ORTHOGRAPHIA

Orthographia é o tratado da representação graphica dos phonemas na constituição do vocabulo.

Esta parte da phonologia está sujeita a certas condições, a certas normas cujo conjunto organico e methodico constitue os systemas graphicos que são o systema etymologico, o phonetico e o mixto ou usual.

Tanto no Brasil como em Portugal diversas vezes, mas debalde, se tem tentado reformar a orthographia no presuppuesto de simplifical-a, aproximando-a do systema phonetico.

Mallogram-se as tentativas de reforma, porquanto a correção graphica, de accôrdo com as tradições da lingua e a lição dos doutos, mais se consegue na leitura dos melhores autores e no manusear dos diccionarios do que mediante reformas (1).

(1) SOTERO DOS REIS, *Gram. port.*, pag. 276.



A correção graphica é um producto do tempo, independente d'este ou d'aquelle systema, e « aprende-se mais por uma especie de memoria optica », segundo me diz sempre meu illustrado collega Fausto Barreto.

Na maior parte das linguas a orthographia é sempre imperfeita, pois nem sempre ha correlação infallivel e accôrdo entre a graphica e a prosodia, maximé no inglez e no francez (1).

A orthographia seria perfeita, si a cada phonema correspondesse apenas um symbolo e a cada symbolo apenas um phonema (2).

Systema etymologico.

De accôrdo com este systema os vocabulos grapham-se, empregando-se certos symbolos ou caracteres proprios e adoptados para representar certos sons das linguas de que se derivaram.

Assim é que se usam para os vocabulos gregos os symbolos — *ph, th, rh, ch, k, γ*, e para os latinos — *f, t, r, q, i*, etc.

Os caracteres do systema etymologico ou historico são :

- A) As letras geminadas : — *bb, cc, dd, tt, pp.*
- B) — compostas : — *ph, lh, nh, th, ch.*
- C) — etymologicas insonoras : *gd, ct, pt, bt.*
- D) — homophonas : — *c=k=q=ch; ph=f, s=z, etc.*

A's vezes ha exagero de etymologia, restaurando-se no corpo do vocabulo symbolos que não tem mais razão de ser, ex. : *sancto, practica, poncto, subjeito, exforço, exspirar, symmetria, fallar, apprender, septembro, thio, eschola* e outros em que devemos preferir a graphica mais usual, mais simples e dos lexicons mais notaveis.

(1) ASSIER, *Physiologie du langage graphique*, pag. 276.

(2) EGGER, *Gram. comparée*, pag. 27. — BURGRAFF, *Gram. générale*, p. 146.



Systema phonetico.

De accôrdo com este systema grapham-se os vocabulos, attendendo-se exclusivamente á prosodia e usando-se apenas poucos symbolos de som fixo.

Os caracteres deste systema são o emprego :

- A) De letras sempre simples : — física, trono, omem;
- B) — — — sonoras : captar, magno, ellipse;
- C) — — — nunca geminadas : — aparecer, sabado, ação;
- D) — — — sempre monóphonas : — xamar, maquina, caza, física.

Este systema não pôde prevalecer, pois a prosodia do vocabulo varia com os tempos, lugares e os individuos, e até no mesmo individuo, de modo que lavrará a anarchia, a confusão, por não haver uma base menos variavel e mais fixa.

Este systema favorce a dialectação e o apparecimento de muitos homonymos (1) e desfigura a lingua « o quereremos reduzir-a a um accôrdo de pronuncia e de graphica » (2-3).

(1) PACHECO LAMEIRA, *Gram.*, pag. 52.

(2) M^{me} KKAFF BUCAILLE, *Causeries sur la langue française*, pag. 49.

(3) A graphia anarchica que de chôfre pretendeu a Academia de Letras impôr, constitue especimens de cacographias, pois sem mais nem menos se não obliteram a tradição e a historia de uma lingua com reformas extemporaneas, infensas aos costumes do povo que a fala.

A Academia, que devêra ser a força e o centro em que se mantivessem e se depositassem as tradições da lingua, se converteu em elemento revolucionario, anarchizando a graphica sem ao menos ter ainda um *diccionario* seu, em que se lhe registrassem os vocabulos conforme as abstrusas pretensões.

Tudo passa. Assim se deslustraram as celebres academias literarias do seculo XVII, a escola gongorica, o romantismo e o actual nephelibatismo, morto na aurora da vida.

Mais por mera conveniencia e com o fito de entrarem para a Academia do que por inabalavel convicção das excellencias cacographicas, alguns autores houve que nos publicaram trabalhos em graphica academica.

Systema mixto.

De accôrdo com este systema grapham-se os vocabulos, respicitando-se, tanto a etymologia como a prosodia.

Infelizes os povos e os individuos que renegam as suas tradições, quaesquer que lhes sejam ellas.

O que é de notar é que, emquanto já se ia firmando a uniformidade na graphica usual, ainda dos actuaes reformadores dous não hei visto que igualmente escrevem; até alguns ha incoherentes e vacilantes na graphica do mesmo vocabulo, outros que se já penitenciarão do impensado em que incidiram.

Com o tempo é que se vão operando lenta e insensivelmente reformas graphicas e prosodieas, á proporção que as fórmulas dos vocabulos as vae polindo e desbastando o espirito literario da lingua, representado nos seus melhores escriptores, os seus philologos, os seus seientistas.

Assim o *ch* se tem reduzido ao *c* simples, o *ph* ao *f*, á medida que ao lexico portuguez se vão plasmando e assimilando os vocabulos gregos, tornando-se mais populares, mais nossos; letras geminadas e insonoras têm desaparecido, de sorte que se vae simplificando a graphica com o evolvimento da lingua, adaptando-se mais e mais ao menor esforço, sem transfiguração abrupta da physionomia vocabular.

Vejamos, pois, nos exemplos seguintes as modificações graphicas que, sob a autoridade do uso, já se acham insensivelmente sancionadas, além de outras que se estão elaborando, ao passo que se popularizam os vocabulos, pois quanto aos eruditos e technicos nos eumpre deixar-lhes a graphica, o mais que for possível, consoante á etymologia.

GRAPHIAS

1.º Eliminação do *h* no grupo grego *ch*, mas antes de *o* e *a*, EXS. :

Fórmulas revogadas	Fórmulas entes	Fórmulas revogadas	Fórmulas vigentes
Melancholia	melancolia	Mechanica	mecanica
charta	carta	epocha	epoca
character	caracter	archaico	arcaico
chorda	corda	charidade	caridade
eschola	escola	ccho	eco
monarcha	monarca	archanjo	arcanjo
anchora	ancora	choro	côro



Este systema harmoniza a etymologia com a tradição da lingua, mais ou menos modificadas segundo o uso dos doutos e as lições dos mestres e, adaptando-se ao desenvolvimento gradual da lingua, vae resistindo a quaesquer reformas extemporaneas, pois as modificações prosodicas não se devem reflectir immediatamente na orthographia (1), ex. : prompto acto, psalmo, augmento.

As linguas immobilizam-se no systema etymologico; estragam-se no phonetico; desenvolvem-se no systema mixto.

2.º Substituição do *ph* por *f* nos vocabulos **populares** :

Phaisão	faisão	Phantasma	fantasma
phrenesi	frenesi	camphora	canfora
golpho	golfo	sulphurico	sulfurico
phantasia	fantasia	phlegmão	flegmão

3.º Simplificação de letras **geminadas** :

Apprender	aprender	Gibba	giba
approximar	aproximar	lettra	letra
symmetria	symetria	tannino	tanino
fallar	falar	seccar	seccar
setta	séta	peccar	pecar
gotta	gôta	estrella	estrela
sabbado	sabado	addensar	adensar
abbade	abade	bocea	boca

4.º Eliminação de certas letras **insonoras** :

Praneto	pranto	Psalmo	salmo
practica	pratica	phthisica	tisica
sancto	santo	scentelha	centelha
poncto	ponto	asthma	asma
exspirar	expirar	auctor	autor
septembro	setembro	adjuncto	adjunto
thio	tio	ptisana	tisana

— Apesar de se ir modificando a graphica, deverá a lingua continuar a graphar os vocabulos homonymos, distintamente, ex. : buxo e bucho, taxa e tacha, rhombo e rombo, nós e nôz, vós e voz, comsigo e consigo, coser e cozer, harmonizando-lhes a prosodia com a etymologia.

(1) CLÉDAT, *Gram. de la vieille langue française*, pag. 18.



Graphica das vozes.

Graphem-se :

O phonema *á* :

A) Por *á* accentuado na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : *dá, cá, lá, já, Pará, sabiá.*

B) Por *a* inaccentuado nos demais casos, ex. : *para, penna, amigo, gato.*

O phonema *é* :

A) Por *é* accentuado na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : *pé, fé, ré, rapé, jacaré, e* nalgumas palavras como *colhér, talhér, convés, revés, etc.;*

B) Por *e* inaccentuado nos demais casos, ex. : *era, tela, anel, papel.*

A variante *ê* :

A) Por *ê* circumflexo na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : *sê, vê, dê, lê, você, mercê;*

B) Por *e* inaccentuado nos demais casos, ex. : *medo, cedo, bebado, poder, correr.*

O phonema *i* :

A) Por *e* inaccentuado na terminação dos barytonos e na conjunção *e*, ex. : *e, fale, hospede;*

B) Por *y* nos vocabulos de origem grega, tupy ou estrangeiros, ex. : *physica, jaty, tilbury, jury;*

C) Por *i* inaccentuado nos demais casos, ex. : *vi, ãra, parti, lapis.*

O phonema *ó* :

A) Por *ó* accentuado na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : *pó, só, mó, cipó, enxó;*

B) Por *o* inaccentuado nos demais casos, ex. : *copo, nova, anzol, retroz, veloz.*



A variante *ô* :

A) Por *ô* circumflexo na terminação vogal dos oxytonos, ex. : *avô*;

B) Por *o* inaccentuado nos demais casos, ex. : *esposo*, *novo*, *crosta*, *condor*, *amor*, *arroz*.

O phonema *ú* :

A) Por *ú* accentuado na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : *nú*, *crú*, *urubú*, *bambú*, *taquarassú*;

B) Por *o* inaccentuado na terminação dos barytonos, ex. : *mato*, *posso*, *digo*;

C) Por *u* inaccentuado nos demais casos, ex. : *escudo*, *lua*, *reluz*, *virus*, *tribu*.

Graphica diphtongal.

Graphem-se :

O grupo *ae* :

A) Por *a-e* no fim do vocabulo, no plural dos nomes em *al*, nos imperativos e nas terceiras pessoas do singular do indicativo dos verbos, ex. : *paes*, *rivaes*, *cantae*, *vae*, *sae*, *trae*;

B) Por *a-i* nos demais casos, ex. : *alfaiate*, *naípe*, *ápo*, apesar de se escrever *Caetano*;

C) Por *a-y* em alguns nomes proprios, ex. : *Maynarte*, *Maya*.

O grupo *au* :

A) Por *a-u* no começo, no interior dos vocabulos paroxytonos, ex. : *uutor*, *nauta*, *lauto*, *arauto*;

B) Por *a-o* na terminação dos oxytonos, ex. : *mingao*, *calhao*, *Ladislao*.

O grupo *ea* :

A) Por *e-a* inaccentuado na terminação dos barytonos, ex. : *nívea*, *purpureu*, *marimorea*;

B) Por *é-a* accentuado na terminação dos paroxytonos, ex. : *idéa*, *epopéa*, *choréa*.



O grupo *ei* :

- A) Por *e-i* no começo, no meio e no fim dos vocabulos,
ex. : *eito, geito, sabeí* ;
- B) Por *e-y* em alguns nomes estranhos ao nosso lexico,
ex. : *jockey, Wanderley, bey, trolley*.

O grupo *éi* :

- A) Por *é-i* accentuado no plural aberto dos nomes em *el*,
ex. : *annéis, papéis, docéis*.

O grupo *eo* :

- A) Por *e-o* inaccentuado na terminação dos barytonos,
ex. : *alveo, niveo, aureo* ;
- B) Por *é-o* accentuado na terminação dos oxytonos, ex. :
chapéo, céo, tabaréo.

O grupo *eu* :

- A) Por *e-u* no começo, no meio e na terminação dos oxytonos, ex. : *eugenico, neutro, correu, eucrasia*.

O grupo *ia* :

- A) Por *i-a* na terminação dos barytonos, ex. : *gloria, giria, audacia*.

O grupo *ie* :

- A) Por *i-e* na terminação dos barytonos, ex. : *sanie, superficialie*.

O grupo *io* :

- A) Por *i-o* na terminação dos barytonos; ex. : *collegio, gladio, Mario* ;
- B) Por *i-u* na terminação dos oxytonos, ex. : *sahiu, partiu, puniu*.

O grupo *oe* :

- A) Por *o-e* na terminação dos oxytonos, ex. : *heroe, destroe, caracoes* ;
- B) Por *o-y* em nomes indigenas e nos estranhos ao lexico,
ex. : *Goyaz, Niteroy, Godoy, Eloy*.



O grupo *oi* :

A) Por *o-i* no começo, no meio e na terminação dos oxytonos, ex. : *oito, noite, depois*.

O grupo *ou* :

A) Por *o-u* no começo, no meio e na terminação dos oxytonos, ex. : *outorga, açougue, matou*.

O grupo *ua* :

A) Por *u-a* no começo, [no meio e no fim dos barytonos, ex. : *uariquina, aguada, legua*.

O grupo *ue* :

A) Por *u-e* no meio e na terminação dos oxytonos, ex. : *guela, questão, questor*.

O grupo *ui* :

A) Por *u-i* no começo, no meio e no fim de alguns vocabulos, ex. : *uivo, fluido, fui* ;

B) Por *u-e* na terminação dos verbos, ex. : *instrue, possue, argue, fluctue*.

C) Por *u-y* em alguns nomes proprios, ex. : *Ruy, Guy, Guardafuy*.

O grupo *uo* :

A) Por *u-o* na terminação dos barytonos, ex. : *arduo, continuo, ambiguo*.

Graphica dos diphtongos nasacs.

Graphem-se :

O grupo *ãe* por *ã-e*, ex. : *mãe, cães, cscrivães*.

O grupo *ão* por *ã-o* :

A) Em qualquer monosyllabo, ex. : *cão, chão, vão, tãõ, sãõ, dão, mão* ;

B) Em qualquer polysyllabo, seja qual for a categoria, mas desde que seja **oxytono**, ex. : *vulcão, christão, verão, dirão, então, estão* ;

C) Por *a-n*, em qualquer vocabulo, seja qual for a cate-



goria, mas desde que **não** seja **oxytono**, ex. : *órgam, sótam, Estévam, Christóvam, cántam, fizéram, trouxéram, amáram*. (Neste caso não ha diphtongo) (1).

O grupo *õe* :

A) Por *õ-e* nos substantivos e no singular do verbo *pór* e seus compostos, ex. : *gabões, opinões, põe, depõe*;

B) Por *õ-e-m* nas terccirás pessoas do plural do verbo *pór* e seus compostos, ex. : *põem, depõem, compõem*.

Graphica das vozes nasaladas.

Graphem-se :

A voz nasal *an* :

A) Por *ã* na terminação dos vocabulos oxytonos femininos, ex. : *romã, lã, maçã*;

B) Por *a-m*, antes das consoantes *b, p, m*, e ás vezes antes de *n*, ex. : *tambor, amparo, flamma, damno*;

C) Por *a-n*, não estando seguida de *b, p, m, n*, ex. : *canto, ganso, afan*.

A voz *en* :

A) Por *e-m* na terminação dos vocabulos e nos compostos de *além, aquem, bem, decem e sem* e antes das consoantes *b, p, m, n*, ex. : *homem, alemmar, aquem-alpino, bemfazejo, decemnoenal, semsabor, embarcar, tempo, emmudecer, solemne, condemnar*;

B) Por *e-n* na palavra *joven* e em muitas derivadas directamente do nominativo latino ou do grego, ex. : *regimen, especimen, pollen, hyphen, hymen*.

(1) Nas *Questiunculas da lingua Portugueza* expendem-se varias asserções sobre a graphia no diphtongo *ão*, quando o processo mais expedito, mais natural é *ã-o* para os oxytonos e *a-m* para os barytonos, ex. : *ferrão e férram, rasgão e rasgam*.

A graphica *ão* gera ás vezes confusão entre fórmãs distinctas, ex. : *ferrão e férram, rasgão e rasgam, olhão e olham, chupão e chupam, cantão e cántam, catão e catam, formão e fórmam, etc.*



A voz *in* :

A) Por *i-m* antes das consoantes *b*, *p*, *m* ou na terminação dos vocabulos oxytonos, ex. : *cacimba*, *limpar*, *immenso*, *jardim* ;

B) Por *y-m* no interior dos vocabulos derivados do grego e antes das consoantes *b*, *p*, *m*, *n*, ex. : *symbolo*, *tympano*, *symmetria*, *hymno*, *nymppha* ;

C) Por *y-n* nas palavras derivadas do grego, não estando o *n* seguido de *b*, *p*, *m*, *n*, ex. : *syntaxe*, *synthese* ;

D) Por *i-n* em todos os demais casos, ex. : *lingua*, *lindo*, *pintor*, *pingue*.

A voz nasal *on* :

A) Por *o-m* na terminação dos vocabulos oxytonos ou nas conjunções e advérbios compostos de *com*, ex. : *comtante*, *comquanto*, *comtudo*, etc.. e nas variantes pronominaes *com-migo*, *comtigo*, *comsigo*, *comnosco*, *comvosco* e antes de *p*, *b*, *m*, *n*, *prompto*, *bomba*, *commodo*, *somno* ;

B) Por *o-n* na terminação dos vocabulos barytonos *cólon*, *cánon* e nas syllabas não seguidas de *b*, *p*, *m*, ex. : *contar*, *tonsura*, *horizonte*.

A voz nasal *un* :

A) Por *u-m* na terminação dos vocabulos no interior, antes de *b*, *p*, *m*, *n* ou nos vocabulos compostos de *circum*, *duum* e *trium*, ex. : *anum*, *umbigo*, *cumprir*, *summo*, *autumnal*, *circumscrever*, *duumvirato*, *triumvirato* ;

B) Por *u-n* no começo, no meio do vocabulo, si a syllaba seguinte não começar por *b*, *p*, *m*, ou *n*, ex. : *ungir*, *fundir*, *função*.

Graphica dos phonemas polymorphicos.

Graphem-se :

No começo do vocabulo o phonema *se* :

A) Por *c* antes de *e* e *i*, ex. : *cegar*, *citar* ;

B) Por *s* antes de *e* e *i* na generalidade dos casos, ex. : *servir*, *sísar* ;



Nestes casos ha muitas palavras em cuja orthographia os indoutos, não conhecendo a derivação, empregam *s* ou *c* indifferentemente, ex. : *círio* — *sírio*, *sizarão* — *cizarão*.

c) Por *s* antes de *a*, *o*, *u*, ex. : *saráo*, *sofá*, *sudro*;

d) Por *ps* na palavra *psalmo* e seus derivados, ex. : *psalterio*.

No interior do vocabulo :

A) Por *c* antes de *i* nos vocabulos cognatos de adjectivos terminados em *te*, ex. : *tendencia*, *constancia*;

B) Nas palavras derivadas de nomes latinos em *ci*, ou *ti*, ex. : *officio*, *paciencia*=*officio*, *patientia*;

C) Na terminação dos verbos, ex. : *conhecer*, *agenciar*, *negociar*;

D) Nos vocabulos terminados em *ice*, *ció*, *cia*, *arce*, ex. : *tolice*, *artificio*, *puericia*, *disfarce*;

E) Por *ç* nos substantivos derivados de nomes latinos, cuja ante-penultima syllaba é *ti*, ex. : *adoração*, *imploração*, *adoratione*, *imploratione*;

F) Na terminação dos nomes em *arço*, *arça*, *aço*, *aça*, *eço*, *iça*, ex. : *cadarço*, *talagarça*, *canção*, *fumaça*, *codeço*, *justiça*;

G) No corpo da conjugação de muitos verbos da primeira, segunda ou terceira conjugação, ex. : *roço*, *conheço*, *resarço*;

H) Por *cç* na terminação dos nomes derivados do ablativo latino em *cci* ou *cti*, ex. : *dicção*, *fição*, *dictione*, *fictione*;

I) Por *pç* nos nomes derivados do ablativo latino em *pti*, ex. : *descripção*=*descriptione*, *redempção*=*redemptione*;

J) Por *s* nos vocabulos compostos dos prefixos — *a*, *de*, *pre*, *pro*, *sobre*, ex. : *ascidadc*, *deservir*, *presentir*, *proseguir*, *sobresahir*, *resuscitar*, *resomnar*

K) Por *ss* no suffixo dos superlativos absolutos, ex. : *justissimo*, *sapientissimo*.

L) No imperfeito do subjuntivo dos verbos, ex. : *amasse*, *defendesse*, *punisse*, *compuzesse*;

M) Nos substantivos cognatos de verbos terminados em *essar*, ex. : *profissão*, *confissão*;

N) Por *sc* nas palavras latinas de igual graphica, ex. : *descer*, *nascer*, *sciencia*, *conscio*;



o) Por *x* nas palavras latinas de igual graphica ou nas palavras gregas, ex. : *anxiedade*, *defluxo*, *reflexão*, *apoplexia*, *syntaxe*, *proximo*;

O phonema *gê* :

A) Por *g* antes de *e*, *i* ou *y*, ex. : *gerar*, *ginete*, *gymnastica*.

Comtudo em numerosas palavras grapha-se por *jê*, ex. : *Jesus*, *Jehovah*, *jejuar*, *jelalla*, *jenipapo*, *jerarchia*, *jerogliphico*, *jerataca*, *Jericó*, etc.

B) Por *j* antes de *a*, *o*, *u*, ex. : *jacto*, *joco*, *junça*, ou nas fórmias verbaes da primeira conjugação em *jar* ex. : *arranjar*, *arranjo*, *arranjes*, ou nos derivados de nomes latinos que tenham *j*, ex. : *adjectivo*, *projecção*, *sujeitar*.

O phonema *fê* :

A) Por *f* em palavras de origem latina, ex. : *factor*, *familia*;

B) Por *ph* em palavras de origem grega, ex. : *phosphoro*, *phonema*.

O phonema *xê* :

A) Por *ch* no começo ou no interior dos vocabulos de procedencia latina, ex. : *chapéo*, *chamar*, *encher*.

B) Depois do elemento nasal *en*, ex. : *enxame*, *cnxó*;

Ha algumas excepções, ex. *enchacotar*, *enchamel*, *encharcar*, *enchapinar*, etc.

C) Por *x* nos vocabulos de origem oriental, ex. : *xacara*, *oxaldá*, *xairel*, *xaquear*, *xaréó*, *xarope*.

Muitas palavras, escriptas outrora com *x*, actualmente são com *ch*, que tende a prevalecer, ex. :

Xale	—	chale	Xafariz	—	chafariz
xupar		chupar	xaveco		chaveco
xantel		chantel	xantolina		chantolina

O phonema *zê* :

A) Por *z* no começo dos vocabulos, ex. : *zunido*, *zigoma*, *zimeose*, *zorra*;

B) Na terminação dos nomes em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz* e seus pluraes, ex. : *cartazes*, *cortezes*, *narizes*, *retozes*, *arcabuzes*;



c) No suffixo *eza* dos substantivos abstractos, ex. : *realiza, natureza, grandeza*;

d) Nos vocabulos, substituindo o *c* ou *t* latino, ex. : *fazer = facere, dizer = dicere, razão = ratio*;

e) Por *s* entre vogaes, de accôrdo côm a etymologia, ex. : *casa, rosa, mesa*;

f) Nas palavras — *obsequio, subsistencia* e nos vocabulos compostos do prefixo *trans*, ex. : *transição, transacto, transigir*;

g) Por *x*, si estiver precedido de *e* inicial, ex. : *exercito, exilio, exegese, exemplo*.

O phonema *que* :

A) Por *c* antes de *a, o, u*, ex. : *cauto, copa, cupido*;

B) Por *cq* em *acquisição, adquirir e acquiescer*;

C) Por *ch* em palavras de origem grega, ex. : *chimica, machina, chirologia, cholera, chronica*;

D) Por *k* em alguns vocabulos gregos e orientaes, ex. : *kisto, kali, kaolim, kermes, kiosque* e nos compostos gregos de *kilo, kilometro, kilogramma*;

E) Por *q* nos demais casos, ex. : *quatro, questão, quilate, quitanda, quotizar*.

O phonema *rre* :

A) Por *r* no começo dos vocabulos ou entre consoante e vogal, ex. : *roer, honra*;

B) Entre vogaes nos compostos dos prefixos — *a, de, pre, pro*, ex. : *arogar, derogar, prorogar, proromper*;

C) Por *rr* nas syllabas fortes entre vogaes, ex. : *corro, correngo, corroer*;

D) Por *rh* nas palavras de origem grega, ex. : *rheuma, rhetorica, arrhas*.

Graphica das gemações.

Os demais phonemas não offercem grandes difficuldades; grapham-se pelos symbolos correspondentes, attendendo-se aos casos da gemação e a algumas irregularidades graphi-



cas que mais se aprenderão mediante pratica e auxilio de bons lexicons do que mediante regras.

Duas são as causas por que se dobram ou se geminam letras — a **etymologia** e a **assimilação** — dos seguintes prefixos latinos *ad, cum, ex, in, dis, ob, sub* e do grego *syn*.

Assim geralmente se geminam :

A letra *b* nos vocabulos *abba, abbade, gibba, rabbi, rabbino, sabbado* e nos seus derivados.

Esta geminação bem poderia ser extincta.

A letra *c* :

A) Nos vocabulos que começam por *ac, oc, suc* ou *soc*, correspondentes a *ad, ob, sub*, ex. : *accrescer, occupar, succeder, soccorrer*;

B) Em alguns vocabulos, por etymologia, ex. : *bocca, succo, secco, peccar, vacca* e seus derivados.

A letra *d* nos vocabulos *addir, additar, adduzir, addicionar, reddito* e nos seus cognatos, ex. : *adição, additamento, adducção, addicionamento, etc.*

A letra *f* naquelles que começam por *af, ef, of, dif, suf* ou *sof*, correspondentes a *ad, ex, ob, dis, sub*, ex. : *afeição, effeito, offerecer, difficil, suffragar, soffrer.*

A letra *g* naquelles que começam por *ag, sug*, correspondentes a *ad, sub*, ex. : *aggravar, aggregar, suggerir, suggestão.*

A letra *l* :

A) Naquelles que começam por *al, il, col, syl*, correspondentes a *ad, in, cum* e *syn*, ex. : *allegar, illustre, collegio, syllepse.*

B) Nos vocabulos — *elle, aquelle*, nalguns gregos, começados por *allo*, ex. : *allopathia, allotropia* e na syllaba tonica de muitos latinos e seus derivados, ex. : *grillo, martello, cadella, canecella, bello, donzella, pupillo, panella, etc.*

A letra *m* :

A) Naquelles que começam por *im, em, com*, correspondentes a *in, cum, syn*, ex. : *immenso, commodato, emma-deixar;*



b) Em alguns vocabulos gregos e latinos, ex. : *enmenagogo*, *gramma*, *gemna*, *flamma*, *chamma*, *summo*.

A letra *n* naquelles que começam por *an*, *in*, *en*, correspondentes a *ad*, *in*, ex. : *annuncio*, *innato*, *ennoitar*, *enno-breecer* e nos gregos começados por *enne*, ex. : *enneagono*.

A letra *p* naquelles que começam por *ap*, *op*, *sup*, correspondentes a *ad*, *ob*, *sub*, ex. : *appareeer*, *oppor*, *supprir*; em alguns nomes proprios — *Agrippa*, *Joppe*, *Appia*, *Poppa* e nos formados de *hippo* (cavallo), ex. : *hippódromo*, *hippico*, *hippologia*, *Hippolyto*, *Philippe*.

A letra *r* :

A) Naquelles que começam por *ar*, *ir*, *cor*, correspondentes a *ad*, *in*, *cun*, ex. : *arrolar*, *irregular*, *corroer*;

b) **Intervocalicamente** para soar forte, ex. : *correr*, *horror*.

A letra *s* :

A) Naquelles que começam por *as*, correspondentes a *ad*, ex. : *assolar*, *asseverar*, *assombrar*;

b) Nos superlativos organicos, nos imperfeitos do subjunctivo e nos demais casos de accôrdo com a etymologia; ex. : *gratissimo*, *justissimo*, *matasse*, *vendesse*, *punisse*, *puzesse*, *assucar*, *messe*, *missão*.

A letra *t* :

A) Naquelles que começam por *at*, correspondente a *ad*, ex. : *atrabir*, *atensão*, *attenuar*, *attestar*;

b) Em alguns vocabulos, ex. : *glottis*, *matto*, *matta*.

Graphica das maiusculas.

Grapham-se as letras maiusculas :

A) No começo dos periodos, ex. :

« A tarde ia morrendo. »

(JOSÉ DE ALENCAR.)



b) No começo de cada verso, ex. :

« Não olheis para a sombra que passa;
Quero triste viver, ermo e só. »

(TOBIAS BARRETO.)

Alguns poetas, maximé os portuguezes, usam do minuscuro, reservando sempre o maiuscuro para o começo do periodo, ex. :

*Eu fui a estrella que em logar de um norte,
Ihe aponta a morte que o fará morrer!*

(THOMAZ RIBEIRO.)

c) No começo das citações, ex. :

Diz Socrates :

« Não vivo para comer, mas como para viver. »

d) Depois de ponto exclamativo e interrogativo, desde que o sentido seja concluido, ex. :

*Parecieis-me carregado de semblante? Que é isso?
Temos novas voltas com os excommungados Castelhanos?*

(*Lendas e Narrativas*, pag. 288.)

*Como ha de ser bello vêr por o sol d'aquella janella!...
E ouvir cantar os rouxinóes!*

(ALMEIDA GARRETT.)

e) Nos substantivos proprios, quer locativos, quer personativos, ex. : *Sergipe, Brasil, America, Pedro, Clara, Candida, Adelaide;*

f) Nos nomes designativos de povos, desde que sejam substantivados, ex. : os *Inglezes*, os *Brasileiros* os *Europeos*.

g) Nos nomes designativos de sectarios, desde que estejam substantivados, ex. : os *Catholicos*, os *Protestantes*, os *Judeus*, os *Mahometanos*.



h) Nos nomes proprios da mythologia, ex. : Venus, Marte, Mercurio, Zeus;

i) Nos nomes appellativos, considerados seres personificados, ex. : a Republica, a Liberdade, a Justiça, as Parcas, as tres Graças;

j) Nos cognomes e tratamentos, ex. : Izabel a Redemptora, Pedro o Crú, José o Lavrador, D. Maria, D. Carlos o Desventuroso;

k) Nos nomes de *titulos, honras, dignidades, cargos, postos*, abreviadamente e seguidos do nome proprio, ex. : Dr. Pedro, C.^{de} de Iguassú, Cap.^m Silveira, o Prof. Miguel;

l) Nos titulos de obras e jornaes, nas inscripções, taboletas, epitaphios, ex. : a Encida, o Paiz, Aqui jaz, etc.

Nas inscripções, taboletas, firmas, é mais geral graphar-se o vocabulo com todas as letras maiusculas, ex. : AQUI JAZ. PAÇO e C.^{ia}.

Divisão graphica.

A divisão do vocabulo faz-se :

A) Syllabicamente, ex. : *con-sci-en-cia, a-bu-sar, a-dhe-rir*.

B) Graphicamente, isto é, sempre que não couber integralmente no fim da linha.

Na divisão graphica observam-se as seguintes normas, pois nem sempre coincidem os dous processos de divisão :

A

A divisão graphica, salvo alguns casos, nunca se faz partindo syllabas, ex. : a-mi-go, au-tor, pen-na, il-le-gal.



B

Os vocabulos constituídos por prefixos dividem-se, respeitando-lhes a formação, embora partindò syllabas, ex. : *ab-usar*, *ad-orar*, *ad-herir*, *ab-horreseer*, *ad-aptar*, *ad-optar*, *con-spirar*, *con-seiencia*, *re-star*, *re-sponder*, *con-star*, *pre-star*, *ex-asperar*, *ex-emplo*, *red-empção*, *inter-essar*, *tele-seopio*, *micro-seopia* (1).

C

Nos casos de grupos consonantaes, passam-se esses intaetos para a syllaba seguinte, ex. : *flegma*, *so-mno*, *syllab-pse*, *conee-pção*, *a-pto*, *diphthongo*, *ry-thmo*.

D

Nos casos de letras dobradas, cada uma fica na sua syllaba, ex. : *ac-ção*, *ab-bade*, *ad-dir*, *af-feição*, *sug-gerir*, *al-loeução*, *im-mortal*, *pan-no*, *Agrip-pa*, *hor-ror*, *eas-sa*, *at-tento*.

Regras graphicas.

A

Nenhum vocabulo começa nem acaba por letras geminadas.

B

Sempre se graphia *m* antes de *b*, *p*, *m* e ás vezes antes de *n*, ex. : *ambos*, *eampo*, *commodo*, *damno*, *somno*, *alumno*, *outomno*, *indemnizar*.

(1) Vide PAULINO DE SOUZA, *Gram. portugaise*, pag. 332.



C

Siga-se a graphica phonetica, sempre que a prosodia se oppuzer á etymologia e ao uso mais geral e mais commum, ex. : batracio por *batrachio*, cirurgia por *chirurgia*, arraigar por *araigar*; escola, pratica, tio, ponto, santo, falar, aprender, adensar, por *eschola*, *practica*, *thio*, *poncto*, *sancto*, *fallar*, *apprender*, *addensar* (1).

D

Empreguem-se letras diversas e as necessarias notações lexicas para a distincção de homonymos, ex. : bucho e buxo, tacha e taxa, *rhomb* e rombo, cataracta e catarata, *chylo* e kilo, fôrma e fôrma, *sêde* e *sêde*, *pára* e para, *dá* e da, *d'este* e *dêste*, *se*, *sê* e *sê*, *más* e mas (1), *pôrem* e *porém*, *próvem* e *provém*, *Mária* e *María*, *secretaria* e *secretaría*.

E

Escrevam-se com a respectiva graphica os vocabulos estrangeiros, não assimilados *ainda* ao nosso lexico, ex. : *meeting*, *sportman*, *book-maker*, *club*, *folk-lore*, *dread-nought*, *scout*, *film*, *snobismo*, *trolley*.

F

Nos casos de duvida sobre geminação, escreva-se o vocabulo simplesmente.

G

Siga-se a graphica *usual*, mais simples, quando, para satisfazer á etymologia e á prosodia, se

(1) VIDE ALMEIDA GARRETT, *Parnaso Lusitano*.



tenha de recorrer ás notações graphicas ou accentos imprescindiveis á pronuncia, ex. :

mez	em vez de	més
portuguez	—	portugués
pedrez	—	pedrés
cortez	—	cortés
nariz	—	narís
quíz	—	quís

II

No caso de incerteza entre o *s medial* e o *z*, empregue-se de preferencia o *s*, por ser letra mais geral, *mais vezes de accôrdo* com a *etymologia* do que o *z*, ex. : Brasil, rosa, formoso, causa, Sousa, defesa, resoar, subsistir, presentear, mesa, casa, transitar, salvos os casos de homóphonos, exs. : coser e cozer e os de *z*, originario do e latino : fazer, vizinho, dizer, trazer, rezar.

Além disso, no final dos vocabulos oxytonos, desinenciados por *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*, simplifica a letra *z* a graphica, dispensando-lhe o accento figurado e pondo-a mais consoante á prosodia, exs. :

cartaz	em vez de	cartás
cabaz	—	cabás
freguez	—	fregués
rapidez	—	rapidés
nariz	—	narís
chafariz	—	chafarís
retroz	—	retρός
albatroz	—	albatrós
arcabuz	—	arcabús
capuz	—	capús

I

Escreva-se agglutinado ao vocabulo o *l* euphonico, substituto do *s*, *z*, *r*, porquanto, embora



seja elle o antigo *l* das fórmãs *o, a, os, as* == *lo, la, los, las*, já estas de ha muito o perderam.

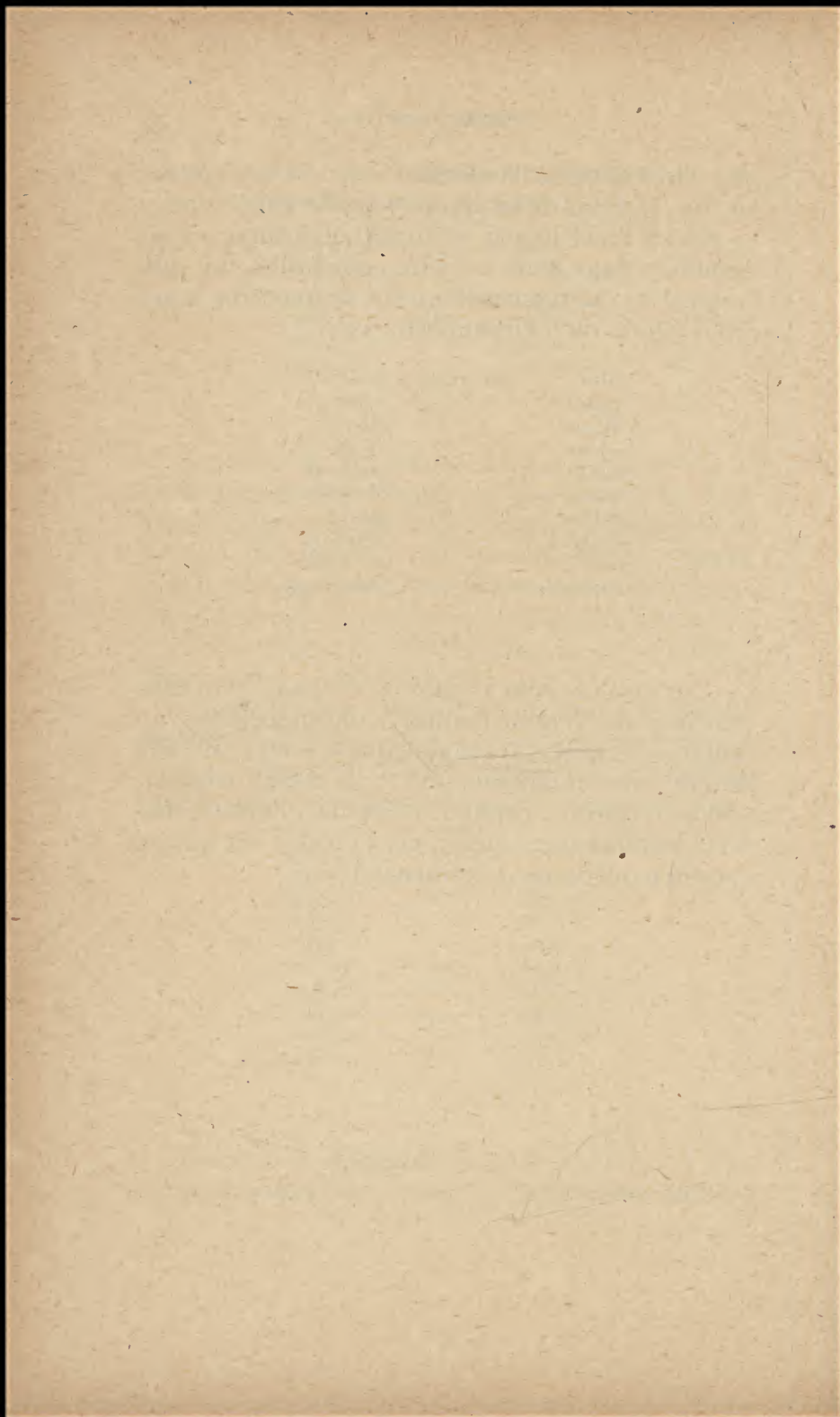
Assim mais logico se torna agglutinar o *l* ao vocabulo cujo som ou letra substituiu, do que destacal-o com a variação e ter de recorrer a acento agudo ou a circumflexo, ex. :

eil-o	em vez de	ei-lo
vimol-a	—	vimo-la
dil-os	—	di-los
fál-as	—	fâ-las
matal-o	—	matâ-lo
trazel-as	—	trazê-las
vel-o	—	vê-lo
contel-a	—	contê-la
punil-os	—	puní-los
cumpril-as	—	cumprí-las

K

Escrevam-se com *z* todos os vocabulos ou substantivos do genero feminino, desinenciados no suffixo *eza*, ou *ez*, formados quasi sempre do **adjectivo** correspondente, exs. : *realeza, tristeza, nobreza, clareza; rapidez, estupidez, dobrez, sensatez, embriaguez, viuvez, etc.*; fórmãs em que se operou a queda do *a* desinencial.





PARTE II

LEXIOLOGIA

Lexiologia é o tratado das palavras, isoladamente consideradas, isto é, como organismos independentes (1).

A lexiologia estuda as palavras :

A) Isoladas e independentes, mas relativamente á sua constituição organica, á sua estrutura material;

B) Isoladas e independentes, mas relativamente ás categorias mentaes que exprimem;

C) Isoladas e independentes, mas relativamente ás suas condições de variabilidade;

D) Isoladas e independentes, mas relativamente á sua origem e formação.

A lexiologia, pois, se divide em *morphologia*, *taxonomia*, *ptoseonomia* (2) e *etymologia* (3).

(1) O termo **lexicologia**, geralmente usado, não explica satisfactoriamente essa parte da grammatica, pois *lexicon* significa *diccionario*; assim lexicologia será o tratado do diccionario; diga-se, pois, **lexiologia**.

(2) Formado por Julio Ribeiro e até o achô preferivel ao termo **kampenomia**.

(3) Esta nossa divisão está de accôrdo com a definição de lexiologia exposta pelo notavel grammatico bahiano cujo trabalho apesar de vasado nas doutrinas da escola classica, é um dos melhores. Vide ERNESTO CARNEIRO, *Gram. portugueza*, pag. 13.



MORPHOLOGIA

Morphologia é o tratado da palavra, organicamente considerada, isto é, com relação aos seus elementos materiaes ou fórmias exteriores.

Estes elementos materiaes ou orgams são o prefixo, o radical e o suffixo cujo conjunto constituc exterior e morphologicamente o organismo ou estructura da palavra, ex. : *com* + *mand* + *ante*.

Radical é a parte fundamental e significativa do vocabulo, ex. : *pre* + *sent* + *ir*, *re* + *spons* + *avel*.

O radical não é como geralmente se define — « a parte invariavel do vocabulo », pois ha radicaes que variam, maximé nos verbos irregulares e nos phenomenos de apophonia ou deflexão, ex : *sent* + *ir* — *sint* — o, *perd* + *er* — *perc* — o, *damn* + *ar* — *con* + *demn* + *ar*, *amig* + o — *in* + *imig* + o, *facil* — *dif* + *ficil*.

O prefixo e o suffixo dizem-se affixos, pois são os elementos exteriores e accessorios que se aglutinam ao radical, dilatando-o morphologicamente, ex. : *de* + *pend* + *ente*, *retro* + *spcct* + *ivo*, *organ* + *izar*, *pro* + *duz* + *ir*.

O radical diz-se mais propriamente *raiz*, sempre que for monosyllabico (1), pois o radical é a propria raiz que se reforçou, dilatando-se mediante os affixos, ex : *cast* — (raiz), *cast* + *ig* (radical), *ain* (raiz), *am* + *ig* (radical).

(1) Bopp. *Gram. des langues indo-européennes*. — RAMSHORN *Dict. of latin synonyms*, pag. 1. — HENRY, *Gram. comparée du grec et du latin*, pag. 104.



Raiz é o ponto de partida da formação do vocabulo, isto é, « a syllaba fundamental, primordial e irreductivel da palavra » (1), pois é mais simples, mais geral e commum a uma familia de palavras (2).

A raiz que se expande e se desenvolve mediante os affixos, diz-se *thema*.

Thema é toda a parte do vocabulo, menos a terminação constitutiva da categoria grammatical, e assim se chama (3) por servir de posição, de fundamento ao vocabulo, ex. : *mont* + ar, *mont* + anha, *mont* + ciro, *mont* + ieulo, *mont* + e.

Sendo os *themas* raizes desenvolvidas por outras raizes secundarias ou affixos, apresentam a seguinte constituição, ex. : (1)

- A) r + r ex. : $\sqrt{und} + i + \sqrt{vag} + o$, $\sqrt{plan} + \sqrt{alt} + o$;
 B) p + r ex. : *com* + $\sqrt{bat} - er$, *re* + $\sqrt{spond} - er$;
 C) 2 p + r ex. : *in + de* + $\sqrt{pend} - entc$, *re + con* + $\sqrt{quist} - tar$;
 D) 3 p + r ex. : *in + de + com* + $\sqrt{pon} - ivel$;
 E) r + s ex. : $\sqrt{am} + or - oso$, $\sqrt{carr} + eg - ar$;
 F) r + 2 s ex. : $\sqrt{pen} + al + iz - ado$, $\sqrt{caut} + ell + osa - mente$;
 G) p + r + s ex. : *em* + $\sqrt{barc} + ad + iço$, *re* + $\sqrt{orgam} + is - ação$;
 H) 2 p + r ex. : *com + pro* + $\sqrt{melt} + er$, *re + com* + $\sqrt{pens} - ar$;
 I) 2 p + r + 2 s ex. : *in + de* + $\sqrt{pend} + ent + issima - mente$.

(1) FAUSTO BARRETO, *These de concurso*.

(2) CHASSANG, *Gram. latine*, pag. 473. — HOVELAQUE, *La linguistique*, pag. 5.

(3) CONSTANT BEAUFILS, *L'étude du latin*, pag. 3.

(4) Seja p=prefixo, r=raiz, s=suffixo.

Poucos são os themas que não apresentam a estrutura de accôrdo com uma das formulas que estatuímos para estudarmos o vocabulo morphologicamente.

As vezes o thema é constituido por uma palavra inteira, sem a menor modificação organica, ex. : *valor* + *oso*, *liberal* + *idade*, *final*, + *izar*.

Todo thema é verbal ou nominal, conforme sirva para a constituição do verbo ou do nome, isto é, substantivo e adjectivo.

Estructura das raizes.

A raiz se divide em **nominal** e **pronominal**; mas esta divisão não tem importancia em grammatica descriptiva (1).

As raizes nominaes, ou **verbaes** segundo Bopp, são aquellas que exprimem um facto sensível, isto é, o modo por que nos impressionam as cousas.

As raizes nominaes pertencem ás quatro grandes categorias grammaticaes, isto é, o **substantivo**, o **adjectivo**, o **verbo** e o **adverbio**.

As raizes pronominaes são aquellas que exprimem as relações grammaticaes e pertencem aos pronomes, ás preposições, ás conjunções primitivas, pois ha mais ou menos uma idéa de relação latentemente expressa nestas palavras.

Nas linguas classicas — grego e latim, palavras ha que se confundem com as raizes, como em portuguez a palavra *pé*, ex. : *pedestre*, *peanha*, *pedunculo*, *pedestal*.

A estas palavras chamavam os latinos **prototypas** ou **principalia**.

As raizes, segundo a sua estrutura, foram distribuidas (2) em **primarias**, **secundarias**, **terciarias**.

(1) Vide Rouzê, *Gram. latine*, pag. 9. — Vide Pacheco e Lameira.

(2) MAX MULLER, *La science du langage*.



As primarias se constituem :

1.º De vogal : *i*, ex. : *ir* ;

2.º De vogal e consoante : *do*, ex. : *do* — *ar*.

As secundarias se constituem :

De consoante, vogal e consoante : *bat*, ex. : *bat* — *er*.

As terciárias se constituem :

1.º De duas consoantes e uma vogal : *stru*, ex. : *in* + *stru* + *ir* ;

2.º De uma vogal e duas consoantes : *ard*, ex. : *ard* — *er* ;

3.º De duas consoantes, uma vogal e duas consoantes : *spond*, ex. : *re* — *spond* — *er* (1).

Affixos.

Affixos são os elementos accessorios que, aglutinando-se á raiz, lhe modificam mais ou menos a significação geral.

Os affixos que se antepõem se dizem prefixos, e os que se pospõem se dizem suffixos.

Prefixo.

Prefixo é qualquer elemento, geralmente preposicional, que antepondo-se á raiz da palavra, lhe modifica quasi sempre a significação, ex. : *com* + *pôr*, *inter* + *regno*, *a* + *pathia*.

Todo prefixo pôde ser :

Δ) Expletivo, isto é, desde que não altere a significação da palavra, ex. : *apresentar*, *embarcar*, *escola*.

— Os principaes prefixos expletivos são : *a*, *em*, *en* e a vogal prosthetica, *e*, ex. : *estrella*, *escrever*.

(1) Vide MAX MULLER, *La science du langage*.



B) **Inexpletivo**: isto é, desde que altere a significação da palavra, ex. : *refazer*, *combater*, *expugnar*;

c) **Assimilado**, isto é, terminando por consoante identica á da raiz, ex. : *col* + *legio*, *ap* + *parecer*, *sup* + *portar*;

D) **Juxtaposto**, isto é, separado da raiz mediante traço de união, ex. : *ex*-chefe, *sub*-director, *vice*-rei, *co*-estadoano.

Os prefixos são geralmente representados por preposições da lingua ou preposições latinas, palavras gregas, ex. : *defender*, *interpor*, *antichristo* (1), e ás vezes pelos advérbios *bem*, *mal* e *menos*, ex. : *bem*fazejo, *bem*quisto, *mal*tratar, *mal*dizer, *men*osprezar, *men*oseabar.

Suffixo.

Suffixo é qualquer elemento morphologico que, posposto á raiz do vocabulo, lhe dá quasi sempre a categoria grammatical, ex. : *pedr* + *ada*, *amen* + *izar*, *mort* + *al* (1).

O suffixo póde ser :

A) **Nominal**, desde que, agglutinado ao thema radical, produza um substantivo, ex. : *folh* + *agem*, *pedr* + *ada*, *saera* + *mento*;

B) **Adjectival**, desde que, agglutinado ao thema radical, produza um adjectivo, ex. : *mor* + *al*, *solit* + *ario*, *pen* + *oso*;

c) **Verbal**, desde que, agglutinado ao thema radical, produza um verbo, ex. : *pestan* + *ejar*, *organ* + *izar*, *fortal* + *ecer*.

(1) Vide as nossas *Lições elementares de portuguez*.



Tanto o prefixo como o suffixo se dizem **thematicos**, sempre que servem de base a outros para o desenvolvimento organico ou dilatação da raiz, ex. : re + *sus* + citar, fin + *al* + izar, pav + *or* + oso, etc.

Os affixos são os **elementos de relação** do organismo do vocabulo, reagem sobre a significação da raiz, definindo-a, isto é, a significação vaga da raiz é modificada pelo prefixo e definida e estatuida pelo suffixo.

Homoptotas são as palavras em que ha o mesmo suffixo, ex. : *bonança*, *esperança*, *matança*, *cobrança*, e ás vezes o mesmo suffixo toma dous aspectos diferentes, ex. : *ario* e *eiro*, *estre* e *este*, *ar* e *al*, *agem* e *atico*, *avel* e *evel* e *ivel*, *ação* e *ição*, *orio* e *ouro*.

Resumo synoptico.

AFFIXOS.	}	prefixos. { <ul style="list-style-type: none"> expletivos (1) inexpletivos assimilados juxtapostos
	}	suffixos. { <ul style="list-style-type: none"> nominaes verbaes adjectivaes

Estructura do vocabulo.

As palavras morphologicamente são **simples** ou **compostas** e então se dizem **vocabulos**.

A palavra **simples** é constituída apenas por um vocabulo, ex. : *terra*, *mar*, *canto*.

A palavra **composta** é constituída por mais de um vocabulo simples, ex. : *contradança*, *entretelinha*, *olho-de-boi*.

As palavras compostas se formam — por **juxtaposição**, por **agglutinação**, por **locução** ou **agrupamento**.

(1) Os prefixos expletivos se tornam antes phenomenos de *metaplasmo*, visto que não influem na significação ou conceito do vocabulo, comquanto lhe modifiquem a estrutura ou organismo.



Juxtapostas são aquellas cujas fórmulas constitutivas se conservam intactas e têm, cada uma, o seu accento tonico, ex. : *couve-flôr*, *guarda-prata*, *artefacto*, *prototypo*, *tiracóllo*.

Agglutinadas são aquellas cujas fórmulas constitutivas mais ou menos modificadas estão sujeitas apenas a um só accento tonico, ex. : *combater*, *aguardente*, *planalto*, *malvado*, *fidalgo*, *vinagre*, *bentevi*, *malmequer* (1).

Dizem-se **hybridas** aquellas palavras compostas em cujo organismo ha palavras de linguas diferentes, ex. : *cipó-chumbo*, *alcoometro*, *zincographo*, *neo-latino*, *sociologia*, *galvanoplastia*.

Formam-se por **locução**, sempre que palavras isoladas e independentes se agrupam, concorrendo para constituir logicamente uma **expressão vocabular**, ex. : *pão-de-ló*, *lingua-de-vacca*, *cabode-esquadra*, *bentevi*, *posto que*, *a roda de*, *longe de*, *quem quer que*, *Rio de Janeiro*.

Ha tantas expressões quantas as categorias grammaticas, isto é, expressões substantivas, adjectivas, pronominaes, verbaes, preposicionaes, adverbias, conjunccionaes e interjeccionaes, segundo o valor taxinomio que tiver a expressão.

Na constituição ou estrutura das palavras compostas entram as seguintes categorias grammaticas, ex. :

sub. + sub., ex. : *couve-flôr*, *mestre-sala*, *madresilva*

sub. + adj., ex. : *obra-prima*, *amor-perfeito*, *canto-chão*

(1) As formas compostas predominam na nomenclatura e terminologia scientifica, principalmente os elementos gregos e latinos, nas sciencias naturaes, ex. : *cyanogaster*, *macrocephalo*, *dolicholophus*, *crassirostro*, *dentirostro*, *auricolli*, *palmipedes*, *pernaltas*, *pernilongo*, etc.

adj. + adj., ex.: *surdo-mudo, planalto, angoloso*
 adj. + sub., ex.: *centopéa, rectaguarda, salvoconductor*
 ver. + sub., ex.: *gira-sol, saca-rolha, beijamão*
 ver. + ver., ex.: *ganha-perde, vaevem, ruge-ruge* (1)
 ver. + adv., ex.: *botafóra, puxavante, passavante*
 prep. + sub., ex.: *contratempo, entrecosto, parabem*
 adv. + adj., ex.: *sempre-óiva, recém-nato, bemdito*
 adv. + sub., ex.: *semi-deus, bemfeitor, maldição*

Ha palavras compostas cuja estrutura não está de accôrdo com as condições que acabamos de consignar, constituindo os compostos **asyntacticos**, ex.: *quem quer que, de modo que, desde que, conquanto* e a maior parte das palavras formadas por locução.

As invariáveis são, pela maior parte, palavras **inorgánicas**, pois não têm estrutura morphologica apreciavel, ao passo que as variáveis, salvo algumas, são palavras **orgánicas**, pois têm estrutura morphologica apreciavel.

Resumo synoptico

VOCABULOS.	}	simples.	}	juxtapostos
		compostos..		agglutinados
				grupados (2)

Suffixos nominaes.

Suffixo nominal é aquelle que, agglutinando-se ao thema vocabular, origina um substantivo.

(1) As compostas de dois verbos geralmente se formam por duas fórmãs idénticas ou antonymas maximé na lingua popular, ex.: *luze-luze, bula-bula, ruge-ruge, vaevem, ganhaperde* e nas palavras constituídas por locução occorre muitas vezes uma preposição no **começo**, no **meio** ou no **fim**, ex.: *com tanto que, chapéo de sol, perto* etc.

(2) Quanto aos compostos **grupados**, assim se devem designar os diferentes compostos que, escriptos separadamente, originam os diversas *expressões da lingua*, reservando-se o termo *locução* para exprimir apenas, processo de formação.



O suffixo é um organ que, desde que seja isolado do vocabulo, perde a sua funcção, pois nada representa; e una morphose, isto é, um pedaço do vocabulo.

Assim os principaes suffixos, relativamente á sua funcção significativa, se podem reduzir ás seguintes classes :

A) Suffixos collectivos, isto é, os que se agglutinam ao thema e formam um substantivo colectivo, ex. :

1. açã	fumaça, vidraça
2. ada (1)	manada, boiada
3. agem	folhiagem, plumagem
4. al	bananaal, eanavial
5. aria	gritaria, bicharia
6. edo	rochedo, silvedo
7. ado	telhado, tablado
8. ena	dezena, vintena
9. ume	cardume, queixume
10. ura	dentadura, abotoadura

B) Suffixos graduaes, isto é, os que se agglutinam ao thema e lhe attenuam ou augmentam a significação, ex. :

1. aço	mestraço, estilhaço
2. acho	riacho, vulgacho
3. alha	canalha, migalha
4. arrão ou ão	homenzarrão, mulherão
5. astro, astra	poetastro, pilastra
6. ázio	copázio, bodázio
7. eco	fradeco, boneco

(1) Os suffixos que grypamos se incluem em mais de uma classe, pois exercem mais de uma funcção, assim como *ada* que tambem exprime a idéa de *golpe*, *percussão*, ex.: *facada*, *estocada*, *punhalada*, *cabeçada*, *vassourada*.

Estas variações de funcção facilmente se explicam no vocabulo onde o suffixo adquire a sua vitalidade significativa, pois, isoladamente considerado, se torna vacuo de significação.



8. ejo	animalejo, logarejo
9. eolo	alveolo, capreolo
10. eto	poemeto, libreto
11. culo ou ulo	monticulo, globulo
12. cula	auricula, particula
13. isco	pedrisco, chuvisco
14. ilho ou ilha	gatilho, cartilha
15. im	espadim, flautim
16. inho ou inha	copinho, garrafinha
17. ila ou ilo	mochila, codicilo
18. ola	egrejola, portinhola
19. olho	ferrolho, pimpolho
20. ota ou ote	risota, camarote
21. ucho	pequerrucho, paplucho

c) Suffixos locativos, isto é, os que se aglutinam ao thema e dão idéa de lugar ex. :

1. <i>aria</i>	padaria, secretaria
2. <i>ario</i>	armario, sacrario
3. <i>eiro</i>	tinteiro, areeiro
4. <i>cira</i>	saleira, molheira
5. <i>orio</i>	lavatorio, dormitorio
6. <i>ouro</i>	ancoradouro, babadouro
7. <i>il</i>	covil, redil

d) Suffixos qualitativos, isto é, os que se aglutinam ao thema e formam um substantivo abstracto, ex. :

1. idade ou dade	liberdade, felicidade
2. ancia ou encia	discrepancia, resistencia
3. ança ou ença	esperança, doença
4. acia	audacia, fallacia
5. cza	nobreza, pobreza
6. ice	velhice, tolice
7. idão	mansidão, ingratidão
8. ude	virtude, solicitude
9. ura	ternura, brandura

e) Suffixos de actividade, isto é, os que se ag-



glutinam ao thema e dão idéa de acção exercida,
ex. :

1. ança	pujança, bastança
2. anda	propaganda
3. ação	coroação, adoração
4. ção	concepção, devoção
5. eiro	barbeiro, sapateiro
6. mento	casamento, depoimento
7. ario	boticario, vigario
8. or	amor, valor
9. ismo	brilhantismo, fulgentismo
10. ista	cappellista, logista
11. ura	pintura, douradura

Além destas classes de suffixos, ha outros, sendo de notar aquelles cuja funcção se limita a exprimir irregularmente o genero em grande numero de palavras, ex. : *cadella*, *baroneza*, *condessa*, *papiza*, *pardoca*, *heroína*, *sultana*, *ilhóa*, *gallinha*, como havemos de vér na ptoseconomia ou kampeconomia.

Além destes elementos organicos, apparece ás vezes o **infixo**, tendo, a funcção de elemento **connectivo**, ex. : *doc-u-mento*, *sent-i-mento*, *flor-z-inha*, *dour-a-dor*, *cas-a-mento*, etc.

O infixo é geralmente *a* para os themas da primeira conjugação, *i* para os das outras e *u* para outras fórmas.

Na terminologia medica e scientifica occorrem os suffixos seguintes :

A) *ite* que indica inflammação, ex. : *meningite*, *nephrite*, *enterite*, *dermite*;

B) *íase* e *óse* : este quasi sempre agglutinado a um radical *latino*, aquelle a um radical *grego*, indicando ambos *molestia* ou *affecção*, ex. : *lithíase*, *ankylostomiase*, *myíase*, *oxyuriase*; *tuberculose*, *verminose*, *bacillose*, *dermatose*.

C) *oma* que indica *tumor* ou antes *neoplasia*, ex. : *fibroma*, *sarcoma*, *osteoma*, *carcinoma*, *adenoma*.

D) *ol*, *al*, *ona* que indicam productos chimicos, ex. : *gaicol*, *glycol*, *methanal*, *ethanal*, *acetona*, *hypnona*.

E) *ato*, *éto*, *íto* que indicam saes chimicos, ex. : *sulfato*, *lactato*; *brométo*, *chloréto*; *sulfíto*, *phosphíto*.

Suffixos verbaes.

Suffixo verbal é aquelle que, agglutinando-se ao thema ou radical, origina um verbo.



Os principaes são os suffixos :

A) **Diminutivos**, isto é, aquelles que se agglutinam ao radical e lhe attenuam a significação, ex. :

iear	beberricar	pennicar
isear	belliscar	chuviscar
ingar	choringar	rezingar
ilhar	fervilhar	esmerilhar
inhar	mollinhar	saltarinhar
itar	chupitar	saltitar

B) **Frequentativos**, ou *iterativos* isto é, aquelles que se agglutinam ao radical e geram um verbo de acção reiterada, ex. :

ear	esbofetear	voltear
ejar	farejar	bordejar
egar	navegar	carregar

C) **Incoativos ou factitivos**, isto é, aquelles que se agglutinam ao radical e geram um verbo cuja significação indica começo ou mudança de acção, ex. :

izar	organizar	suavizar
ecer	escurecer	amadurecer

Nestes quasi sempre occorrem os prefixos *a* ou *em* = *en* = *in*, ex. : *amanheecer*, *anoiteecer*, *endurecer*, *embruteecer*, *invilecer*.

E o processo de formação verbal por **parasyntese** ou **affixão dupla**, segundo Ayer (1), isto é, por **prefixo** e **suffixo** ao mesmo tempo.

(1) Vide AYER, *Gram. française*.



Suffixos adjectivaes.

Suffixo adjectival é aquelle que, agglutinando-se ao radical ou thema, origina um adjectivo.

Os suffixos adjectivaes se podem reduzir ás seguintes classes de accôrdo com as suas funcções :

A) Suffixos de propriedade e relatividade, ex. :

1. aico	judaico, archaico
2. al	numeral, paternal
3. ano	romano, mundano
4. ar	familiar, exemplar
5. ario	solitario, voluntario
6. atico	lunatico, majestatico
7. eiro	ligeiro, brasileiro
8. esco	fr adesco gigantesco
9. este	celeste, agreste
10. estre	silvestre, pedestre
11. ense	cearense, lisbonense
12. ico	poetico, pudico
13. ino	bovino, vespertino
14. il	febril, docil
15. ez	montez, francez

B) Suffixos de plenitude e intensidade, ex. :

1. ento ou into	barrento, hexiguento, faminto
2. oso	gostoso, caprichoso
3. udo	cabelludo, barrigudo
4. az	linguaz, fallaz
5. issimo	justissimo, santissimo
6. imo	pauperrimo, facilimo
7. unda	iracundo, facundo
8. onho	tristonho, ruedonho

C) Suffixos de possibilidade e passividade, ex. :

1. avel	louvavel, amavel
2. evel	indelevel
3. ivel	punivel, temivel
4. uvel	soluvel, voluvel
5. iço	alagadiço, espantadiço



D) Suffixos de actividade e acção, ex. :

1. ante	<i>amante, estudante</i>
2. ente	<i>temente, eserevente</i>
3. inte	<i>ouvinte, pedinte</i>
4. eiro	<i>doceiro, embusteiro</i>

E) Suffixos de tempo : passado ou futuro, ex. :

1. ado	<i>lonvado, amado</i>
2. ido	<i>partido, sahido</i>
3. ando	<i>examinando, doutorando</i>
4. ouro	<i>vencedouro, duradouro</i>
5. eira	<i>mamadeira, casadeira (1)</i>

Função dos prefixos.

Os prefixos modificam a idéa expressa pela raiz, dando ao thema geral as seguintes significações específicas, e podem ser latinos, gregos e portuguezes (2).

Prefixos latinos

I. A	— (intensidade) <i>a-tirar, a-bater, a-diantar, a-cotovelar.</i>
—	(separação) <i>a-mover, a-partar, etc.</i>
—	(prolongação) <i>a-prazar, a-diar, etc.</i>
—	(imitação, semelhança) <i>a-climar, a-francezar.</i>
—	(mudança) <i>a-chatar, a-delgar, a-densar, etc.</i>
—	(collocação) <i>a-bancar-se, a-campamento, a-barraear.</i>
—	(disposição) <i>a-botoar, a-linhar, a-bole-tar, etc.</i>

(1) Sobre *casadeira*, vide JOÃO RIBEIRO, *Gram. port.*

(2) Vêde as *Lições elementares de lingua portugueza.*



2. Ab — (intensidade) *ab-rogar*, *ab-negar*, *ab-horrescer*.
 — (separação) *ab-solver*, *ab-dicar*, *ab-erração*, etc.
 — (oposição) *ab-jurar*, *ob-umbrar*, etc.
3. Abs — (separação) *abs-ter*, *abs-trahir*, *abs-terger*, etc.
4. Ad — (intensidade) *ag-gravar*, *af-firmar*, *ac-correr*.
 — (mudança) *ad-densar*, *as-setinar*, *ar-ruinar*.
 — (proximidade) *ad-jacente*, *ap-proximar*, *ag-glutinar*.
 — (oposição) *ar-rostar*, *af-frontar*, *ar-remetter*, etc.
 — (destino, direcção) *ad-quirir*, *ad-optar*, *ad-mittir*.
 — (uniformidade, favor) *ad-vogar*, *ac-ceder*, *ac-clamar*, etc.
5. Ante — (precedencia) *ante-canoncano*, *ante-diluviano*.
6. Bem ou bene — (bondade) *bem-quisto*, *bene-merito*, *bene-ficio*, etc.
7. Bi ou bin — (dualidade) *bin-oculo*, *bi-oxydo*, *bi-pede*.
8. — (duas vezes) *bis-avô*, *bis-neto*, *bis-coito*, etc.
9. Circum — (em roda) *circum-stancia*, *circum-scripto*, *circum-flexo*.
10. Cis — (de cá, a quem) *cis-platino*, *cis-alpino*, *cis-atlantico*, etc.
11. Com — (intensidade, companhia) *con-sternar*, *co-operar*, etc.
12. Contra — (oposição) *contra-pôr*, *contra-dizer*, *contra-dictar*.
13. De — (para fóra) *de-mittir*, *de-capitar*, etc.
 — (de cima para baixo) *de-cahir*, *de-por*, *de-struir*.
 — (intensidade) *de-clarar*, *de-vastar*, *de-clamar*.
 — (dilação) *de-morar*, *de-curso*, *de-ter*.
 — (para fóra) *de-bandar*, *de-portar*, *de-gollar*.
 — (procedencia) *de-pcuder*, *de-duzir*, *de-rivar*, etc.
 — (oposição) *de-bellar*, *de-bater*, etc.



14. Des — (intensidade) *des-inquietar, des-perdiçar, des-communal.*
 — (negação) *des-empedir, des-falque, des-honrar, etc.*
15. Di — (intensidade, ampliação) *di-luvio, di-minuir, di-vulgar.*
 — (procedencia) *di-manar, etc.*
 — (propagação) *di-vagar, di-vergir, di-vulgar, etc.*
16. Dis ou dif — (propagação) *dif-fuso, dis-persar, dif-fieil, dif-famar, dis-cordar, etc.*
17. E — (extração) *e-leição, e-lidir, etc.*
 — (origem, ponto de partida) *e-manar, e-voear, e-migrar, etc.*
18. Em, en — (introdução) *em-bainhar, en-terrar.*
 — (transição) *en-doudecer, en-gordar, en-fas-tiar.*
 — (modo) *em-plumar, em-bandeirar, em-per-rar.*
19. Entre — (mutualidade) *entre-eortar, entre-laçar, etc.*
 — (intervallo), *entre linhar, entre-aecto, entre-eortar.*
 — (mal, difficilmente), *entre-abrir, entre-vêr, etc.*
20. Es — (augmento) *es-murrar, es-quentar.*
 — (extração) *es-tanear, es-gotar, es-eolher.*
 — (transição) *es-verdinhar, es-palmar, es-mo-reeer.*
 — (escolha, separação) *es-colher, es-bulhar, etc.*
21. Ex — (intensidade) *ex-probrar, ex-acerbar, ex-celso, etc.*
 — (extração, fóra) *ex-por, ex-hibir, ex-patriar, etc.*
 — (o que foi) *ex-director, ex-professor, ex-ehefe.*
22. — Extra — (além, fóra) *extra-ordinario, extra-vagante extra-secular.*



23. In (intensidade) *in-undar, il-lustre, in-eolumé.*
 — (negação) *in-dispensavel, im-mortal, il-lo-gico.*
 — (auxílio, favor) *im-plorar, in-voear.*
 — (transição mudança) *in-candeseer, in-flamar.*
24. Im — (oposição) *im-pugnar, im-pellir, in-eitar, etc.*
 — (introdução) *in-spirar, in-jeetar, im-portar.*
25. Inter, intro — (no meio) *inter-ceptar, inter-por, intro-duzir, etc.*
26. Mal, male — (idéa de mal) *mal-tratar, mal-evolo, mal-quistó.*
27. Ob — (augmentó) *ob-seureeer, op-primir.*
 — (oposição) *ob-jeetar, of-fereeer, op-por, etc.*
28. Per — (intensidade, duração) *per-duravel, per-spicaz, per-serutar.*
 — (frequência) *per-passar, per-eorrer.*
 — (pelo meio) *per-furar, per-meavel.*
29. Pos — (depois) *pos-por, pos-pontar, etc.*
30. Pre — (anterioridade) *pre-valeeer, pre-eeder, pre-sidir.*
31. Pro (para frente, derivação) *pro-eeder, pro-duzir, pro-jeetar.*
 — (substituição) *pro-nome, pro-mover.*
 — (intensidade) *pro-fessor, pro-fundar, pro-voear.*
 — (para diante) *pro-gredir, pro-longar, pro-pagar.*
32. Re — (intensidade) *re-alçar, re-luzir, etc.*
 — (oposição) *re-agir, re-ealestrar.*
 — (repetição) *re-dizer, re-começar.*
33. Semi (meio) *semi-deus, semi-eireulo, etc.*
34. Sob ou soe, — (abaixo, junto, immediato) *sol-letrar, soc-eorro, sota-piloto.*
 sota, soto
35. Sub — (debaixo, abaixo) *sub-jugar, suc-cumbir, sup-plantar.*
36. Retro — (para tras) *retro-eeder, retro-gradar.*
37. Sobre — (acima, posição superior) *sobre-viver, sobre-por, etc.*



38. Super — (acima, muito) *super*-lativo, *super*-fluo, etc.
 39. Trans — (além, através de) *trans*-por, *trans*-ladar, *tres*-passar.
 40. Ultra — (além) *ultra*-mar, *ultra*-montano, *ultra*-liberal.
 41. Vice — (em vez, em lugar) *vice*-rei, *vice*-consul, *vice*-versa, etc.
 42. Vis — (em vez, em lugar) *vis*-conde, *vis*-condessa, etc. (1).

Prefixos gregos.

- | | | | |
|--------------|----------------|---|--|
| 1.º a ou an | — (privação) | — | <i>apathico</i> , <i>aphasia</i> , <i>anarchia</i> . |
| 2.º ana | (elevação) | | <i>anagramma</i> , <i>anaphora</i> . |
| 3.º amphi | (dualidade) | | <i>amphibio</i> , <i>amphiscios</i> . |
| 4.º amphi | (em roda) | | <i>amphitheatro</i> , <i>amphibraco</i> . |
| 5.º anti | (oposição) | | <i>antichristo</i> , <i>antithese</i> . |
| 6.º apo | (afastamento) | | <i>apologia</i> , <i>apogeu</i> . |
| 7.º cata | (abaixamento) | | <i>catastrophe</i> , <i>cataclysmo</i> . |
| 8.º dia | (pelo meio) | | <i>diametro</i> , <i>diaphorese</i> . |
| 9.º ec ou ex | (para fóra) | | <i>exosmose</i> , <i>exodo</i> . |
| 10.º en | (internação) | | <i>energia</i> , <i>endemia</i> . |
| 11.º endo | (dentro) | | <i>endosmose</i> , <i>endocardio</i> . |
| 12.º epi | (superposição) | | <i>epilogo</i> , <i>epiglote</i> . |
| 13.º eu | (bom) | | <i>euphonia</i> , <i>euphemia</i> . |
| 14.º hyper | (sobre) | | <i>hypertrophia</i> , <i>hyperbole</i> . |
| 15.º hypo | (sob) | | <i>hypotypose</i> , <i>hypogeu</i> . |
| 16.º meta | (além) | | <i>metaphora</i> , <i>metatarso</i> . |
| 17.º peri | (em roda) | | <i>perimetro</i> , <i>peripheria</i> . |
| 18.º pro | (anteposição) | | <i>prologo</i> , <i>prothese</i> . |
| 19.º pros | (tendencia) | | <i>proshonema</i> , <i>prosodia</i> . |
| 20.º syn | (reunião) | | <i>syntaxe</i> , <i>synodo</i> . |

(1) Estas são as principais significações destes prefixos; as demais se estatuirão facilmente no vocabulo, como elementos organicos constituintes.



Formas cognatas.

As palavras que possuem a mesma raiz ou radical se dizem cognatas ou corradicaes, e se dividem em proximas e remotas.

As palavras cognatas se grupam por familias, isto é, por grupos de palavras que se prendem organicamente a uma mesma raiz (1), ex. : *port* + o, *port* + a, *importar*, *exportação*, *deportar*, *oportuno*, *comportar*, *apportar* e todas em que existe a raiz *port* constituem uma familia de palavras.

Cognatas proximas são aquellas cujo radical, não tendo a menor modificação, é perfeitamente igual para todas, ex. : *bater*, *debater*, *embater*, *rebater*, *batalhar*, etc.

Cognatas remotas são aquellas eujos radicaes, achando-se mais ou menos modificados, estão differenciados extremamente, ex. : *aptidão* e *inepto* = *inapto*, *barbado* e *imberbe* = *im* + *barba*, *amigar* e *inimigo* = *in* + *amigo*, *interceptar* e *captivo*, *prometter* e *emitir*, etc.

O estudo das eognatas remotas pertence mais á grammatiea historiea, pois reclama o estudo das causas actuautes e modificadoras da raiz fundamental em que reside o eognatismo.

O numero das remotas é superior ao das proximas e irá augmentando com o desenvolvimento da lingua.

(1) BRACHET ET DUSSOUCHET, pag. 77.



Lista de algumas raízes latinas para analyse das formas cognatas proximas ou remotas.

Ag-o, Act-um — fazer (1).

Acto	Coacto	Activo
Agir	Coagir	Reagir
Agente	Agencia	Actual

Ag-er, Ag-ri — o campo.

Agreste	Agronomo	Agro
Agrario	Peregrino	Peregrinar (2)

Alg-eo, Algi-d — frio.

Algido	Algidez	Algifico
--------	---------	----------

Al-o, Alit-um — nutrir.

Alimento	Alimenticio	Alimentar
----------	-------------	-----------

Alter — outro.

Adulterar	Alterar	Inalterar
-----------	---------	-----------

Alt-us — alto.

Altivo	Altivez	Altitude
Altura	Altisono	Exaltar

Am-o, Amat-um — amor.

Amigo	Amador	Amizade
Amor	Amante	Amoroso

Ampl-us — largo.

Amplio	Amplidão	Amplitude
--------	----------	-----------

Cad-o, Cas-um — cair.

Caso	Casual	Cadencia
Accidente	Incidente	Occidente

Camp-us — campo.

Campanha	Campina	Campestre
Acampar	Campcar	Camponio

(1) A primeira raiz é a verbal e a segunda é a nominal, pois está calcada no supino, forma nominal da conjugação latina.

(2) A raiz diferenciada está gryphada.



<i>Cap-io, Capt-um</i> — tomar.		
Antecipar	Acceitar	Interceptar
Captivo	Preceito	Município
<i>Cing-o, Cinct-um</i> — cingir.		
Cingir	Cintura	Recinto
<i>Do, Dat-um</i> — dar.		
Doação	Data	Mandato
<i>Duc-o, Duct-um</i> — guiar.		
Conducto	Producto	Aqueducto
Produzir	Deduzir	Educo
<i>Em-o, Empt-um</i> — comprar.		
Peremptorio	Peremir.	Exempto
<i>Fa-cio Fact-um</i> — fazer.		
Artefacto	Affecto	Afecção
Artificio	Officio	Profazer
<i>Fer-o, lat-um</i> — trazer, levar.		
Conferir	Inferir	Auferir
Translato	Illativo	Transladar
<i>Flu-o, Flux-um</i> — correr.		
Influxo	Refluxo	Refluir
Influencia	Affluir	Confluencia
<i>Ger-o, Gest-um</i> — gerar.		
Cornigero	Suggerir	Gestação
<i>Grad-ior, Gress-us</i> — entrar.		
Graduar	Gradação	Congresso
Progresso	Ingresso	Ingrediente
<i>Hal-o</i> — respirar.		
Inhalar	Exhalar	Exhalação
Anhelo	Anhelante	Anhelar
<i>Jac-io, Jact-um</i> — lançar.		
Projecto	Projectil	Trajecto
Adjectivo	Ejaculação	Conjectura
Jactancia	Interjeição	Dejecção
<i>Jac-eo</i> — ficar.		
Adjacente	Interjacente	Circumjacente



<i>Lac, Tact-is</i> — o leite.		
Lacteo	Lactifero	Lactescencia
<i>Mitt-o, Miss-um</i> — mandar.		
Admittir	Admissão	Emitter
<i>Metter</i>	Promessa	Remetter
<i>Min-co</i> — elevar.		
Imminente	Proeminente	Eminente
<i>Nect-o, Nex-um</i> — ligar.		
Connectivo	Annexar	Connexão
<i>Ord-o, Ordin-is</i> — ordem.		
Ordinal	Coordenar	Subordinar
Desordem	Insubordinar	Primordial
<i>Or-o, Orat-um</i> — falar.		
Oral	Orador	Oratorio
Exoravel	Inexoravel	Adorar
<i>Pand-o, Pans-um</i> — abrir.		
Expansão	Expandir	Dispendio
<i>Plic-o, Plicat-um</i> — dobrar.		
Multiplicar	Complicar	Applicar
Explicativo	Replicar	Explicar
<i>Prem-o, Press-um</i> — exprimer.		
Oppresso	Suppressor	Impresso
Imprimir	Comprimir	Compressor
<i>Quer-o, Quesit-um</i> — pedir.		
Adquirir	Inquerir	Inquisição
Acquisição	Questão	Requisito
<i>Rump-o, Rupt-um</i> — romper.		
Interrupto	Corrupto	Abrupto
Irupção	Irromper	Eruptivo
<i>Spici-o, Spect-um</i> — ver.		
Especial	Espectador	Espectaculo
Aspecto	Inspeccionar	Inspector
<i>St-o, Stat-um</i> — estar.		
Constar	Constante	Restar
Distante	Equidistante	Instancia



Constituindo as raizes latinas e as gregas os **nucleos** fundamentaes de cristalização das vocabulos, devemos mantel-as, **tanto quanto possível, graphicamente intangíveis**, visto que por ellas, como residuos organicos da tradição vocabular, descemos á filiação historica das palavras, descortinamo-lhes o parentesco e a identidade de origem commum ás linguas novilatinas, facilitando-nos ellas a aprendizagem destas e até a das linguas teutonicas — *inglez, allemão* a que transfundiram o latim e o grego volumosa cópia de vocabulos.

Formas analogas.

Chamam-se fórmias ou vocabulos analogos aquelles que têm entre si certa semelhança exterior de forma, prosodia ou significação (1).

As fórmias analogas são os **homonymos, synonymos e paronymos**.

Homonymos.

As homonymas são as fórmias de igual orthographia e prosodia, ou apenas de igual prosodia ou de igual orthographia, ex. : *venda* (faeha) e *venda* (loja), *accento* e *assento*, *fervido* e *fervido*.

Os homonymos se dizem :

A) **Perfeitos**, desde que sejam inteiramente identicos na graphica e na prosodia, ex. : *morro* (subst.) e *morro* (verb.); *livro* (subst.) e *livro* (verb.); *escolho* (subst.) e *escolho* (verb.).

(1) Seria mais scientifico chamarmos fórmias **homologas**, em vez de analogas.



B) Imperfeitos, desde que sejam diferentes na prosodia, mas iguaes na graphica ou vice-versa, ex. : *flórido* e *florido*, *rhombo* e *rombo*, *sêde* e *sède*.

Os homonymos imperfeitos são homographos ou homophonos.

Homographos.:

Homographas ou oculares são as fórmas inteiramente identicas na graphica, mas diferentes na prosodia, ex. : *cára* — *cará*, *sábua* — *sabia* — *sabiá*, *vêde* — *vède*, *sêde* — *sède*, *sê* — *sé* — *se*.

Os homographos se distinguem :

A) Por accentuação perispomena, ex. : *fôrma* e *fórma*, *sêde* e *sède*, *vêde* e *vède*, *d'este* e *dèste*, *dê* e *de*, *para* (para) e *pára*, *mas* (mês) e *más*.

B) Por accentuação tónica, ex. : *pôrem* e *po-rêm*, *cara* e *cará*, *secretária* e *secretaria* (1).

Homophonos.

Homophonos ou auriculares são as vocabulos inteiramente iguaes na prosodia, mas diferentes na graphica, ex. : *inserto* e *incerto*, *paço* e *passo*, *houve* e *ouve*, *rhombo* e *rombo* (2).

(1) Este phenomeno se effectua geralmente nos homographos cognatos, de categoria diversa, ex. : *numéro* e *número*, *público* e *publico*, *célebre* e *celébre*, *análise* e *analyse*.

(2) Constituem estes vocabulos os maiores obices á adopção da graphica phonetica, pois com esta se confundirão vocabulos de origem e significação diferentes.



Os homófonos se distinguem :

A) Por geminação consonantal, ex. :

additar	aditar
afirmar	afirmar
callo	calo
valle	vale
molleira	moleira
gemma	gema
comma	coma
penna	pena
matto	mato
attestar	atestar

B) Por letras compostas ou grupo consonantal,
ex. :

chylo	kilo
bucho	buxo
tacha	taxa
facha	faxa
rhombo	rombo
scenário	cenário
scirro	cirrho
desce	desse
facto	fato
sceptico	septico

c) Por letras de igual som, ex. :

cegar	segar
celleiro	selleiro
cerro	serro
aço	asso
paço	passo
graça	grassa
tenção	tensão
ruço	russo
nós	noz
vós	voz
coser	cozer



Homonymos perfeitos.

Homonymos perfeitos ou aurioculares são os vocabulos inteiramente iguaes na graphica e na prosodia, mais diferentes na significação ou na funcção, ex. : *canto* (angulo) e *canto* (verbo), *cara* (adj.) e *cara* (subst.), *morro* (subst.) e *morro* (verb.).

A homonymia perfeita ocorre :

A) Entre substantivos e verbos, ex. :

SUBSTANTIVOS	VERBOS
acha (lenha)	acha
venda (facha)	venda ² (1)
renda (bordado)	renda ²
canto (angulo)	canto ²
talha (pote)	talha ²
espia (corda)	espia ²
vinha (parreira)	vinha
morro (collina)	morro
bota (calçado)	bota
livro (folheto)	livro
tomo (de obra)	tomo
termos (palavras)	termos
escolho (recife)	escolho
verão (estação)	verão

B) Entre adjectivos e verbos, ex. :

ADJECTIVOS	VERBOS
vivo	vivo
largo ²	largo
primo ²	primo

(1) Este expoente indica que a fórma se substantiva geralmente, parecendo formar um terceiro homonymo, que mais não é do que uma derivação impropria, isto é, uma nova funcção do vocabulo, adaptando-se a outra categoria grammatical.



preciso	preciso
tarde ²	tarde
alegre	alçgre
firme	firme
amargo	amargo
limpo	limpo
vaga	vaga ²
basto	basto

Neste caso as fórmãs são sempre cognatas.

c) Entre um participio e o presente do indicativo ou do subjuntivo de um verbo, ex. :

PARTICIPIOS	PRESENTES VERBAES
tendo	tendo
vendo	vendo
contendo	contendo
gasto ²	gasto
manifesto ²	manifesto
assente	assente
visto	visto
falho	falho
farto	farto

d) Raras vezes apparecem tres vocabulos homonymos; e, sempre que se dá este phenomeno, dois são sempre da mesma categoria grammatical, ex. :

SUBSTANTIVOS	VERBOS
<i>Manga</i> (fructo) e <i>manga</i> (de camisa) (1)	<i>manga</i>
<i>Lima</i> (fructo) e <i>lima</i> (ferro)	<i>lima</i>

ADJECTIVOS	VERBOS
<i>São</i> (santo) e <i>são</i> (sadio)	<i>são</i>

Estas quatro especies se poderiam chamar homonymos verbo-nominaes ou extrinsecos, assim

(1) A palavra *manga* (de vela) é uma dilatação no conceito significativo de *manga* (de camisa) por analogia.



passemos á exposição da homonymia verbal, isto é, a homonymia na estrutura das tres primeiras conjugações.

Homonymia verbal.

As fórmias verbaes são os factores primordiales da homonymia, e nas tres primeiras conjugações regulares e nas irregulares fracas a homonymia sempre se manifesta (1):

A) Entre a 1.^a pessoa do plural do pres. do ind. e a mesma do perfeito, ex. :

PRESENTE	PERFEITO
amamos	amámos
vendemos	vendemos
punimos	punimos

B) Entre a 1.^a pes. do sing. e a 3.^a do imperfeito indicativo, ex. :

1. ^a SINGULAR	3. ^a SINGULAR
amava	amava
vendia	vendia
partia	partia

c) Entre a 1.^a pes. do sing. e a 3.^a do mais que perfeito, ex. :

1. ^a SINGULAR	3. ^a SINGULAR
amara	amara
vendera	vendera
punira	punira

(1) Irregulares fracas são verbos em que a raíz do **infinitivo** não se modifica na 1.^a pessoa do perfeito, segundo a doutrina dos philologos allemães que podemos assim applicar á nossa lingua, ex. : sentir=*senti*, perder=*perdi*, medir=*medi*, subir=*subi*, cobrir=*cobri*.



D) Entre a 1.^a pes. do sing. e a 3.^a do condicional, ex. :

I. ^a SINGULAR	3. ^a SINGULAR
amaria	amaria
venderia	venderia
puniria	puniria

E) Entre a 1.^a pes. do sing. e a 3.^a do pres. do subjuntivo, ex. :

I. ^a SINGULAR	3. ^a SINGULAR
ame	ame
venda	venda
puna	puna

F) Entre a 1.^a pes. do sing. e a 3.^a do imperf. do subjuntivo, ex. :

I. ^a SINGULAR	3. ^a SINGULAR
amasse	amasse
vendesse	vendesse
punisse	punisse

G) Entre a 1.^a pes. do sing. e a 3.^a do futuro subjuntivo, ex. :

I. ^a SINGULAR	3. ^a SINGULAR
amar	amar
vender	vender
punir	punir

H) Entre todo o futuro subjuntivo e o infinitivo pes., ex. :

FUTUROS SUBJUNCT.	INFINITIVOS PESSOAES
amar	amar eu
amares	amares tu
amar	amar elle
armarmos	armarmos nós



amardes	amardes	vós
amarem	amarem	elles
vender	vender	eu
venderes	venderes	tu
vender	vender	elle
vendermos.	vendermos	nós
venderdes	venderdes	vós
venderem	venderem	elles
punir	punir	eu
punires	punires	tu
punir	punir	elle
punirmos	punirmos	nós
punirdes	punirdes	vós
punirem	punirem	elles

— Nos irregulares fortes a homonymia segue as mesmas leis, excepto nos casos de *a* e de *h*.

Resumo synoptico.

HOMONYMOS.	{	perfeitos ou aurioculares
		imperfeitos { homographos ou oculares homophonos ou auriculares

Synonymos.

Synonymas são as palavras, ou expressões de significação identica ou semelhante, ex. : *alegria* — *prazer* — *jubilo* — *contentamento* — *rogosijo*; *com mansidão* = *de manso* = *mansamente*; *como* = *de modo que* = *de sorte que* = *de fôrma que* = *de maneira que* (1).

(1) A theoria dos synonymos pertence mais á semiologia do que á lexiologia, pois se exerce entre as significações de duas ou mais palavras confrontadas entre si.



Os synonymos são :

A) **Perfeitos**, desde que ha identidade de significação, de modo que sempre um possa substituir o outro, ex. : *antidoto* = *contra-veneno*, *barriga* = *ventre*, *hordéolo* = *terçol*, *macella* = *camomilla*, *sudorífico* = *diaphoretico*, *avaro* = *avarento*, *semanal* = *hebdomadario*, *cume* = *cimo*, *lexico* = *diccionario*, *diaphano* = *transparente*, *onça* = *jaguar*, *ema* = *naudù*, *sofrê* = *corrupião*, *immortal* = *immorredouro*, *varicella* = *catapora*, *mortal* = *lethal*, *de modo que* = *de sorte que* = *de forma que* = *de maneira que*.

Quanto mais de perto conhecermos a nossa lingua, tanto mais nos convenceremos de que a synonymia perfeita se impõe como facto inexpugnável.

B) **Imperfeitos**, desde que houver apenas semelhança de significação, de sorte que nem sempre um possa substituir o outro, ex. : *retratar* — *photographar* — *stereotypar* — *estampar* — *imprimir* — *gravar* — *traçar* — *retraçar* — *delinear* — *debuxar* — *esboçar* — *bosquejar* — *pintar* — *representar* — *figurar*.

Os synonymos, segundo Lafaye, sempre são logicos ou grammaticaes, mas acho melhor se digam organicos e inorganicos, por serem denominações mais compatíveis com as actuaes doutrinas em que a lingua é estudada como phenomeno natural, como organismo.

Organicos ou *corradicaes* são os synonymos constituídos por fórmulas ou palavras de igual raiz ou cognatas, ex. : *preparo* — *preparação* — *pre-*



parativo — preparatorio, perturbação — *conturbação*.

Inorganicos são os synonymos constituídos por fórmulas ou palavras de radicaes diversos, ex. : *morrer* — *fallecer* — *expirar*, *castigar* — *corrigir* — *punir* — *emendar*.

Todo synonymo é sempre da mesma categoria ou assume a categoria dos seus equivalentes significativos, isto é, um substantivo, por exemplo, só pôde ser synonymo de outro substantivo ou então de um termo substantivado, ex. : *vida* — *existencia* e o *viver*, a *belleza* — o *bello*, a *mocidade* — os *moços*.

A synonymia organica, maximé entre os substantivos, assim se exerce :

Synonymos organicos.

1.º Entre dous substantivos de suffixos diferentes :

<i>Pastagem</i>	=	<i>pasto</i>
<i>fortaleza</i>	=	<i>forte</i>
<i>montanha</i>	=	<i>monte</i>

2.º Entre substantivos de prefixos diferentes, ex. :

<i>preannuncio</i>	=	<i>annuncio</i>
<i>perturbação</i>	=	<i>conturbação</i>

3.º Entre um substantivo e um adjectivo substantivado, ex. :

<i>extremidade</i>	=	<i>extremo</i>
<i>utilidade</i>	=	<i>util</i>
<i>belleza</i>	=	<i>bello</i>



4.º Entre um substantivo cognato verbal e outro verbal, ex. :

imposição	=	imposto
enuniação	=	enunciado
esperança	=	espera

5.º Entre um substantivo colectivo e outro no plural, ex. :

vizinhança	=	vizinhos
professorado	=	professores
mocidade	=	moços

6.º Entre substantivos de generos differentes, ex. :

chinello	=	chinella
jarro	=	jarra
saco	=	saca

7.º Entre um substantivo e um infinitivo substantivado, ex. :

sentimento	=	o sentir
morte	=	o morrer
vida	=	o viver.

8.º Entre um termo antigo e outro moderno, ex. :

usança	=	uso
grandura	=	grandeza
renascença	=	renascimento

Resumo synoptico.

SYNONYMOS quanto á identidade da	}	significação	{	perfeitos
				imperfeitos
	}	raiz.	{	organicos
				inorganicos

Paronyms.

Paronyms são aquellas fórmas que, não sendo synonymas entre si, apresentam uma ligeira seme-



lhança de prosodia e de graphica e ás vezes de etymologia, ex. : *dilatar — delatar, differir — deferir, divertir — advertir, detrahir — distrahir, descripção — discricção, intruso — abstruso, texto — testo, juxta — justa, premicias — premissas*(1).

Antonymsos.

Antonymsas são as fórmas de significação diametralmente opposta, ex. : *alto — baixo, forte — fraco, preto — branco, mocidade — velhice.*

Os antonymsos dividem-se em :

A) **Organicos**, desde que sejam cognatos, isto é, tenham a mesma raiz e a opposição significativa seja produzida pelo prefixo, ex. : *justo — injusto, exportar — importar, crescer — decrescer, depor — repor, barbado — desbarbado, armado — desarmado, progresso — regresso, propellir — repellir ;*

B) **Inorganicos**, desde que sejam constituídos por fórmas inteiramente diversas isto é, de raizes *differentes*, ex. : *joven — velho, descer — subir, tio — sobrinho, pae — filho, avô — neto.*

Fórmas occorrem a que correspondem ás vezes duas antonymsas, ex. : *direita — esquerda e sinistra; egoismo — altruismo e liberalidade; trabalhar — folgar e brincar; feio — bonito e formoso; militar — paisano e civil; espiritual — temporal e secular* (1).

(1) A divisão dos paronymsos em **proximos** ou **remotos**, segundo Brachet e Dussouchet, não se póde applicar á nossa lingua. Vêde as nossas *Lições elementares de lingua portugueza.*

(2) Neste caso os antonymsos são *convergentes*.



TAXINOMIA

Taxinomia é a classificação das palavras em grupos segundo as categorias logicas a que correspondem.

As palavras se distribuem em tres grupos : nominativas, modificativas e connectivas, cujo conjunto integral constitue as categorias grammaticaes (1).

A velha divisão classica — em **nome, verbo e particulas**, e a de Mason em palavras **nacionaes e relacionaes** estão em desaccôrdo flagrante com as condições actuaes das linguas (2).

As nominativas são — o **substantivo**, o **pronome** e o **verbo**; as modificativas o **adjectivo** e o **adverbio** e as connectivas — a **preposição** e a **conjunção**.

Os **pronomes relativos** pertencem ao grupo das connectivas, pois ligam as proposições : o **participio** será modificativo, ou nominativo, conforme a sua função de verbo ou de adjectivo, e a **interjeição** não pertence á grammatica, é mais um grito, uma phrase latente e instantanea do que propriamente palavra, é a expressão de um sentimento.

As Categorias Grammaticaes.

Substantivo.

(Palavra de entidade.)

Substantivo é a palavra designativa, ora dos seres da natureza, ora das idéas abstractas.

O substantivo se divide em proprio e appellativo.

(1) LAROUSSE, *Gram. supérieure*.

(2) Vêde LARRIVE et FLEURY, *La troisième année de gram.*, pag. 13.

Proprio é aquelle que se applica para designar com individuação um ou alguns dos seres pertencentes á especie, ex. : *Brasil, Pedro* ; o primeiro designa exclusivamente um *logar* e o segundo designa alguns individuos, mas não todos da especie.

Assim a expressão *Pedro Alvares Cabral* designa primitivamente um individuo conhecido. Seja esta a noção scientifica do substantivo proprio, de accôrdo com os factos, pois nos parece mais verdadeira e dogmatica (1).

Substantivo proprio.

O substantivo proprio póde ser :

A) **Personativo**, sempre que indica um nome de pessoa concreta, ex. : *Antonio, Clara, Helena, Iracema* ;

B) **Locativo**, sempre que indica uma região, uma localidade, ou qualquer denominação geographica, ex. : *Brasil, Sergipe, o Purús, a Mantiqueira* ;

C) **Abstractivo**, sempre que indica uma entidade mentalmente personificada, ex. : *Jupiter, Urano, Proteu, a Virgem, Deus, a Liberdade, a Justica* (2-3).

(1) MASON, *English grammar*, pag. 48. — LATHAM'S *Hand-book of english langage*, pag. 400.

(2) BERGEN, *Stylistique latine*, pag. 76.

(3) Empregamos **abstractivo**, em vez de **abstracto**, para uniformidade de nomenclatura na divisão dos substantivos proprios.



Substantivo appellativo.

Substantivo appellativo ou geral é aquelle que se applica para nomear qualquer dos seres constitutivos da especie, ex. : *homem, pedra*.

O appellativo é sempre :

A) **Objectivo** ou **concreto**, desde que se applicue para indicar qualquer dos seres existentes na natureza, isto é, percebidos por nossos sentidos corporaes, ex. : *vento, odor, sombra, som, casa*;

B) **Subjectivo** ou **abstracto**, desde que se applicue para indicar qualquer idea ou propriedade, imperceptivel aos nossos sentidos corporaes, ex. : *virtude, dor, alegria, vaidade* (1);

c) **Factitivo**, desde que se applicue para indicar uma qualidade ou função social inherente a uma pessoa, ex. : *padre, professor, rei, presidente, artista, jornalista*;

D) **Collectivo**, desde que se applicue para indicar muitos individuos constituindo um todo, ex. : *tropa, exercito, humanidade, povo, chusma*.

Resumo synoptico.

SUBSTANTIVO.	}	proprio ou individual	}	persoativo
				locativo
				abstractivo
	}	appellativo ou commum	}	objectivo
subjectivo				
factitivo				
collectivo				

(1) As denominações de **objectivo** e **subjectivo** exprimem mais o facto do que as de **concreto** e **abstracto** e as irrisorias denominações de **ficticios** e **imaginarios**.



Substantivo colectivo.

Substantivo colectivo ou intensivo é aquelle que, posto esteja no singular, implica logicamente uma noção de pluralidade, ex. : *rebanho, povo, armada, folhagem.*

Os collectivos se dividem em geraes, partitivos, extensivos, numericos e especificos.

Collectivo geral ou integral é aquelle que indica a idéa de um todo, integralmente constituido, ex. : *armada, familia, assembléa, congresso.*

Collectivo partitivo é aquelle que indica apenas a idéa de uma parte ou fracção de um todo, ex. :

<i>mez</i>	parte de	anno
<i>semana</i>	—	mez
<i>batalhão</i>	—	exercito
<i>maioria</i>	—	assembléa
<i>minoría</i>	—	assembléa
<i>quarteirão</i>	—	cento
<i>ala</i>	—	batalhão
<i>anno</i>	—	seculo

Collectivo multiplicativo é aquelle que indica a idéa de um todo constituido por multiplicação de suas diversas partes e expresso pelas palavras : *dobro, triplo, quadruplo, quintuplo, sextuplo, septuplo, etc.*

Collectivo extensivo ou accidental é aquelle que é expresso por uma palavra que, segundo a accepção em que se acha, adquire accidentalmente o valor colectivo, ex. : a *humanidade* = genero humano ; a *velhice* = os velhos ; uma *roda* (de pessoas), a *força* (publica), uma *banda* (de musica), o *proximo*, o *grosso* (das tropas), um *contingente* (de soldados), a *ordem* (dos advoga-



dos), um *mar* (de cabças), o *estado* (sociedade politica), uma *onda* (de povo), *camara* (dos deputados).

Collectivo numerico ou definitivo é aquelle que indica a idéa de um todo, constituído de numero conhecido o certo de partes, ex. : *quarteirão*, *duzia*, *cento*, *milheiro*, *centena*, *parelha*, *groza*, *vintena*, *semana*, *lustro*, *seculo*.

Collectivo especifico ou especial é aquelle cuja significação se restringe e se applica mais propriamente a uma cousa do que a outra, ex. : *cardume* (de peixes), *matilha* (de cães), *congregação* (de professores).

O colectivo especifico pôde ser :

A) **Organico**, desde que a significação seja expressa pela raiz do vocabulo e a força collectiva pelo **suffixo**, ex. : *folhagem*, *criadagem*, *rapaziada*, *professorado*, *mestrança*, *organismo*, *corporação*, *confraria*, *ministerio*, *gritaria*.

B) **Inorganico**, desde que a significação collectiva não seja expressa pela estrutura do vocabulo, mas pelo uso mais geral, ex. (1) :

<i>Alcatéa</i> — de lobos	
<i>armento</i> — de gado	<i>corja</i> — { de ladrões
	{ de tratantes
<i>bando</i> — { de ciganos	<i>enxame</i> — de abelhas
{ de aves	<i>conciliabulo</i> — de feiticeiros.
{ de salteadores	<i>Resma</i> — de papel
<i>banda</i> — de musica	<i>fato</i> — de cabras
<i>concilio</i> — de bispos	<i>joldra</i> — de assassinos
<i>cabido</i> — de conegos	<i>malta</i> — de capoeiras
<i>congregação</i> — de professores	<i>manada</i> — de bois
<i>cafila</i> — de camellos	<i>matilha</i> — de cães
<i>chusma</i> — de criados	

(1) Os demais collectivos se podem considerar inorganicos, comquanto não sejam especificos, porquanto a significação não decorre dos elementos materiaes do vocabulo.



<i>nuvem</i> — de insectos	<i>récua</i> — de cavalgadas
<i>ponta</i> — de mulas	<i>roda</i> — de pessoas
<i>pareo</i> — de corridas	<i>sucia</i> — de velhaeos
<i>rancho</i> — de soldados	<i>synoa</i> — de parochos
<i>restea</i> — de cebollas ou alhos	<i>vara</i> — de poreos
<i>quadrilha</i> — de gatunos	

Expressão substantiva.

Expressão substantiva é um grupo de palavras, logicamente equivalente a um substantivo.

A expressão substantiva se diz:

A) **Propria**, desde que personativa ou locativa-mente seja equivalente a um substantivo próprio, ex. : *Manuel Deodoro da Fonseca, Rio Grande do Sul*.

B) **Appellativa**, desde que equivalha logicamente a um nome appellativo, ex. : *lingua-de-vacca, olho de boi, pé de vento, chapéu de sol, bem-te-vi, mal-me-quer*.

Não confundamos a expressão substantiva com as formas aglutinadas e juxtapostas cuja constituição já deixamos explanada na morfologia.

Expressão personativa.

Nas expressões personativas a lingua portugueza se desviou da latina e assim as noções de **patronymico, cognome, agnome** de que se constituia o nome próprio, uão têm mais valor nas linguas modernas, maximé na nossa.

Os nomes próprios personativos actualmente são constituídos de duas partes : — o **nome individual** e o **sobrenome**, formado este quasi sempre por duas ou mais formas isoladas ou ligadas, já pela preposição *de*, já pela eonjunção *e*, ex. : Pedro José *dos* Santos, Joaquim Costa *e* Silva (1).

(1) Chamamos **expressão personativa** ao nome individual completo que caracteriza o indivíduo, ex. : José Bonifacio de Andrada e Silva, Alexandre Herculano, etc.



Actualmente o patronymico já não indica filiação, pois, si assim fosse, todo Alvares seria filho de um Alvaro; Rodrigues, de Rodrigo; Marques, de Marco; Peres, de Pedro; Vasques, de Vasco; Fernandes, de Fernando, semelhantemente ao latim.

Assim, pois, as fórmulas *Sancho e Sanches; Soares e Soeiro; Henrique e Henriques; Pedro, Pero e Peres ou Pires; Mendes, Mendo e Mem*, são fórmulas personativas divergentes; perdeu-se a noção de filiação, apenas uma constitue o nome e outra indica parte do sobrenome.

Os **pre nomes** passaram a ser nomes individuais ou de baptismo; o **cognome** hoje mais não é do que qualquer palavra ou expressão, posposta ao nome proprio, lembrando uma qualidade ou um feito do individuo, ex.: Joaquim da Silva Xavier o *Tiradentes*, Isabel a *Redemptora*, Napoleão o *Grande*, D. Pedro o *Lidador*, D. José o *Colonizador*.

Substantivação.

Diz-se substantivação a passagem de qualquer palavra ou expressão para a categoria dos substantivos.

Á categoria dos substantivos appellativos podem passar :

A) A maior parte dos adjectivos descriptivos, tanto no singular como no plural, ex. : o *justo*, os *justos*, o *bello*, a *fera*, a *meia*, um *periodico*.

B) Muitos substantivos proprios cuja significação se generaliza, ex. : *mentor*, *dunkerque*, *calepino*, *curaçau*.

C) A maior parte das palavras pertencentes ás demais categorias, ex. : um *ai*, o *nada*, o *ser*, o *dever*, o *sim*, o *porque*.

D) Muitas expressões cujo conceito se individualiza, ex. : o *não posso*, o *malmequer*, o *bemtevi*, etc.

Á categoria dos substantivos proprios podem passar :

A) Muitos substantivos appellativos cujo conceito se individualiza, designando nomes personativos ou locativos, ex. : *Rosa*, *Flora*, *Victoria*, *Fortaleza*, *Laranjeiras*, *Porto*, *Madeira*.

B) Muitos adjectivos cujo conceito significativo se individualiza, ex. : *Leal*, *Candido*, *Verissimo*, *Fausto*, *Clara*, *Branca*.

Adjectivo.

(Palavra de modificação.)

Adjectivo é a palavra que modifica a **compreensão** ou a **extensão** do substantivo (1).

Os adjectivos dividem-se em **descriptivos** e **designativos**: *estes* para a extensão do substantivo e *aquelles* para a compreensão.

Os termos **descriptivos** e **designativos** estão mais de accôrdo com a grammatica moderna do que os termos **qualificativos** e **determinativos**; apenas têm estes por si o longo uso; mas as nomenclaturas se devem ir modificando, á proporção que se aprofunda o estudo dos factos.

Adjectivo descriptivo.

Adjectivo descriptivo ou qualificativo, é aquelle que modifica a compreensão do substantivo mediante uma idéa de qualidade ou propriedade, ex.: homem *alto, magro, pallido, nervoso, intelligente, sagaz, sabio*.

O adjectivo descriptivo pôde ser:

A) **Extrinseco**, desde que modifique o conceito do substantivo, mas mediante propriedade exterior á sua significação geral, ex.: homem *douto*, mulher *bella*, animal *mauso*;

B) **Intrinseco**, desde que modifique o conceito do substantivo, mas mediante uma idéa de pro-

(1) Vêde na Semiologia o que entendemos por **extensão** e **compreensão** de um termo.



priedade interior e propria á sua significação geral, ex. : homem *mortal*, sol *brilhante*, neve *branca*, marmore *duro* (1).

Esta nossa divisão satisfaz mais, pois ambos descrevem o seu substantivo, e assim as qualidades — *mortal*, *brilhante*, *branca* e *duro* são qualidades intrinsecas ou extrinsecas aos substantivos, conforme a significação d'estes.

Os adjectivos intrinsecos se pospõem ou se antepõem, quasi indifferentemente, ao substantivo, pois não adquirem nova significação, conforme estejam antes ou depois, ex. : astros *brilhantes* e *brilhantes* astros, marmore *duro* e *duro* marmore.

Os extrinsecos geralmente se pospõem e, desde que se antepõem, adquirem quasi sempre nova significação, ex. : homem *pobre* e *pobre* homem, cousa *simple*s e *simple*s cousa, *santa* casa e casa *santa*; salvo por emphase, ex. : *publicos* negocios por negocios *publicos*.

Ser extrinseco ou intrinseco depende da significação do substantivo, mas não da do adjectivo. ex. : casa *branca* extrinseco), neve *branca* (intrinseco) (2).

Adjectivos especificos.

Adjectivos descriptivos ha que se podem chamar especificos, porque se restringem a exprimir sempre uma idéa de pessoa ou de logar.

Estes adjectivos são :

A) Personativos, desde que sejam calcados no radical de um substantivo personativo, ex. : código *napoleonico* (de Napoleão), leis *manuelinas*

(1) Esta nossa divisão, em vez da antiga em **explicativo** e **restrictivo**, está mais de accôrdo com os factos, pois, o *pretendido* adjectivo restrictivo explana, desenvolve e *explica* mais do que o proprio **explicativo**.

(2) Aos intrinsecos tambem podemos chamar **latentes**.



(de D. Manuel), ordenações *philippinas* (de D. Philippe), ordenações *affonsinas* (de D. Affonso), mez *mariano* (de Maria).

Estes têm certa força pronominal (1); Sotero os cousiderou erradamente adjectivos possessivos; e outros ha de significação historica, ex.: *socratico, dantesco, homerico*.

B) **Locativos**, desde que sejam caeados no radical de um nome de logar, ex.: *americano, brasileiro, sergipano, lisbonense, parãense*.

Estes têm sido chamados **gentilicos, patrios** ou **nacionaes**, mas estas denominações estão em desaccôrdo com os factos; assim preferamos o termo **locativo**, pois é mais generico e mais apropriado do que qualquer dos outros.

Adjectivos designativos.

Adjectivos designativos ou determinativos são aquelles que limitam a extensão do substantivo definitiva ou indefinitamente.

Os designativos se dividem em articulares, demonstrativos, possessivos, indefinitos e numeraes.

Adjectivos articulares.

Adjectivo articular ou artigo definito é o designativo monosyllabico que individualiza a significação do substantivo de modo positivo e certo.

(1) Vide CARNEIRO, *Gram. port.*, pag. 173. — SOTERO, *Gram. port.*, pag. 37.



O artigo é apenas *o*, e suas flexões *a*, *os*, *as*.

As fórmulas *um*, *uma*, *uns*, *umas*, devem passar para a classe dos adjectivos indefinitos; são apenas artigos por serem sempre **proclíticas** e **monosyllabicas**.

Adjectivos demonstrativos.

Adjectivos demonstrativos são aquelles que modificam a extensão do nome mediante uma idéa de logar no espaço ou na proposição.

Morphologicamente os demonstrativos são **simples** ou **compostos**.

Os simples são :

1) *Este*, para a primeira pessoa, porque mostra um individuo perto da pessoa que fala;

2) *Esse*, para a segunda, porque mostra um individuo perto da pessoa com que falamos;

3) *Aquelle*, para a terceira pessoa, porque mostra um individuo longe da pessoa que fala.

Os compostos são :

1) *Est'outro*, para a primeira pessoa, porque mostra um individuo, separando-o d'entre outros perto da pessoa que fala;

2) *Ess'outro*, para a segunda pessoa, porque mostra um individuo, separando-o d'entre outros perto da pessoa com quem falamos;

3) *Aquell'outro*, para a terceira pessoa, porque mostra um individuo, separando-o d'entre outros perto da pessoa que fala.



Adjectivos possessivos.

Adjectivos possessivos são aquelles que modificam a extensão do substantivo mediante uma relação definida de posse.

Estes adjectivos são cinco : tres para o singular, dous para o plural.

Singular.

A) *Meu*, para a primeira pessoa, porque mostra um objecto pertencente á pessoa que fala ;

B) *Teu*, para a segunda pessoa, porque mostra um objecto pertencente á pessoa a quem falamos.

C) *Seu*, para a tereceira pessoa, porque mostra um objecto pertencente á pessoa de quem falamos.

Plural.

A) *Nosso*, para a primeira pessoa, porque mostra um objecto pertencente ás pessoas que falam ;

B) *Vosso*, para a segunda pessoa, porque mostra um objecto pertencente ás pessoas com quem falamos.

C) *Seus*, para a tereceira pessoa, porque mostra um objecto pertencente ás pessoas de quem falamos.

— Os adjectivos possessivos são cognatos dos pronomes pessoais, e assim meu de *me*, teu de *te*, seu de *se*, nosso de *nós*, vosso de *vós*.



Adjectivos indefinitos.

Adjectivos indefinitos são aquelles que modificam a extensão do nome appellativo, porém de um modo mais ou menos vago ou geral, inapreciável.

Os principaes são : — algum, alheio, cada, mais, menos, mesmo, muito, nenhum, outro, pouco, quanto, qual, tal, todo, qualquer, ultimo, anterior, posterior.

A's vezes tambem as palavras — *que, certo, varios, diversos, differentes, numerosos*, precedendo geralmente ao substantivo, são adjectivos indefinitos.

Os adjectivos indefinitos podem ser :

A) **Universaes**, si estenderem a significação do substantivo a todos os individuos de uma classe, e são: *todos, nenhum, cada, qualquèr, e algum* (posto).

B) **Distributivos**, si estenderem a significação do substantivo a um ou a alguns dos individuos de uma classe, ex. : *algum, pouco, outro, quanto, tal*, etc.

Adjectivos numeraes.

Adjectivos numeraes são aquelles que limitam a extensão do substantivo mediante uma idéa de quantidade positiva e determinada.

Os numeraes são **cardinaes, ordinaes, duaes e multiplicativos**.

Adjectivo numeral cardinal é aquelle que limita a extensão do substantivo, sem referencia á ordem de successão, *um, dous, três, quatro*, etc.



Adjectivo numeral ordinal é aquelle que limita a extensão do substantivo, com refereneia á ordem de successão, ex. : *primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto*.

Estes adjectivos de *quarto* em diante servem para exprimir as fracções, ex. : $3/4$ (tres *quartos*), etc.

Adjectivo numeral dual é aquelle que limita a extensão do substantivo a dous individuos considerados simultaneamente.

Estes adjectivos são : *ambos* e as expressões *um e outro, os dous* = ambos.

Adjectivo numeral multiplicativo é aquelle que limita a extensão do substantivo mediante uma relação de multiplicação proporeional, ex. : *duplo, triplo, quadruplo*, etc., ou *duplicado, triplicado, quadruplicado* (1).

Estes adjectivos se substantivam e se tornam collectivos, ex. : o *triplo*, o *quintuplo*.

Resumo synoptico.

ADJECTIVO . . .	}	descriptivo ou qualificativo	{	intrinseco extrinseco
		designativo ou determinativo	}	articular
				demonstrativo possessivo
numeral	}	cardinal		
		ordinal		
		dual		
indefinito	}	multiplicativo		
		especifico		
personativo locativo	}	personativo		
		locativo		

(1) Vide CONSTANCIO, *Gram. port.*, pag. 55. — ZUMPT'S *Latin grammar*, pag. 103.

Diferença entre os adjectivos.

O adjectivo **descriptivo** se distingue do **designativo** pelos processos seguintes :

A) Ha grande numero de adjectivos descriptivos, ao passo que o numero dos designativos é limitado e conhecido;

B) A maior parte dos adjectivos descriptivos se antepõem ou se pospõem ao substantivo, ao passo que os designativos quasi sempre se antepõem, ex. : *branca* neve, neve *branca*, *este* livro; *quatro* mesas, *meu* chapéo.

C) A maior parte dos adjectivos descriptivos na fórma feminina recebem o suffixo *mente* e formam um adverbio, ao passo que os designativos não podem formar adverbios, ex. : grande — *mente*, perfeita — *mente*, salvo alguns ordinaes, ex. : primeira — *mente*.

D) A maior parte dos adjectivos descriptivos têm gráo, ao passo que os adjectivos designativos não o têm, ex. : bello, mais bello, bellissimo, etc.

Algumas vezes se encontram as expressões *multissimo* e *mesmissimo*, porém não têm autoridade classica, assim como *cousissima*.

E) Todo adjectivo descriptivo, estando sem substantivo, passa a ser substantivo, ao passo que o designativo passa ao estado de pronome, ex. : o justo, *este é meu* *aquelle é outro*.

Assim é que os descriptivos são adjectivos **nominaes** e os designativos são **pronominaes**.

Pronome.

(Palavra de substituição.)

Pronome é qualquer palavra substituta do nome ou de qualquer expressão nominativa, ex. : *Eu*, *ninguem*, *quem quer que*, *cada um*.

Dividem-se em pronomes **substantivos** e pronomes **adjectivos**; estes são **accidentaes**; aquelles, **essenciaes**.

Os pronomes **substantivos** substituem sempre os nomes, pois não exercem outra função, ex. : eu, elle, tu, nós, vós, elles, *ninguem*.

Os pronomes adjectivos não substituem propriamente o nome, mas apenas lhe evitam a repetição, ex. : este homem e *aquelle*, teu livre e o *meu*.

Os pronomes adjectivos constituem uma função dos adjectivos designativos, e até os próprios numeræes têm igualmente força pronominal, ex. : eu tenho *um* livro e *tu dous* (1).

Os pronomes se subdividem em pessoas, demonstrativos, articulares, conjuntivos, indefinitos.

Pronomes pessoases.

Pronomes pessoases são aquelles que substituem e representam as pessoas grammaticæes.

O pronome pôde substituir :

A) A primeira pessoa, isto é, aquella que fala, e tem por substitutos os pronomes : — *eu* e *nós*;

B) A segunda pessoa, isto é, aquella que ouve, e tem por substitutos os pronomes : — *tu* e *vós*;

C) A terceira, isto é, aquella que serve de assumpto ao que se diz, e tem por substitutos os pronomes : — *elle* e *elles*.

A cada um destes pronomes correspondem duas ou mais fórmas pronominaes synelíticas ou preposicionadas de accôrdo com as suas relações syntacticas na proposição. Assim ao pronome

<i>eu</i>	correspondem	<i>me, mim, migo</i>
<i>tu</i>	—	<i>te, ti, tigo</i>
<i>elle</i>	—	<i>o, a, lhe, se, si, sigo</i>
<i>nós</i>	—	<i>nos, nosco</i>
<i>vós</i>	—	<i>vos, vosco</i>
<i>elles</i>	—	<i>os, as, lhes, se, si, sigo.</i>

(1) GRIVET, *Gram. Anal. da L. Port.*, pag. 96.

— Os pronomes *elle, ella* e suas variações são mais pronomes demonstrativos do que propriamente pessoas ; prova-o a historia da lingua. As fórmãs *migo, tigo, sigo, nosco* e *vosco*, provindas de *mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum*, se usam actualmente agglutinadas á preposição *com*, mas não existe mais pleonasmão, por se haver perdido a noção da preposição *cum*, cujos vestígios são as morphoses *go* e *co* (1).

Pronomes demonstrativos.

Pronome demonstrativo é aquelle que substitue o nome, indicando uma relação de posição no espaço ou na proposição.

Estes nomes são :

Isto, para a primeira pessoa, pois exprime uma cousa perto da pessoa que fala.

Isso, para a segunda pessoa, pois exprime uma cousa perto de quem ouve.

Aquillo, para a tereceira pessoa, pois exprime uma cousa longe da primeira pessoa.

A fórmula *o* é igualmente demonstrativo, desde que signifique *aquillo*, ex. : *o* que é util é caro.

Pronome articular.

Pronome articular é o proprio artigo definito, sempre que substituir na proposição um substantivo anteriormente expresso, ex. : este livro, melhor que *o* (livro) que compraste não é *o* (livro) de tua irmã.

(1) As expressões *você, V. S.^a, V. E.^{ta}* e outras congeneres são igualmente pronomes pessoas, pois exprimem o tratamento da pessoa a quem falamos e são por isso pronomes de **referencia**, applicando-se ao portuguez o que fez Monier Williams para o sanskritão na sua *Practical Sankrit's Grammar*.



Os pronomes articulares são *o* e as suas flexões *a*, *os*, *as*, geralmente antes de *que* ou *de*.

Si todo designativo adquire a função de pronome, por ellipse do nome, por que não o artigo definitivo?

Pronomes relativos.

Pronome relativo é aquelle que, conjuntando duas proposições, sempre se refere a um nome anteriormente expresso.

Estes pronomes, são *que*, *o qual*, *quem*, *cujo*, *onde* e às vezes a palavra *quanto*.

As palavras *quem* e *cujo* são actualmente os unicos pronomes relativos substantivos ou essenciaes, pois sempre se empregam pronominalmente.

Os pronomes relativos se dizem tambem **conjuntivos**, porque servem de connectivos ás proposições, de sorte que o termo conjuntivo nos parece mais apropriado, mais caracteristico (1).

Pronomes indefinitos.

Pronome indefinito é aquelle que substitue o substantivo, porém de modo vago e indeterminado.

Estes pronomes são: *tudo*, *nada*, *ninguem*, *al*, *algo*, *alguem*, *outrem*, *etcetera* (etc.), *fulano*, *beltrano*, *sicrano* e as expressões *cada um*, *cada qual*, *quem quer que seja*, *quem quer que fosse*,

(1) BENSABAT, *Gram. ingleza*, pag. 42, nota 3.



o que quer que é, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse, fosse qual fosse (1) e a palavra *quem* sem antecedente e *que* nas interrogações e admirações, ex. : *que queres? que vejo!*

Verbo.

(Palavra de afirmação.)

Verbo é uma palavra de tempo que serve para afirmar e exprimir simultaneamente um facto.

Nos verbos devemos attender ás seguintes condições :

A) A' **predicação**, isto é, á integridade de sua significação ou acção;

B) A' **personalidade**, isto é, á integridade das suas fórmãs;

c) A' **conjugação**, isto é, á systematização de suas fórmãs regulares ou irregulares.

A predicação completa.

Verbo de predicação completa é aquelle cuja significação não exige nenhum objecto ou adjunto predicativo, ex. : *nascer, durar, morrer, occorrer.*

A predicação incompleta.

Verbo de predicação incompleta é aquelle cuja significação exige objecto ou adjunto predicativo.

(1) Vide EPIPHANIO DIAS, *Gram. port.*



Esse verbo pôde ser :

A) **Objectivo directo**, desde que a significação se transmita a um objecto **imediatamente**, isto é, sem preposição, ex. : *estimar, morrer, impellir, depor*.

B) **Objectivo indirecto**, desde que a significação se transmita a um objecto **mediatamente**, isto é, com preposição, ex. : *precisar (de), depender (de), privar (de), obedecer (a), tender (a), corresponder (a), acreditar (em), combinar (com)*.

Essas preposições são geralmente *a, de, em, com*.

C) **Adjuntivo**, desde que a significação, em vez de objecto, exija apenas um adjunto predicativo : taes são — *ser, estar, andar, ir, vir, ficar, permanecer, continuar* (1-2).

A predicação dupla.

Verbo de predicação dupla é aquelle cuja significação exige um objecto directo e outro indirecto; ou então um objecto directo e ao mesmo tempo um adjunto predicativo.

Esse verbo pôde ser :

A) **Biobjectivo** ou **bitransitivo**, desde que a sua significação exija ao mesmo tempo **dous** objectos : um directo, outro indirecto, ex. : *dar, attribuir, contar, unir, comprar, tirar*.

(1) Na syntaxe é que se pôde estatuir a classe a que se filia o verbo, segundo as condições em que está empregado. Vide MURRAY, *English grammar*, pag. 71.

(2) Mais pratico fôra a esses verbos desde já chamar **predicativos** em razão da natureza do adjunto que exigem, comquanto o Sr. Julio Ribeiro, tendo applicado *mal* á lingua portugueza o quanto lera na ingleza, houvesse chamado **predicativos** a todos os verbos excepto áquelles que tinham direito á denominação.



Destes ha alguns cujo objecto indirecto tem sempre a preposição *a*, ex. : *dar*, *contar*; outros *a* ou *de*, ex. : *tirar a* ou *de*, *arrancar a* ou *de* e outros geralmente *a* ou *com*, ex. : *unir*, *ligar*, *comparar*, *casar*, *alliar*, etc.

A) **Transobjectivo** ou **objectivo predicativo**, desde que, além do objecto directo, o verbo exija mais um adjunto predicativo que, modificando o objecto, lhe integralize ao mesmo tempo a significação, ex. : *fazer* *alguem feliz*, *julgar* *alguem bom*.

Eis os principaes : achar, appellidar, erêr, chamar, coroar, constituir, considerar, cognominar, declarar, descrever, eleger, escolher, fazer, instituir, jurar, julgar, nomear, pintar, proclamar, reputar, suppôr, sagrar, representar, tornar, ungir (1).

A antiga classificação.

A doutrina de verbo **substantivo** e **adjectivo** cahiu por estar provado que :

A) *Ser* tem fórmãs de tres verbos latinos : *sedere*, *esse* e *fui* (2).

B) No estado actual da lingua os verbos adjunctivos tambem seriam **substantivos**, pois exercem igual funcção ;

C) *Ser* apparece na accepção primitiva de *existir* e na de *acontecer*, ex. : « *Aqui foi* a cidade que *Meliapor* se chama ». E assim *foi* que a um mesmo tempo foram ambos, elle morto e o senhor recolhido (3) « *Assim foi* e assim *havia de ser...* (4) ».

(1) EPIPHANIO DIAS, *Gram. port.* ; JULIO RIBEIRO, *Gram. port.* ; GIOVANNI GIORDANO, *Sintassi latina comp. con la greca*, pag. 16-21 ; ZUMPT'S *Latin grammar* pag. 284.

(2) Vide MACIEL, *Philologia port.* ; FRED. DIEZ, *Gram. des langues romanes*.

(3) FR. HEITOR PINTO, *Dialogo da Verdadeira Amizade*.

(4) PE. ANTONIO VIEIRA, *Apud Anthologia Nacional*.



D) A maior parte dos pretensos verbos **adjectivos** nem sempre são equivalentes a *ser*, seguido de um adjectivo terminado por *nte* e, se assim fosse, haveria as seguintes monstruosidades; *ter*=*ser tenente*, *vir*=*ser vinte*, *agir*=*ser agente*, *morrer*=*ser morrente* e outras.

E) *Ser* é o unico verbo que, pela sua quasi imprestabilidade syntactica e significativa, está geralmente sujeito a ellipse, posto que não tenha já sido expresso. « Não ha mais novidade que (*não seja*) arder o palacio do Lavra... »

F) *Ser* tem apenas ás vezes uma função grammatical, puramente formal, pois é quasi destituido de significação, limita-se apenas a ligar o adjunto predicativo ao sujeito, não existe em muitas linguas (1).

Personalidade do verbo.

Verbos ha que se não podem conjugar integralmente, já por effeito da euphonia, já por effeito de sua predicação que se não pôde applicar a qualquer sujeito. Assim se dividem em :

A) **Indefectivos**, desde que tenham *todas* as fórmulas constitutivas da conjugação integral, ex. : *amar*, *pôr*, *fazer*, *comer*, *mover* :

B) **Defectivos**, desde que não tenham todas as fórmulas constitutivas da conjugação integral, ex. : *poder* e *querer*, pois não têm imperativo, ex. : *brandir* e *abolir* — que não têm as fórmulas da flexão *a* ou *o* (2).

Os defectivos se dividem em :

Δ) **Impessoaes**, desde que na sua accepção propria se usem apenas nas tereiras pessoas do singular e não possam ter sujeito determinado,

(1) WHITNEY, *La vie du langage*, pag. 76.

(2) A **significação** e a **euphonia** são os dous factores primordiales da defectividade do verbo. Na phrase biblica — « *ave*, Maria, cheia de graça », occorre a unica forma do verbo latino *avere*, no imperativo intensivo, existente nas linguas romanicas e immobilizada pela lithurgia da Igreja.



pois exprimem factos que não se podem attribuir a ninguem, ex. : *chove, troveja, relampeja* (1).

Estes exprimem os factos physicos da natureza (2).

b) **Unipessoaes**, desde que na sua accepção propria se usem tanto na terceira do singular como na do plural e possam ter sujeito determinado, ex. : *sussurra e susurram, desabrocha e desabrocham, bruxoleava e bruxoleavam, zurra e zurram* (3).

c) **Pessoaes**, desde que os verbos tenham as tres pessoas, mas percam ás vezes uma ou algumas de suas fórmulas, ex. : *brandir, rehavér, precaver*.

Todos os indefectivos são pessoaes; ha verbos que se impessoalizam e outros que se personalizam, isto é, perdem o sujeito ou o adquirem determinadamente, ex. : *faz calor, chovem balas*.

Pronominalidade do verbo.

Verbo pronominado é aquelle a que se acham annexados dous pronomes pessoaes da mesma pessoa, ex. : *elle se ama, elle se fez, elle se desdisse, eu me louvo*, etc.

Ha cinco classes de verbos pronomidados :

Δ) **Pronominado reflexivo**, si tiver dous pronomes da mesma pessoa: um sujeito e outro objecto, ex. : *elle se exaltou, eu me julgo*, etc.

(1) ROUZÉ, *Petite grammaire de la langue latine*, pag. 166.

(2) AYER, *Gram. française*, pag. 217.

(3) Insistimos em distinguir o verbo **impessoal** do **unipessoal**, conforme as nossas asserções concernentes aos dous casos.



Si o pronome sujeito fôr da terceira pessoa, poderá estar constituido por um substantivo, ex.: o *criado se* exaltou, *João se* conforma com a sorte.

As vezes póde a predicação ser **dupla**, isto é, a fôrma pronominal, objectiva directa, póde coincidir com o objecto indirecto mediante as preposições *a*, *de* e ás vezes *com*, ex.: elle *se applica á lavoura*, tu *te occupas de physica*, arrependo-me dos peccados.

A fôrma pronominal póde servir de objecto indirecto, e a palavra seguinte de objecto directo, ex.: elle *se reserva o direito*, « alguns se attribuem as grandes invenções » (1);

B) **Pronominado passivo**, si vier nas terceiras pessoas modificado do pronome *se*, exprimindo acção soffrida pelo sujeito, ex.: o barco virou-*se*, a casa queimou-*se*, os livros *se* vendem;

C) **Pronominado indefinito**, si fôr formado de um verbo qualquer regido da particula *se*, exprimindo o sujeito indeterminado, ex.: bebe-*se*, briga-*se*, combate-*se*, etc. (2);

D) **Pronominado reciproco**, si vier regido da fôrma pronominal, exprimindo reciprocidade de acção, ex.: elles *se* estimam, elle *se* corresponde com ella por meio de cartas;

E) **Pronominado emphatico ou expletivo**, si fôr um verbo de predicação completa regido da fôrma pronominal, não exprimindo funcção apreciavel, ex.: foi-*se* o homem, acordei-*me* tarde, ficou-*se* lá, etc.

O verbo pronominado diz-se mais propriamente **pronominal**, sempre que nunca puder, seja qual fôr a sua acção, abandonar a fôrma pronominal objectiva, ex.: arrepende-*se*, apoderar-*se*, abster-*se*, etc.

(1) Vide CHASSANG, *Gram. grecque*, pag. 81.

(2) Vide a syntaxe do pronome *se*.



A conjugação do verbo.

Os verbos quanto á conjugação se dividem em regulares e irregulares.

Regulares são aquelles cujo radical do infinitivo se adapta perfeitamente a todas as flexões da sua conjugação.

Ha quatro fórmas de conjugação : tres geraes e uma especifica.

As geraes são as dos verbos em *ar*, *er* e *ir*, e a especifica é apenas a do verbo em *ôr*, pois a esta pertence exclusivamente o verbo *pôr*, cuja conjugação é uma modalidade historica da segunda.

Irregulares são aquelles em que ha modificação, já no radical ou na flexão, já em ambos, ex. : *ped* + *ir* — *peç* + *o*, *freg* + *ir* — *frij* + *o*.

Verbos irregulares.

Os verbos irregulares se dividem em :

A) **Fortes**, isto é, aquelles cujo radical do infinitivo se modifica no preterito perfeito, ex. : *faz* + *er* — *fiz*, *diz* + *er* — *diss* + *e*, *cab* + *er* — *coub* + *e*;

B) **Fracos**, isto é, aquelles cujo radical do infinitivo não se modifica no perfeito, ex. : *perd* + *er* — *perd* + *i*, *sent* + *ir* — *sent* + *i*, *freg* + *ir* — *freg* + *i*.

A differença entre os fortes e os fracos é que estes não differem no infinitivo pessoal e no futuro do subjuntivo e aquelles differem, ex. : *ca-ber* eu — eu *couber*, *perder* eu — eu *perder*;

C) **Graphicos**, isto é, aquelles que, apesar de regulares, possuem algumas modificações, mas

apenas na graphica do radical, ex. : marc + ar — marqu + ci, proteg + er — protej + a;

Anomalos ou especificos, isto é, aquelles cujas irregularidades não se podem submeter a classificação alguma ; têm conjugação especial (1), pois não têm normas.

Estes verbos são *ter, haver, ser, estar, ir, vir* e o verbo *pôr*, constituindo a quarta fôrma de conjugação (2).

As irregularidades se operam :

A) **Thematically**, sempre que as modificações se effectuam exclusivamente no radical, ex. : ped + ir — peç + o — peç + a, cobr + ir — cubr + a, compet + ir — compit + o ;

B) **Flexionalmente**, sempre que as modificações se effectuam apenas na flexão conjugativa, ex. : er + er — cio, prantear, pranteio, remedi + ar — remedeio, odiar, odeio.

São desta classe a maior parte dos terminados em *iar* e *ear*, cujas flexões coincidem no presente indicativo e no subjuntivo.

C) **Duplamente**, sempre que se operam modificações, já no radical infinitivo, já na flexão conjugativa, ex. : cab + er — coub + e, traz + er — trag + o — traz.

A irregularidade dupla é mais do verbo forte, pois o verbo fraco ou se modifica no radical ou apenas na raiz.

(1) BRACHET, *Gram. historique*, pag. 215.

(2) Comquanto historicamente pertencesse á segunda, sob a fôrma infinitiva de *poer*, actualmente, devido ao phenomeno da contracção, constitue **uma quarta** modalidade de conjugação sob a fôrma contracta — *pôr*.



Expressões verbaes.

Expressão verbal é um grupo de fórmulas verbaes logicamente equivalente a um verbo.

Na expressão verbal ha o auxiliar e o verbo fundamental que é sempre uma fórmula nominal. Assim os auxiliares são infinitivos ou participiaes, conforme reajam sobre um infinitivo ou um participio.

Auxiliares infinitivos.

Os auxiliares infinitivos podem ligar-se :

A) **Immediatamente**, taes são: *dever, querer, poder, ir*, ex. : *devemos partir, queremos falar, podemos comprar, vamos pedir*;

B) **Mediatamente**, isto é, por preposição, geralmente *a* ou *de*, e são esses os principaes: *ter de, haver de, deixar de, cessar de, acertar de, estar a, ou para, tornar a*.

Nessas expressões sempre entra o infinitivo impessoal, e esses auxiliares se poderiam chamar **modificativos** (1), como no inglez (2).

Auxiliares participiaes.

Estes auxiliares se applicam :

A) Aos participios passados, e são *ter* e *ha-*

(1) MAURON and GASPLEY, *Nouvelle gramm. angl.*, pag. 23.

(2) Chamam-se **modificativos**, porque, além de darem á expressão a **noção de tempo**, modificam mais ou menos o verbo principal, tanto que muitas vezes o podemos substituir por um **adverbio**, ex. : tornou a falar — falou *de novo* ou *outra vez*; está para chegar = chegará *brevemente*; cessou ou deixou de escrever = já não escreve ou não escreve *mais*; devemos partir = partiremos *devidamente*.

Comquanto muitas vezes não possamos achar o equivalente adverbial desses auxiliares, sentimo-lhes entretanto a sua influencia e função modificativa quanto ao verbo principal.

ver para a voz activa; *ser, estar, andar, ir, vir* e *ficar* para a passiva, ex.: tenho ou havia falado; — era — estava — andava — ia — vinha — ficava perseguido por seus inimigos (1).

B) Aos participios presentes, e são *andar, estar, ir, vir, ficar*, ex.: andava — estava — ia — vinha — ficava *gritando*.

Em alguns destes verbos auxiliares, o participio pôde ser substituído pelo infinitivo precedido de *a*, ex.: estava *a gritar*, ficava *a ver*, andar *a trabalhar*.

Seja esta a legitima doutrina deduzida mais consentaneamente com os factos da nossa lingua. Até se pôde considerar expressão verbal toda construcção em que o infinitivo **impossoal** dependa immediatamente de qualquer verbo, ex.: *sabemos fazer*. A estas expressões também chamam verbos **periphrasticos**, porém é mais proprio o termo **expressão**, do mesmo modo que dizemos **expressão substantiva**, **expressão adjectiva**, e não **substantivo periphrastico**, **adjectivo periphrastico**, etc.

Do que se vê, auxiliares ha que são **infinitivos** ou **participiaes**, segundo a accepção e as condições syntacticas em que se acham empregados.

Verbo redundante.

Verbo redundante é aquelle que tem dous participios passados: um regular, outro irregular, ex.: suspender = *suspendido* — *suspensio*, eximir = *eximido* — *exempto* (2), affligir: *affligido*, *afflicto*.

1) Vêde passividade na syntaxe.

2) Os redundantes se dizem **participiaes** ou então **temporaes**, conforme a coexistencia das duas fórmãs seja no participio ou em quaesquer outras fórmãs conjugativas.

Ha alguns eujos particípios irregulares expellem o regular que então se arcaíza, ex. : *fazido, dizido, escrevido, cobrido, abrido* e muitos outros.

O particípio regular, sempre terminado em *ado* ou *ido*, se emprega geralmente com os auxiliares *ter* ou *haver*, e os irregulares nos demais casos, isto é, como adjectivos attributivos e predicativos.

Os dous particípios se dizem duplos ou divergentes, ex. : *incluído e incluso, morrido e morto*.

São também redundantes *temporaes* quaesquer verbos em que occurram duas fórmulas, posto que não sejam participiaes, ex. : *haver* — *havesmos e hemos, haveis e eis*, *construir* — *construes e constroes, construe e constroe, constroem e constroem*; *consumir* — *consumes e consomes, consume e consome, consomem e consomem*; *valer* — *vale e val*.

O verbo *jazer* tem dous perfectos: um moderno regular, outro arcaico irregular, e por isso — dous mais que perfectos, dous imperfeitos subjuntivos e dous futuros subjuntivos, ex. : *jazi e jouve*, etc., *jazera e jouvera*, etc., *jazesse e jovesse, jouver e jazer*.

Sendo fórmulas arcaicas *jouve, jouvera, jovesse e jouver* mais sonoras e elegantes do que as modernas (1), se devem preferir na linguagem contemporânea.

(1) As línguas, como organismos, tendem a desprezar as fórmulas irregulares, como vemos na inglaterra em que o numero de verbos irregulares se torna cada vez mais exiguo.

E' pois o verbo *jazer* o mais redundante da lingua, ao passo



EXEMPLOS DE PARTICIPIOS DUPLOS

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Acceitar	acceitado	acceito
Affeçoar	affeçoado	affecto
Annexar	annexado	annexo
Apromptar	apromptado	prompto
Captivar	captivado	captivo
Cegar	cegado	cego
Descalçar	descalçado	descalço
Entregar	entregado	entregue
Ganhar	ganhado	ganho

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Absolver	absolvido	absolto
Absorver	absorvido	absorto
Accender	accendido	acceso
Attender	attendido	attento
Convencer	convencido	convicto
Converter	convertido	converso
Corromper	corrompido	corrupto
Defender	defendido	defeso
Pender	pendido	penso
Querer	querido	quisto

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

Affligir	affligido	afflicto
Abstrahir	abstrahido	abstracto
Confundir	confundido	confuso
Concluir	concluido	concluso
Contrahir	contrahido	contracto
Dirigir	dirigido	directo
Distinguir	distinguido	distincto
Eximir	eximido	exempto
Incluir	incluido	incluso
Inserir	inserido	inserto

que o verbo *soer* se tornou o mais defectivo, por haver apenas as formas — *soer*, *sóe* e *soem*, *soia* e *soiam*, eomquanto podessemos estatuir as formas do futuro e condicional — *soerá* e *soerão*; *soeria* e *soeriam*.



Tanto se arcaizam os participios regulares como os irregulares. Assim temos arcaísmos nas fôrmas regulares *escrevido, gastado, pagado, cobrido, abrido, fazido, safado*, como nas irregulares *bôto, rapto, extreme, rejeito, arpeso, cotheita, comesto, corto, despeso, escorreito, re-teudo, tolheito, volto, instructo, diviso, suppresso* e as fôrmas *teudo, manteudo e conteudo* « que se immobilizaram pela tradição jurídica » (1), isto é, persistiram na linguagem forense.

Resumo synoptico.

VERBO quando á	predicação	incompleto	objectivo directo
			objectivo indirecto adjuntivo (2)
		completo duplamente incompleto	biobjectivo
	transobjectivo		
	integridade	indefectivo	
		defectivo	peçoal
			impessoal unipessoal
	redundante	participial temporal	
	conjugação	regular	
		irregular	forte
fraco			
graphico anomalo			
modalidade	auxiliar	infinitivo participio	
	fundamental		

(1) THEOPHILO BRAGA, *Hist. da Literatura portugueza*.

(2) Chame-se desde já verbos *predicativos*, pois, o conceito da proposição em que se acham, só se integraliza e se esclarece com a presença do ajunto ou nome *predicativo*.

Preposição.

(Palavra de relação)

Preposição é uma palavra intervocabular que indica a relação syntactica entre dous termos.

Estes termos são o antecedente e o consequente.

Temos preposições :

A) **Proprias** ou **essenciaes**, isto é, palavras de natureza preposicional, e são : *a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sobre, sob, trás* (1) ;

B) **Palavras preposicionaes**, isto é, usadas, porém *invariavelmente*, como preposição, ex. : *excepto, salvo, visto, tocante, segundo, durante, mediante, conforme, feito, tirante*.

C) **Expressões preposicionaes**, isto é, um grupo de palavras que, sempre terminando por preposição **propria**, é integralmente equivalente a uma preposição, ex. : *à roda de, acerca de, defronte de, perto de, junto a, relativamente a, em atenção a, de concerto com* (2), *de accordo com*, etc.

As preposições geralmente exprimem duas relações : o **estado** ou **repouso** e o **movimento**, cujas modalidades são : o ponto de **partida**, o **trajecto** e a **direcção**.

As de estado são : *ante, após, com, contra, em, entre, sem, sob, sobre, trás* ; as de partida : *de, desde* ; as de trajecto : *per, perante, por*, e as de direcção : *a, para* (3).

(1) As vezes concorrem syntacticamente **duas** preposições **proprias** ou **essenciaes** regendo o mesmo consequente, ex. : *para com, perante, de sobre, por entre*, etc.

(2) Temos usado do termo **expressão** de preferencia ao termo **locução**, como DUTREY, *Gram. latine*, pois locução indica um dos processos de formação de palavras.

(3) JULIEN, *Gram. universelle*, pag. 32.

Adverbio.

(Palavra de circumstancia)

Adverbio é uma palavra invariavel modificativa do verbo, do adjectivo e até de outro adverbio, ex.: *muito* aprendemos, *muito* alto, *muito* dignamente.

Temos adverbios:

A) Proprios ou essenciaes, isto é, palavras de natureza adverbial, ex.: *sempre*, *nunca*, *assim*, *hoje*;

B) Palavras adverbizadas, isto é, palavras, geralmente adjectivos exereendo a funcção de adverbio, ex.: falar *alto*, vender *caro*, chegar *primeiro*, gostar *immenso* (1), eortar *rente*, etc.

C) Expressões adverbias, isto é, um grupo de palavras equivalente integralmente a um adverbio, ex.: *com alegria*, *de perto*, *de manso*, *pouco a pouco*, *de quando em quando*, *às direitas*, *a olhos vistos*, etc.

Os adverbios se grupam, segundo as circumstancias que exprimem. Assim são de:

A) Logar: — *aqui*, *alli*, *cá*, *lá*, *longe*, *perto*, *arriba*, *avante*, *algures*, *nenhures*, *alhures*, *fóra*, *dentro*, etc.

B) Tempo: — *hoje*, *hontem*, *amanhã*, *sempre*, *agora*, *então*, *nunca*, *jamais*, *logo*, *tarde*, *cedo*, *antes*, *já*, etc.

C) Quantidade: — *muito*, *pouco*, *mais*, *menos*, *assaz*, *como*, *quanto*, *tanto*, *quasi*, *tão*, etc.

(1) Os adjectivos terminados em *o* se adverbiam mais facilmente do que os terminados em *e* mas destes ha exemplos classicos, ex.: « *Doce* tanges Pierio, *doce* cantas » (Ferreira, apud *Gram. port.* Carneiro).



D) *Affirmação* : — *sim, effectivamente, realmente, positivamente, incontestavelmente, indubitavelmente, etc.*

E) *Negação* : — *não, nunca, jamais, etc.*

F) *Duvida* : — *talvez, quiçá, acaso, por ventura, por acaso, casualmente, etc.*

G) *Exclusão* : — *apenas, só, sómente, unicamente, sequer, exclusivamente, etc.*

H) *Modo* : — *mal, bem, tambem, outrosim, sofrivelmente, e a maior parte dos adverbios terminados em mente* (1).

I) *Concessão* : — *todavia, comtudo, entretanto, no emtanto, ainda assim, apesar d'isso, não obstante, máo-grado.*

Os adverbios, formados em *mente*, são productos das linguas novi-latinas, pois a palavra *mente*=*modo, intenção, conceito*, se usava geralmente precedida do adjectivo, e assim, juxtapondo-se a este, passou a constituir um adverbio de modo.

Na lingua erudita já havia exmplos, como em Virgilio : — « *manet altamente repositum judicium Paridis* ».

Na lingua portugueza o conceito destes adverbios se vae dilatando, tanto que vão apparecendo muitas especies, maximé de :

A) *Tempo* : — *frequentemente, primeiramente, diariamente, annualmente, ultimamente, successivamente, semanalmente, constantemente, provisoriamente, etc.*

B) *Logar* : — *internamente, externamente, interiormente, exteriormente, proximamente, lateralmente.*

(1) Aos adjectivos locativos, desinenciados em *ez*, como *francez, portuguez, inglez*, basta juntar o suffixo ou palavra *mente*=*francezmente, portuguezmente, inglezmente*, pois se formaram estes adverbios, quando ainda eram os adjectivos *invariaveis* em genero, como acontece ainda com alguns adjectivos, terminados em *ez* : — *cortez, pedrez, montez.*

Si coneeorrem successivamente dous ou mais, a fórma *mente* quasi sempre se juxtapõe ao ultimo adjectivo, ex. : sabia, prudente, resolutamente.

Mas actualmente se vae generalizando o uso de *mente* em todos e já Vieira usava de igual syntaxe, ex. : « Vivamos neste mundo, diz o apostolo, sabiamente, piamente, justamente ». (P. Ant. Vieira).

Conjunção.

(Palayra de ligação)

Conjunção é uma palavra invariavel que liga duas proposições e ás vezes duas palavras (1).

As conjunções se dividem em **coordenativas** e **subordinativas** : estas ligam sempre proposições ; aquellas ligam proposições ou *palavras*, maximé as aproximativas, as adversativas e as alternativas, ex. : Paulo *e* Virginia, teu pae *nem* teu irmão, ríeo *mas* bom, tu *ou* elle.

Temos conjunções :

A) **Proprias** ou **essenciaes**, isto é, palavras de natureza conjuncional, ex. : *e*, *nem*, *si*, *mas*, *ou*, *quando*, etc.

B) **Palavras conjuncionaes**, isto é, exercendo as funções de eonjunção, ex. : *mais* = e, *quer*... *quer* = e, *tanto*... *como* = e, ex. : Pedro *mais* Paulo, *quer* Pedro *quer* Paulo, *tanto* Pedro *como* Paulo, *mal* = assim que, *apenas* = logo que ;

(1) Insistimos em admittir a ligação de palavras por algumas conjunções coordenativas, pois a definição deve abranger o todo definido.



c) **Expressões conjunccionaes**, isto é, um grupo de palavras integralmente equivalente a uma conjunção, ex.: *posto que*; *por mais que*, *de modo que*, *por quanto*.

Conjunções coordenativas.

Conjunção coordenativa é aquella que liga duas proposições independentes ou duas palavras de igual categoria, e são:

- A) **Approximativas**: — *e*, *nem* (1);
- B) **Alternativas**: — *ou*, *quer...* (2);
- C) **Adversativas**: — *mas*, *porém* (3);
- D) **Conclusivas ou illativas**: — *logo*, *pois*, *portanto*.

Conjunções subordinativas.

Conjunção subordinativa é aquella que liga duas proposições dependentes entre si (4) e são:

- A) **Temporae**: — *quando*, *logo que*, *assim que*, *desde que*, *emquanto*, *sempre que*, *depois que*, *antes que*, *atè que*, *ao mesmo passo que*, *todas as vezes que*;

(1) O termo **copulativa** é tão absurdo quanto improprio, pois toda conjunção é **copulativa**, porque toda conjunção liga, e a palavra *tambem* é adverbio de modo.

(2) O termo **disjuntivo** não serve, pois **disjuntivo** é o que separa e a conjunção liga, por isso ha conflicto de idéas.

(3) As palavras *entretanto*, *comtudo* e *todavia* têm mais função adverbial do que de conjunção, tanto que instituímos o novo grupo dos adverbios de **concessão** ou concessivos a que hoje pertencem.

(4) Estas conjunções são constituídas quasi todas por uma expressão em que sempre existe o connectivo *que*; as simples são: *que*, *como*, *quando*, *si*, *embora*, *comquanto*, *porquanto*, *emquanto* (que) e ás vezes *pois* (que), *posto* (que) e as palavras *conforme* e *segundo* que se usam tambem como conjunções de modo.

B) Concessivas: — *embora, com quanto, posto que, supposto que, ainda que, si bem que, bem que, nem que, por mais que, por pouco que, por muito que, por menos que, quer... quer, apesar de que, mesmo que.*

C) Condicionaes: — *si, salvo si, a menos que, dado que, comtanto que, uma vez que, sem que* (1).

D) Causaes: — *porque, já que, visto que, visto como, pois que, por quanto, por isso que, etc.*

E) Modaes: — *como, de modo que, de sorte que, de fôrma que, de maneira que, a ponto que, tanto que* (modernamente), *do mesmo modo que, conforme e segundo* (2), *sem que.*

F) Proporcionaes (3): — *à maneira que, à proporção que, à medida que, ao passo que.*

G) Intencionaes ou finaes: — *para que, afim de que, porque* (antigamente, mas com o verbo no subjuntivo).

H) Integrantes: — *que* (4) e qualquer conjunção que sirva de ligamento a uma proposição objectiva, subjectiva ou attributiva á sua principal, ex. : *como, si.*

(1) A conjunção *sem que* será **condicional** quando estiver sujeita á proposição *anterior* negativa, ex. :

« *Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá... »*

(2) Estas duas muitas vezes apparecem como conjunções modaes, como temos observado.

(3) Este grupo de conjunções foi classificado e donominado por nós sob a rubrica de *proporcionaes*, por ser o termo mais compativel.

(4) A conjunção *que* exerce quasi todas as funções das demais, como a conjunção *e* entre as coordenativas; são as duas conjunções fundamentaes.



Interjeição.

(Palavra de sentimento)

Interjeição é uma palavra synthetica, natural e expressiva dos nossos diversos sentimentos e sensações (1).

A interjeição não constitue categoria grammatical, propriamente dita, pois é um grito que representa os primeiros momentos da linguagem articulada (2).

Temos interjeições:

A) Espontaneas (3), essenciaes ou proprias, isto é, palavras destituidas de significação, mas que exprimem um sentimento ou sensação, ex.: *ai!, hui!, oh!, psiu!, irra!*

B) Palavras interjeccionaes, isto é, usadas interjectivamente, ex.: *Bravo! silencio! apoiado! animo! coragem! Jesus!*

C) Expressões interjeccionaes, isto é, um grupo de palavras interjectivamente empregado, ex.: *aqui d'el-rei! quem dera!*

As principaes sensações e sentimentos expressos pelas interjeições são o de

dôr	por	ai! hui!
admiração	—	oh! ah!
desejo	—	oxalá! pudera!
aversão	—	irra! apage!
animo	—	cia! avante! sus!
applauso	—	bravo! viva!
atensão	—	caluda! silencio!
invocação	—	psiu! olá!
repetição	—	bis!

(1) REGNAUD. *Origine et phil. du langage*, pag. 231.

(2) DELON, *Gram. franç.*, d'après l'*Histoire*, pag. 316.

(3) DARMSTETER, *Études Iraniennes*, pag. 255.

PTOSEONOMIA.

Ptoseonomia ou *kampenomia* é o tratado da flexão das palavras.

Flexão é a mudança ou modificação na terminação da palavra para exprimir as variações da idéa.

A flexão se divide em nominal e verbal : esta é a modificação para exprimir o modo, o tempo, o numero e a pessoa ; aquella é a modificação para o genero, o numero e gráo.

As palavras em que ha flexão se dizem variaveis ou organicas, e as destituidas de flexão se dizem invariaveis ou inorganicas.

As variaveis são o substantivo, adjectivo, pronome e verbo, e as invariaveis são a preposição, a conjuncção, o adverbio e a interjeição.

Genero dos nomes.

Flexão generica é a modificação na terminação da palavra para exprimir o genero, ex. : pavão — pavôa, gato — gata.

Genero é a distribuição dos nomes relativamente ao sexo natural ou usual.

Dous são os generos : masculino e feminino.

São do masculino os nomes applicados a individuos do sexo masculino, ex. : *Pedro, homem, pavão*, e são femininos os nomes applicados aos individuos do sexo feminino, ex. : *Iracema, mulher, pavôa*.

Analogicamente nas linguas o genero estendeu-se aos objectos inanimados, ex. : *livro, casa, vicio*, etc.



No grego, no latim, no inglez e outras linguas, ha o genero neutro applicado quasi sempre aos seres inanimados; mas nas linguas romanas perdeu-se toda a noção do neutro.

O genero dos nomes segue geralmente a declinação latina e o neutro passou para o masculino e ás vezes para o feminino.

Assim as fórmãs *pira, poma, opera, viscera, folia*, pluraes das fórmãs neutras *pirum, pomum, viscus, folium*, foram no latim barbaro tomadas por nomes femininos da primeira declinação e se filiaram ao feminino.

O genero muda-se na evolução da lingua. Assim é que as palavras *senhor, pastor, planeta, mar* e outras já foram femininas (1).

O genero é indicado pela **significação**, a **terminação**, a **accepção** e a **referencia** (nas palavras communs aos dous generos).

Genero pela significação.

São de genero masculino os nomes que significam :

A) Animaes machos, quer proprios, quer appellativos, ex. : *Antonio, leão, carneiro*;

B) Anjos, demonios e deuses sob a fórmula de homens, ex. : *Lusbel, Satanaz, Jupiter*;

C) Mares, rios, lagos, ventos, montes, mezes, pontos cardinaes, ex. : *Caspio, Amazonas, Ladoga, Boreas, Sinai, Março, Este, Levante, Oriente, Norte, Sul, Poente, Occidente*;

D) As letras do alphabeto, as notas musicaes e os algarismos, ex. : o *b*, o *f*; o *mi*, o *dó*, um *7*, o *4*;

(1) Vide o *Cancioneiro da Vaticana* em que *planeta* ainda se conserva feminino, como em *Camões* no verso :

« Mas já a planeta que no céu primeiro
Habita cinco vezes apressada... »

E) Qualquer palavra ou expressão substantivada, ex. : o *um*, o *quando*, o *não dou dos avaros*.

São do genero feminino os nomes que significam :

A) Animacs femeas, quer proprios, quer appellativos, ex. : *Dido*, *Juno*, *Calypso*, *Maria*, *girafa*, *aranha*.

B) Deusas, divindades e representações allegoricas sob a fórma de mulher, ex. : *Venus*, *Caliope*, a *Justiça* ;

C) As cinco partes do mundo, as ilhas, eidades, villas, aldeias, ex. : *America*, *Madeira*, *Petropolis*, *Itabiana* ;

D) Letras, sciencias e artes, excepto *desenho*, ex. : *Grammatica*, *Physica*, *Pintura* ;

E) As entidades abstractas, ex. : a *embriaguez*, a *perversidade*, a *antiguidade*.

Genero pela terminação.

São maseulinos :

A) Os nomes terminados em *á*, *é*, *i*, *ó*, *ô*, *ú*, *γ*, ex. : *cará*, *rapé*, *alcali*, *manto*, *cipó*, *avó*, *bambú*, *trolley*, excepto : *pá*, *pé*, *chaminé*, *galé*, *libré*, *maré*, *ralé*, *sé*, *eiró*, *enxó*, *mó*, *teiró*, *tribu*, e outros que são femininos ;

B) Os nomes terminados em *al*, *el*, *il*, *ol*, *ul*, *k*, ex. : *areal*, *annel*, *barril*, *anzol*, *paul*, *almannack*.

Os nomes *cal*, *pastoral*, *moral* são femininos.

C) Os nomes terminados em *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *om*, *on*, *um*, ex. : *orgam*, *iman*, *vintem*, *hymen*, *confim*, *som*, *epiplon*, *atum*, excepto : *vertigem*, *nuvem*, *ordem*, *margem* e outros femininos ;



D) Os nomes terminados em *ao, ei, éo, eu*, ex. : *grão, rei, véo, corypheu*, excepto : *náo, grei, lei*, femininos ;

E) Os nomes terminados em *ar, er, ir, or, ur*, ex. : *mar, talher, nadir, pallor, catur*, excepto : *colher, flôr, dôr, côr*, femininos ;

F) Os nomes terminados em *az, ez, is, iz, oz, us, uz*, ex. : *cartaz, revez, lapis, nariz, retroz, vi-rus, arcabuz*, excepto : *paz, tenaz, fez, rez, tez, torquez, vez, cerviz, matriz, raiz, cicatriz, foz, noz, voz, pioz, cruz, luz* e outros femininos.

G) Os nomes terminados em *ão*, excepto os derivados abstractos de verbo ou adjectivo, ex. : *fixação, devoção, adoração, composição*, etc.

A) São femininos os nomes terminados em *a inaccentuado*, ex. : *lyra, cama, fua*.

São masculinos por excepção alguns nomes latinos modernos e muitos derivados dos gregos, ex. : *proclama, nauta, telegramma, cometa, planeta, systema, dilemma, poema, estratagema* e outros.

B) Os terminados em *ã, e, ê*, ex. : *romã, fome, mercê*, excepto : *monte, horisonte*, e outros.

São mais geralmente masculinos do que femininos os seguintes : *apostema, aneurisma, espia, guia, personagem, sentinella, cedilha, radical*.

Genero pela accepção.

Ha algumas palavras cujo genero se determina segundo a accepção em que se acham, exs. :

Capital, cidade principal, é feminino e na accepção de fundos monetarios é masculino, o *capital*.



Cabeça, parte do corpo, é feminino e na acceção de *chefe* é masculino, o *cabeça*.

Scisma, apprehensão erronca, é feminino e na acceção de separação de comunidade religiosa é masculino, o *scisma*.

Sota, termo de jogo, é feminino e na acceção do segundo *cocheiro* ou *bolheiro* é masculino, o *sota*.

Espia, corda de amarrar navios, é masculino e na acceção de vigia é commum, o *espia*, a *esnia*.

E assim muitos outros, cuja exposição seria longa (1).

Os nomes de instrumento do genero feminino passam ao masculino accidentalmente, sempre que se empregam para designar os individuos que os tocam, ex. : o *flauta*, o *rabeca*, o *corneta*, o *trompa*, o *viola*, etc.

Forma-se o genero por tres processos : — por palavras diferentes (genero por heteronymia), por palavras annexadas (genero por juxtaposição) e por palavras flexionadas (genero por flexão).

Genero por heteronymia.

Bode	cabra	Gamo	corça
Cavalleiro	amazona	Genro	nora
Cavalheiro	dama	Macho	femea
Carneiro	ovelha	Homem	mulher
Cavallo	egua	Pae	mãe
Frei	soror ou sôr	Zangão	abelha

Genero por juxtaposição.

Assim se diz a expressão do genero mediante

(1) Assim é que se dizem o *policia*, o *praça*, o *bandeira*, o *perna de pão*, o *lanterna*, o *mascara*, o *cabeçorra*.



os adjectivos ou quaesquer outras palavras necessarias á discriminação do genero, isto é, sempre syntacticamente. Assim temos os substantivos *communis* a dous e os *epicenos*.

Communis (a dous) são aquelles cujo genero se indica mediante um determinativo ou syntacticamente, ex. : *estadista, comunista, democrata, epicurista, hypocrita, interprete, martyr, publicista, socialista, selvagem* (1).

São igualmente *communis* a dous os sobrenomes personativos, pois tanto se applicam a homens quanto a mulheres, ex. : Antonio *Furtado*, Maria *Furtado* e assim *Peixoto, Cardoso, Carneiro, Teixeira, Pereira, Maciel, Cabral, Brito, Bastos*, etc.

Epicenos ou *promiscuos* são os nomes de *animaes*, quasi sempre silvestres e bravios, e dos in-

(1) São tambem *communis* a dous as expressões de tratamento, de conceito pronominal, ex. : V. S.^a, V. Ex.^{ia}, *Vossa mercê* ou *Vosmecê*; *Vossa Majestade* e os pronomes pessoais *eu, tu, nós* e *vós*.

Com estas palavras se effectua a concordancia de genero conforme o sexo da pessoa a quem se referem, ex. : V. Ex.^{ia} é *servido* ou *servida*; *Vossa mercê* está *adoentado* ou *adoentada*; V. Majestade está *indisposto* ou *indisposta*; eu sou *bom* ou *bôa*: tu és *moço* ou *moça*: nós somos *estimados* ou *estimadas*.

Para explicar estas phrases em que a concordancia se faz por *semiosis*, buscaram o artificio da pretensa syllepse de genero.

Então occorreria tambem syllepse de genero nos casos de palavras cujo genero estivesse indicado pela *accepção*, como por exemplo, *cabeça* no sentido de *chefe*; *clarineta* no sentido do homem que a toca, ex. : o *cabeça* foi *morto*; o *clarineta* esteve *optimo*, etc. Assim tambem com os nomes *communis* a dous — *interprete, pianista, martyr*, etc.

A syllepse de genero foi sempre o subterfugio a que recorreram os que não aprofundavam os factos da lingua, para os explicarem á luz do bom senso.

A *pretensa* syllepse de genero não existe, porque, sendo ella uma *modalidade* da *ellipse* ou *omissão* de palavras, nenhuma existe, *subentendivel* nos casos a que nos referimos.



sectos que, designando geralmente um dos sexos, podem também designar o sexo opposto, ex. : a *cobra*, a *arara*, a *cotia*, o *sabiá*, o *jacaré*, o *tigre*, *borbolêta*, *besouro*, *mosca*, *mosquito*, *maribondo*.

Havendo necessidade de distinguir o sexo, juxtapôr-se-ão os adjectivos *macho* ou *femea*, ex. : o tatú *femea*, a panthera *macho*, a panthera *femea*, o pintasilgo *macho*, o pintasilgo *femea*.

Genero por flexão.

Flexão generica é a mudança na terminação da palavra para a expressão do genero.

Formarão o genero por flexão :

A) Os nomes terminados em *o*, flexionando-se em *a*, ex. : *servo* — *serva*, *criado* — *criada*, etc.

B) Os nomes terminados em *e*, flexionando-se em *a*, ex. : *infante* — *infanta*, *gigante* — *giganta*;

C) Os nomes terminados em *ão*, flexionando-se em *ôa* ou em *ã*, ex. : *leão* — *leôa*, *anão* — *anã*;

D) Os nomes augmentativos em *ão*, flexionando-se em *ona*, ex. : *valentão* — *valentona*, *toleirão* — *toleirona*;

E) Os nomes terminados em consoante, flexionando-se em *a*, ex. : *hespanhol* — *hespanhola*, *senhor* — *senhora*, *juiz* — *juiza*, etc.

F) Os nomes de diferentes terminações, flexionando-se irregular ou heterocliticamente, ex. : *barão* — *boroneza*, *frade* — *freira*, etc.

Os seguintes nomes e outros flexionam-se irregularmente, pois se mantêm *intactas* as respectivas raizes, ex. :

Abbade	abbadessa	Alcaide	alcaidessa
Actor	actriz	Autocrata	autocratriz
Avô	avó	Barão	baroneza

Gallo	<i>gallinha</i>	Judeu	<i>judia</i>
Heroe	<i>heroína</i>	Papa	<i>papiza</i>
Ilhéu	<i>ilhóa</i>	Perú	<i>perua</i>
Conde	<i>condessa</i>	Pardal	<i>pardoca</i>
Duque	<i>duqueza</i>	Poeta	<i>poetiza</i>
Diacono	<i>diaconiza</i>	Rapaz	<i>rapariga</i>
Frade	<i>freira</i>	Rei	<i>rainha</i>
Perdigão	<i>perdiz</i>	Sandeu	<i>sandia</i>
Faisão	<i>faisóa</i>	Sultão	<i>sultana</i>

Os seguintes têm mais de um feminino : — cantor — *cantora* — *cantavina* — *cantatriz*; prior — *priora* e *prioreza*; tabaréu — *tabaróa* e *tabaréa*; elephante — *elephanta* e *elephóa*; deus — *deusa* e *dea*; embaixador — *embaixadora* e *eubaixatriz*; motor — *motora* e *motriz*; senhor — *senhóra* e *senhóra*; ladrão — *ladra* e *ladrona*, e alguns nomes em *dor* que, apesar do feminino regular, possuem um outro popular, ex. : vendedor — *vendedora* e *veudedeira*, trabalhador — *trabalhadora* e *traballadeira*.

Genero dos substantivos personativos.

Os nomes proprios personativos tambem se flexionam, ex. : João — *Joanna*, Romão — *Romana*, Ricardo — *Ricardina*, José — *Josepha*, Alberto — *Albertina*.

Ha outros, porém, inflexionaveis, pois se applicam exclusivamente a um dos generos, ex. : *Pedro*, *Rubén*, *Miguel*, *Moysés*, *Samuel*, *Esther*, *Adelaide*, *Margarida*, *Mariêta*, *Olga*, *Engracia* e a maior parte dos nomes modernos formados por anagramma, ex. : *Iracema*, *Nilda*, *Nilcéa*, *Dironysa*, anagrammas de *America*, *Linda*, *Celina*, *Sydronia*.

Duplas genericas.

Substantivos ha que, referentes a cousas e destituídos de sexo, possuem duas fórmas : uma para o masculino, outra para o feminino, constituindo o genero analogico.

São as fórmas duplas genericas que estão sujeitas ás seguintes condições :

A) O substantivo masculino exprime a significação **ge-ral** e o feminino a significação **especifica** :

barca	uma especie de	barco
buraca	—	buraco
caldeira	—	caldeiro
caneca	—	caneco
canthara	—	cantharo
cesta	—	cesto
chinella	—	chinello
cinta	—	cinto
gorra	—	gorro
jarra	—	jarro
poça	—	poço
tacha	—	tacho
ria	—	rio

B) O substantivo masculino exprime a significação **in-dividual** e o feminino a significação **collectiva** e **ge-ral** :

fructa	em relação a	fructo
grita	—	grito
lenha	—	lenho
madeira	—	madeiro
maruja	—	marujo
rama	—	ramo

C) O substantivo feminino torna-se synonymo do mas-culino, exprimindo os dous cousas mais ou menos corre-latas :

banca	synonymo de	banco
ceva	—	cevo
cerca	—	cerco
cncosta	—	cncosto
fossa	—	fosso
horta	—	horto
moda	—	modo
pendula	—	pendulo
ribeira	—	ribeiro
troca	—	troco
paga	—	pago
vcia	—	veio



b) O substantivo masculino e o feminino são apenas exteriormente semelhantes, mas exprimem causas inteiramente diversas, pois os vocabulos não são **corradicaes** :

banha	cousa diversa de	banho
barra	—	barro
baga	—	bago
cortiça	—	cortiço
escolha	—	escolho
frisa	—	friso
lança	—	lanço
porta	—	porto
peita	—	peito
prata	—	prato
queixa	—	queixo

Flexão dos adjectivos.

Os adjectivos, propriamente falando, não possuem **genero**, porque não exprimem os seres, porém os modificam.

Comtudo os adjectivos de **primeira classe** estão sujeitos á flexão generica scmellhantes ao substantivo.

Adjectivos de **primeira classe** são aquelles que têm duas fórmas genericas : uma para o masculino, outra para o feminino, ex. : *bom-bôa, justo-justa, grato-grata*, etc.

Os adjectivos de primeira classe são **biformes** e **tetraptotas**; biformes, porque tem duas fórmas genericas, e tetraptotas, porque têm quatro flexões, duas **genericas** e duas **numericas**, ex. : *louvado-louvada, louvados-louvadas* (1).

Os adjectivos de segunda classe são aquelles que têm apenas uma fórmula para o masculino e feminino, ex. : *enorme, louvavel, exemplar*.

Os adjectivos de segunda classe são **uniformes** e **diptotas** : **uniformes**, porque têm apenas uma fórmula generica; **diptotas**, porque têm duas flexões, uma de genero, outra de numero, ex. : *exemplar-exemplares, ingente-ingentes* (2).

(1) M. MEDINA, *Gram. lat. hesp.*

(2) Estas distincções dos adjectivos qualificativos consoante a desinencia se applicam mais ao latim do que ao portuguez.

Não expomos regras para a flexão generica dos adjectivos, porque seguem as mesmas regras dos substantivos e praticamente se aprendem.

Flexão numerica

Flexão nominal numerica é a modificação na terminação da palavra para indicar a pluralidade.

Esta flexão se effectua mediante o seu expoente *s*, derivado do *s* do accusativo plural latino.

A flexão numerica diz-se :

A) Regular, sempre que o *s* se agglutina ao singular directamente, isto é, sem modificação material, ex. : *pennas, almauacks, órphams*;

B) Irregular, sempre que o *s* se agglutina ao singular, mas com modificação material, ex. : *annel-annéis, pão-pães*.

Formarão o plural regularmente :

A) Os nomes terminados por vogal, ex. : *casas, pès, javalis, cepos, tribus*;

B) Os nomes terminados por *am, n, k*, ex. : *orgams, sotams, talismans, caftaus, almanaks e kiosks*;

C) Alguns nomes terminados em *ão* e todos os nomes terminados em *ã*, ex. : *irmão-irmãos, cidadão-cidadãos; romã-romãs, irmã-irmãs, etc.*

Formarão a flexão numerica irregularmente :

A) Os nomes terminados em *al, ol, ul*, que perdem o *l* e tomam *es*, ex. : *animal-animaes, anzol-anzoes, paul-paues*, excepto *mal, cal, consul* e *real* (moeda) — *males, cales, consules* e *véis*;

B) Os nomes terminados por *em, im, om, um*



que mudam *m* em *ns*, ex. : *homem-homens, confirm-confins, som-sons, jejum-jejuns, etc.*

c) Os nomes terminados em *r* ou *z*, que recebem *es*, ex. : *altar-altares, nariz-narizes, caracter-caractères* (1).

d) Os nomes terminados por *el*, que mudam *l* em *is*, ex. : *papel-papeis; anel-anéis, etc.*

e) Os nomes terminados por *il oxytono* ou agudo, que mudam o *l* em *s*, ex. : *funil-funis, anil-anis, fuzil-fuzis, etc.*

f) Os nomes terminados em *il paroxytono* ou grave, que mudam em *eis*, ex. : *docil-doceis, facil-faceis, exteril-estereis, etc.*

g) Os nomes terminados em *ão*, que mudam em *ões* ou em *ães*, ex. : *coração-corações, opinião-opiniões, escrevão-escrevães, charlatão-charlatães, etc.*

h) Os nomes terminados em *x* mudam *x* em *ces*, ex. : *index-indices; calix-calices.*

EXEMPLOS DE PLURAES DUPLOS

Alão-alães-alões

Ancião-anciãos-anciões

Aldeão-aldeães-aldeões

Folião-foliães-foliões

Guardião-guardiães-guardiões

Faisão-faisãos-faisões

Sacristão-sacristães-sacristões

Charlatão-charlatães-charlatões

Vulcão-vulcães-vulcões

Villão-villães-villões

(1) Neste ha **diastole** do accento tonico no plural como no verbo *viver* substantivadamente, ex.: *viver-viveres*, em que se dá a **systole**.



Plural específico.

Ha nomes cujos plurales se empregam apenas em condições restrictas, isto é, excepeionalmente.

1.º Assim é que os substantivos **personativos** assumirão a flexão do plural:

A) Desde que se generalizem a dous ou mais individuos de igual nome, expressos simultaneamente, ex.: Os dous *Cornelios*, os tres *Horacios*, os dous *Pedros* do Brazil, os *Cardósos*, os *Pórtos*.

B) Desde que não designem mais os proprios individuos, mas se generalizem a outros de identicos predicados, ex.: « Dae-me um rei brando, affavel e prudente e dar-vos-ei andar rodeado de *Fabricios*, *Scipiões*, *Pompeus*, *Ciceros*, *Senecas*, *Catóes* ». (P. Paiva — *Sermões*).

2.º Os substantivos **locativos** assumirão a flexão de plural:

A) Desde que sirvam para designar paizes e regiões distinctas, mas de igual nome, ex.: as *Guyanas*, as duas *Philadelphias*.

B) Desde que sirvam para designar as divisões geographicas do mesmo paiz, ex.: as tres *Americas*, as tres *Arabias*, os dous *Egyptos*, as *Gallias*.

3.º Assumirão excepeionalmente a flexão plural:

A) Os nomes **abstractos**, maximé os dos vicios e virtudes, desde que se generalizem a exprimir actos exercidos, ou individuos, ex.: *caridades* = actos de caridade, *embriaguezes* = actos de embriaguez, *notabilidades*, *summidades*, *individualidades*.

B) Desde que a flexão plural lhes faça assumir uma significação quasi nova, ex.: *humanidades* = bellas letras, *amabilidades* = palavras agradaveis, *liberdades* = atrevimentos.

C) Os nomes dos *metaes* e *metalloides*, desde que se generalizem a exprimir as suas diversas especies ou os productos artefactos, ex.: *pratas*, *nickeis*, *cobres*, *phosphores*, *enxofres*.

D) Os nomes dos productos animaes, vegetaes e industriaes, desde que se generalizem ás suas diversas especies, ex.: os *leites*, as *ceras*, os *açafrões*, *azeites*, *alcooes*.

E) Os nomes das letras, sciencias e artes, desde que designem diversos tratados ou livros, ex.: duas *rhetoricas algebras*, as *physicas*, as *musicas*.



f) Os nomes dos numeros, desde que signifiquem *algarismos*, ex. : os *quatro*s, os *noves*, os *onzes*:

Rejeitam a flexão plural :

A) Os adjectivos descriptivos substantivados e equivalentes aos nomes abstractos, ex. : o *bello* e o *sublime*, o *justo*, o *util*, o *honesto*.

B) Os nomes das seitas religiosas e das doutrinas philosophicas, ex. : o *judaismo*, o *christianismo*, o *positivismo*, o *espiritismo*.

C) Os pronomes indefinitos, os demonstrativos e algumas palavras inorganicas, isto é, inflexionaveis, ex. : *nada*, *ninguem*, *alguem*, *outrem*, *fulano*, *beltrano*, *sicrano*, *isto*, *isso*, *aquillo*, *o*, *quem*.

Fórmulas sigmaticas.

Ha substantivos que, geralmente desinenciados por *s*, expoente do plural, nem sempre indicam pluralidade.

São os substantivos **sigmaticos** que podem ser constituídos :

A) Por fórmulas que tanto servem para o singular como para o plural, ex. : *alferes*, *caes*, *herpes*, *ourives*, *pires*, *lapis*.

B) Por fórmulas que, por indicarem objectos constituídos de duas partes, mais se usam no plural, ex. : *algemas*, *andas*, *cãs*, *ceroulas*, *calças*, *bragas*, *bofes*, *pareas*, *suissas*, *tesouras*.

C) Por fórmulas que, por effeito da etymologia, são sempre desinenciadas por *s* plural, ex. : *alviçaras*, *ambages*, *arredores*, *arrhas*, *exequias*, *fastos*, *lemures*, *manes*, *nupcias*, *primicias*.

D) Por fórmulas que mais se usam no plural do que no singular, ex. : *confins*, *lampas*, *preces*, *papas*, *tremoços*, *seviças* e os naipes : *copas*, *paus*, *ouros* e *espadas*.

Todas essas fórmulas, excepto as que **sigmaticamente** se prestam ao singular, tendem a perder o *s*. Assim é que já se vão usando algumas **asigmaticamente**, ex. : *calça*, *ceroula*, *confim*, *fauce*, *ovem*, *lampa*, *tesoura*, *treva*.

As fórmulas sigmaticas tambem representam :

A) Substantivos **locativos**, ex. : *Tunis*, *Caldas*, *Alpes*, *Andes*, *Euphrates*;

B) Substantivos **personativos**, ex. : *Aristides*, *Euripides*, *Demithildes*, *Hercules*, *Jarbas*.

Plural dos compostos.

Nos substantivos compostos as duas fórmulas assumirão simultaneamente a flexão do plural :

A) Desde que sejam dous substantivos, isolados por hyphen, ex. : *banhos-marias, mestres-salas, alumnos-mestres, fructas-pães.*

B) Desde que a primeira seja substantivo e a segunda adjectivo, igualmente isolados por hyphen, ex. : *amores-perfeitos, obras-primas, cornetas-mores.*

C) Desde que sejam dous verbos iguaes e isolados por hyphen, ex. : *luzes-luzes, bules-bules, ruges-ruges.*

Assumirá a flexão apenas a ultima fórmula (1) :

A) Desde que a primeira seja adjectivo e a segunda substantivo, ex. : *recta-guardas, gran-mestres, salvo-conductos, excepto gentis-homens e os dias semanaes, ex. : segundas-feiras, terças-feiras, etc.*

B) Desde que a primeira seja verbo e a segunda substantivo, ex. : *guarda-livros, passa-tempos, beija-mãos, saca-rolhas.*

C) Desde que uma seja uma palavra invariavel e outra uma palavra variavel, ex. : *semi-deuses, sempre-vivas, entre-cascos, pseudo-membranas.*

D) Desde que sejam ou possam ser conjuntamente escriptas, maximé si a ultima for monosyllabica, ex. : *logartenentes, aguardentes, planaltos,*

(1) Sempre que apenas o ultimo assume o plural, as duas fórmulas se podem quasi sempre escrever conjuntamente.

puxavantes, passavantes, pontapés, cantochãos, varapáos.

Assumirá a flexão apenas o primeiro, desde que haja preposição intercurrente, ex. : *pães de ló, pés de vento, autos-da-fé, fogões a gaz.*

As duas fórmulas rejeitarão a flexão :

A) Desde que sejam verbaes, e ao mesmo tempo antonymas, ex. : *perde-ganha, leva-e-traz, cantimplora* (canta e chora), excepto *vaevens* que, separadamente faz *vaes-vens*, e conjuntamente *vaevens*.

B) Desde que por excepção seja uma das fórmulas seguintes, ex. : *verdemar, verdeterra, verde-montanha, verdegaio, verde-Paris, meio-dia, Nortel-sul.*

Si o composto for adjectivo, sempre o primeiro fica invariavel :

A) Ainda que isolado por traço de união, ex. : *medico-cirurgicos, physico-chimica, luso-brazileiros, franco-allemaes, novo-latinos, italo-brazileiros, medico-cirurgica.*

B) Desde que sejam escriptas conjuntamente, ex. : *boquiaberto, pernalto.*

C) Desde que a primeira fórmula tenha valor adverbial, ex. : *recem-nato, meio-rotos, meio-cahidos, semi-morto.*

Apparece ás vezes a fórmula *meio*, tendo funcção adverbial mas flexionada, em muitos escriptores, ex. : « Edificios *meios* cobertos de arcia » (J. de Barros) (1).

(1) *Meio* fica invariavel significando — *um tanto*, e variavel, significando *metade*, ex. : bandeira *meia* vermelha, comquanto occorram em escriptores notaveis indifferentemente usados, por attracção, conforme o gosto, a sonoridade da phrase, a harmonia da construcção.



Flexão gradual.

Flexão gradual é a modificação organica na terminação do vocabulo para a expressão do gráo.

As palavras em que se effectua a flexão gradual são geralmente o substantivo e o adjectivo.

O gráo se effectua por dous processos :

A) Organica ou syntheticamente, isto é, mediante suffixo de funcção gradual, ex. : *portão*, *portinha*, *justissimo*.

B) Inorganica ou analyticamente, isto é, mediante um adjectivo intensivo para o substantivo e um adverbio intensivo para o adjectivo, ex. : *cão grande* = *canzarrão*, *porta pequena* = *portinha*, *muito justo* = *justissimo*.

A flexão gradual do substantivo se effectua mediante :

A) Suffixos augmentativos, isto é, que augmentam e exageram a significação normal do nome a que se agglutinam e são : *ão*, *aço*, *alha*, *az*, *azio*, *astro*, *arrão*, etc.

B) Suffixos diminutivos, isto é, que diminuem e attenuam a significação normal do nome a que se agglutinam e são : *inho*, *ebre*, *ito*, *im*, *ejo*, *el*, *ello*, *elho*, *ilho*, *olo*, *ete*, *oto*, *isco*, *ico*, *colo*, *ulo*, *acho*, *usco*, etc.

Tres são, pois, os gráos do substantivo : o augmentativo, o diminutivo e o normal : mas este não é propriamente gráo, e dous são os principaes suffixos graduaes : *ão* para o augmentativo e *inho* para o diminutivo (1).

(1) O positivo não constitue rigorosamente gráo, pois indica o ponto de partida da significação da palavra.



Augmentativo organico.

O augmentativo organico forma-se :

A) Agglutinando-se directamente o suffixo ao normal, desde que este termine por consoante, ex. : *annel* + *ão*, *doutor* + *aço*.

B) Agglutinando-se o suffixo, mas eliminando a vogal ao normal, desde que este não termine por consoante, ex. : *porta* — *a* + *ão* = *portão*, *sabio* — *o* + *chão* = *sabichão*.

Ha diversos suffixos augmentativos : a maior parte são idiomáticamente reforçados e de uso popular.

Tacs são : *araz*, *agão*, *alhão*, *anzil*, *arrão*, *zarrão*, *egão*, *igão*, *avaz*, *eirão*, *errão*, *ichão*, *iarra*, *oila*, ex. : *linguaraz*, *espadagão*, *vagãlhão*, *corpanzil*, *santarrão*, *canzarrão*, *navigão*, *pardavaz*, *boqueirão*, *beberrão*, *comichão*, *naviarra*, *moçoila*.

— Adjectivos ha que, assumindo idiomáticamente a flexão augmentativa, equivalem mais ou menos ao superlativo absoluto, ex. : *pobretão* = *pobrissimo*, *valentão* = *valentissimo*, *ricaço* = *riquissimo*.

A maior parte dos nomes mudam grammaticalmente de genero, ao assumir a flexão augmentativa, ex. : *mulherão*, *casarão*, *muralha*, *naviarra*.

Augmentativo personativo.

Alguns nomes proprios personativos assumem a flexão augmentativa, para indicarem outro nome igualmente personativo, ex. :

Ribeirão	relativamente a	Ribeiro
Gonçalão	—	Gonçalo
Varrão	—	Varro



Mourão	relativamente a	Moura
Simão	—	Simas
Ortigão	—	Ortigas

Outros ha de uso apenas familiar, ex. : Manuelão, Bellão, e alguns apenas simulam exteriormente a flexão augmentativa, ex. : Napoleão, Romão, Beltrão, Frásão, etc., que não são augmentativos.

Augmentativo inorganico.

O augmentativo inorganico forma-se analyticamente :

A) Usando-se do adjectivo *grande* ou outro de igual valor, ex. : casa *grande* = *casona*, cão *grande* ou *enorme* = *canzarrão*.

B) Usando-se do adjectivo *grosso* ou *forte*, ex. : tronco *grosso* = *troneão*, *forte* tolo = *tolcirão*.

Diminutivos organicos.

O diminutivo organico forma-se agglutinando-se o suffixo *inho* ao thema vocabular :

A) Mediante o infixo *z*, desde que o nome terminar por duas vogaes, por sons nasaes e por vogaes oxytonas, ex. : labiozinho, irmãozinho, cãozinho, naviozinho, vagemzinha, sabiázinho.

B) Mediante o suffixo *z* ou não, desde que o nome terminar por consoante, ex. : papelzinho ou papelinho.

C) Mediante o *z*, mas conservando a vogal; ou sem o infixo *z*, mas eliminando a vogal do positivo, ex. : livrozinho e livrinho, gatozinho e gatinho.



Nalgumas palavras o sufixo *inha* ou *inho* agglutina-se ao positivo, mediante a vogal *a*, ex. : *campainha*, phenomeno este mais frequente em Portugal do que no Brazil, ex. : *pintainho*, *fontainha*.

Os demais suffixos assim se agglutinam :

A) Directamente ao positivo que terminar por consoantê, ex. : *mulherita*, *papelucho*.

B) Eliminando a vogal ao positivo que não terminar por consoante, ex. : *cabrita*, *vellusco*, *poemeto*, *espadim*, *cartilha*.

Diminutivos eruditos.

Ha nomes em que occorrem diminutivos eruditos parallelamente aos populares de formação vernacula. Assim apparecem :

POPULARES	ERUDITOS
partezinha	particula, parcella
globozinho	globulo
montezinho	monticulo
obrazinha	opusculo
corpozinho	corpuseculo
raizinha	radicella, radícula
homemzinho	homunculo
pellezinha	pellica, pellicula
porçãozinha	porciuncula
questãozinha	questiuncula
cabrita	caprêola

Alguns diminutivos, principalmente os eruditos, assumem significação differente relativamente aos seus positivos. Assim temos :

formula	em relação de	fórma
globulo	—	globo
granito	—	grão
molecula	—	mole
cartilha	—	carta
língua	—	língua
clavícula	—	clave



A maior parte dos suffixos graduaes, augmentativos ou diminutivos terminados por *o*, corresponde geralmente uma fórma feminina, ex. :

sabiehão	tem por feminino	sabichona
bebarro	—	bebarra
mestração	—	mestraça
velhusco	—	vellhusca
franganilo	—	franganita
linorio	—	linoria

Ha grãos eujos normaes ou positivos não existem na lingua, ex. : *comilão, fujão, chorão, estirão, andorinha, damniño* (1).

Diminutivos personativos.

Na linguagem familiar, na lingua popular, empregam-se geralmente diminutivos correspondentes aos nomes proprios. Assim do substantivo *Anna* ocoerrem as fórmas — *Aninha, Anninhas, Annazinha, Annicota, Naninha, Annica, Annila, Anniquita, Annoca, Nanoca, Noca, Nita, Naná, Ná, Nazinha*, e do nome *José* as fórmas — *Zeca, Zé, Zézé, Zezinho, Zinho, Juca, Cazuzá, Juquinha, Josézinho* (2).

Ha outros nomes cujo diminutivo se fórma regularmente e assim são poucos os appellidos domesticos correspondentes, ex. : *Gonçalinho, Manuelzinho, Pedrinho*, etc. (2).

Funcção dos grãos.

O augmentativo exercee duas funcções :

A) A peyorativa, que se conhece segundo a acepção em que está empregado ou pela natureza do suffixo, ex. : *fujão, comilão, poetastro, mestração*.

(1) Vide P. DE SOUZA, *Gram. portugaise*.

(2) Vide E. CARNEIRO, *Gram. phil. da lingua port.*

(3) Os diminutivos personativos não attennam a sua significação ou conceito, pois são apenas formas e modismos graciosos da linguagem familiar.



b) A **propria**, que se conhece, já pelo sufixo, já pela accepção em que se acha, ex. : *florão*, *homenzarrão*, *papelão*.

O diminutivo exerce tres funcções :

A) A **pejorativa**, desde que, já pela natureza do sufixo, já pela accepção, sirva para depreciar a idéa, ex. : *populacho*, *casebre*, *logarejo*, *velhusca*, *doutoraco*.

B) A **propria**, desde que designe uma cousa attenuada e pequena, ex. : *riacho*, *pedrisco*, *cazinha*, *botim*.

C) A **embellezativa** (1), desde que sirva para exprimir doçura, ternura ou realçar a idéa, ex. : *paezinho*, *filhinho*, *mocita*, *veranico*.

Ha tanta riqueza de flexões graduacs diminutivas na linguagem popular e familiar que occorrem diminutivos puramente embellezativos, pertencentes a outras categorias grammaticaes que não ao substantivo : ex. : *umzinho*, *estezinho*, *cedinho*, *devagarinho* e até nos verbos como se acham em Alencar, Garrett e outros, ex. : « *passeandilo* ». « *Estar dormindinho* » (2).

Grãos dos adjectivos.

Grãos são as diversas relações que póde assumir a significação ou conceito dos adjectivos descriptivos.

Tres são os grãos :

A) O **positivo**, que exprime a qualidade normal e absolutamente, ex. : *alto*, *grato*, *bello*.

B) O **comparativo**, que exprime a qualidade mediante uma noção de comparação, ex. : *mais bello que*, *tão grato como*, *menos justo que*.

(1) Vide PARATO, *Gram. normale della lingua italiana*.

(2) JULIO RIBEIRO, *Gram. portuguezá*.



c) O **superlativo**, que exprime a qualidade na sua mais alta intensidade significativa, ex. : *bellissimo, muito amavel, extremamente docil.*

Comparativos inorganicos.

Tendo perdido as linguas romanas as flexões organicas *ior, ius*, constitutivas do comparativo de superioridade, formaram-se estes *analytica* ou *inorganicamente*, isto é, mediante *adverbios* apropriados á funcção gradual.

Os comparativos podem ser de *igualdade, inferioridade e superioridade*. Assim se formam :

O de *igualdade* antepõe ao positivo o *adverbio tão* e *pospõe-lhe* as *conjuncções como, quanto* e ás vezes *qual*, ex. : *tão bravo como, quanto* ou *qual* leão (1).

O de *inferioridade* antepõe o *adverbio menos* e *pospõe-lhe* a *conjuncção que* ou a *expressão conjuntiva do que*, ex. : *menos bravo que* ou *do que*.

O de *superioridade* antepõe o *adverbio mais* e *pospõe-lhe* a *conjuncção que* ou a *expressão conjuntiva do que*, ex. : *mais bravo que* ou *do que...*

Comparativos organicos.

Restam-nos ainda alguns vestigios da tradição latina nos seguintes *adjectivos* cujos *comparativos* se formam *organica e irregularmente*. Assim temos :

(1) Si a *comparação* for entre *dous adjectivos*, póde *empregar-se quão*, ex. : « *tão prudente quão justo* ».

POSITIVOS	COMPARATIVOS	SUPERLATIVOS
Bom	melhor	optimo
Má	peor	pessimo
Pequeno	menor	minimo
Grande ou magno (1)	maior	maximo
Senil	senior	senilimo
Supero	superior	supremo ou summo
Infero	inferior	infimo ou imo (2)

Ocorrem igualmente as expressões *mais pequeno*, *mais má* e os superlativos vernaculos *bonissimo*, *malissimo* e *pequenissimo*, *grandissimo*.

A maior parte dos adjectivos em *or*, ex. : *anterior*, *interior*, *posterior*, *citerior*, *ulterior*, *exterior* são historicamente comparativos cujas funções se obliteraram, de sorte que até alguns se converteram em substantivos, ex. : *senhor*, *prior*, de *senior* e *prior*.

Superlativos.

Ha duas especies de superlativos : o relativo e o absoluto.

Superlativo relativo.

O superlativo relativo forma-se :

A) Antepondo-se apenas *mais* ou *menos* ao positivo, desde que este se posponha ao substantivo, ex. : o homem *mais* ou *menos* *sabio*.

(1) A forma *grande* substituiu a *magno*; *pequeno*, a *parvo*; e *supero* e *infero* existem na tecnologia botanica, ex. : *corolla supera*, *ocario infero*.

(2) A forma *senior* usa-se como *junior*, isto é, nos nomes proprios personativos, como *sobrenomes*.

b) Antepondo-se ao positivo *o mais* e pospondo *lhe de* ou *entre* e ás vezes as duas preposições, ex. : *o mais sabio dos homens, entre* ou *d'entre* os homens.

Os adjectivos — *grande, pequeno, bom e máo* — têm por superlativos relativos os seus comparativos organicos — *maior, menor, melhor, peor* (1).

As fórmulas *melhor* e *peor* se devem substituir pelas expressões *mais bem* e *mais mal* antes dos participios passados, ex. : *o mais bem educado, mais mal vestido*.

A lingua latina não possuía superlativo relativo : assim, sempre que o absoluto apparecia seguido do genitivo, do accusativo mediante *inter* ou do ablativo mediante *ex*, exercia igualmente a função do nosso relativo, ex. : « *altissima arborum* ou *ex arboribus* ou *inter arbores* » (2).

Esta syntaxe é ás vezes seguida por escriptores de nota e assim occorrem : — a *altissima* das arvores, o *prudētissimo* dos conselhos (3).

Superlativos organicos (4).

O superlativo absoluto diz-se :

A) Organico ou synthetico, desde que seja constituido mediante o suffixo *issimo* ou *imo*, ex. : *gratissimo, facilimo, optimo*.

b) Inorganico ou analytico, desde que seja constituido por uma expressão, ex. : *muīto grato* = *gratissimo*, *muīto amavel* = *amabilissimo* etc.

(1) O superlativo relativo é uma modalidade do comparativo, conforme attestam a fórmula e função.

(2) Vêde E. ABBÉ, *Syntaxe latine*, pag. 14.

(3) JULIO RIBEIRO, *Gram. port.*

(4) Conforme o nosso trabalho, hemos sempre chamado organicos todos os phenomenos e factos vocabulares dependentes, dos *affixos* ou das *raizes*, por serem os organs estruturales e morphologicos dos vocabulos.



O adverbio *muito* póde ser substituído por outro de igual significação, ex. : *extremamente, excessivamente, extraordinariamente, completamente, grandemente, etc.*, e até pelo adverbio *bem*, com o valor de *muito*, ex. : *bem alto, bem vagaroso, etc.*

Os superlativos organicos assim se formam :

A) Desde que o positivo termina por vogal (i), elimina-se esta e agglutina-se o suffixo, ex. : alto — alt-issimo, pareo — pare-issimo;

B) Desde que o positivo termina por *ar, al, il* e *u*, agglutina-se directamente o suffixo, ex. : exemplar + issimo, liberal + issimo, eru + issimo.

Os demais, isto é, os desinenciados em *vel, z, ão, m* e *go*, se formam, calcando-se nas fórmulas latinas intermediarias, existentes no portuguez arcaico, como se seguem, ex. :

POSITIVOS ACTUAES	POSITIVOS ARCAICOS	SUPERLATIVOS
Terrível	terribil	terribilissimo
Amavel	amabil	amabilissimo
Veloz	veloce	velocissimo
Audaz	audace	audacissimo
Vão	van (2)	vanissimo
São	san	sauissimo
Commum	commun	communissimo
Amigo	amico	amicissimo
Antigo	antiquo	antiquissimo

Ha superlativos a que não correspondem positivos na lingua portugueza. Assim temos : *proximo* e *ultimo*; este passou aos indefinitos e aquelle ao estado de positivo.

(1) Si terminar o adjectivo por duas vogaes, o superlativo será de preferencia sempre inorganico, ex. : *ferreo, idoneo, necessario, bravo, doctio, vadio*.

(2) Este *n* da fórmula arcaica é o *til* da fórmula actual, o qual *n* reaparece na estrutura, do superlativo e das formas derivadas dos adjectivos, ex. : *são-sanissimo, sanidade*.

Resumo synoptico.

GRÁOS DOS ADJECTIVOS

GRÁOS quanto á	} especie	} positivo (1)	} comparativo. { superioridade } igualdade } inferioridade	
				} superlativo. { absoluto } relativo

Superlativos divergentes.

Muitos adjectivos possuem dous superlativos organicos : um de formação vernacula, na propria lingua ; outro de formação latina.

POSITIVOS SUPERLATIVOS VERNACULOS SUPERLATIVOS LATINOS

Agil	agilissimo	agilimo
Acre	acrisimo	acerrimo
Aspero	asperissimo	asperrimo
Celebre	celebrissimo	celeberrimo
Cruel	cruelissimo	crudelissimo
Doce	docissimo	dulcissimo
Frio	friissimo	frigidissimo
Fragil	fragilissimo	fragilimo
Grácil	gracilissimo	gracilimo
Humilde	humildissimo	humilimo
Integro	integrissimo	integerrimo
Livre	livrissimo	liberrimo
Nobre	nobrissimo	nobilissimo
Negro	negrissimo	nigerrimo
Pobre	pobrissimo	pauperrimo
Salubre	salubrissimo	saluberrimo
Sénil	senilissimo	similimo

(1) O positivo não é propriamente gráo, pois assignala a significação nas suas condições semanticas de normalidade.

(2) O gráo organico é *synthetico*; o inorganico, *analytico* : aquelle por *suffixação*, este por *adverbiação*.

Superlativos convergentes.

Assim como a alguns positivos correspondem dous superlativos organicos, assim a um superlativo podem corresponder **morphologica** ou **significativamente** dous positivos geralmente **cognatos** ou ás vezes de **raizes diversas**.

Este phenomeno constitue os superlativos convergentes, ex. :

magnificentissimo para os positivos		{	magnificente magnifico
beneficentissimo	—	{	beneficente benefico
benevolentissimo	—	{	benevolente benevolo
maledicentissimo	—	{	maledicente maledico
malevolentissimo	—	{	malevolente malevolo
maximo	—	{	magno grande
pessimo	—	{	máo ruim
sapientissimo	—	{	sapiente sabio
generalissimo (2)	—	{	general geral
similimo	—	{	semil semelhante
bellacissimo	—	{	bellaz bellico

(1) Chamamos superlativos convergentes; mas, bem ponderados os factos, aqui se dá o phenomeno dos positivos **divergentes**, isto é, dous positivos para um só superlativo.

(2) Emprega-se substantivamente.



Defectividade gradual.

Ha adjectivos [descriptivos que, por terem significação mais ou menos definitiva, rejeitam o superlativo **organico** e taes são aquelles que exprimem :

A) As fórmãs geometricas dos corpos, ex. : *redondo, quadrado, conico, triangular, oval, parallelo.*

B) Os diversos pontos geographicos do globo terrestre, ex. : *oriental, occidental, austral, boreal, meridional, septentrional, arctico, glacial, central.*

C) Os diversos logares e a patria dos individuos, ex. : *americano, europeu, brasileiro, sergipano, paulista, fluminense.*

D) O estado civil das pessoas, ex. : *casado, solteiro, viuvo.*

E) As diversas modalidades do tempo ou da duração, ex. : *nocturno, diurno, vespertino, matutino, diario, semanal, mensal, annual, secular, hodierno, outomnal, vernal, hibernal, perpetuo, vitalicio, eterno.*

F) As personalidades historicas celebres, ex. : *homerico, dantesco, manuelino, affonsino, camoneano, socratico, ptolomaico.*

G) As qualidades immutaveis e definitas, ex. : *immortal, espiritual, perfeito, corporal, divino, maternal, paternal, filial, lunar, solar, sideral, astral, physico, infinito, etc.*

Rejeitam igualmente o superlativo organico a maior parte dos adjectivos compostos, principalmente aquelles que se referem á tecnologia scientifica, ex. : *cabisbaixo, grandiloquo, noctambulo, vejeto-mineral, scenographico, uroscopico, febrifugo, centripeto, sudorifico, belligero, paregorico, dinamico, psychologico, etc.*

As fórmãs *supremissimo, divinissimo, principalissimo, infinitissimo, mesmissimo, multissimo*, são superlativos apenas exteriormente, pois a flexão não lhes altera o conceito significativo.

Flexão conjugativa.

Flexão conjugativa ou verbal é a modificação na terminação do verbo para exprimir o modo, tempo, numero e pessoa.

Modos.

Modos são as diversas fórmãs ou flexões próprias ao verbo, para exprimir as condições da afirmação.

Estes modos são cinco :

A) O **indicativo**, que exprime a afirmação absoluta e positivamente, ex. : *vou, saberei*.

B) O **imperativo**, que exprime a afirmação mediante noção de ordem ou mando, ex. : *dize, voltae*.

C) O **condicional**, que exprime a afirmação mediante noção de probabilidade e condição, ex. : *faria, teria*.

D) O **subjuntivo**, que exprime a afirmação mediante noção de possibilidade, e geralmente sujeito a outro modo, ex. : *venha, cante*.

E) O **infinitivo**, que exprime a afirmação vagamente, isto é, independente das noções de numero, pessoa e tempo.

O infinitivo diz-se :

A) **Impessoal**, desde que não se possa flexionar, constituindo quasi sempre expressões verbaes, ex. : *podemos passar*.

B) **Pessoal**, desde que se possa flexionar, assumindo as flexões de numero e pessoa.

O infinitivo impessoal e os participios são fórmãs nominaes do verbo, pois historicamente são mais nomes do que verbos : aquelle é o **substantivo** do verbo e estes são os **adjectivos** (1).

(1) ZUMPT's *Latin grammar*, pag. 120. — PRILLE, *Philology*, pag. 95. — RAINACH, *Gram. latine*, pag. 47. — DELON, *Gram. hist.*, pag. 211.



Tempos.

Tempos são as modalidades de duração expressas pelas formas ou flexões verbaes. São :

A) O presente, que exprime a afirmação ou facto effectuado no acto da palavra, ex. : *leio, amo, faze, veja.*

B) Passado, que exprime a afirmação ou facto effectuado anteriormente ao acto da palavra, ex. : *amava, amei.*

C) Futuro, que exprime a afirmação ou facto effectuado posteriormente ao acto da palavra, ex. : *amarei.*

O passado e o futuro apresentam diversas modalidades. Assim o passado se diz :

A) Imperfeito, que exprime um facto anterior ao acto da palavra, porém presente em relação a qualquer circumstancia, ex. : *amava, amasse.*

B) Perfeito, que exprime um facto posterior ao acto da palavra, ex. : *amei.*

C) Indefinito, que exprime a repetição actual de um facto anterior ao acto da palavra, ex. : *tenho visto, havemos andado, tenha visto.*

D) O mais que perfeito, que exprime um facto tanto anterior ao acto da palavra como a qualquer circumstancia passada, ex. : *tinha visto, houvesse visto.*

O futuro se diz :

A) Absoluto ou simples, que exprime um facto posterior ao acto da palavra e independente de



qualquer circunstancia, ex. : *farei, direi, trarei.*

B) **Relativo** ou **composto**, que exprime um facto posterior ao acto da palavra, porém anterior a qualquer circunstancia, ex. : *terei chegado, tiver passado.*

Tempos compostos.

- As formas compostas da conjugação se constituem com os auxiliares *ter* ou *haver* e o particípio passado. Assim se formam :

A) **Presente** : do aux. + part. pas. = pret. indefinito, ex. :

tenho visto,	te	visto, etc.,	para o indicativo
tenha —	tenhas	—	o subjuntivo
ter —	teres	—	o infinitivo
tendo —	tendo	—	o particípio

B) **Preterito** : do aux. + part. pas. = mais que perfeito :

tinha visto,	tinhas	visto, etc.,	para o indicativo
tivesse —	tivesses	—	o subjuntivo
teria —	terias	—	o condicional

C) **Futuro** : do aux. + part. pas. = futuro relativo :

terei visto,	terás	visto, etc.,	para o indicativo
tiver —	tiveres	—	o subjuntivo

Numero e pessoa.

O modo e o tempo pertencem mais ao verbo; o numero e a pessoa mais ao sujeito do que ao proprio verbo.



Numero é a expressão da unidade ou da pluralidade assignaladas pela flexão verbal.

Dous são os numeros : o **singular** que indica a afirmação attinente a uma só pessoa ou cousa ; o **plural** a afirmação attinente a duas ou mais pessoas ou cousas.

Pessoa é a fôrma assumida pelo verbo para exprimir as tres attitudes do sujeito em relação ás fôrmas verbaes.

Ha dous numeros : o **singular** e o **plural** e para cada um ha tres pessoas, que são :

a) A **primeira**, isto é, aquella que fala e seus sujeitos são *eu* e *nós*.

b) A **segunda**, isto é, aquella de quem falamos e seus sujeitos são *tu* e *vós*.

c) A **terceira**, isto é, aquella de quem falamos e seus sujeitos são *elle*, *elles* ou qualquer palavra ou expressão de natureza substantiva.

A primeira e a segunda pessoa são sempre pronominaes; a terceira pôde ser pronominal, nominal e proposicional, ex. : *elle* convém; a *casa* convém; convém *que partas*.

Verbos depoentes.

Ha verbos que podem indifferentemente exprimir o mesmo factio, quer mediante os auxiliares *ter* ou *haver*, quer mediante os auxiliares *ser* ou *estar*, tendo geralmente mais ou menos a significação de *ter*, ex. : « O inverno *está* passado e o verão é chegado ».

Estes verbos se podem chamar **depoentes** como em latim, pois são exteriormente passivos, mas a sua significação é integralmente **activa**.



Esses verbos são quasi sempre de predicção *completa*, exprimem *movimento de acção*. Assim apparecem auxiliados pelos verbos *ser* ou *estar*, syntaxe esta peculiar ás linguas romanas, ex. :

« Porém einco soes *eram* já passados » (1).

No portuguez areaico, segundo nos attestam os documentos, muitos existiam d'estes verbos geralmente auxiliados por *ser*.

« Entrados sois na grande Taprobana » (2).

Este facto occorria constantemente com o verbo *partir*, como no seguinte exemplo :

« E que sós dous dias havia que a uão *era partida* » (3).

A's vezes até estes verbos possuíam objecto directo, posto que auxiliados por *ser*, ex. :

« Porque os mais *eram* passados a terra firme » (4).

Os principaes verbos em que se pôde effectuar a *depoencia* são *chegar*, *vir*, *partir*, *passar* e quasi todos os de predicção **completa**, de movimento (5), inclusive os verbos *morrer* e *nascer*, ex. :

Noeadá Hamed este era chamado
Que na infiel Turquia *foi nascido* (6). (7).

Aqui consignamos estes phenomenos, por occorrerem constantemente na lingua viva, na maior parte dos escriptores modernos, principalmente na linguagem poetica.

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) J. COUTO MACEDO, *O Oriente*.

(3) M. PINTO, *Peregrinações*.

(4) JOÃO DE BARROS, *Decadas*.

(5) Vide M., *Philologia portugueza*.

(6) ANDRADE, *Primeiro Cerco de Diu*.

(7) São tambem considerados *depoentes* alguns participios *passados* de que nos utilizamos com significação *activa*, ex. : homem *lido*, pessoa *viajada*.



As formas da conjugação.

Quatro são as fórmãs da conjugação, segundo as modalidades do infinito : a primeira em *ar*, a segunda em *er*, a tereira em *ir*, a quarta em *ôr* (1).

As tres primeiras dizem-se geraes, por se applicarem a quaesquer verbos, e a quarta diz-se especifica por servir exclusivamente para o verbo *pôr*, ora isolado, ora agglutinado, ex. : *depor*, *impor*, *expor*.

As Conjugações Geraes.

Flexões regulares em AR, ER IR

INDICATIVO

PRESENTE

N. S.	Am + o	Dev + o	Un + o
—	as	es	es
—	a	e	e
N. P.	— amos	— emos	— imos
—	ais	eis	is
—	am	em	em

PRETERITO IMPERFEITO

N. S.	Am + ava	Dev + ia	Un + ia
—	avas	ias	ias
—	ava	ia	ia
N. P.	— avamos	— iamos	— iamos
—	aveis	ieis	ieis
—	avam	iam	iam

(1) Achamos mais correcto o termo — **infinitivo** do que infinito até então usado.

PRETERITO PERFEITO

N. S.	Am + ei	Dev + i	Un + i
—	aste	— este	— iste
—	ou	— eu	— iu
N. P.	— ámos	— emos	— imos
—	astes	— estes	— istes
—	aram	— eram	— iram

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

N. S.	Am + ara	Dev + era	Un + ira
—	aras	— eras	— iras
—	ara	— era	— ira
N. P.	— áramos	— eramos	— iramos
—	areis	— ercis	— ireis
—	aram	— eram	— iram

FUTURO ABSOLUTO

N. S.	Am +arei	Dev + crei	Un + irei
—	arás	— erás	— irás
—	ará	— erá	— irá
N. P.	— aremos	— eremos	— iremos
—	areis	— ercis	— ireis
—	arão	— erão	— irão

CONDICIONAL

PRESENTE OU PRETERITO

N. S.	Am + aria	Dev + eria	Un + iria
—	arias	— erias	— irias
—	aria	— eria	— iria
N. P.	— aríamos	— eríamos	— iríamos
—	areis	— ercis	— ireis
—	ariam	— eriam	— iriam

MODO IMPERATIVO

FUTURO

Am + a	Dev + e	Un + e
— ae	— ei	— i



MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

N. S.	Am + e	Dev + a	Un + a
—	es	— as	— as
—	e	— a	— a
N. P.	— emos	— amos	— amos
—	eis	— ais	— ais
—	em	— am	— am

IMPERFEITO

N. S.	Am + asse	Dev + esse	Un + isse
—	asses	— esses	— isses
—	asse	— esse	— isse
N. P.	— assemos	— essemos	— issemos
—	asseis	— esseis	— isseis
—	assem	— essem	— issem

FUTURO

N. S.	Am + ar	Dev + er	Un + ir
—	ares	— cres	— ires
—	ar	— er	— ir
N. P.	— armos	— ermos	— irmos
—	ardes	— erdes	— irdes
—	arem	— erem	— irem

INFINITIVO IMPESSOAL

Am + ar	Dev + er	Un + ir
---------	----------	---------

INFINITIVO PESSOAL

N. S.	Am + ar	Dev + er	Un + ir
—	ares	— cres	— ires
—	ar	— er	— ir
N. P.	— armos	— ermos	— irmos
—	ardes	— erdes	— irdes
—	arem	— erem	— irem

PARTICÍPIOS

PARTICÍPIO PRESENTE

Am + ando	Dev + endo	Un + indo
-----------	------------	-----------

PARTICÍPIO PASSADO

Am + ado	Dev + ido	Un + ido
----------	-----------	----------

A Conjugação Específica

Verbo PÔR

MODO INDICATIVO

TEMPO PRESENTE

N. S. Ponho	pões	põe
N. P. Pomos	pondes	põem

PRETERITO IMPERFEITO

N. S. Punha	punhas	punha
N. P. Punhamos	punheis	punham

PRETERITO PERFEITO

N. S. Puz	puzeste	poz
N. P. Puzemos	puzestes	puzeram

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

N. S. Puzera	puzeras	puzera
N. P. Puzeramos	puzereis	puzeram

FUTURO ABSOLUTO

N. S. Porei	póras	porá
N. P. Poremos	poréis	porão



MODO IMPERATIVO

PRESENTE

N. S. Põe tu

N. P. Ponde vós

MODO CONDICIONAL

PRETERITO IMPERFEITO

N. S. Poria

porias

poria

N. P. Poriamos

porieis

poriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

N. S. Ponha

ponhas

ponha

N. P. Ponhamos

ponhaes

ponham

PRETERITO IMPERFEITO

N. S. Puzesse

puzesses

puzesse

N. P. Puzessemos

puzesseis

puzessem

FUTURO ABSOLUTO

N. S. Puzer

puzeres

puzer

N. P. Puzermos

puzerdes

puzerem

FÓRMAS NOMINAES

INFINITO IMPESSOAL

Pôr

INFINITIVO PESSOAL

N. S. Pôr eu

pôres tu

pôr elle

N. P. Pôrmos nós

pôrdes vós

pôrem elles

PARTICÍPIO PRESENTE

Pondo

PARTICÍPIO PASSADO

Posto



As Conjugações Anomalias

HAVER, SER, IR

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Hei	Sou	Vou
has	és	vais
ha	é	vae
havemos ou hemos	somos	vamos ou imos
haveis ou eis (1)	sois	vades ou ides
hão	são	vão

PRETERITO IMPERFEITO

Havia	Era	Ia
havias	eras	ias
havia	era	ia
havíamos	eramos	iamos
haveis	ereis	ieis
haviam	eram	iam

PRETERITO PERFEITO

Houve	Fui	Fui
houveste	foste	foste
houve	foi	foi
houvemos	fomos	fomos
houvestes	fostes	fostes
houveram	foram	foram

(1) Chamamos a atenção para esta forma *eis* que, conforme o provamos pela imprensa, é verbo e não adverbio: Basta attendermos que lhe podemos ajuntar as variações pronominaes *me, te, nos, vos, o, as, os, as*, encliticamente, as quaes sempre gravitam em torno de uma forma verbal. O sujeito é o pronome *vós*.

A analogia exterior de forma e função fez tomar a forma *eis* como oriunda etymologicamente do *ecce* latino: d'ahi o erro de classificação dos lexicos. Si assim não fôra, os trechos em que apparece o *eis* não offereceriam sentido comprehensivel. Entre-



MAIS QUE PERFEITO

Houvera	Fôra	Fôra
houveras	fôras	fôras
houvera	fôra	fôra
houveramos	fôramos	fôramos
houvereis	fôreis	fôreis
houveram	fôram	fôram

FUTURO

Haverei	Serei	Irei
haverás	serás	irás
haverá	será	irá
haveramos	seremos	iremos
haveréis	sereis	ireis
haverão	serão	irão

CONDICIONAL

PRESENTE

Haveria	Seria	Iria
haverias	serias	irias
haveria	seria	iria
haveríamos	seríamos	iriamos
haverieis	serieis	iricis
haveriam	seriam	iriam

tanto são elles de facil intelligencia, como vemos no seguinte de Camões:

« *Eis aqui, quasi cume da cabeça
De Europa, todo o reino lusitano..* »

A forma *eis* pode ás vezes ter por objecto directo *proposição conjuncional* cujo connectivo (*que*) se ache *expresso*, ou *latente*:

« *Eis que me não conheço, eis que me sinto fora
Do meu proprio entender, do meu proprio pensar.* »

(DALTRIO SANTOS. — *Taça Partida.*)

Eis (que) vem o Mestre e (que) o apito toca.

CAMÕES — *Lusitadas.*

« *Eis (que) na horrivel caverna que habito.
Rouca voz começou-me a chamar* »

(G. DIAS — *Canto do Piaga.*)



IMPERATIVO

Ha tu
havei vós

Sê tu
sêde vós

Vae tu
ide ou vae vos

SUBJUNTIVO

PRESENTE

Haja
hajas
haja
hajamos
hajaes
hajam

Seja
sejas
seja
sejamos
sejaes
sejam

Vá
vás
vá
vamos ou imos
vades ou ides
vão

IMPERFEITO

Houvesse
houvesse
houvesse
houvessemos
houvesseis
houvessem

Fosse
fosse
fosse
fossemos
fosseis
fossem

Fosse
fosse
fosse
fossemos
fosseis
fossem

FUTURO

Houver
houveres
houver
houvermos
houverdes
houverem

For
fores
for
formos
fordes
forem

For
fores
for
formos
fordes
forem

FORMAS NOMINAES

INFINITIVO IMPESSOAL

Haver

Ser

Ir



PESSOAL

Haver eu	Ser eu	Ir eu
haveres tu	seres tu	ires tu
haver elle	ser elle	ir elle
havermos nós	sermos nós	irmos nós
haverdes vós	serdes vós	irdes vós
haverem elles	serem elles	Irem elles

PARTICÍPIO PRESENTE

Havendo	Sendo	Indo
---------	-------	------

PARTICÍPIO PASSADO

Havido	Sido	Ido
--------	------	-----

As Conjugações Anomalias

TER, VIR, ESTAR

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Tenho	Venho	Estou
tens	vens	estás
tem	vem	está
temos	vimos	estamos
tendes	vindes	estaes
têm	vêm	estão

PRETERITO IMPERFEITO

Tinha	Vinha	Estava
tinhas	vinhas	estavas
tinha	vinha	estava
tinhamos	vinhamos	estavamos
tinheis	vinheis	estaveis
tinham	vinham	estavam



PRETERITO PERFEITO

Tive	Vim	Estive
tiveste	vieste	estiveste
teve	veiu	esteve
tivemos	viemos	estivemos
tivestes	viestes	estivestes
tiveram	vieram	estiveram

PRET. MAIS QUE PERFEITO

Tivera	Viera	Estivera
tiveras	vieras	estiveras
tivera	viera	estivera
tiveramos	vieramos	estiveramos
tiveréis	vieréis	estiveréis
tiveram	vieram	estiveram

FUTURO

Terei	Virei	Estarei
terás	virás	estárás
terá	virá	estará
teremos	viremos	estaremos
teréis	viereis	estareis
terão	virão	estarão

CONDICIONAL

Teria	Viria	Estaria
terias	virias	estarias
teria	viria	estaria
teríamos	viríamos	estariamos
teríeis	viríeis	estariéis
teriam	viriam	estariam

IMPERATIVO

Tem tu	Vem tu	Está tu
tende vós	vinde vós	estae vós



SUBJUNTIVO

PRESENTE

Tenha	Venha	Esteja
tenhas	venhas	estejas
tenha	venha	esteja
tenhamos	venhamos	estejamos
tenhaes	venhaes	estejaes
tenham	venham	estejam

IMPERFEITO

Tivesse	Viesse	Estivesse
tivesses	viesse	estivesse
tivesse	viesse	estivesse
tivéssemos	viessemos	estivéssemos
tivésseis	viesseis	estivésseis
tivéssem	viessem	estivéssem

FUTURO

Tiver	Vier	Estiver
tiveres	vieres	estiveres
tiver	vier	estiver
tivermos	viermos	estivermos
tiverdes	vierdes	estiverdes
tiverem	vierem	estiverem

FÓRMAS NOMINAES

INFINITIVO IMPESSOAL

Ter	Vir	Estar
-----	-----	-------

INFINITIVO PESSOAL

Ter eu	Vir eu	Estar eu
teres tu	vires tu	estares tu
ter elle	vir elles	estar elle
termos nós	virmos nós	estarmos nós
terdes vós	virdes vós	estardes vós
terem elles	virem elles	estarem elles



PARTIGIPIO PRESENTE

Tendo	Vindo	Estando
-------	-------	---------

PARTIGIPIO PASSADO

Tido	Vindo	Estado
------	-------	--------

A irregularidade verbal.

Verbo irregular é aquelle em que o thema do infinitivo ou a flexão se anormaliza em algumas fórmãs.

A irregularidade se diz :

A) **Thematica**, desde que apenas o radical do infinitivo se anormalize, mas a flexão se conserve regularmente, ex. : perd + er, perc + o, perc + a acudir — acode.

B) **Flexional**, desde que apenas a flexão se anormalize ou se *perca*, relativamente á fórmula da conjugação a que pertence o verbo, ex. : prante + ar, pranteio, d + ar, d + eu, produz + ir — produz (e).

C) **Dupla**, desde que tanto a flexão como o radical se anormalizem; este quanto ao infinitivo, aquella quanto á fórmula da conjugação, ex. : traz + er — trag + o, troux + era, trouxe.

Nos verbos irregulares ha fórmãs sempre *co-irregulares*. Assim no presente do indicativo :

A) Á irregularidade na 1.^a do singular corresponde outra irregularidade no presente do subjuntivo, ex. : trazer-trago-traga, valer-valho-valha, saber-sei-saiba.



B) Á irregularidade na 2.^a pessoa corresponde outra similar no imperativo, ex. : acudir, *acodes-acode tu*; passear, *passeias-passeia tu*; aggre-dir-aggrídes-aggríde tu; erer-eredes-crede vós; ver vedes-vede vós.

c) Á irregularidade thematicia da 1.^a do perfeito correspondem a do mais que perfeito do indicativo, a do imperfecto e a do futuro do subjuntivo, ex. : pod + er — *pude — pud + era, pud + esse, puder, diz + er, disse, dissera, dis + esse, disser.*

As conjugações irregulares.

Ha tres especies de verbos irregulares :

A) **Graphicos**, que são aquelles que, posto sejam regulares, possuem algumas particularidades graphicas, ex. : proteger-proteja, distinguir-distinga (1).

B) **Fracos**, que são aquelles cujo thema do infinitivo não se modifica no perfeito, de sorte que as suas irregularidades se effectuam geralmente no presente do indicativo ou no do subjuntivo, ex. : acudir — *acud + i — acod — es, perder — perd + i perc + o — perc + a, pratear — prate + ei — prat + eio.*

c) **Fortes**, que são aquelles cujo thema do perfeito se desvia do thema do infinitivo, de modo

(1) A estas davam, antes de os havermos classificado, o nome de aparentemente irregulares, quando apenas lhes occorre modificação na graphica.



que as irregularidades se transmitem ao mais que perfeito do indicativo, ao imperfeito e ao futuro do subjuntivo, ex. : *cab* + *er* — *coub* + *c* — *coub* + *era* — *coub* + *esse* — *coub* + *er*.

Irregulares graphicos.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

As irregularidades desta primeira conjugação têm por causa a flexão *e*.

A) Os verbos terminados em *car* ou *ccar* mudam *c* ou *cc* em *qu* antes da flexão *e*, ex. : *marcar* — *marque* — *marquei*; *peccar* — *peque* — *pequei*.

B) Os terminados em *çar* perdem o cedilha antes da flexão *e*, ex. : *começar* — *comece* — *comecei*.

C) Os terminados em *gar* tomam a vogal *u* antes da flexão *e*, ex. : *castigar* — *castigue* — *castigui*.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

As irregularidades desta conjugação têm por causa as flexões *a* ou *o*.

A) Os verbos terminados em *cer* exigem o cedilha antes das flexões *o* ou *a*, ex. : *descer* — *desço* — *desça*, *favorecer* — *favoreço* — *favoreça*, etc.

B) Os terminados em *ger* substituem o *g* por *j*



antes das flexões *a* ou *o*, ex. : *clger* — *elejo* — *eleja*, *proteger* — *protejo* — *proteja*, etc.

c) Os terminados em *guer* perdem o *u* antes das flexões *o* ou *a*, ex. : *erguer* — *ergo* — *erga*, etc.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

As irregularidades desta conjugação têm por causa as flexões *a* ou *o*.

A) Os terminados em *guir* perdem o *u* antes das flexões *a* ou *o*, ex. : *distinguir* — *distingo* — *distingas* (excepto o verbo *arguir*, porque o *u* é oxytono).

B) Os terminados em *gir* substituem o *g* por *j* antes das flexões *a* ou *o*, ex. : *colligir* — *collijo* — *collijas*, *tingir* — *tinjo* — *tinjas*.

c) Os terminados em *cir* tomam o *cedilha* antes das flexões *o* ou *a*, ex. : *resarcir* — *resarço* — *resarças*, etc.

d) Os terminados em *hir* perdem o *h*, sempre que a vogal da raiz constitue diptongo com a da flexão, ex. : *sahir* — *saio* — *saia*, *cahir* — *caio* — *caia* — *cae* — *caes*.

Irregulares fracos.

Os verbos fracos se adstringem a tres phenomenos em que se baseia a irregularidade : a **deflexão**, a **epenthese** e o **abrandamento**. Assim constituem os seguintes grupos :



1.º GRUPO

1.º Deflexão do phonema *u* por *o* :

A) Por efeito da flexão *e*, ex. : *sum + ir* — (*sumo*) *som + es*, *som + es* — *som + em*, *som + e* tu (*sumi vós*).

Assim os verbos — *acudir*, *sacudir*, *cuspir*, *entupir*, *subir*, *fugir*, *engulir*, *tussir*, *destruir* (1).

2.º Deflexão do phonema *o* por *u* :

A) Por efeito da flexão *o* ou *a*, ex. : *dorm + ir* — *durm + o*, *durm + a* — *durm + as*, — *a* — *amos* — *ais* — *am*.

Assim *cobrir* e outros :

B) Nos themas *não* seguidos do *i* do infinitivo, ex. : *cort + ir* — *curt + o*; *curt + es*, *curt + e*, *cortinos*, *cort + is*, *curt + em*, *curt + e* tu, *cort + i* vós.

Assim *ordir*, *sortir*, *polir*, *florir*, *colorir*.

2.º GRUPO

Deflexão do phonema *e* por *i*, ex. :

A) Por efeito da flexão *o* ou *a*, ex. : *ment + ir* — *mint + o*, *mint + a* — *as* — *amos* — *ais* — *am*.

Assim os verbos *seguir*, *sentir*, *fregir*, *servir*, *adherir*, *repetir*, *vestir*, *reflectir*, *ferir* e todos os calcados na forma *ferir* = (*ferre*), ex. : *transferir*, *referir*, *auferir*, *aferir*, etc. (2).

B) Por transposição do accento tonico para o thema, ex. : *preven + ir* — *previno*, *prevines*; *previne* — *preveninos* — *prevenis* — *previnem*, *previne* tu.

Assim *progredir* e seus cognatos, e os verbos *delir*, *sergir*, *denegrir* (3).

(1) Os calcados na raiz *stru* tendem a se normalizar, ex. : *construir* — *construo* — *construes* (*constroes*), *construe* (*constroe*), *construem* (*constroem*).

(2) Muitos ha que pouco se usam nessas formas : *emergir*, *submergir*, *immergir*, *concernir*, *discernir*, *preterir*, *gerir*, *suggerir*, *expellir*, *propellir*, e os seus cognatos.

(3) *Remir* assume o *d* etymologico (*re-dimere*) nas mesmas formas, ex. : *redimo* — *redimes* — *redime* — *redimem* — *redima...* *redime* — tu.

A epenthese.

1.º GRUPO

1.º Inserção do som *i* por effeito da flexão *o* ou *a* :

A) Nos verbos *parir*, *requerer* e *esvair*, ex. : pa-*i*-ro, — pa-*i*-ra — as — amos — ais — am — reque-*i*-ro — reque-*i*-ra (as — a — amos — ais — am (1).

B) Nos monosyllabos — *crer*, *rir*, *ler*, ex. : le-*i*-o, le-*i*-a, cre-*i*-o, cre-*i*-a... r-*i*-o, r-*i*-a... (subjuntivo).

2.º GRUPO

Inserção de *i* sempre nos terminados por *ear*, e ás vezes de *e* nos terminados por *iar* (2) :

A) Nas fórmãs do presente indicativo, excepto na 1.ª e 2.ª do plural, ex. : *passear* — passe-*i*-o — e-*i*-as — e-*i*-a (passe-amos — passe-ais) passe-*i*-am; *odiar* od-e-*i*-o — as-a (*odeamos* — *odiais*) od-e-*i*-am.

B) Nas mesmas fórmãs do subjuntivo, ex. : passe-*i*-e — e-*i*-es — e-*i*-e (passe-emos — passe-eis) passe-*i*-em; od-e-*i*-o — eias-*i*-e (*odiamos-odiais*) od-e-*i*-em.

Este mesmo phenomeno sempre se effectua na 2.ª do imperativo singular, ex. : nomeia tu, odeia tu.

Abrandamento.

O abrandamento se effectua por effeito da flexão *o* ou *a* :

A) No verbo *valer* e seus compostos, ex. : valh+o, valha...

B) Nos phonemas *d* ou *v* por *c*, ex. : perder, perc-o, perca... med+ir — meç+o, meça... ouv+ir — ouç-o — ouça...

(1) Os terminados por *ahir* seguem a mesma lei ex. : saio, saia, saias, saia, saíamos, saiais, saiam.

(2) Ha poucos, e quasi sempre terminados por *enciar*, ex. : sentenciar, penitenciar e alguns mais ex. : commerciar.

Este phenomeno se dá em *pedir*, e em *impedir* e *despedir* (1) por **interferencia**.

Os verbos terminados por *uzir* ou *azer* perdem a flexão na 3.^a do singular do presente indicativo, ex. : produzir — produz (e), comprazer — compraz (e) e assim *reluzir*, *conduzir*, *aprazer*.

Irregulares fortes.

Tratando nós destes verbos, restringimo-nos a expor-lhes as fórmulas fortes, isto é, aquellas em que se effectua a irregularidade, para não alongarmos o nosso trabalho.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Dar. — Dou, dás dá. Dei, deste, deu, demos, destes, deram. Dê, dê, dê..., dê. Der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Fórmulas fortes

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Caber. — Caibo — Coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam. Coubera, couberas, coubera, couberamos, coubereis, couberam. Caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam. Coubesse, coubesses, coubesse, coubessemos, coubesseis, coubessem. Couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Crer. — Creio, crês, crê... credes, crêm. Cria, crias, cria, criamos, crieis, criam. Creia, creias, creia, creiamos, creiaes, creiam.

Dizer. — Digo...diz... Dissera, disseras, dissera, disseramos, disseréis, disseram. Direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão. Diria, dirias, diríamos, dirieis, diriam. Diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

(1) Vide a pag. 51.



Fazer. — Faço... faz. Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram. Farei, farás, fará, faremos, fareis, faráo. Faça, façás, faça, façamos, façais, façam. Fizesse, fizesses, fizesse, fizessesmos, fizesseis, fizessem.

Jazer. — Jaz, jove, joveste, jove, jovemos, jovestes, joveram. Jovera, joveras, jovera, joveramos, jovereis. joveram. Jovesse, jovesseis, jovesse, jovessemos, jovesseis, jovessem. Jover, joveres, jover, jovermos, joverdes, joverem.

Poder. — Posso. Pude, pudeste, pode, podemos, pudestes, puderam. Pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudereis, puderam. Possa, possas, possa, possamos, possais, possam. Puder, poderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Prazer (impessoal) — Praz, prouve, prouvera, prouvesse, prouver.

Querer. — Quero... quer. Quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizestes, quizeram. Queira, queiras, queira, queiramos, queiraes, queiram. Quizesse, quizesseis, quizesse, quizessemos, quizesseis, quizessem. Quizer, quizeres, quizer, quizermos, quizerdes, quizerem. Não tem imperativo actualmente.

Saber. — Sei... Soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam. Soubera, souberas, soubera, souberamos, soubereis, souberam. Saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam. Soubesse, soubesses, soubesse, soubessemos, soubesseis, soubessem. Souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Trazer. — Trago... traz. Trouxe, trouxeeste, trouxe, trouxe-mos, trouxeistes, trouxeram. Trouxera, trouxeas, trouxeá, trouxéramos, trouxereis, trouxeram. Trarei, trará, trará, traremos, trareis, traráo. Traria, trarias, traria, trariamos, trarieis, trariam. Traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam. Trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxessemos, trouxesseis, trouxessem. Trazer, trazeres, trazer, trazeremos, trazerdes, trazerem.

Ver. — Vejo, vê, vê, vemos, vedes, vêem. Vi, viste, viu, vimos, vistas, viram. Vira, viras, vira, viramos, vireis, viram. Veja, veja, veja, vejamos, vejaes, vejam. Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (1).

(1) A língua possui apenas os verbos **fortes** ou verbos **velhos**. (*old verbs* dos Ingleses) que lhe transmitiu o latim, verbos que se conservam como verdadeiras reliquias; não se arcaizam, pois são frequentemente usados.



ETYMOLOGIA.

Etymologia é o tratado da origem e da formação dos vocabulós (1).

Os vocabulos portuguezes se originam :

A) Da lingua latina, como base organica do nosso lexico;

B) Das linguas estrangeiras, como elementos subsidiarios e exteriores;

c) De outras palavras da propria lingua, constituindo os elementos vernaculos.

Etymologicamente os vocabulos se dizem :

A) **Primitivos**, desde que não se originam de outros da lingua vernacula, isto é, provenham directamente do latim ou das linguas estrangeiras, ex. : *pedra* = *petra*, *barca*, *trenó*;

B) **Derivados**, desde que se originem ou se formem de outros da lingua vernacula, ex. : *teclado*, de *tecla* + *ado*, *tristonho*, de *triste* + *onho*; *cantochão* = *canto* + *chão*, *usofructo* = *uso* + *fructo*.

A etymologia estuda, pois, a constituição do lexico da lingua, isto é, de todos os seus vocabulos constitutivos que podem ser de origem latina, origem vernacula, origem estrangeira.

(1) *Lexiogenia* seria termo mais expressivo e mais proprio, porém o termo etymologia está geralmente consagrado.



Synopse historica

Ninguem contesta que a lingua latina, depois de haver Roma perdido o seu dominio politico, se tenha desdobrado em outras linguas, desde que teve de ser falada por diversos povos barbaros que, posto possuissem seus idiomas proprios, eram inferiores em civilização aos Romanos e por isso aceitaram a lingua latina, organo do Direito e da Igreja.

Assim cahiram pois as phantasiosas hypotheses de ser o portuguez de origem celtica, sustentadas pelo Cardeal Saraiva, Ribeiro dos Santos e outros.

E certo que o portuguez possui palavras de quasi todas as linguas, por effeito das suas relações internacionacs e do progresso da civilização, mas todos esses vocabulos se sujeitam ás leis da formação do lexico e se adaptam á syntaxe vernacula, do mesmo modo que os individuos estrangeiros estão sob a acção das leis do paiz em que se acham.

Assim, pois, do latim se originaram os idiomas — **portuguez, francez, italiano, hespanhol, valachio**, e o **provençal** (1) que tomaram o nome de linguas romanas (2) cujas leis de formação mais ou menos são identicas, ou differentes apenas segundo as influencias mesologicas (3).

Os Lusitanos falavam o celtico dos seus avoengos, habitantes primevos da Lusitania.

Esta lingua modificou-se ccm a chegada dos Phenicios, dos Gregos e com as invasões successivas dos Alanos, Suevos, Arabes e Godos e muito principalmente sob a longa dominação dos Romanos.

Na Castella, Gallisa e Lusitania, em virtude dessa mistura de linguas, falava-se um latim inteiramente corrompido em relação ao latim classico; essa lingua alterada tomou o nome de lingua **romance** ou **romanica**.

(1) O provençal se reduziu ao estado de **dialecto** da lingua franceza, por não haver conseguido assumir os fóros de lingua de uma **nacionalidade** politicamente constituida.

(2) CH. SEIGNOBOS, *Histoire de la civilisation*; MEYER LUBKE, *Gram. des langues romanes*; BRUNOT, *Gram. historique*; DIEZ, *Grammaire des langues romanes*.

(3) MARC, *Manuel de littérature française*; ADOLPHO COELHO, *Questões da lingua portugueza*; THEOPHILO BRAGA, *Hist. da lit. portugueza*.



O portuguez se deriva do latim e no seculo XII apparecem os seus primeiros monumentos escriptos; vae seguindo vacillantemente até fixar-se no seculo XVI sob a acção dos grandes escriptores, hoje denominados classicos.

Na chrestomathia podemos acompanhar todas as phases por que passou a lingua até a actualidade, mas não entramos nesse estudo, por ser descriptiva a nossa grammatica.

Leis da etymologia.

As alterações por que passou o latim nos seus diversos periodos se effectuaram mais ou menos regularmente, de sorte que aos phenomenos attinentes á passagem dos vocabulos latinos para o portuguez presidiram as seguintes leis etymologicas (1) :

A A immutabilidade do acento tonico, ex. :

órdinem	órdem
pérfidus	pérfido
limpidus	límpido
hóminem	hómem
imáginem	imágem
sónitus	sóm
animále	animál

Essa lei é uma dentre as mais importantes, pois por ella se regerám todos os vocabulos de fundo popular e, por maiores alterações que soffressem estes no seu organismo, sempre o acento tonico persiste na mesma syllaba : assim os poucos casos de deslocação se explieam mediante interferencias exteriores á evolução regular do vocabulo, taes como :

(1) São verdadeiras leis e não regras, pois exprimem e synthetizam a constancia dos phenomenos na variedade dos factos.



ACCENTO LATINO

idólo
 ínvoco
 régimen
 atómo
 pantáno
 adamántino

ACCENTO VIGENTE

idolo
 invóco
 regímen
 átomo
 pántano
 adamantino

B) A imutabilidade da consonancia inicial,
 ex. :

laudare
gallina
caballus
fratre
verecundia
nitidus

louvar
 gallinha
 cavallo
 frade
 vergonha
 nedio

Raros são, porém, os phenomenos em desacôrdo com essa lei, taes como :

camella
catus
curculio
vagina
pastare
laxiare
libellum

gamella
 gato
 gurgulio
 baina
 gastar
 deixar
 nível

Em algumas fórmias começadas por *cl*, *fl*, *pl*, cahiu a consonancia inicial; o som *l* geminou-se e se transmutou por *ch* = *x*, ex. :

clamare
clave
flamma
flagrare
plorare
pluvia

llamar
 llave
 llama
 llagrare
 llorare
 lluvia

chamar
 chave
 chamma
 cheirar
 chorar
 chuva

c) A syncope ou abrandamento da consonância medial principalmente das intervocalicas :

corona	corôa
sagitta	setta
septem	sete
medio	meio
agua	agua
leuca	legua
dicere	dizer
habere	haçer
passione	paixão
patientia	paciencia
libertate	liberdade
capitale	cabedal

d) A supressão de vozes breves, gerando a contracção do vocabulo, ex. :

amare	amar
bonitate	bondade
angelo	anjo
regula	regra

Phenomenos differenciaes.

Além destas quatro leis organicas a que se adstringiu a constituição do lexico, effectuaram-se os seguintes phenomenos differenciaes, a saber :

A) O apparecimento dos artigos *o, um*, por extensão do conceito dos designativos *ille e unus*.

B) A obliteração do genero neutro, sendo substituido mais pelo masculino do que pelo feminino, ex. : *templum* = templo, *corpus* = corpo, *pirum* = pera (1), *insignia, mobilia, virilia* (2).

(1) O neutro continua a ser utilizado, mas eruditamente e sujeito ás condições do masculino, ex. : *maremagnum, memorandum, criterium*, etc.

(2) Vide AMPÈRE, *Formation de la langue française*, e CLEDAT, *Grammaire de la vieille langue*.



c) A mudança definitiva na significação de muitas palavras, ex. :

jumentum	era	animal de carga	c hoje	jumento
pacare	—	abrandar	—	pagar
valente	—	sadio	—	valente
admorsus	—	mordedura	—	almoço
mittere	—	enviar	—	metter
litera	—	carta	—	letra
testa	—	caco de pote	—	testa
perna	—	só de porco	—	perna

d) A substituição de uma palavra latina por outra synonyma cujo emprego era mais vulgar e popular, ex. :

PALAVRAS SUBSTITUIDAS		PALAVRAS SUBSTITUINTES
pecunia, numinus	por	denarius = dinheiro
laccessere	—	provocare = provocar
hyems	—	hybernus = inverno
imber	—	pluvia = chuva
numisma	—	moneta = moeda
flere, lugere	—	plorare = chorar
aegritudo, aegrotatio	—	dolentia = doença
egere, indigere	—	carescere = carecer
ve, sive, seu, vel	—	aut = ou
atque, que, ac.	—	et = e
flumem, amnis	—	rivo = rio

A substituição ás vezes se effectuou por uma dilatação organica das fórmas, gerando outras, quasi sempre diminutivas e calcadas na mesma raiz, ex. :

acus	acucula	=	agulha
apes	apicula	=	abelha
cicada	cicadula	=	cigarra
ovis	ovicula	=	ovelha
cors	coratio	=	coração
acuere	acutiare	=	aguçar (1)

(1) Estas palavras substituintes eram as do latim popular, usado em Roma, a que os escriptores chamavam *sermo rusticus, vulgaris, castrensis* ou *pedestris*, pois o classico desapparecera com a queda do Imperio e da aristocracia romana, remanescendo apenas como lingua do *Direito* e da *Egreja*. — Vede A. SOROMENHO, *Origem da lingua portugueza*.



e) A obliteração das declinações, devida ao estrago flexional, sendo estas substituídas por preposições, de modo que se substituíram as relações do :

Genitivo pela preposição *de*, ex. : *rosae* = da rosa, *aquilaram* — das aguias ;

Dativo por *a* ou *para*, ex. : *rosac* = á rosa ou para a rosa, *aquilis* = ás ou para as aguias ;

Ablativo por diversas proposições, ex. : *de*, *por*, *com* a rosa, etc.

Até o proprio accusativo appareceu regido de preposição ; ora idiomáticamente, ora para clareza.

f) A mudança na ordem das palavras, passando o verbo para o meio da proposição, precedido do sujeito e seguido das demais relações syntacticas, ex. :

« *Lupus et agnus siti compulsi ad eundem rivum venerant* » (1). O lobo e o cordeiro, compellidos pela sêde, *vieram* ao mesmo rio.

Evolução etymologica.

Nas fôrmas que se elaboraram, ao emigrarem do latim ao portuguez, se effectuaram modificações regulares tanto das vozes como das conso-nancias.

A systematização dessas mudanças attinentes ás vozes, diz-se **vocalismo**, e ás conso-nancias, **consonantismo** (2).

Vocalismo.

A voz *a* mudou-se em

e — *Tagus* = Tejo, *alaere* = alegre.

o — *cerato* = ceroto, *fame* = fome.

(1) *PIEDRI FABULARUM*; T. ESCII, *Rud. de gram. latina*.

(2) O vocalismo e o consonantismo não se devem dizer **origem de letras**, pois são phenomenos phonicos e não graphicos : será confundir *som* com a sua notação, segundo já explanámos na Phonologia



A voz *e* mudou-se em

- a* — ebeno = ebanó, regina = rainha,
i — esca = isca, mecum = migo,
o — per = por, vipera = vibora.

A voz *i* mudou-se em

- a* — pampino = pampano, birreto = barreto,
e — sicco = secco, cito = cedo.

A voz *o* mudou-se em

- a* — locusta = lagosta, novacula = navalha,
e — rotundo = redondo (rarismo),
u — toto = tudo, coperio = cubro.

A voz *u* mudou-se em

- a* — truncare = trancar, tribulare = trabalhar,
o — musca = mosca, sumus = somos.

As mudanças ou permutas mais geraes são do *i*, por *e*, de *u* por *o*; as demais são phenomenos raros na evolução da lingua.

Consonantismo.

Mudaram-se :

- b* por *v* habere = haver, faba = fava.
c — *g* cato = gato, acuto = agudo (1).
c — *z* jacere = jazer, lucerna = luzerna.
d — *z* preda = preza, gaudiare = gozar.
d — *ç*(2) audire = ouvir, laudare = louvar.
f — *v* aurifex = ourives, profecto = proveito.
f — *b* africo = abrego.
l — *d* laxiare = deixar, olore = odor.
l — *n* libellare = nivelar.

(1) Referimo-nos ao *c* gutural ou *q*.

(2) O som gryphado indica mudança excepcional e rara, por ser heterorganico ou por ser forte em relação ao som latino.



l	por r	clavo = cravo, plaga = praga.
m	— l	memorare = lembrar.
m	— n	computare = contar, sonito = som.
n	— nh	lino = linho, aranca = aranha.
n	— l	anima = alma, animalia = alimaria.
n	— r	sanare = sarar.
p	— b	capere = caber, napo = nabo.
p	— v	populo = povo, scopa = escova.
r	— l	raro = raro, arbitrario = alvitre.
s	— j	basio = beijo, cerasia = cereja.
s	— x	capsa = caixa, fascia = fava.
s	— z	sonire = zunir, zarpar = sarpare.
t	— d	catella = cadella, rota = roda.
t	— ç	platea = praça, captiare = caçar (1).
v	— b	vagina = bainha, volia = boia.
v	— g	vastare = gastar, vomitare = vomitar (2).
x	— s	dixit = disse, exagiare = ensaiar.

No consonantismo e vocalismo limitamo-nos a tratar apenas dos sons que se transmutaram; por isso não exemplificamos os casos de conservação e queda, como sucedeu aos phonemas *g*, *l*, *n*, *d*, *c* e *p*, segundo a lei da syncope da consonancia medial, ex. : *magis* = mais, *magister* = mestre, *multum* = muito, *molere* = moer, *avena* = avcia, *monstrare* = mostrar, *medius* = meio, *lacte* = leite, *noctis* = noite, *septem* = sete, *conceptus* = conceito (3).

(1) Os sons *te* ou *ti* antevocalicos e o *s* intervocalico degeneraram na baixa latinidade.

(2) Este phenomeno é popular e assim occorre *cagalume* por *vagalume*.

(3) Não achamos plausivel a opinião dos que admittem a vocalização, pois, ao nosso ver, a queda do phonema consonantico alonga a voz anterior, por compensação prosodica, conforme observaram na lingua latina Chassang, Reinach e outros philologos.

Origem dos diptongos.

Os diptongos resultaram :

A) De um diptongo latino, ex. : auctore = autor, auro = ouro, meus = meu.

B) Da atração da voz tonica sobre a da syllaba subsequente, ex. : rabia = raiva, palmaria = palmeira, potuit = poude, habuit = houve.

C) Da syneope da consonancia medial, ex. : medio = meio, velo = veio, date = dae, vegetales, vegetales, salutare = saudar.

D) Do alongamento da voz, devido geralmente á queda da consonancia subsequente, ex. : do = dou, sto = stou, sum — so = sou, freno — freo = freio, multum = muito, acto — ato = auto, balare — balare = bailar, lacte = leite.

Do alongamento da vogal antes de *x* ou *sc*, ex. : saxo = seixo, fasce = feixe, pisce = peixe.

O caso lexiogenico.

Desde que o portuguez se originou mais do latim barbaro do que do classico, não achamos motivo para as divergencias attinentes ao caso lexiogenico, pois a noção de caso se obliterara. Assim, salvo o plural dos nomes cuja origem se prende ao accusativo do plural, as fórmãs no singular se devem explicar por aquelle caso que mais se reflectir e transparecer no organismo do vocabulo do que por outro qualquer.

Não achamos base para servir exclusivamente o accusativo á explicação da origem do nome no singular, principalmente quando o seu expoente *m* não resistira á prosodia popular, como se opera ainda entre nós.

Assim occorrem vestígios de todos os casos, ex. :

Nominativos : *serpe, regimen, specimen, Jupiter, Cicero.*



Genitivos maximé na composição ; *jurisprudencia, legis*-*lação, aquaeducto, escola regis, suicidio.*

Dativos : *lhe=illi, mim=mihi, ti=tibi.*

Accusativo : *mãe=matrem, lontra=lutram, nuvem=nu-*
bem, origem=originem, homem=hominem, imagem=ima-
ginem.

Ablativos : *casa=casa, fogo=foco, logo=loco, agora=*
hac hora, fidedigno, sinecura e a maior parte dos vocabulos,
pois deste caso mais se aproximam as fórmulas vocabulares.

Essa é a doutrina máis consentanea com os
factos e, por derivar-se o plural do accusativo,
não se deduz que o singular igualmente sempre o
seja.

O sigmatismo do plural.

Os nomes em *ão* formam o plural por tres modos, segundo
o accusativo do plural for em *anos, anus, ones* e *anes* em
que o *n* passa ao estado de accento nasal, ex. ; *hermanos=*
irmãos, manus= mãos, opiniones=opiniões, devotiones=de-
voções, panes= pães, canes= cães.

No singular as terminações *ano, ane, one* perderam a vogal
final e se converteram em *an, on* que depois passaram a ter
a fórmula *ão* e seus pluraes calcaram-se nos accusativos plu-
raes latinos por onde se explica historicamente o sigmatismo
de qualquer plural. E até os proprios neutros, que se pas-
saram através do plural, se flexionaram sigmaticamente, pois
a flexão *a*, indicativa do plural neutro, perdeu toda a sua
função pluralizante, ex. : *insignia + s, lenha= ligna, vinha + s,*
mobilia + s, alimaria + s, sina + s= signa, pera= pira.

Fórmulas divergentes.

Ha palavras que, posto se derivem do mesmo
typo etymologico, se apresentam sob duas ou mais
fórmulas mais ou menos similares e parallelas, ex. :
clave e *chave* de *clavis*, *catar* e *captar* de *cap-*
tare (1).

(1) Ás fórmulas divergentes conferem os philologos italianos o
nome de *typos allotropicos*, conforme me ponderou o meu illus-
trado collega Dr. J. Geraldo Bezerra de Menezes.

Essas fôrmas dizem-se divergentes, e, si lhes forem apenas dous os aspectos phonicos, se podem dizer duplas, ex. : *sarar* e *sanar*, *pisar* e *pilar*.

As fôrmas divergentes se dispõem em duas camadas : uma de fôrmas populares, por se haverem elaborado segundo as leis que presidiram á formação do lexico, outra de fôrmas cruditas, por se haverem introduzido pelo estudo e eultura da lingua latina, isto é, sem a menor alteração phonica.

As divergentes se adstringem ás seguintes leis :

A) A fôrma erudita conserva mais ou menos a accepção latina : a popular assume novo sentido devido ao seu novo aspecto, ex. :

F. ERUDITAS	F. POPULARES	F. LATINAS
clamar	chamar	clamare
causa	cousa	causa
recitar	rezar	recitare
implicar	empregar	implicare
somno	sonho	somnio
assignar	acenar	assignar
persico	pecego	persico
minuto	miudo	minuto
estivar	estiar	estivare
plaga	praia	plaga

B) As fôrmas assumem significação semelhante, de sorte que uma póde ser substituida por outra, ex. :

F. ERUDITAS	F. POPULARES	F. LATINAS
flamma	chamma	flamma
silva	selva	silva
sanar	sarar	sanare
memorar	lembrar	memorare
sibilo	silvo	sibilo



F. ERUDITAS	F. POPULARES	F. LATINAS
gluten	grude	gluten
entretinimento	entretimento	entretinimento
cumulo	combro	cumulo
tenso	teso	tenso

c) As fôrmas assumem significação semelhante, mas nem sempre uma se pôde substituir por outra, ex. :

F. ERUDITAS	F. POPULARES	F. LATINAS
pausar	pousar	pausare
pensar	pesar	pensare
cogitar	cuidar	cogitare
raro	ralo	raro
foco	fogo	foco
impregnar	emprenhar	impregnare
correccão	correcção	correctione
espectar	espreitar	spectare
latino	ladino	latino
turba	turma	turba

d) Uma fôrma popular pôde derivar-se de outra fôrma popular, servindo-lhe esta de intermediária ao latim, ex. :

F. POPULARES	F. INTERMEDIAS	F. LATINAS
caveira	calveira	calvaria
dom	dono	domino
frei	frade	fratre
tombo	tomo	tomo
grão	grande	grandi
são	santo	sancto
preito	pleito	placito

e) As duas fôrmas populares se podem derivar directa e simultaneamente da fôrma latina, ex. :

F. POPULARES		F. LATINAS
chumbo	e prumo	de plumbo
coronha	— corôa	— corona
cabeça	— cabaça	— capitia
geada	— gelada	— gelata

f) Uma forma se deriva do nominativo e a outra de qualquer easo obliquo, ex. :

F. DO NOMINATIVO

serpe = serpens
leo = leo
drago = draeo
tredo = traditor
ladro = latro

F. DOS CASOS ALIQUOS

serpente = serpente
leão = leone
dragão = dracone
traidor = traditore
ladrão = latrone

g) Uma forma se deriva do singular e a outra do plural, ex. :

lenho = lignum
ramo = ramum
tormento = tormentum
folho = folium
foz = fauce
senho = signo

linha = ligna
rama = rama
tormenta = tormenta
folha = folia
fauces = fauces
sina = signa

ii) As duas formas podem pertencer a categoria grammatical diversa, ex. :

mais	mas	magis
local	logar	locale
hora	ora	hora
laudo	louvo	laudo
tango	tanjo	tango
credo	erecio	credo
fluxo	frouxo	fluxus

Divergentes estrangeiras.

A's vezes as formas que tomamos ás linguas novi-latinas coeidem eom as formas vernaeulas, derivadas do mesmo typo latino, ex. :



F. PORTUGUEZAS

raiz
entremcio
obra
dous
soberano
frasco

F. ITALIANAS

raça
entremez
opera
duo
soprano
fiasco

F. LATINAS

radice
intermedio
opera
duos
superano
flacido

F. PORTUGUEZAS

fronte
castello
badalo
santo
humero
tracto

F. HESPAÑHOLAS

frente
Castilho
badafo
Sancho
hombro
trecho

F. LATINAS

fronte
castellum
batalo
sancto
humero
tracto

F. PORTUGUEZAS

capello
maior
cabo
geral
geada
mar
arrojar
mercante
empatar

F. FRANCEZAS

chapéo
major
chefe
general
geléa
maré
arrojar
marchante
empachar

F. LATINAS

capillo
majore
caput
generale
gelata
marc
ad + rogare
mercante
impactare

Este phenomeno tambem se effectua :

A) Entre vocabulos germanicos, já assimilados ao organismo da lingua, ex. : *rapar* e *raspar*; *batoque* e *bodoque*;

B) Entre vocabulos arabes, ex. : *zero* e *cifra*, *fulano* e *fuão*, *cabiz* e *cafiz*, *botija* e *botelha*, *balais* e *balache*, *cabilda* e *cabilla*, *alvazir* e *aguazil*;

C) D'entre vocabulos indianos, ex. : *bonzo* e *bonze*, *caril* e *cari*, *dervis* e *derviche*;

D) Entre vocabulos indigenas, introduzidos no lexico brasileiro, ex. : *bicuiua* e *bicuibá*, *inhambú* e *nhambú*, *juruty* e *juryty*, *piassoava*, *piassava* e *piassaba*.



As fórmãs divergentes chamavam-se duplas, segundo os autores francezes — doublets, mas na lingua portugueza essa denominação se achou em desaccôrdo com os factos, por se haverem descoberto vocabulos de tres e até de quatro fórmãs. Assim temos:

A) Divergentes constituídas por tres fórmãs de significação mais ou menos diferenciada, ex. :

findo	fino	finito
chegar	pregar	plicar
artelho	artigo	articulo
ladinho	ladino	latino
folho	folha	folio
ranger	rengir	renhir
ficar	finçar	fixar
seio	sino	seno
parola	palavra	parabola
geada	gcléa	gelada

B) Divergentes constituídas por quatro fórmãs de significação ás vezes diferente e ás vezes aproximada, ex. :

magoa	mancha	malha	macula
praia	praga	chaga	plaga
Hermano	Germano	irmão	mano
plano plaino	lhano	piano	chão porão (1)

Divergentes personativas.

Ha vocabulos divergentes entre uma fórmula personativa e uma appellativa ou adjectiva :

Regina	rainha
Estella	estrella
Hermano	irmão
Castilho	castello

(1) Estas offercem seis fórmãs, pois todas decorrem do elemento latino — *planus*, no ablativo *plano*.



Angelo	anjo
Laura	loura
Fagundo	facundo
Mello	melro

Outras ha divergentes : porém todas sempre personativas, ex. :

Godofredo	Gofredo
Isidoro	Isidro
Isabel	Isabella, Isbella, Elisabeth.
Eleonora	Leonora, Leonor, Lenora.
Randulpho	Radulpho, Ranulpho, Rodolpho, Raul.
Amalia	Amelia, Emelia, Annalia.
Ataulpho	Adolpho, Ataul.

Nos nomes proprios não ha regras e por isso occorrem muitas divergentes quasi sempre sem razão plausivel, ex. :

Cavaleanti e Cavaleante, Durão, Durães e Duran ; Rabello e Rebello ; Curvello e Cruvello.

Fórmias convergentes.

Assim como um vocabulo se desdobra em duas ou mais fórmias divergentes, assim fórmias latinas, inteiramente distintas, convergem para a lingua portugueza, tomando o mesmo aspecto phonico e graphico.

Essas fórmias se dizem convergentes e mais não são do que homonymas historicas cuja etymologia se estatue de accôrdo com a sua funcção ou significação, ex. (1) :

(1) Não se dizem convergentes as que, derivando-se de linguas diversas, se confundam no portuguez : lima (fructo) e lima (ferro).

<i>por</i> ² (1)	derivado de	{ per pro
<i>quem</i> ²	—	{ que homem quem
<i>aza</i> ²	—	{ ansa ala
<i>thymo</i> ²	—	{ thymum thymus
<i>vao</i> ²	—	{ vano vadunt
<i>sao</i> ²	—	{ sunt <i>sano</i> sancto
<i>re</i> ²	—	{ rea retro
<i>como</i> ²	—	{ cómedo quomodo
<i>pregar</i> ²	—	{ praedicare plicare
<i>agro</i> ²	—	{ ager = campo acer = acrc

Formação vernacula.

As palavras se formam por derivação e por composição : « A derivação para as simples e a composição para as compostas » (2).

O seguinte schema nos mostra os diversos processos a que recorre a lingua para originar palavras :

(1) Esse expoente indica as funções das formas existentes.

(2) RÉGNIER, *Traité de la formation des mots dans la langue grecque*, pag. 74.

Resumo synoptico

FORMAÇÃO..	}	composição	{ organica
			{ inorganica
			{ espontanea
	}	derivação. .	{ justaposição
			{ agglutinação
			{ locução

Derivação vernacula.

Derivação é o processo etymologico applicado á formação das palavras simples.

A derivação se diz :

A) **Organica** ou **propria**, desde que o vocabulo provenha de outro da lingua, mediante a acção de um suffixo agglutinado ao thema, ex. : valor + *oso*, grat + *issimo*, pedr + *ada*;

B) **Inorganica** ou **impropria**, desde que o vocabulo se derive de outro, mas sem suffixo, isto é, passe de uma para outra categoria grammatical, ex. : a *surra*, a *meia*, a *ida*, a *clara*, o *toque*,

C) **Espontanea** ou **popular**, desde que o vocabulo seja formado apenas por influencia popular, isto é, produzido espontanea e imitativamente, ex. : *bilontra*, *encalistrar*, *tic-tac*, *zig-zag*, *zum-zum*, *catucar*, etc.

A derivação inorganica é um processo de adaptação, pois o vocabulo se accomoda á nova categoria, ao passo que a derivação organica é um processo de suffixação.

A onomatopéa exerce salientissima função neste processo de formação de palavras, pois é o effeito da evolução fatal das linguas em que se reflectem os phenomenos da natureza, ex. *zum-zum*, *chechéo*, *chuchar*, *fonfonar*, *tintinar*.



Derivação organica.

As palavras que se formam por este processo são o substantivo, o adjectivo descriptivo e o verbo.

Assim o substantivo derivado póde provir :

A) Do thema de outro substantivo, ex. : *rocha* + edo = *rochedo*, *ferro* + ciro = *ferreiro*, *dente* + ição = *dentição*.

B) Do thema de um adjectivo descriptivo, ex. : *nobre* + eza = *nobreza*, *brando* + ura = *brandura*, *azedo* + ume = *azedume*.

C) Do thema de um adjectivo numeral, ex. : *milhão*, *milheiro*, *bilhão*, *vintena*, *dezena*.

D) Do thema de um verbo, ex. : *cobrança*, *matador*, *consultorio*.

O adjectivo derivado póde provir :

A) Do thema de outro adjectivo, ex. : *azul* + ado, *velh* + aco = *velhaco*, *pardo* + ento = *pardento*.

B) Do thema de um substantivo, ex. : *ferro* + enho = *ferrenho*, *purpura* + ino = *purpurino*, *lissonja* + ciro = *lissongeiro*.

C) Do thema de um verbo, ex. : *amante*, *temente*, *louvavel*, *soffrivel*.

O verbo derivado póde provir :

A) Do thema de um verbo, ex. : *gemelicar*, *choviscar*, *cantarolar* (1).

(1) Os verbos que se vão formando se agrupam na 1.^a ou 2.^a conjugação, pois as outras são conjugações estaticas ou mortas; têm apenas ou verbos latinos, ao passo que as duas primeiras são dynamicas ou vivas, porque progridem e se desenvolvem.



B) Do thema de um substantivo, ex. : *cartear, evangelizar, chammusear.*

c) Do thema de um adjectivo, ex. : *falsear, innocentar, escurecer.*

Derivação inorganica.

Este processo de formação se estende a todas as categorias, pois na evolução linguistica as palavras passam de uma a outra categoria, principalmente á do substantivo :

1.º A' categoria do substantivo se adaptam :

A) Os adjectivos descriptivos, ex. : *meia, jornal, periodico, clara;*

B) Algumas fórmãs verbaes, ex. : *espera, embarque, ida, dever, accordam, provarás;*

C) Algumas preposições, ex. : *o pró, o contra;*

D) Alguns adverbios, ex. : *o sim, o não, o como;*

E) Algumas conjunções, ex. : *o porque, o quando;*

F) Algumas interjeições, ex. : *um ai, um psiu, um irra;*

2.º A' categoria do adjectivo se adaptam :

Alguns substantivos, ex. : *cobras monstro, vestidos carmezim, o azul ferrete, o verde mar, cobras coral (1).*

3.º A' categoria dos pronomes se adaptam :

Os adjectivos designativos : *o meu, aquelle, nenhum, os outros.*

4.º A' categoria da preposição se adaptam :

A) Alguns **participios** passados irregulares, ex. : *excepto, salvo, visto, conforme;*

B) Alguns **adjectivos verbaes**, ex. : *mediante, durante, segundo (segundo).*

5.º Á categoria da conjunção se adaptam :

A) Alguns **adverbios**, ex. : *logo, ora, como, mais;*

B) Alguns **participios**, depois de perderem o connectivo

(1) Os substantivos adjectivados, para exprimirem as côres quasi nunca variam.



que, ex. : *visto* (que) *posto* (que) e alguns verbos, mas alternadamente, ex. : *quer... quer*, *seja... seja*.

6.º A' categoria do advérbio se adaptam :

A) Alguns **adjectivos** descriptivos, ex. : *alto*, *caro*, *forte*, *rente*;

B) Alguns **adjectivos** indefinitos, ex. : *quanto*, *tal*, *tanto*, *pouco*.

7.º A' categoria da interjeição se adaptam :

A) Alguns substantivos, ex. : *coragem!* *silêncio!*

B) Alguns adjectivos, ex. : *bravo!* *apoiado!*

C) Algumas fórmulas verbaes, ex. : *viva!* *pudera!*

D) Alguns advérbios, ex. : *bem!* *como!*

A composição.

Composição é o agrupamento de duas ou mais fórmulas equivalentes a uma só palavra.

As palavras compostas se formam :

A) Por **juxtaposição**, desde que as fórmulas constitutivas tenham cada uma a respectiva accentuação tónica, por não estarem organicamente fundidas, ex. : *anglo-normando*, *contramestre*, *lusco-fusco*, *porta-voz*, *salvo-conducto*, *pomba-rôla*, *peixe-boi*.

B) Por **agglutinação**, desde que as fórmulas constitutivas tenham apenas um accento tónico, por estarem fundidas e mais ou menos alteradas, ex. : *puxavante*, *fidalgo*, *malvado* (1) *pernalta*, *planalto* (2).

(1) A prefixação é a modalidade mais importante da agglutinação como a sufixação o é da derivação e ha palavras em que coincidem os dous processos lexigenicos, ex. : *en+velh+ecer*, *a+doc+icar*. É a formação por **parasyntese**.

(2) Na nomenclatura scientifica se torna extraordinario o processo da composição em que se utilizam elementos latinos e gregos, ex. : *auricollo*, *rufaxilla*, *crassirostro*, *longicaudado*, *thysanuro*, *macruro*, *microcerco*, *cyanoleuco*, *maculipennis*, *xanthogaster*, etc.



c) Por locução, desde que duas ou mais fôrmas se agrupem, constituindo uma expressão, ex. : *pé de vento, lingua de vacca, alma de gato, dente d'alho, quem quer que, visto que, de quando em quando*.

Ha tantas locuções ou expressões quantas as categorias grammaticaes, isto é : expressões substantivas, adjectivas, pronominaes, verbaes, preposicionaes, conjunccionaes, adverbias e interjeccionaes.

Substantivos verbaes.

Na derivação inorganica, um dos phenomenos mais importantes é a substantivação das fôrmas verbaes. Assim se derivam os substantivos :

A) Do presente do indicativo na 1.^a ou 3.^a pessoa do singular, ex. : *suspiro, sobejo, ensino; trava, semeia, surra* (1).

B) Do presente do subjunctivo na 1.^a ou 3.^a, ex. : *embarque, toque, venda, corte, suporte, baile;*

C) Do participio passado, ex. : *chegada, vinda, dictado, vestido, tecido, calçado* (2);

D) Do participio presente moderno ou das antigas fôrmas participiaes, ex. : *considerando, estante, nascente, corrente;*

E) Dos infinitivos impessoaes, ex. : *prazer, dever, ser, viveres, poder.*

(1) A's vezes se substantivam outras fôrmas do verbo, taes como : o *accordam*, os *provarás*, usados na tradição juridica.

(2) Si for **abundante** o verbo, o substantivo será sempre a fôrma **participial** irregular, ex. : *escripto, dito, ganho, junta.*



Ha verbos de que decorrem dous ou mais substantivos e sempre :

A) Um se deriva da 1.^a do indicativo ou da 2.^a e o outro de quaesquer outras fontes do verbo, ex. : *risco* — *risca*; *tiro* — *tira*; *ajusto* — *ajuste*; *lustró* — *lustre*; *trato* — *tratado*, *resultado* — *resulta*; *commando* — *commandante*;

B) Ambos se derivam dos particípios, ex. : *corrida* — *corrente*; *nascida* — *nascente*; *escripto* — *escripta*; *posto* — *posta*.

Alguns verbos dão tres, ex. : *chamado* — *chamada* — *chama*; *calçado* — *calçada* — *calço*; *traço* — *traça* — *traçado* (1).

Hybridismos.

As palavras se devem formar de elementos da mesma lingua, mas com os progressos da civilização novos phenomenos sociaes que se vêm reflectir no organismo da lingua só se podem exprimir mediante vocabulos de constituição hybrida, isto é, formados de elementos de linguas *diversas*, até ás vezes sem a menor relação glogologica.

Esses vocabulos se dizem hybridos, pois têm a sua lexiogenia em especies glogicas diversas.

Assim temos hybridismos de :

Latim + grego :

areo + *metro*
socio + *logia*

Grego + latim :

mon + *oculo*
anti + *religioso*

(1) Os substantivos **cognatos** do verbo têm sido impropriamente considerados verbaes, taes como : *esperança*, *adoração*, que se relacionam com os verbos *esperar* e *adorar* apenas por identidade de thema ou radical.



Latim + grego

oleo + *graphia*
deci + *metro*
copo + *phonio*
taxi + *metro*

Grego + latim

pseudo + *membrana*
archi + *duque*
neo + *latino*
auto + *movel*

Tupy + latim :

cipó + *chumbo*

Grego + tupy :

cara + *peva*

Arabe + grego :

alcool + *metro*

Francez + grego :

bureau + *cracia*

Arabe + sanskrito :

assucar + *candi*

Chinez + latim :

chá + *perola*

À formação dos hybridismos, salvo aos constituidos *superfluamente*, não se podem oppôr os grammaticos, desde que constituam uma necessidade imposta pelo desdobramento da civilização, com as creações industriaes e scientificas, ex. : *automovel*, *bicycléta*, *motocyclo*, *radiographia*.

Os mais geraes são os de elementos latinos e gregos, por serem linguas mais proximas, mais em contacto com a portugueza, mais prestantes ás nossas necessidades de expressão.

Etymologia applicada

Lexiogenia dos substantivos.

O substantivo appellativo se deriva :

1.º) De palavras latinas, ex. : pedra = *petra*, mesa = *mcusa*, boeal = *buccale*, senhor = *seniore*.



2.º) De palavras estrangeiras, ex. : *crepe, pudim, zarzuela, metro*.

3.º) De palavras da propria lingua :

A) Por derivação inorganica, ex. : a *clara*, o *toque*, um *ai*, o *sim*;

B) Por derivação organica, ex. : *chuveiro, palhaço, facada*.

C) Por agglutinação, ex. : *puxavante, fidalgo, planalto*.

D) Por juxtaposição, ex. : *mestre-escola, porta-voz, bota-fogo*.

E) Por locução, ex. : *olho de boi, cabo de esquadra, dente d'alho*.

Lexiogenia dos substantivos proprios.

A ONOMASTICA EXTERNA (I)

Os substantivos personativos se podem derivar de qualquer lingua. Assim temos de :

A) Origem latina : — Maria, Pedro, Julio, Horacio, Cicero, Caio, Apollo, Diana.

B) De origem grega : — Theophilo, Themistocles, Philippe, Hyppolyto, Helena.

C) De origem hebraica ou biblica : — Moysés, Ruben, Joaquim, Malaquias, José, Esther, Sara, David, Anna.

(I) Assim designamos a theoria attinente á origem e á formação dos nomes personativos.



D) De origem arabe : — Myriam, Hermengarda, Alcindo, Almeirindo;

E) De origem italiana : — Cavaleanti, Accioli, Espindola,

F) De origem hespanhola : — Sancho, Quixote, Juarez, Bolivar, Baldomero.

G) De origem visigothica ou germanica : Duarte, Elvira, Izabel, Carlos, Affonso, Clotilde, Luiz, Brandão, Guimarães, Magalhães, Godofredo.

H) De origem indigena, maximé no Brasil : Moema, Coema, Jaey, Araey, Pery.

I) De origem vernacula : — Figueiredo, Rosa, Flora, Clara, Placida.

A ONOMASTICA INTERNA.

Os personativos vernaculos se formam por derivação inorganica :

A) De um adjectivo descriptivo, ex. : Benigno Dino, Brasiliense, Nerval, Verissimo, Felicissimo;

B) De um substantivo appellativo, ex. : Flora, Rosa, Silva, Pereira, Figueira, Silveira, Saraiva.

C) Por anagramma, isto é, mediante letras de um vocabulo, ex. : Nilda (linda), Nilcéa e Cilnéa (Celina), Dezila (Ezilda), Elmano (Manoel) (1), Ramilia (Marilia).

E por derivação organica, tirando-os :

A) Do thema de outro nome proprio, ex. : Mar-

(1) Este processo de formação é todo artificial, mas é hoje um facto; cumpre assim registral-o.



ques e Marcolino (Marco), Fernandes, Ferdinando, Fernão (Fernando), Paulino (Paulo);

B) Do thema de um adjectivo descriptivo ou de um substantivo appellativo, ex. : *Tranquillino Gratulino, Fontoura, Figueredo*.

Lexiogenia dos adjectivos.

Os adjectivos descriptivos se derivam :

1.º De um adjectivo latino, ex. : louvavel = *laudabilis*, pedrez = *petrensis*, justo = *justus*, selvagem = *silvaticus*.

2.º De palavras da propria lingua :

A) Por derivação organica, ex. : *tristonho* (triste), *manuelino* = (Manoel), *sergipano* = (Sergipe);

B) Por derivação inorganica, ex. : *amado, punido, composto, temente*;

C) Por juxtaposição, ex. : *des* + favoravel, *mal* + creado, *carnivorô*.

Os adjectivos designativos originam-se das fórmulas latinas correspondentes, segundo os processos de transformação glotica, isto é, o vocalismo e o consonantismo de accordo com as leis etymologicas.

Assim se originam :

A) Os possessivos : meu, teu, seu, nosso, vosso, de *meus, tuus, suus, noster, vester* (1).

B) Os demonstrativos : este, esse, aquelle, de *iste, ipse, hac* + *ille*;

(1) *Tuus* e *suus* soffreram a interferencia da fórmula *meu*; *vester*, da fórmula *noster*.



c) Os artigos *o* e *um*, de *ille* e *unus*;

d) Os indefinidos : outro, mesmo, nenhum, todos, quanto, pouco, menos, tal, muito, de *altero*, *metipsum*, *nec + um*, *totus*, *quantus*, *paucus*, *minus*, *talis*, *multos*.

Aos indefinitos passam muitos descriptivos, ex. : *certo*, *numerosos*, *alheio*, *diversos*, *differentes*, *varios*; cada provém do grego *cata*.

e) Os numeraes :

CARDINAE		ORDINAE	
—		—	
Um	de unus	Primeiro	de primarius
dous	— duos	segundo	— secundus
tres	— tres	terceiro	— terciarius
quatro	— quatuor	quarto	— quartus
cinco	— quinque	quinto	— quintus
seis	— sex	sexto	— sextus
sete	— septem	setimo	— septimus
oito	— octo	oitavo	— octavus
nove	— novem	nono	— nonus
dez	— decem	decimo	— decimus
onze	— undecim	undecimo	— undecimus
doze	— duodecim	duodecimo	— duodecimus
treze	— tredecim	decimo terceiro	— decimus+tercus
quatorze	— quatuordecim	decimo quarto	— — +quartus
quinze	— quindecim	decimo quinto	— — +quintus
dezeseis	— dez+e+seis	decimo sexto	— — +sextus
dezesete	— dez+e+sete	decimo setimo	— — +septimus
dezoito	— dez+oito	decimo oitavo	— — +octavus
dezenove	— dez+e+nove	decimo nono	— — +nonus
vinte	— vigente	vigesimo	— vigesimus
trinta	— triginta	trigesimo	— trigesimus
quarenta	— quadraginta	quadragésimo	— quadragésimus
cincoenta	— quinquaginta	quingentesimo	— quingentesimus
sessenta	— sexaginta	sexagesimo	— sexagesimus
setenta	— septuaginta	septuagesimo	— septuagesimus
oitenta	— octoginta	octogesimo	— octogesimus
noventa	— nonaginta (1)	nonagesimo	— nonagesimus
cem	— centum	centesimo	— centesimus
duzentos	— ducentos	ducentesimo	— ducentesimus
trezentos	— trecentos	tricentesimo	— tricentesimus
quatrocentos	— quatro+centos	quadringentesimo	— quadringentesimus
quinhentos	— quingentos	quingentesimo	— quingentesimus
seiscentos	— seis+centos	sexcentesimo	— sexcentesimus

(1) Este soffreu a interferencia da fórma *nove*.



	CARDINAES		ORDINAES
setecentos	de sete+centos	septingentesimo	de septingentes
oitocentos	— oito+centos	octingentesimo	— octingentesimus
novecentos	— nove+centos	nongentesimo	— nongentesimus
mil	— mille	millesimo	— millesimus

Lexiogenia dos pronomes.

Os pronomes substantivos se derivam das formas latinas correspondentes. Assim :

A) Os demonstrativos : isto, isso, aquillo e o, de *isto, ipso hac + illo, o = illud*.

B) Os relativos que, qual, quem, cujo, de *que, qualis, quem, cujus*.

c) Os pessoas : eu = *ego*, me = *me*, mim = *mihī*, *migo* = *mecum*, tu = *tu*, te = *te*, ti = *tibi*, elle = *ille*, ella = *illa*, o = *illum*, a = *illam*, os = *illos*, as = *illas*, se = *se, sibi*, sigo = *secum* (1) nós = *nos*, nos = *nos*, nosco, nosco = *nobiscum*, vós = *vos*, vos = *vos*, vosco = *vobiscum*.

d) Indefinitos : *alguem* = *aliquem*, *outrem* = *al'hem* (*altero + hominem*) *algo* + *aliquo*, *al* = *aliud*, *nada* = (*res*) *nata*, etc. = *etcetera* e as formas *beltrano* e *sicrano* se criaram por analogia a *fulano*, de origem arabe.

Lexiogenia das preposições.

As preposições se derivam :

A) De uma preposição latina : — por = *per*, a = *ad*, sob = *sub*;

(1) O pessoal da 3.ª pessoa era *sui, sibi*, que, por não ter nominativo, era substituído nessa função por um dos demonstrativos *ille, iste, hic*.



b) De preposições latinas reunidas : deante = *de* + *ante*, perante = *per* + *ante*, desde = *de* + *ex* + *de*, para = *per* + *ad*;

c) De participios irregulares ou dos antigos participios presentes, ex. : *salvo*, *excepto*, *durante*, *mediante*, *consoante*.

d) De expressões da própria lingua, ex. : *a respeito de*, *perto de*, *relativamente a*.

— As preposições primitivas são : — *a* = *ad*, até = *ad* + *tenus*, após = *ad* + *post*, com = *cum*, contra = *contra*, de = *de*, desde = *de* + *ex* + *de*, em = *in*, entre = *inter*, para = *per* + *ad*, per = *per*, por = *per* e *pro*, sem = *sine*, sob = *sub*, sobre = *super*, tras = *trans*.

Lexiogenia dos advérbios.

O advérbio se deriva :

A) De um advérbio latino : bem = *bene*, hoje *hodie*, sempre = *semper*, nunca = *nunquam*.

B) De uma expressão adverbial latina : arriba = *ad-ripam*, amanhã = *ad-manen*, assim = *ad-sic*, agora = *hac-hora*, avante = *ab* + *ante*, hontem = *ad* + *noctem*?

C) De um adjectivo descriptivo adverbializado ex. : cantar *alto*, falar *baixo*, cortar *rente*.

D) De um adjectivo juxtaposto á palavra *mente*, ex. : perfeita + *mente*, grande + *mente*, sabia + *mente*.

E) De expressões adverbias : *ante-hontem*, *por emquanto*, *de mauzo*, *de longe*, *outr'ora*, *tal* + *vez*.



Lexiogenia das conjunções.

A conjunção se deriva :

A) De uma conjunção ou palavra latina, ex :
e = *et*, *nem* = *nec*, *ou* = *aut*, *pois* = *post*, *mas* =
magis, *porém* = *pro* + *inde*, *como* = *quo* + *modo*,
quando = *quando*.

B) De uma palavra empregada conjunção-
 nalmente, ex. : *logo*, *ora*, *quer*, *como*.

C) De uma expressão sempre formada de
que, às vezes obliterado, ex. : *porque*, para *que*,
 de sorte *que*, posto *que*, sempre *que*, emquanto
 (*que*), embora (*que*), por quanto (*que*).

As conjunções primitivas são : *e*, *nem*, *pois*,
mas, *porém*, *ou*, *como*, *quando*, *si*, *embora* = (in
 + *bona* + *hora*), *que* = *quo*.

Lexiogenia da conjugação.

O portuguez é a lingua romana cuja conju-
 gação mais proxima se acha da latina e assim
 nos limitamos a expor os phenomenos mais ge-
 raes attinentes á transformação da conjugação
 latina.

A nossa primeira conjugação deriva-se da
 primeira latina em *are* : *plicare* = *pregar*, *cla-*
mare = *clamar*.

A segunda deriva-se da segunda em *ere*
 (longo) ou da terceira em *ere* (breve) : *movère*
 = *mover*, *fácere* = *fazer* e a terceira deriva-se
 da quarta em *ire*, ou da terceira em *ere* (breve) :
vestire = *vestir*, *convergere* = *convergir*.



A terceira latina, de infinitivo proparoxytono, tinha de desaparecer do latim, sendo absorvida pela segunda, mais geral e mais regular. Assim foi que no latim barbaro os verbos da terceira se passaram para a segunda ou para a quarta em *ire*.

Actualmente os verbos, de formação erudita, que se tiram da 3.^a assumem a fôrma *ire*, ex. : *explodere* = *explodir*, *admittere* = *admittir*, *protraere* = *protrahir*.

No singular os phenomenos mais constantes são :

A) Na 1.^a pessoa, a apocope do *m*, expoente do pronome *eu*, isto é, $m = eu$, salvo no presente indicativo em que o *m* já se havia perdido no proprio latim classico, ex. : $amo = amo$, $amam = amava$.

B) Na 2.^a a persistencia do *s*, expoente do pronome *tu*, isto é, $s = tu$ e a transformação do $ti = tu$ em *te* nos perfeitos, ex. : $dicis = dizes$, $dixisti = disseste$.

C) Na 3.^a pessoa apocope do *t*, expoente do pronome *elle*, isto é, $t = elle$, ex. : $movet = move$, $clamat = elama$.

No plural os phenomenos mais constantes são :

A) Na 1.^a pessoa, a transformação de *mus* em *mos*, expoente do pronome *nós*, isto é, $mus = m + s$ ou $eu + tu$, ex. : $movemus = movemos$, $regimus = regemos$.

B) Na 2.^a pessoa, a transformação, até o seculo xiv, de *tis*, em *dis*, expoente do pronome *vós*, isto é, $tis = t + s$, ou $elle + tu = vos$ (1).

(1) Os vestigios da terminação *des* intermediaria se acham nos presentes indicativos dos verbos monosyllabicos, como *pondes*, *vedes*, *credes*, *rides*, *ledes* (excepto *daes* e *sois*), nos infi-



c) Na 3.^a pessoa, a apocope do *t*, da terminação *nt* e a substituição do *n* por *m* nas fórmas paroxytonas e por *ão* nas oxytonas, principalmente nas monosyllabas, ex. : *amant* = *amam*, *movent* = *movem*, *vadunt* = *vão*, *sunt* = *são*, *staut* — *estão*.

Expostos os principaes phenomenos, bastanos a simples inspeção das tres fórmas de conjugação para estatuirmos o confronto :

amo	impleo	unio
amas	implet	unís
amat	implet	unit
amamus	implemus	unimos
amatis	impletis	unitis
amant	implent	uniunt

Correspondentes a :

amo	encho	uno
amas	enches	unes
ama	enehe	une
amamos	enehemus	unimos
amais	eneheis	unís
aman	enchem	unem

IMPERFEITO

amabam	implebam	uniebam
amabas	implebas	uniebas
amabat	implebat	uniebat
amabamus	implebamus	uniebamus
amabatis	implebatis	uniebatis
amabant	implebant	uniebant

nitivos pessoas e futuros subjuntivos, ex. *fazerdes* e *fizerdes* e assim se vê :

Mays poys vós mui bem sabedes
O torto que mi fazedes.

(*Cancioneiro de D. DINIZ*, seculo XIII).



Correspondentes a :

amava	enchia	unia
amavas	enchias	unias
amava	euchia	unia
amávamos	enchiamos	uniamos
amaveis	enchieis	unieis
añavam	enchiam	uniam

O phenomeno mais importante foi a systole do accento tonico para a antepenultima na 1.^a e 2.^a do plural.

PERFEITO

amavi	implevi	univi
amavisti	implevisti	univisti
amavit	implevit	univit
amavimus	implevimus	univimus
amavistis	implevistis	univistis
amaverunt	impleverunt	univerunt

Correspondentes a :

amei	enchi	uni
amaste	encheite	uniste
amou	encheu	uniu
amamos	enchemos	unimos
amastes	enchestes	unistes
amaram	encheram	uniram

Os perfeitos seguiram os typos latinos mais gcaes em *avi*, *eui* e *ivi* em que o *o*, syncopando-se, produziu *ei* para a 1.^a e *i* para a 2.^a e 3.^a.

Os diptongos *au*, *eu*, *iu* provieram da confusão do *o* com o *u* : amavit — ama*o* — ama*u* — ama*ou*; implevit — implev — encheu; univit — unio — uniu.

MAIS QUE PERFEITO

ama v eram	imple v eram	uni v eram
ama v eras	imple v eras	uni v eras
ama v erat	imple v erat	uni v erat
ama v eram us	imple v eram us	uni v eram us
ama v eratis	imple v eratis	uni v eratis
ama v erant	imple v erant	uni v erant

Correspondentes a :

amara	enehera	unira
amaras	eneheras	uniras
amara	enehera	unira
amaramos	eneheramos	uniram us
amáreis	eneheras	unireis
amaram	eneheram	uniram

A syneope do *ve* já era phenomeno vulgarissimo na latinidade classica, segundo se vê nos escriptores do tempo, ex. : « Et superjecto pavidæ *natarunt* aequore damae » — Horatius — Ode II.

FUTURO

amar + <i>hei</i>	eneher + <i>hei</i>	unir + <i>hei</i>
amar + <i>has</i>	eneher + <i>has</i>	unir + <i>has</i>
amar + <i>ha</i>	eneher + <i>ha</i>	unir + <i>ha</i>
amar + <i>hemos</i>	eneher + <i>hemos</i>	unir + <i>hemos</i>
amar + <i>eis</i>	eneher + <i>eis</i>	unir + <i>eis</i>
amar + <i>hão</i>	eneher + <i>hão</i>	unir + <i>hão</i>

Devido ao estrago das flexões, os futuros latinos em *bo* e *am* se confundiram organicamente com outras fórmulas temporaes, e então as linguas romanas agglutinaram o presente de *haver* ao infinitivo, constituindo um futuro organico

Condicional.

amar + <i>havia</i>	eneher + <i>havia</i>	unir + <i>havia</i>
amar + <i>havia</i> s	eneher + <i>havia</i> s	unir + <i>havia</i> s
amar + <i>havia</i>	eneher + <i>havia</i>	unir + <i>havia</i>
amar + <i>havi</i> amos	eneher + <i>havi</i> amos	unir + <i>havi</i> amos
amar + <i>havi</i> eis	eneher + <i>havi</i> eis	unir + <i>havi</i> eis
amar + <i>havi</i> am	eneher + <i>havi</i> am	unir + <i>havi</i> am

O condicional é um **modo novo** e peculiar ás linguas romanas ; o latim não o tinha, de sorte que o seu conceito era expresso pelo imperfeito do subjuntivo.

No portuguez antigo o verbo *haver* possuia o imperfeito contracto *hia*, devido á quêda do thema *av* e assim facilmente se agglutinaram as duas fórmas, constituindo o condicional.

IMPERATIVO

ama	imple	uni
amate	implete	unite

Correspondentes a :

ama	enche	une
amae	enchei	uni

As fórmas imperativas em *to* e *tote* perderam-se, por se haverem inutilizado, e a do plural *teve*, até o seculo xv, a terminação *de*, ex. : *amade* e *unide*, como actualmente ainda os verbos monosyllabicos, excepto *dar*, ex. : *vinde*, *ide* ou *vade*, *tende*, *sede*, *eredede*, *ride*, vestigio de fórmas areaicas, como se vê :

Sacade-me, madre, destas prisões.

Ca non *avedes* de que vos temer (1).

SUBJUNTIVO PRESENTE

amem	impleam	uniam
ames	impleas	unias
amet	impleat	uniat
amemus	impleamus	uniamus
ametis	impleatis	uniatis
ament	impleant	uniant

(1) *Cancioneiro da Vaticana*, pag. 154, seculo xv.

Correspondentes a :

ame	encha	una
ames	enchas	unas
ame	encha	una
amemos	enchamos	unamos
ameis	enchais	unais
amem	enham	unam

Os phenomenos mais importantes foram a syncope da vogal *e* na 2.^a e de *i* na 3.^a.

IMPERFEITO

amavissem	implevissem	univissem
amavissem	implevissem	univissem
amavisset	implevisset	univisset
amavissemus	implevissemus	univissemus
amavissetis	implevissetis	univissetis
amavissem	implevissem	univissem

Correspondentes a :

amasse	enchesse	unisse
amasscs	enchescs	unisses
amasse	enchesse	unisse
amassemos	enchessemos	unissemos
amasseis	enchesseis	unisseis
amassen	enchessem	unissem

Assim se vê que o imperfeito do subjuntivo se deriva do mais que perfeito, contracto por effeito da quéda de *vi*.

Effectuou-se a systole na 1.^a e 2.^a do plural, como no imperfeito e no mais-que-perfeito do indicativo.

FUTURO

amaverim	impleverim	univerim
amaveris	impleveris	univeris
amaverit	impleverit	univerit
amaverimus	impleverimus	univerimus
amaveritis	impleveritis	univeritis
amaverint	impleverint	univerint

Correspondentes a :

amar	encher	unir
amares	encheres	unires
amar	encher	unir
amarmos	enchemos	unirmos
amardes	encherdes	unirdes
amarem	encherem	unirem

Este tempo provém do perfeito do subjuntivo e serviu de norma á creação dos infinitivos pessoais.

Os phenomenos mais constantes são a syncope do *ce*.

INFINITIVO

Ama = amar implere = encher unire = unir

Houve apenas a perda da terminação *e*, ainda existente na dialectação lusitana.

AS FÓRMAS GERUNDIVAS

amando implendo uniendo

deram os participios presentes :

amando enchendo unindo

Estes absorveram as funções do participio presente activo que então passou ao estado de adjectivo e de substantivo, ex. : *tenente, pedinte, estante, agente*.

AS FÓRMAS PARTICIPAES

amatus impletus unitus

deram :

amado enchido unido

Estas serviram para a formação dos tempos compostos com os auxiliares *ter* ou *haver*, ex. : *tenho amado, havia enchido, terei unido*, etc.



O supino perdeu-se de todo e o particípio do futuro deixou alguns vestígios, ex. : *futuro*, *nascituro* e outros, destituídos da função verbal.

Lexiogenia dos verbos SER e IR.

As formas orgânicas do verbo *ser* e as de *ir* se derivam de tres verbos : — *esse* e *sedere* para *ser*; *vadere* e *ire* para *ir*, e *fui* para os dous.

PRESENTE

Son	sum	vou	vado
és	es	vas	vadis
é	est	vae	vadit
somos	sumus	vamos	vadimus (1)
sois (2)	sedetis	vades	vaditis
são	sunt	vão	vadunt

IMPERFEITO

Era	eram	ia	ibam
eras	eras	ias	ibas
era	erat	ia	ibat
eramos	eramus	iamos	ibamus
ereis	eratis	ieis	ibatis
eram	erant	iam	ibant

PERFEITO

Fui	fui
foste	fuisti
foi	fuit
fomos	fuimus
fostes	fuistis
foram	fuerunt

(1) As formas *imos=imus* e *ides=ites*.

(2) E' admissível que na linguagem popular do latim barbaro houvesse occorrido uma forma *sutis* do verbo *sum*, pois, emquanto *hypothetica*, explica mais plausivelmente a elaboração glotica da forma *sois* do que *sedetis*.

MAIS QUE PERFEITO

Fora	fuera
foras	fueras
fora	fuerat
foramos	fueramus
foreis	fueratis
foram	fueram

IMPERATIVO

Sê = sede, sêde = sedete, va = vade, vade = vadite.

PRESENTE

Seja	sedeam	va	vadeam
sejas	sedeas	vás	vadeas
seja	sedeat	vá	vadea
sejamos	sedeamus	vamos	vadeamus
sejais	sedeatis	vades	vadeatis
sejam	sedeant	vão	vadeant

IMPERFEITO

Fosse	fuissem
fosses	fuissem
fosse	fuisset
fossemos	fuissemus
fosseis	fuissetis
fossem	fuissem

FUTURO

For	fuero
fores	fuero
for	fuerit
formos	fuerimus
fordes	fueritis
forem	fuerint
Ser = sedere	ir = ire
Sendo = sedendo	indo = eundo
Sido (1)	ido = itus, a, um

(1) E' de formação vernacula, porque *sedere* não tinha particípio aoristo ou passado.

Constituição do lexico.

A maior parte dos vocabulos antigos são de origem latina; derivaram-se da lingua popular dos Romanos, segundo os processos que expuzemos e, até através do latim, muitos vocabulos antigos nos vieram de linguas primévas, anteriores á romanização da Peninsula Iberica, os quaes actualmente se acham assimilados á base organica do nosso lexico.

Depois do seculo xv, a importação é inteiramente artificial e devida ao trabalho e á elaboração dos classicos.

Havia no latim, como em todas as linguas, duas camadas de vocabulos : uma erudita, outra popular, de que se derivou o portuguez.

CAMADA ERUDITA	CAMADA POPULAR	DERIVADOS
Docere	insignare	ensinar
os	bucca	boca
ignis	focus	fogo
flumen-fluvius amnis	rivus	rio
felix	catus	gato
equus	caballus	cavallo
janua	porta	porta
aequor, pontus	mare	mar
cubile	lectus	leito
lenire	mitigare	mitigar
incipere	cominitiare	começar

O elemento erudito reaparece em vocabulos formados por influencia classica e assim temos *fluminense*, *felino*, *docente*, *lenitivo*, *incipiente*, *ingnivomo*.



Linguas subsidiarias da portugueza.

Além do elemento latino, base organica do nosso vocabulario, outras linguas collaboraram na constituição do lexico, por effeito de varias causas cuja exposição incumbe mais á grammatica historica do que á descriptiva, pois o objecto desta é apenas a exposição dos factos.

A derivação estrangeira se faz mediante as linguas subsidiarias.

Linguas subsidiarias.

ARABES	}	a maior parte têm o artigo <i>al</i> prefixado : assucar, açougue, adarve, <i>alfandega</i> , <i>alccrim</i> , <i>alfincte</i> , <i>alambique</i> .	
GERMANICOS	}	antigos e ás vezes através do latim barbaro : tomar, roubar, ganhar, orgulho, guerra, luva.	<p>allemã : potassa, cobalto, walsa, zinco; ingleza : pudim, parque, dollar, club.</p> <p>slava : czar, dolman, cossaco, steppe.</p>
GREGOS	}	antigos e de origem obscurecida : tio, crmo, cara, taleiga, gruta, golfo, bolsa.	
		modernos e geralmente attinentes á sciencia e á technologia : physica, rhombo, phonema, dialyse, metro, electrico, botanica, glotica.	



ROMANICOS	{	hespanhóes : zarzuella, fandango, liano, eldorado, manilha, merinó.
		francezes : laeaió, chapéo, tartufo, eadete, cadastro.
		italianos : soneto, escorso, aletria, pastel, adagio, banco.

Elementos secundarios.

Esses elementos, salvo o indigena na dialectação brasileira, « mal se devem meneionar », diz o erudito Dr. Alfredo Gomes, pois raros são os especimens, mas offerecemos os seguintes :

- A) CELTICOS : dolmen, cambaio, druida, bardo.
- B) HEBRAICOS : alleluia, satanaz, cherubim, hosana, sabado, jubileu.
- C) PERSAS : catre, pagode, ehale, azul, jasmim, tulipa, baleão, lima (fructo).
- D) TURCOS : kiosque, horda, pachá, janizaro, formão.
- E) MALAIOS : bambú, sagú, beliche, mangue, orangotango.
- F) INDICOS : chá, anil, setim, bonzo, nankim, mandarim.
- G) BASCOS : esquerdo, morro, cachorro, ehareo, griseta, bezerro, mandrião, bizarro, quiniella.
- H) AFRICANOS : batuque, moleque, eangiea, samba, lundú, caehaça, vatapá, angú, inhame.

1) INDIGENAS : jaty, mandioea, caipira, caroba, pagé, trahira, sabiá (1).

Alterações lexicas.

As linguas, como organismos, estão sujeitas ás duas grandes leis da biologia : a assimilação e a dissimilação; aquella constitue o neologismo, pois adapta ao organismo da lingua novos elementos exteriores; esta constitue o arcaismo, pois expelle os elementos gastos, imprestaveis ao seu organismo.

Essas duas grandes funcções, essas duas forças oppostas, mantenedoras do equilibrio da lingua, se dizem **alterações lexicas**.

Alterações lexicas são pois a adaptação ou a eliminação de vocabulos, e se dividem em **neologismos e arcaismos**.

Neologismos.

Neologismos são os vocabulos modernos que, até então desconhecidos, se vão introduzindo na linguagem contemporanea. Assim se dizem :

A) **Technicos**, desde que, sendo constituídos geralmente por elementos gregos e latinos, sir-

(1) O elemento africano se estendeu por todo o norte do Brazil e o indigena por toda parte, pois orça a perto de 6.000. Este indigenismo lexico predomina nos termos locativos e nos attinentes ao reino vegetal e ao animal, ex.: Niteroy, Andaraly, Paraná, Sergipe, Aracajú, Itabaiana, jucá, capim, abacate, caroba, cajú, goiaba, sabiá, onça, jaguar, nandú, maguary, jabirú, siriema, *rucuriu*, jararaca, perereca, matamatá, sacy, cotia, mico, saquim, etc.

vam para exprimir as necessidades da sciencia e da arte, ex. : *microbio*, *phonema*, *propedeutica*, *philogenetico*, *monismo*, *variola*, *phonographo*, *semaphorico* e *reophoros*.

B) **Literarios**, desde que sejam introduzidos na lingua por influencia dos escriptores, tirando-os já da lingua latina, já das estrangeiras, ex. : *convescote*, *cardapio* (1), *evolução*.

FÓRMAS NEOLOGICAS		FÓRMAS VIGENTES
aculeo	empregado por	estimulo
acuminado	—	ponteagudo
derelicto	—	desamparado
excidio	—	destruição
inupta	—	donzella
modio	—	alqueire
tentorio	—	barraca
tribulo	—	abrolho
prandio	—	almoço
jugular	—	degollar
parvulo	—	minino

c) **Populares**, desde que sejam creados ou formados pelo povo e introduzidos na lingua para exprimir novas creações, novas idéas, ex. : *qui-niela*, *pareo*, *jockey*, *bilontra*, *esbodegar*, *encalistrar*, *debicar*, *escafeder-se*, *buginganga*, *pernotico*.

(1) O eminente latinista Dr. Castro Lopes, amante da pureza e intangibilidade da lingua portugueza, nos legou numerosos neologismos que se vão accitando e assimilando á lingua com o correr dos tempos, porquanto d'elles nos impescindem a maior parte, afim de não audarmos a tomar ás linguas estrangeiras vocabulos de graphica e prosodia antipathicas ao genio da nossa.

Antes de C. Lopes tambem a lingua se opulentou com Araujo Porto Alegre nos seus trabalhos, principalmente no poema *Colombo*, Odorio Mendes nas traducções dos autores latinos e Gonçalves Dias, um dos mais eminentes vultos da literatura brasileira.



d) Semânticos, desde que sejam constituídos por uma palavra já *existente*, mas cuja significação se generalize e assumam então uma aceção moderna, geralmente impropria, ex. :

ACCEÇÃO PRÓPRIA	ACCEÇÃO MODERNA
<i>tratante</i> = negociante	<i>tratante</i> = velhaco
<i>tabefe</i> = uma iguaria	<i>tabefe</i> = bofetada
<i>brusco</i> = escuro	<i>brusco</i> = violento
<i>gazeta</i> = jornal	<i>gazeta</i> = falta às aulas
<i>amolara</i> = afiar	<i>amolara</i> = molestar
<i>quarentena</i> = 40 dias	<i>quarentena</i> = estadia
<i>sabatina</i> = nos sábados	<i>sabatina</i> = recordação
<i>pastel</i> = uma iguaria	<i>pastel</i> = preguiçoso
<i>chuva</i> = meteoro	<i>chuva</i> = embriaguez
<i>puxado</i> = arrastado	<i>puxado</i> = aumento à casa
<i>esdruxulo</i> = proparoxítono	<i>esdruxulo</i> = extraordinário

Todo neologismo se diz :

A) **Intrinseco**, sempre que seja formado de elementos já pertencentes à língua vernacula, isto é, por composição ou por derivação, ex. : *ferro-via*, *sentimentalismo*, *abrilada*, *movimentar*;

B) **Extrinseco**, desde que seja formado de elementos não pertencentes à língua vernacula, ex. : *ravina*, *jockey*, *abracadabrante*, *quiniela*, *poule*.

A essas também pertencem os derivados das línguas clássicas, ex. : *phonographo*, *electrolyse*, *sociologia*, *explodir*, *altruismo*, *anazotose*, *alcoyla*.

As causas do neologismo são :

A) A moda, isto é, muitas palavras apparecem e desaparecem, como, succede aos costumes, às maneiras, ao vestuario, ex. : *baptista* = casa, *anquinha*, *madapolão*, *morim* = madrastra;

B) A influencia literaria, isto é, muitas palavras são pelos escriptores introduzidas sem necessi-



dade, ex. : *movimentar* = mover, *intriga* = enredo, *garantir* = afiançar, *dessert* = sobremesa, *educacionista* = educador.

c) A criação do objecto, isto é, cream-se ou se introduzem na linguagem contemporânea as palavras para exprimir creações novas, ex. : *pareo*, *quiniela*, *caleça*, *berlinda*, *cafeina*, *theina* (1), *automovel*, *cinematographo*, *taximetro*, *garage*.

Arcaísmos.

Arcaísmos são os vocabulos antigos de construcções que, tornando-se desusados, se eliminaram da linguagem contemporânea. Podem ser extrinsecos e intrinsecos.

Os arcaísmos intrinsecos são :

A) Flexionaes, desde que o vocabulo tenha sido eliminado, mas deixe outro de *igual raiz*. Assim temos :

FÓRMAS ARCAICAS	substituído por	FÓRMAS VIGENTES
<i>falsilho</i>	—	falso
<i>judengo</i>	—	judaica
<i>soffrença</i>	—	soffrimento
<i>perdoança</i>	—	perdão
<i>mentideiro</i>	—	mentiroso
<i>conhecença</i>	—	conhecimento
<i>vizindade</i>	—	vizinhança
<i>coraçom</i>	—	coração
<i>avisamento</i>	—	aviso
<i>cambador</i>	—	cambista
<i>semelhavel</i>	—	semelhante
<i>falsura</i>	—	falsidão
<i>dulcidão</i>	—	doçura

(1) Assim é que se cream, na Chimica Organica principalmente, numerosas palavras para exprimir corpos novos, etc. : *prolargol*, *dormiol*, *euquinina*, *piperazina*, *lysidina*, etc.



B) **Graphicos**, desde que os vocabulos existentes estejam graphados á moda dos antigos textos, ex. : *onra, Joham, sey, direy, veerey, u, hunha, tan, ben, foy, he, murto, tẽpo, q* (1);

C) **Phoneticos**, desde que sejam constituídos por fórmulas antigas intermediarias a uma moderna, ás vezes conservadas na prosodia popular.

FÓRMAS ARCAICAS

fremosa
prez
moimento
morer
soidão
entonees
questã
des que
assi

VIGENTES

formosa
preço
monumento
morrer
solidão
então
questão
desde que
assim

D) **Semanticos**, desde que sejam empregados com significação *antiga*, apesar de actualmente terem novo conceito significativo, ex. :

SIGNIFICAÇÃO ARCAICA

demandar = pedir
vivenda = modo de vida
talhar = cortar
attender = esperar
acordar = reeordar
britar = partir
falar = dizer
volta = tumulto
brocha = peça de armadura

SIGNIFICAÇÃO VIGENTE

demandar = litigar
vivenda = habitação
talhar = apropriar
attender = deferir, etc.
acordar = despertar, etc.
britar = quebrar pedras
falar = exprimir-se
volta = retrocesso
brocha = pinceel

(1) A graphia da Academia de Letras muito se parece com as graphias arcaicas do periodo da indisciplina da lingua antes de chegar á fórmula actual que tentam anarchizar.



Os arcaísmos extrínsecos são constituídos por palavras integralmente revogadas e substituídas por outras synonymas, de raízes diferentes (1).

Esses podem ter :

FÓRMAS ARCAICAS		FÓRMAS MODERNAS
mentre	substituído por	emquanto
adur	—	apenas
estugar	—	apressar
bofé	—	certamente
coudel	—	capitão
mentar	—	lembrar
infância	—	moço fidalgo
trigança	—	pressa
consum	—	juntamente
atimar	—	acabar
forrejar	—	saqucar
ucha	—	arca
governalho	—	leme
longura	—	comprimento
pompear	—	ostentar

As causas do arcaísmo são :

A) A *degradação semantica*, isto é, a significação se vae corrompendo e a palavra cahindo em desuso, ex. : *feder, obrar, surdir, cornos, tratante*.

B) A *synonymia*, isto é, uma das formas de uso mais geral e mais nobre vae expellindo a outra, ex. : *arteirice* e *astucia*, *botar* e *collocar*, *barriga* e *ventre*, *labio* e *beiço*, *chifre* = *guampas* = *chavelhos* = *pontas* = *aspas*, *safado* e *livrado* (2).

(1) Muitas formas deixaram vestígios na composição, como diz o douto philologo João Ribeiro, e assim temos *feitar* em *rejeitar*, *sujeitar*, *coitar* em *coitado*, *cata* em *catavento*, *catacega*.

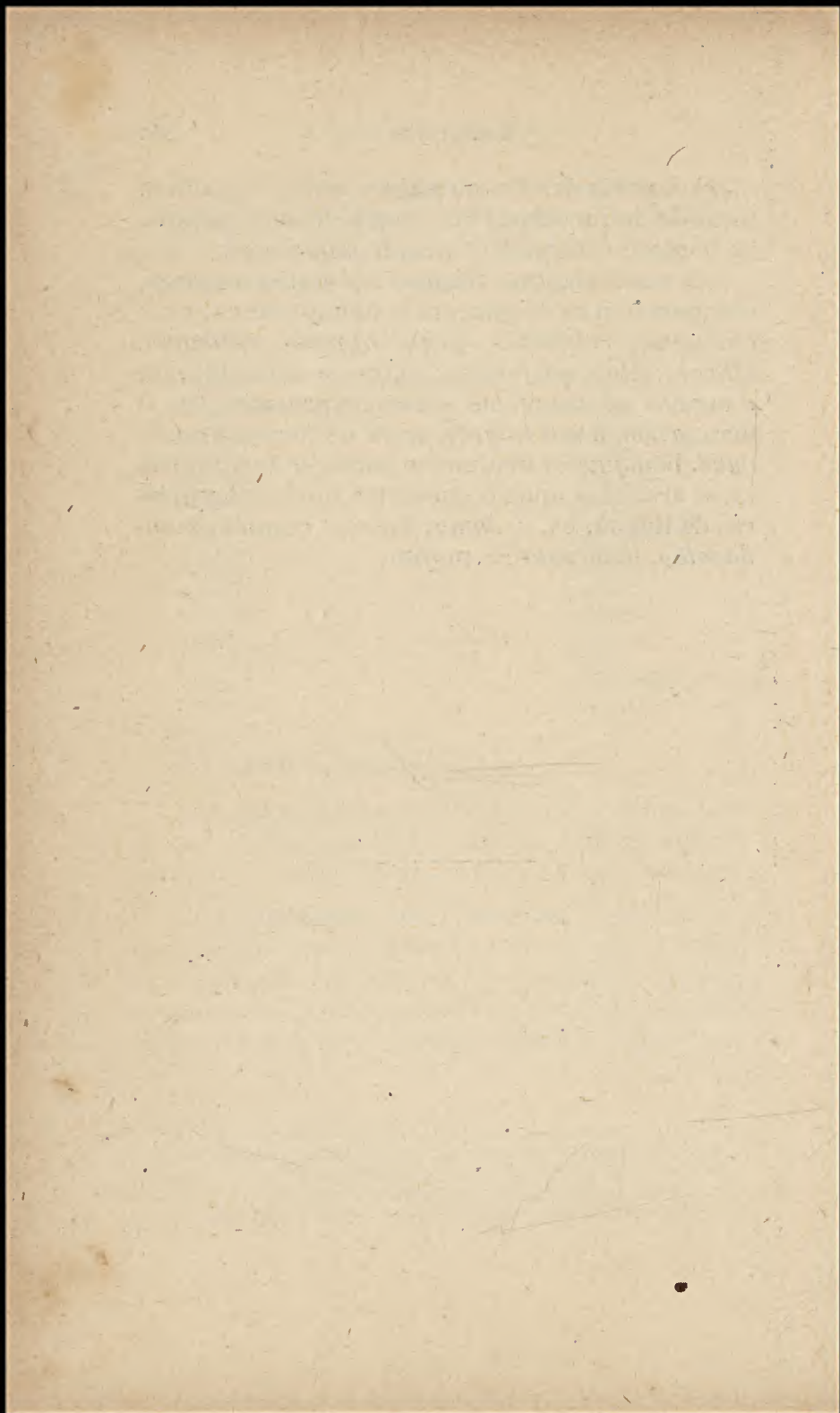
(2) Salvo si uma for da *gíria popular*, e outra da *scientific*, como — *congestão* e *hypermia*, *antídoto* e *contraveneno*, *ema* e *rhéa*.



c) A perda da idéa ou objeto, isto é, a palavra torna-se imprestavel, por nada mais exprimir, ex. : *adail, corregedor, alcaide, almotacel*.

As vezes algumas fórmãs, até então areaicas, reaparecêm na linguagem contemporanea, ex. : *queixume; confortar, gafo, algures, nenhures, alhures, algo, quejandas*; outras se immobilizam e apenas se usam em certas expressões, ex. : *mau grado, a seu talante, terra de hereo, à puridade, bemquisto*; finalmente outras se corrompem ou se arcaizam apenas em certas zonas geographicas da lingua, ex. : *dama, tabaco, esguião, mandapolão, madrasto* = morim.





PARTE III

SYNTAXOLOGIA

Syntaxologia é o tratado das palavras, consideradas collectivamente, isto é, nas suas diversas funcções ou relações logicas.

A syntaxologia considera as palavras :

- A) Como organs elementares, exercendo funcções no organismo da proposição ;
- B) Constituido proposições integraes, necessarias á expressão de um pensamento ;
- C) Como grupos estheticos cuja fôrma exterior se accomoda ás condições individuaes e á natureza do assumpto.

A syntaxologia, pois, se divide em syntaxe relacional, syntaxe phraseologica e syntaxe litteraria.

SYNTAXE RELACIONAL

Syntaxe relacional é o tratado das funcções e relações das palavras, isto é, da sua concordancia e posição no organismo da proposição simples.

Diz-se **funcção** o papel que na proposição exerce a palavra, como resultado syntactico das suas relações.



Seis são as funções das palavras ou expressões no organismo da proposição, a saber :

- A) Função subjectiva,
- B) Função predicativa,
- C) Função attributiva,
- D) Função objectiva,
- E) Função vocativa,
- F) Função adverbial.

As duas primeiras são fundamentaes, pois a ellas se reduz a proposição no seu menor desenvolvimento, e as demais são accessorias, pois apparecem apenas para modificar e desenvolver, ora o sujeito, ora o predicado.

Função subjectiva.

A palavra ou expressão em função subjectiva diz-se sujeito.

Sujeito é o ser de quem se diz alguma coisa, ex. : « Apareceram de repente *os Barbaros* sobre os lugares dos Christãos » (1).

O sujeito póde ser expresso :

A) Por um substantivo, ex. : « O céo fere com gritos nisto *a gente* » (2).

B) Por um pronome, ex. : « *Algun* d'alli tomou perpetuo somno » (3).

C) Por um infinitivo substantivado, ex. : « Mas *o seu dormir* é tranquillo » (4).

D) Por qualquer palavra substantivada, ex. : « *O já* da rainha seria mais já do que ella pro-

(1) LUCENA, *L. Classica*.

(2-3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) A. HERCULANO, *Eurico*.



pria pensava » (1). « O *que* e os *es* estão por duas syllabas » (2).

E) Por uma expressão substantivada, ex. : « ... Era já passada *mais de hora e meia* » (3).

F) Por qualquer palavra interjectiva ou citação, ex. : « Allah! Almoleimar » era o que dizia a grita » (4). « Na porta do templo rustico lia-se : « *Aqui todos são iguaes* » (5).

G) Por uma proposição conjuncional, ex. : « Pesa-me *que* não viesseis mais cedo » (6).

H) Por uma proposição indefinita, ex. : « *Qual* a materia seja não se enxerga » (7).

I) Por uma proposição infinitiva, ex. : « *Fazer* cada um seu officio é maxima importantissima » (8). ✓

Funcção predicativa.

A palavra ou expressão em funcção predicativa diz-se **predicado**.

Predicado é aquillo que se diz a respeito do sujeito e póde ser constituido :

A) Por um verbo de predicação **completa** isoladamente, ex. : Arvoredo gentil *sobre ella pende* » (9).

B) Por um verbo de predicação **completa** modificado por um ou mais adjuntos adverbiaes,

(1) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(2) GARRETT.

(3) F. PINTO, *Livraria Classica*.

(4) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(5) O autor.

(6) R. LOBO, *Côrte na Aldeia*.

(7) CAMÕES, *Lusiadas*.

(8) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.

(9) CAMÕES, *Lusiadas*.



ex. : *Na primavera de 1556 partia Camões para a China na frota de Franeiseo Martins* » (1).

c) Por um verbo de predieação incompleta, integralizado por objecto directo ou indirecto, ex. : « Todos os homens estimam grandemente o ouro e a prata » (2). « *A Joaquim Antonio de Aguiar* succederam annos depois os governos menos tolerantes » (3).

d) Por um verbo de predieação incompleta, integralizado por adjunto predicativo, referente ao sujeito, ex. : « Como são *melancolicas e sollemnes*, ao pino do sol, as vastas campinas! ... »

« *Mais profunda* parece aqui a solidão e *mais pavorosa* do que na immensidade dos mares » (4).

e) Por um verbo de predieação dupla, integralizado ao mesmo tempo pelo objecto directo e o indirecto, ex. : « Quem dá *graças aos Céos* ao sol posto? » (5).

f) Por um verbo de predieação dupla, integralizado por adjunto predicativo referente ao objecto, ex. : « Pintam os antigos ao *Amor menino* » (6). « Logo el-rei Frisol armou *cavalleiros* ao *principe* Florendo e a *Platir* seu irmão... » (7). ✓

Funcção attributiva.

A palavra ou expressão em funcção attributiva diz-se adjunto attributivo.

-
- (1) O. MARTINS, *Camões e a Renascença*.
 - (2) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.
 - (3) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.
 - (4) J. DE ALENCAR, *O Gaucho*.
 - (5) A. F. DE CASTILHO, *Cantico da Manhã*.
 - (6) VIEIRA, *Sermões*.
 - (7) F. MORAES, *Palmeirim da Inglaterra*.

Adjunto attributivo é toda palavra ou expressão que, embora modifique o substantivo, não constitue asserção.

O adjunto attributivo pôde ser expresso :

A) Por adjectivo *descriptivo*, ex. : « O nordeste *secco e regelado* corria as campinas do espaço » (1).

B) Por adjectivo *designativo*, ex. : « Esta é a ditosa patria *minha* amada » (2).

C) Por um *substantivo* (ou palavra substantivada) precedido de preposição, ex. : « O espirito *dos primeiros* causa a distracção da pessoa » (3).

D) Por um *aposto*, ex. : « Iracema, *a virgem dos labios de mel,* que tinha os cabellos mais negros... » (4).

E) Por uma *proposição relativa*, ex. : « Mas aquella, *a quem fora em sorte dado* Magriço, *que não vinha,* com presteza se veste » (5).

F) Por uma *proposição conjuncional*, ex. : « Não lia asserção de *que a prisão fosse ordenada pelo conde Lisboa* » (6).

G) Por uma *proposição infinitiva*, ex. : « É tempo *de nos passarmos á Africa* » (7).

H) Por uma *expressão qualquer*, ex. : « Um digno commendador *não sei de que ordem* » (8).

(1) A. HERCULANO, *Eurico*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) C. OLIVEIRA, *Cartas*.

(4) JOSÉ DE ALENCAR, *Sel. Literaria*.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

(6) JOÃO F. LISBOA, *Obras*.

(7) F. LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos*.

(8) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.



Função objectiva.

A função objectiva é exercida por uma palavra ou expressão a que se transmite immediata ou mediatamente a acção do verbo de predicação incompleta.

A palavra em função objectiva diz-se objecto, que pôde ser directo ou indirecto.

O objecto directo pôde ser expresso :

A) Por um substantivo, ex. : « Deu *signal* a trombeta castelhana » (1).

B) Por um pronome, ex. :

« Mas que funesto azar correra o filho
Elle *o* via; elle *o* tinha alli presente » (2).

C) Por adjectivo substantivado, ex. :

« A alma é como a noute escura, immensa e azul,
Tem o *vago*, o *sinistro*, e os canticos do sul » (3).

D) Por um infinitivo substantivado, ex. : « O velho tentou *responder*; porém não poude » (4).

E) Por uma proposição infinitiva, ex. : « *Tirar Ignez ao mundo* determina » (5).

F) Por uma proposição conjuncional, ex. : « Espero com grande alvoroço *que venhais para esta cidade* » (6).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(3) GOMES LEAL, *Claridades do Sul*.

(4) A. HERCULANO, *Eurico*.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

(6) RODRIGUES LOBO, *Côrte na Aldeia*.



g) Por uma proposição indefinita, ex. : « Examina bem e diz-me *qual é para os corações puros e nobres o motivo immenso, irresistivel das ambições de poder, de opulencia e renome* » (1).

h) Por uma expressão interjectiva, ex. :

« Mas, *oh que luz tamanha* que abrir sinto,
Dizia a *nympha* e a voz alevantava » (2).

i) Por uma expressão não interjectiva, ex. :
« Sentia *um não sei que* que me partia o coração (3).

j) Por uma proposição ou periodo inteiro, servindo de citação a outro, ex. :

« Sahindo uma criada, lhes disse :
— *Sera necessario esperarem, porque dorme* » (4).

« Voltou-se então p'ra Deus o meu espirito
E a minha voz queixosa perguntou-lhe : —
— *Senhor, por que do nada me tiraste?* » (5) (*).

(1) A. HERCULANO, *Eurico*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) ALMEIDA GARRETT.

(4) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(5) G. DIAS, *Obras Poeticas*.

(*) É muito commum, no **estyllo directo**, occorrerem proposições simples ou compostas que, embora independentes, se prendem ao periodo anterior, por lhe servirem de objecto.

Estas proposições assignalam portanto sempre uma como citação, em que se acham transcriptas, como foram expressas, ex. :

« Estatuarios de colossos
Cançado d'outros esboços,
Disse um dia Jehovah : »
« Vae, Colombo, abre a cortina
Da minha eterna officina...
Tira a America de lá ».

CASTRO ALVES, *Esp. Fluctuantes*).



Função vocativa.

A palavra ou expressão que, posta interjectivamente na proposição, indica a pessoa ou cousa a que nos dirigimos, chama-se **vocativo**, ex. :

« O terra! ó céos! ó muda natureza!
Transbordae de alegria » (1).

O vocativo geralmente pôde ser :

A) **Subjectivo**, isto é, ter por termo fundamental o pronome sujeito occulto ou claro, ex. :
« Corre, *D. Jayme*, não pares... » (2). « Agora tu, *Calliope*, me ensina » (3).

B) **Objectivo**, isto é, servir de objecto ou ter por termo fundamental o pronome objecto, ex. :
« Olhando para as muralhas onde reluziam immo-veis as lanças dos christãos, chamou : — *Atanagildo!* » (4). « Amo-te, ó cruz, no vertice firmada de esplendidas igrejas » (5).

Nas narrações animadas duplica-se o vocativo, ex. : « *Rei dos godos, rei dos gados*, exclamou elle, és covarde! » (6).

Ha o vocativo epistolar que, quasi sempre posto exteriormente ao periodo, assignala o individuo a quem nos dirigimos, ex. :

« *Excellentissimo senhor,*
É fallecido Diogo Lopes de Ulhoa » (7).

-
- (1) PADRE CALDAS, *P. Sacras*.
 (2) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.
 (3) CAMÕES, *Lusiadas*.
 (4) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (5) A. HERCULANO, *Harpa do Crente*.
 (6) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (7) ANTONIO VIEIRA, *Cartas*.

Função adverbial.

A função adverbial é exercida por uma palavra ou expressão que, mediante uma circunstância, modifica o verbo, o adjectivo e até outro adverbio.

A palavra ou expressão em função adverbial diz-se **adjunto adverbial**.

O adjunto adverbial pôde ser expresso :

A) Por um adverbio, ex. : « A estrella de Napoleão pairou *lentamente* sobre a Europa » (1).

B) Por um adjectivo adverbiado, ex. :

« Não olheis para a sombra que passa
Quero *triste* viver, *ermo* e *só* » (2).

C) Por uma palavra mediante preposição, ex.,
« *No correio passado* escrevi a Vossa Senhoria » (3).

D) Por uma palavra sem preposição, ex. :

X « O vencedor Joanne esteve *os dias*
Costumados no campo em grande gloria » (4).

E) Por uma expressão adverbial, ex. : « *Desde então* ninguem mais lhe seguiu os passos » (5).

F) Por uma expressão do verbo *haver*, exprimindo tempo, ex. : « Eu sou o sacristão que *poucas horas ha* sahi de casa » (6).

-
- (1) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.
 (2) TOBIAS BARRETO, *Dias e Noites*.
 (3) ANTONIO VIEIRA, *Cartas*.
 (4) CAMÕES, *Lusiadas*.
 (5) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (6) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

g) Por uma proposição conjuncional, ex. : « *Com tanto que me não retrates, fala ou berra quanto quizeres* » (1).

n) Por uma proposição infinitiva, ex. : « *Tem se apresentado uma immensidade de razões, para combater a possibilidade de uma união ibérica* » (2).

1) Por uma phrase do participio passado, ex. : « *Acabadas estas batalhas, Palmeirim se foi ao castello* » (3).

j) Por uma phrase do participio presente, ex. : « *Cahindo a noite, entrei na abobada* » (4). ✓

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

1.º O sujeito diz-se simples, desde que seja constituído por :

A) Um substantivo, ex. : « *Já chega a Portugal o mensageiro* » (5).

B) Um pronome, ex. : « *Eu profano a majestosa sombra* » (6).

C) Um infinitivo substantivado, ex. : « *É o meu meditar era profundo como o céu* » (7).

D) Uma palavra substantivada, ex. :

« *De sangue está banhado.*

« *justo em affrontosa cruz pendente* » (8).

2.º Diz-se composto, desde que seja constituído por :

(1) OLIVEIRA, *Cartas*.

(2) PINHEIRO CHAGAS, *Vermelhos, Brancos e Azues*.

(3) F. MORAES *Palmeirim da Inglaterra*.

(4) M. BERNARDES, *Nova Floresta*.

(5) CAMÕES, *Lusíadas*.

(6) J. A. MACEDO, *Liv. Classica*.

(7) A. HERCULANO, *Eurico, Autores Classicos*.

(8) PADRE CALDAS, *Poesias Sacras*.



A) Mais de um substantivo, ex. : « *O estado e o templo* eram dous aspectos da mesma nação » (1).

B) Mais de um pronome, ex. : « *Eu e os meus* nos alegraremos summamente » (2).

C) Mais de um pronome, ex. : « *Perdoar os erros e engrandecer os bons intentos* é do espirito generoso » (3).

D) Mais de una palavra substantivada, ex. : « *O que e o es* estão por duas syllabas » (4).

3.º Diz-se **complexo**, desde que seja constituido por expressão ou citação qualquer substantivada, ex. : « *Parce-me que o ouvir a leitura dos annas do teu illustre reinado* te allivia e revoca á vida » (5).

4.º Diz-se **proposicional**, desde que seja constituido por :

A) Uma proposição conjuncional, ex. : « *Da de Eumenes se escreve que tinha duzentos mil volumes* » (6).

B) Uma proposição infinitiva, ex. : « *Fazer cada um seu officio* é maxima importantissima » (7).

C) Uma proposição indefinida, ex. : « *Logo virá quem te responda* » (8).

Tanto o sujeito simples como o composto se dizem **ampliados**, e assim os **adjuntos attributivos** ou **adverbiaes**, ex. : « *O pé gracil e nu, mal roçando*, alisava apenas a verde pellucia » (9).

(1) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(2) ANTONIO VIEIRA, *Cartas*.

(3) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos*.

(4) ALMEIDA GARRETT.

(5) A. HERCULANO, *Eurico*.

(6-7-8) P. MANOEL BERNARDES, *N. Floresta*.

(9) JOSÉ DE ALENCAR, *apud Sel Literaria*.



110
A CONSTITUIÇÃO DO OBJECTO

O objecto directo tem a mesma constituição do sujeito e a sua theoria está consignada na exposição geral das funcções, e assim passemos ao indirecto.

O objecto diz-se indirecto, sempre que a acção do verbo a elle se transmita mediante preposição, ex. :

« Houve tempo em que meus olhos
Gostavam *do* sol brilhante » (1).

As preposições que mais constituem o objecto indirecto são *a, de, por, em, com, para com*, ex. : presidir *a*, depender *de*, responder *por*, ser *para*, consistir *em*, concordar *com*, proceder *para com*.

O objecto indirecto pôde ser expresso :

A) Por um substantivo, ex. :

« Como succede *á* *não* no mar, succede
Aos homens na ventura e na terra » (2).

« Procedia o Conde *nas cousas* atrás ditas com a sua vehemencia natural » (3).

B) Por um pronome, ex. :

« Fumegava-*lhe* aos pés tartareo lume
Crespa serpe as entranhas *lhe* roia » (4).

(1) G. DIAS, *Obras Poeticas*.
(2) ANTONIO GONZAGA, *Poesias*.
(3) FR. LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos*.
(4) MANOEL BOCAGE, *Poesias*.

c) Por uma proposição conjuncional, ex. : « Não dais lugar *a que vos peça*, porque me mandais tudo » (1). « Queixam-se os políticos *de que o parlamentarismo deu de si* quanto podia desentranhar » (2).

d) Por proposição infinitiva, ex. : « O juramento forava-o *a reconhecer* publicamente uma crença » (3).

Ha muitos verbos pronominaes e ao mesmo tempo bi-objectivos, cujo objecto directo é constituido pela variação pronominal e o indirecto por um substantivo (ou por outra palavra ou expressão equivalente) regido de uma das preposições *a, de, em, com*, ex. : *applicar-se a, adaptar-se a, valer-se de, socorrer-se de, esmerar-se em, metter-se em, investir-se em, accommodar-se com, conformar-se com*.

« Bem disse S. Elvedo que metter-se o sacerdote *nos* negocios seculares e o rei *nos* espirituacs seria o mesmo que o sol e a lua trocarem de officio » (4).

« Nenhum dos cavalleiros se atreveu *a sahir contra elle* » (5).

O objecto nominal.

Ha substantivos e adjectivos cuja significação se torna incompleta e assim se integralizam mediante objecto indirecto, ex. : *inclinação ao mal, vocação ás artes, disposição para o trabalho*.

Assim succede aos adjectivos — *avido de, desejoso de, amante de, dependente de, dotado de, proprio a, propenso a, commum a, util a, caro a, caridoso para com*, etc. (6).

(1) RODRIGUES LOBO, A. *Classicos*.

(2) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(3) LATINO COELHO, *obra ett.*

(4) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(5) REBELLO DA SILVA, *Contos e Lendas*.

(6) O objecto nominal, pertencente ao **substantivo**, pôde ser dado como **adjuncto attributivo**, e os objectos pertencentes aos adjectivos, como — *dotado de prudencia, avido de gloria, propenso ao mal*, se devem analysar conjunctivamente, como si constituíssem uma expressão.

Tanto nos casos de substantivos, como de adjectivos, as relações syntacticas são verdadeiros adjuntos syntacticos.

Além disso, desde que o verbo objectivo seja substituído por expressão equivalente, o directo passa a ser indirecto, ex. : extimar *alguem* = ter estima *a* *alguem*; amar *o bello* = ter amor *ao bello* = ser amante *do bello*; amedrontar *alguem* = metter medo *a* *alguem*.

Si o objecto for uma proposição, esta pôde assumir a função attributiva, modificando o substantivo a que se liga pela proposição *de*, clara ou occulta, ex. :

« Deram-me nova (de) que juntaveis poderosos exercitos de todás vossas gentes e das alheias, isto e, *noticiaram-me* que... » (1).

Prova de que a analyse attende mais á forma exterior da proposição do que ao seu conceito logico.

Objecto directo preposicional.

Casos ha em que, geralmente para clareza syntactica, o objecto directo apparece modificado por preposição.

Nestas condições, o objecto directo diz-se preposicional e ocorre geralmente :

A) Nos nomes personativos, ex. : « Dous principes da Persia, andando á caça, encontraram *a* *Mileto*, monge santo » (2). « Choro... tambem Jesus chorou *a* *Lazaro* » (3).

B) Nos nomes indicando *pessoa* ou *ser vivo*, ex. : « O tigre ataca *ao* leão ».

C) Nas phrases ou proposições infinitivas, ex. : « A cascata ensinou-me *a* *gerner* » (4). « Comecei então *a* *escutar* attentamente » (5).

(1) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos.*

(2) MANOEL BERNARDES, *A Classicos.*

(3) G. DIAS, *Obras Poeticas.*

(4) TOBIAS BARRETO, *Dia e Noite.*

(5) CAMÕES, *Obras completas.*



« Gigante do porvir, ó Mocidade,
Aprende*i a entoar* de Deus o nome » (1).

D) Nos pronomes pessoaes, substituindo as variações pronominaes correspondentes, ex. : « Nem elle entende *a nós* nem nós *a elle* » (2).

E) No pronome *quem* em vez de *que*, para clareza da expressão, ex. :

« A ti *a quem* sempre em idyllios.
Sublimo em phrases ternas » (3).

« O Senhor do céo manda ás vezes áquelles *á quem* ama um bom pensamento » (4).

F) Nas transposições em que o objecto preceda ao verbo, ex. : « A todos os autores, diz S. Ambrosio, enganam os seus escriptos » (5).

G) Nos idiomatismos da lingua, em que a preposição é pura particula *decorativa*, ex. : « Res-tam-nos para concluir *com* os successos da Asia darmos conta da viagem » (6). « Começaram a abalar *contra* as portas da Ribeira » (7).

Esse phenomeno é vulgarissimo e assim temos as expressões — olhar *para*, chamar *por*, puxar *por*, acabar *com*, cumprir *com*, pegar *em*, fazer *de* e outras, ex. : « E os anjos *chamam por* mim » (8).

« A matta *faz* do lavrador uma sentinella alerta » (9).

(1) J. G. MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos*.

(2) CAMÕES, *apud F. Barreto*.

(3) GOMES LEAL, *Claridades do Sul*.

(4-5) ANTONIO VIEIRA, *Obras*.

(6-7) FIL. LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos*.

(8) A GARRETT, *apud Aulete*.

(9) ALBERTO RANGEL, *Inferno Verde*.



Ha verbos que tanto occorrem no estado de objectivos directos, como indirectos, ex. : usar *de*, mudar *de*, soffrer *de*, ex. : « A religião soffre d'esta flacidez morbida do nosso caracter » (1). « Os homens começaram a mudar *de* rumo » (2).

Assim como ha objectos proposicionaes, ha tambem proposições objectivas directas, regidas idiomáticamente de uma preposição, ex. :

« E o força do pesado cabrestante
Faz *com* que ella se abaixe ou se alevante » (3).

Esse facto igualmente se póde effectuar, desde que a proposição seja ligada por connectivo **indefinito**, regido de preposição, ex. :

« Não sabia *em que* modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes » (4).

« Vejamos agora *em que* apparece principalmente cifrada a justificação e a apologia » (5).

Adjuntos syntacticos.

O adjunto attributivo tambem se diz :

A) **Simple**, desde que seja constituido por um só adjectivo, palavra ou expressão adjectivada, ex. : « Seus olhos que exprimem *tão doce* harmonia » (6).

B) **Composto**, desde que seja constituido por mais de um adjectivo, palavra ou expressão adjectivada, ex. :

« Como cantarei eu novas cantigas
Em terras *tão estereis, cheias d'ira* » (7).

(1) BISPO DO PARÁ, *Liberdade de Cultos*.

(2) A. HERCULANO.

(3) ANDRADE, *Primeiro Cerco de Diu*.

(4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(6) A. GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(7) CAMÕES, *Obras completas*.

c) **Ampliado**, desde que seja modificado por outros adjuntos, attributivos ou adverbiaes, ex. : « O Brazil proclamou a definitiva abolição de uma *deshumana e cruel* instituição » (1).

d) **Proposicional**, desde que seja constituido por uma proposição, ex. :

« O nome lhe puzeram *que inda dura*
Dos amores de Ignez *que alli passaram* » (2).

Os adjuntos predicativos e os adverbiaes tambem pôdem ser **simples, compostos, ampliados e proposicionaes**, nas mesmas condições em que o adjunto attributivo.

Adjunto predicativo.

(DO SUJEITO)

Adjunto predicativo é toda palavra ou expressão que, integralizando o conceito do verbo, se refere ao sujeito ou ao objecto, constituindo asserção através do verbo ex. : « Do triumvirato literario que então florescia na patria lusitana, Hereulano, Garrett e Castilho, o autor da « Harpa do Crente » foi a *figura mais alta e mais dominativa, mais illustre e mais poderosa* (3).

Assim pois ha adjuntos predicativos pertencentes ao sujeito, e outros ao objecto.

Pedem adjuntos predicativos, além do verbo *ser*, os verbos — *estar, andar, ir, vir, ficar, sahir, permanecer, parecer, continuar*; mas tra-

(1) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) CANDIDO JUCÁ, *Centenario de A. Herculano*.



temos do verbo *ser*, por exigir muitas modalidades de adjuntos.

O adjunto predicativo pôde ser expresso :

A) Por adjectivo descriptivo, ex. : « *Terribilissimos* foram os sonhos que Deus mandou ao presbytero » (1).

B) Por adjectivo designativo, ex. : *Tal* foi a historia do anno de 22, a data da emancipação politica do Brazil » (2).

C) Por expressão adjectivada, ex. : « A alliança da Hollanda era *das mais naturaes* » (3).

D) Por substantivo appellativo, ex. : « Sem ti a ordem é *desordem*, a vida é *morte*, o descanso é *trabalho*, a gloria é *iufania*, o bem é *mal* » (4).

E) Por substantivo proprio, ex. : Eu não sou *o fatal e triste Beaudelaire* » (5).

F) Por pronome, ex. : « Mas, tu *quem* és, ó chaos tenebroso » (6).

G) Por infinitivo ou phrase infinitiva, ex. : « Do mesmo modo o levar imposições e tributos injustos, é *chupar o sangue dos povos* » (7).

H) Por proposição relativa, ex. : « Eu, o Silencio e a Solidão eramos *quem estava ahi* » (8). « E o ambiente *que o impelle irresistivelmente á decadencia e á ruina* » (9).

-
- (1) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (2) O. MARTINS, *O Brazil e as C. Portuguezas*.
 (3) J. FRANCISCO LISBOA, *Obras*.
 (4) FR. HEITOR PINTO, *apud. Sel. Literaria*.
 (5) GOMES LEAL, *Claridades do Sul*.
 (6) PADRE CALDAS, *Poesias Sacras*.
 (7) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.
 (8) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (9) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.



Os demais verbos pedem adjunctos predicativos, geralmente constituídos por adjectivos ou expressões equivalentes.

Assim temos adjuntos predicativos pertencentes :

A) Ao verbo *estar*, ex. : « Acaba a fala, *estiveram* todos *calados* por um espaço » (1).

B) Ao verbo *andar*, ex. : « As legiões godas andavam *intrepidas* » (2).

C) Ao verbo *ir*, ex. :

« O bellissimo corpo abraça e crecio
Que disto o Souza *cioso iria* » (3).

D) Ao verbo *vir*, ex. :

« Tão *temerosa vinha e carregada*
Que poz nos corações um grande medo » (4).

E) Ao verbo *ficar*, ex. :

« *Confuso o Rei ficava e esmorecido*
Com a voz medonha do Tartareo Nume » (5).

F) Ao verbo *fazer*, ex. :

« ... Bêbê a um canto da sala
Jazia livida, exangue » (6).

G) Ao verbo *sahir*, ex. : « A empreza *saliu victoriosa* » (7).

(1) DIOGO DO COUTO, *Decadas*.

(2) A. HERCULANO.

(3) CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*.

(4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) J. A. MACEDO, *O Oriente*.

(6) G. JUNQUEIRO, *apud Aulette*.

(7) EMPH. DIAS, *Gram. Port.*



н) Ao verbo *parecer*, ex. : Parece o mundo *um tumulo* » (1).

1) Ao verbo *continuar*, ex. : « Os punhos continuavam *cerrados* e os braços *tesos* » (2).

ж) Ao verbo *permanecer*, ex. : « A administração publica permanecia *quasi inalterada* » (3).

Adjunto predicativo.

(DO OBJECTO)

Ha verbos objectivos que, além do objecto directo, precisam geralmente de um adjunto predicativo para lhes integralizar o conceito, ex. : *nomear* alguém *consul*, *constituir* alguém *herdeiro*, *proclamar* alguém *presidente*, *julgar* alguém *perverso*, etc.

A maior parte dos verbos que assim se empregam deixamos consignada na pag. 130.

Essa palavra ou expressão que, modificando o objecto, integraliza ao mesmo tempo o conceito do verbo, diz-se **adjunto predicativo** (do objecto), ex. : « A hora do meio dia *fizera* o lugar *solitario* » (4).

O adjunto predicativo às vezes é constituído por uma expressão integral, ex. : « Os historiadores reputam D. João III *de intelligencia apoucada* » (5).

(1) A. F. CASTILHO. *Estréas-Poetico-Musicaes*.

(2) JULIO RIBEIRO, *A Carne*.

(3) LATINO COELHO, *apud Aulette*.

(4) MANOEL BERNARDES, *apud Seleccção Lit.*

(5) EPIPH. DIAS, *Gram. Port.*



Às vezes o adjunto predicativo se liga ao verbo mediante um dos connectivos *como*, *para*, *por* e *de*, ex. : considerar alguém (*como*) amigo.

D'ali se segue que o adjunto predicativo pôde integralizar o verbo :

A) **Immediatamente**, isto é, sem intervenção de connectivo, ex. : « Ignez, a triste Ignez, *seu cate* o acelama » (1).

B) **Mediatamente**, isto, é mediante um dos connectivos, ex. : « A Europa consagrou *como* instituição fundamental a monarchia » (2). « Na Europa a nação-chefe tres vezes a proscreeveu *como fôrma incompativel* » (3). « Os povos da Gangarida, terra além do Ganges, elegiam *para* rei o mais formoso » (4). « *Por* seu arauto musico o estio *te* elegeu » (5). « Ingrata!... Oh! não *te* chamarei *de* ingrata!... » (6).

O adjunto predicativo, referente ao objecto, passa a pertencer ao sujeito :

A) Nas vozes passivas, ex. : « Em 1635 *foi* Vieira *ordenado presbytero* » (7).

« *Gidá* se chama o porto aonde o tracto
De todo o Roxo mar mais florescia » (8).

B) Nos verbos pronominaes, pois referir-se ao pronome objecto, substituto do sujeito, é o mesmo que referir-se a este, ex. : « Com esta nova *se*

(1) J. MARIA VELHO, *Poesias*, A Camões.

(2-3) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia*.

(4) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(5) THOMAZ RIBEIRO, *A Cigarra*.

(6) ALM. GARRETT, *Poema*.

(7) J. F. LISBOA, *Vida do Padre Antonio Vieira*.

(8) CAMÕES, *Lusíadas*.



mostraram os amigos *mais alvoroçados* » (1).
« ...Esta geração vaidosa e má que *se crê grande e forte...* » (2). « Chamei-me *Adamastor* e fui na guerra... » (3).

O adjunto constituido por *adjectivo*, pertencente aos verbos *fazer* ou *tornar*, equivale a um verbo *factitivo*, ex. : tornar fraco = *enfraquecer*, fazer-se rico = *enriquecer*, ex. : « A fortuna me *faz o engenlio frio* » (4). « O cavalleiro saiu da especie de torpor que o *tornava immovel* » (5).

O adjunto predicativo pôde referir-se a uma proposição inteira, ex. : Fazer *publico* que... tornar *patente* que... etc., ex. : « Que tal seja o alcance e a significação desse projecto, ficou *patente* das discussões do Senado » (6).

« Mas já *razão* parece que sabemos
Si entre vós a verdade não se nega » (7).

A apposição geral.

A apposição se exprime mediante um substantivo ou expressão substantivada que se annexe a outro, especificando-a.

A palavra a que se appõe outra se diz termo fundamental, ex. :

« Vê *Cathigão*, cidade das meliores
De *Bengala*, provincia que se presa » (8).

(1) ROD. LOBO, *Côrte na Aldeia*.

(2) A. HERCULANO, *Eurico*.

(3-4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) A. HERCULANO, *Eurico*.

(6) BISPO DO PARÁ, *A Liberdade de Cultos*.

(7-8) CAMÕES, *Lusiadas*.

A apposição se diz :

A) **Immediata**, desde que o termo fundamental se siga ao apposto, ex. : « Perante Philippe, *rei da Macedonia*, requeria Machetas sua justiça » (1).

B) **Mediata**, desde que o termo fundamental esteja separado do apposto por expressão intercurrente, ex. :

« Entre a *zona*, que Canero senhoreia,
Meta septentrional de sol luzente » (2).

« Eu nunca vi *Lisboa*, e tenho pena,
Mãi de sabios, de herões, crime e virtude » (3).

Assim como a um termo fundamental podem referir-se dous ou mais appostos, assim um unico apposto se pode referir a dous ou mais termos fundamentaes, simultaneamente expressos, ex. : « De um lado é o *telephonio* e o *phonographo*, estes dous prodigios da sciencia » (4).

A apposição pôde ás vezes ter por termo fundamental uma proposição inteira, principalmente quando expressa pelo pronome *o*, ex. : « Procede bem, *o* que te tornará estimado ». « Ambas vêm pela mão, *igual partido* » (5).

O apposto cujo termo fundamental é um **vocativo**, assume o character de um **compellativo**, isto é, um vocativo secundario, ex. : « Eu te saudo, *ô sol, bello astro amigo!* » (6). ✓

(1) M. BERNARDES, *Autores Classicos*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) THOMAS RIBEIRO, *D. Jayme*.

(4) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

(6) GOMES LEAL, *Claridades do Sul*.



As vezes, sendo o termo fundamental pronome pessoal, pôde estar occulto por elegancia, ex. : « Eis aqui o que eramos (*nós*) *as gentes antes da lei evangelica* » (1). « *Deputado provincial e geral*, tomou (*elle*) assento no Senado, como representante do Rio Grande do Norte. *Pamphletista mordaz*, publicou (*elle*) o *Libello* do povo sob o pseudonymo de Timandro » (2).

A apposição ás vezes se transfere emphaticamente para antes do termo fundamental, ex. : *Realidade* ou *desejo incerto*, o amor é o elemento primitivo da actividade interior » (3).

« *Do mundo as illusões, vaidade, engano*
Da vida a mesquinhez, prazer ou pranto,
 Tudo esse noime arrasta, prostra e some » (4).

« *Poesia e saudade*, eis a synthese affectiva que nos vêm destas encantadoras plagas... » (5).

Geralmente esse facto pôde effectuar-se :

Λ) Sempre que o termo fundamental for expresso por um dos pronomes *tudo, nada, ninguém, cada um*, ou outra expressão indefinita equivalente, servindo de sujeito, ex. : « *Jogos, conversações, espectaculos, nada* o tirou do seu retiro » (6). « O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo* é terra da terra » (7). « *Commandante* (8),

(1) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(2) CARLOS DE LAET, *Anth. Nacional*.

(3) A. HERCULANO, *Eurico*.

(4) G. DIAS, *Pocsias*.

(5) CANDIDO JUCÁ, *O Norte*.

(6) A. CASTILHO, *A. Classicos*.

(7) ANT. VIEIRA, *Sermões*.

(8) Tambem podemos representar o apposto com proposição inteira-infinitiva, como no seguinte trecho camoneano em que a

officiaes, soldados, *ninguem* escapou com vida na quelle dia luctuoso » (1).

« Plantas, rios, flores, prados, fontes
Cada um com lingua muda ao sol falava » (2).

b) Sempre que o termo fundamental for uma variação pronominal, ex. : « *Senhor* dos segredos da harmonia, corriam-lhe os versos com a fluidez da *lympa* » (3).

c) Sempre que o termo fundamental é constituído por um vocativo, ex. :

« Flor de belleza, luz de amor, *Coema*,
Murmurava o cantor, onde te foste
Tão doce e bella, quando o sol raiava? » (4).

Neste caso nem sempre se effectua a transposição do apposto para antes do termo fundamental.

O adjunto attributivo simula ás vezes um apposto quando tem por função explicar uma modalidade, um modo de ser do termo fundamental, servindo para descrevel-o, ex. :

« As flores da aldcia são puras e bellas
Suaves aromas, vivissimas cores » (5).

proposição infinitiva — *levantar-se* no ar... serve de apposto ao objecto pleonástico o pertencente á forma verbal *vi*.

Eu o vi certamente (e não p̄sumo
Que a vista me enganava) *levantar-se*
No ar um vaporzinho e subtil fumo...

Ou então com proposição conjuncional referente a substantivo que lhe serve de termo fundamental, como no seguinte exemplo de Rodrigues Lobo :

« *Uma cousa* vos confessarei, Snr. Lourenço, disse a isto D. Julio, *que os Portuguezes são homens de ruim lingua* ».

(1) E. CARNEIRO, *Gram. Port.*

(2) GABRIEL PEREIRA, *Ulysséa*.

(3) CONEGO JOAQUIM, *F. Pinheiro, apud Seleção Lil.*

(4) GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(5) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.



Estes casos se explicam como por ellipse da preposição *de* que ás vezes póde estar expressa, ex. :

« Não acaba, quando *uma figura*
Se mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura » (1).

A apposição se póde achar ligada ao termo fundamental pela palavra *como*, significando em *qualidade de*, ex. : « E porque os republicanos, *como gentes fóra da lei monarchica*, são sempre adversarios da parceria... » (2).

Esta especie de apposição separa-se constantemente do termo fundamental, tanto para antes como para depois, ex. : « A *monarchia* na America apenas ainda se levanta no Brazil, *como excepção ephemera e desnatural...* » (3) (4). « *Como formula de transição egoista* entre o passado e o futuro, a *realiza* já não conta um crente verdadeiro » (5).

« Eis aqui se descobre a nobre Hespanha
Como cabeça ali da Europa toda » (6).

Outras vezes, porém, quando um ou mais appostos ou adjuntos attributivos occorrem *sem possuirem no periodo termo fundamental expresso* a que se referam, assumem então o caracter syntactico de verdadeiro **anacolutho** ou phrase quebrada, como neste elegante exemplo de Fabio Luz : « *Cumpridor escrupuloso de deveres, assiduo ás aulas, interno de clinica, amator de laboratorios*, seu cabedal scientifico era maior do que o de grande numero de seus collegas... » (7).

A apposição especifica.

A apposição especifica é aquella que se emprega para especificar e restringir o conceito de um termo fundamental

Esta modalidade de apposição póde ser **personativa** ou **locativa**.

A personativa é constituída :

A) Por um nome **personativo**, apposto immediata-

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2-3) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(4) As apposições, para alguns professores, são modalidades de proposições *reduzidas*.

(5) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(6) CAMÕES, *Lusiadas*.

(7) FABIO LUZ, *Sergio*.



mente a um pronome pessoal ou a um appellativo, ex. :
 « *Eu Annibal* peço a paz; a rainha *Victoria*, o papa *Leão XIII*, o professor *Horacio*. »

b) Por um **cognome**, ex. : Joaquim da Silva Xavier, o *Tiradentes*, Izabel — *Redemptora*. Camões, o *epico portuguez*.

A locativa é constituída :

a) Por um nome locativo, apposto a um appellativo immediatamente, ex. : o rio *Puriús*, o rio *Danubio*, a serra *Leoa*.

b) Por um termo locativo ligado ás vezes a uma das palavras : cidade, villa, aldeia, ilha, pela preposição *de*, ex. : a cidade *de* Paris, a villa *do* Rosario, a ilha *de* Marajó, etc. (1).

Adjunto adverbial.

O adjunto adverbial é o phenomeno mais geral, por servir para exprimir numerosas circumstancias, a saber :

TEMPO	sahir <i>de noite</i> , dormir <i>algumas horas</i> .
LOGAR	andar <i>no jardim</i> , por <i>montes</i> .
MODO	falar <i>com cuidado</i> , <i>de manso</i> .
MEIO	alcançar <i>com protecção</i> , viver <i>de esmolas</i> .
CAUSA	morrer <i>de fome</i> , adoeccer <i>por mds tractos</i> .
EXCLUSÃO	estar <i>sem dinheiro</i> , ficar <i>sem recursos</i> .
ORDEM	vir <i>uns após os outros</i> .
INTENSIDADE	andar <i>bastante</i> , falar <i>muito</i> .
SUBSTITUIÇÃO	ensinar <i>por outro</i> , ir <i>em vez de outro</i> .

(1) Seja como for, a apposição sempre constitue um caso especial do adjunto attributivo.



FAVOR	morrer <i>pela patria</i> , lutar <i>em prol da idéa</i> .
ASSUMPTO	falar <i>em moral</i> , discorrer <i>sobre direito</i> .
CONCESSÃO	morrer <i>apesar de moço</i> , não obstante <i>forte</i> .
INSTRUMENTO	lutar <i>á espada</i> , ferir <i>com pedra</i> .
PREÇO	vender <i>por seis mil réis</i> e comprar <i>a quatro</i> .
CONFORMIDADE	proceder <i>conforme, segundo, de accordo com a lei</i> .
TROCA	dar papel <i>por ouro</i> , um objecto <i>por outro</i> .
MEDIDA	cavar <i>seis metros</i> , vender <i>aos kilos</i> .
OPPOSIÇÃO	lutar <i>contra o inimigo</i> , competir <i>com outrem</i> .
COMPANHIA	viver <i>com outrem</i> , estar <i>com elle</i> .
DIVISÃO	distribuir <i>com os pobres</i> , repartir <i>por todos</i> .
ESTIMATIVA	passar <i>por sabio</i> , ter outrem <i>por honesto</i> .
MUTUALIDADE	discutir <i>entre si</i> , corresponder-se <i>com outrem</i> .
PROPORÇÃO	o pobre está <i>para o rico</i> como o pequeno <i>para o grande</i> .
ATTESTAÇÃO	prometter <i>sob palavra</i> , jurar <i>sob a fé</i> .
QUALIDADE	adoptar <i>por filho</i> , receber <i>por marido</i> .
ESPECIFICAÇÃO	fuivo <i>de cabellos</i> , ligeiro <i>de mãos</i> .
EXCESSO	oito <i>sobre cem</i> , quatro <i>d'entre vinte</i> , além <i>d'isso</i> .



DISTANCIA	a <i>quatro leguas</i> , a <i>dois kilometros</i> .
ESTADO	estar <i>de guarda</i> , por-se <i>de joelhos</i> .
CONFRONTO	parecer <i>com outrem</i> , confrontar <i>com outro</i> .
MATERIA	bordar <i>a ouro</i> , pintar <i>de oleo</i> .
EXPOSIÇÃO	estar <i>à venda</i> , andar <i>ao sol</i> .
MUDANÇA	<i>de feio</i> estar bonito, converter <i>em outro</i> .
DOMINIO	estar <i>com uma faca</i> , ficar <i>com um objecto</i> .
TAXAÇÃO	a <i>quatro por cento</i> , a <i>oito por cento</i> .
FINALIDADE	viver <i>para outro</i> , estudar <i>afim de saber</i> .

Concordancia.

Concordancia é a conformidade das flexões das palavras no organismo da proposição.

Sendo toda flexão — nominal ou verbal, ha portanto duas especies de concordancia : a nominal e a verbal.

Concordancia nominal é a conformidade da flexão nominal com o genero e numero do substantivo, ex. : « *As festas da industria, como as da intelligencia, são sempre um grande e nobre espectaculo no seio das nações cultas* » (1).

As palavras sujeitas á concordancia nominal são — o adjectivo e o pronome e ás vezes o substantivo.

(1) HOMEM DE MELLO, *Escriptos Historicos*.



Concordancia verbal é a conformidade da flexão verbal ou conjugativa com o **numero** e **pessoa** do sujeito, ex. : « *Espalhavam-se* ainda as suas *colonias* por toda a parte do mundo » (1).

Ao verbo pertence exclusivamente esta especie de concordancia.

Nas expressões verbaes de sentido passivo, constituidas por participio passado, a concordancia verbal se effectua com o **participio** em **genero** e **numero**; com o **verbo** em **numero** e **pessoa**, ex. : « Os Samaritanos *eram* tão *desprezados* e *odiados* dos judeus » (2).

Este facto se effectua igualmente com os verbos *depoentes*, ex. : « Porém cinco *soes eram* já *passados* (3). « *Mensageiros* após *mensageiros*, *cartas* sobre *cartas* são *vindos* de Toledo a Inigo Guerra » (4).

A concordancia nominal.

(DO SUBSTANTIVO.)

O substantivo em função predicativa ou attributiva não se sujeita geralmente á lei da concordancia nominal, ex. : « A arte é *um gemido* epico » (5).

Assim o adjunto pôde ter :

A) Numero diverso do substantivo, ex. : « As epopéas são *a historia* do sentir dos povos » (6).

B) Genero diverso do substantivo, ex. : « O espirito nacional é *uma fabula*, o suffragio po-

(1) PEREIRA DA SILVA, *Hist. da F. do Imp. do Brazil.*

(2) BITTENCOURT SAMPAIO, *Divina Epopéa.*

(3) CAMÕES, *Lusiadas.*

(4) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas.*

(5-6) O. MARTINS, *Camões e a Renascença.*



pular *uma apparencia*, o parlamento *uma fugaz visualidade* » (1).

c) Genero e numero diversos dos do substantivo, ex. : « Os esquadrões arabes eram *a flor* do exercito de Tarik » (2).

Mas, si o substantivo possuir flexão de genero, então se effectuará a concordancia, ex. : « A historia foi sempre *a mestra* da vida » (3).

(DO ADJECTIVO.)

O adjectivo, de funcção predicativa ou attributiva, assume a flexão do genero e numero do seu substantivo, ex. : « *Os primeiros* trabalhos da assembléa foram *tranquillos e pacificos* » (4).

Os adjectivos substantivados assumem o genero masculino e o numero singular ou plural, e exigem ao adjectivo as flexões correspondentes, ex. : « *Os grandes* do mundo são *escravos* de sua grandeza » (5).

As palavras, as expressões ou proposições substantivadas assumem geralmente o genero masculino e o numero singular, e exigem aos adjectivos ou palavras adjectivadas o masculino singular, ex. : « O justo é *rei e senhor* e, ainda que *idiota*, é verdadeiramente *sabio*; o peccador é *subdito e idiota* » (6).

(1) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia*.

(2) A. HERCULANO, *Eurico*.

(3) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia*.

(4) HOMEM DE MELLO, *Escriptos Historicos*.

(5-6) MANOEL BERNARDES, *Aut. Classicos*.



Dous ou mais substantivos no singular e do mesmo genero exigem ao adjectivo a flexão plural, e o genero correspondente, ex. : « A *não* e a *mulher* nunca se dão por bastante *equipadas* » (1).

Dous ou mais substantivos no singular e de genero diverso exigem ao adjectivo a flexão do masculino plural, ex. : « O *manto* e a *roupeta*, além de *rotos*, estavam *velhos* e *gastados* » (2).

Dous ou mais substantivos no plural e de genero diverso, exigem ao adjectivo o masculino plural, ex. : « As *armas* e os *barões assignalados* » (3).

Às vezes o adjectivo assume apenas a flexão do substantivo mais proximo, ex. : « As *estupendas arcadas* e *zimbórios* ou as *arcadas* e *zimbórios estupendos* » (4).

Dous ou mais adjectivos no singular e do mesmo genero podem concordar com um substantivo no plural, ex. : « O *quarto* e *quinto* *Affonsos* e o *terceiro* » (5).

Esta syntaxe, modernamente mais usada, devemos acceital-a, pois ocorre na maior parte dos escriptores.

A syntaxe classica, mais correcta, exige o substantivo no singular e a repetição do artigo antes do segundo adjectivo, ex. : « O *patriotismo romano* e o *portuguez*, *formado* á sua imagem, foram das mais bellas flores » (6).

(1) MANOEL BERNARDES, *apud Select. de Coutinho*.

(2) FREI LUIZ DE SOUZA, *apud. Carneiro*.

(3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) *Apud* EPIPH. DIAS.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

(6) O. MARTINS, *Camões e a Renascença*.

Os adjectivos designativos se adstringem á concordancia nas mesmas condições que os descriptivos, ex. : « *Esta é a ditosa patria minha amada* » (1).

Dous ou mais substantivos, de genero e numero *diversos*, exigem ao adjectivo a *flexão* do substantivo *plural*, ex. : « Não são vossos *poderes e liberdade* tão *limitados* » (2). « O ouro e as *fazendas* eram *nuitas* » (3).

Depois de dous ou mais substantivos, o adjectivo pôde apenas assumir a flexão do ultimo :

Λ) Desde que os substantivos sejam *synonymos*, ex. : « ... Affrontou-se o orador com a di-
vindade com uns *meneios e fórmãs estranhas* » (4).

Β) Desde que os substantivos constituam gradação, ex. : « Gritos, *inprecações profundas* soam » (5).

γ) Desde que se achem ligados por *ou*, alterando, ex. : « Estava nos braços *do* ancião um menino *ou* *menina encantadora* » (6).

(DO PRONOME.)

Os pronomes assumem a flexão de genero e numero do substantivo que substituem, ex. : « Mas *elles* não *o* escutavam » (7).

Os pronomes relativos *que* e *quem* não pos-
suem flexão, mas *o qual* e *cujo* se flexionam.

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2-3) E. CARNEIRO, *Gram. Port.*

(4) J. F. LISBOA, *Vida do Padre A. Vieira*.

(5) GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(6) E. CARNEIRO, *Gram. Port.*

(7) A. HERCULANO, *Eurico*.



A) O pronome *o qual* assume a flexão de numero e genero do substantivo substituido, ex. : « Era este canto doloroso e tetrico, *o qual* lhe transudava do coração » (1).

B) O pronome *cujo* assume a flexão de genero e numero do substantivo consequente, ex. : « Os amores de uma mulher *cujo nome* traz no escudo o trazem apertado » (2).

(DO PARTICIPIO PASSADO.)

O participio passado, em funcção predicativa ou attributiva, assume o genero e numero do substantivo modificado, ex. : « Estavas, linda Ignez, *posta* em socego » (3):

Ficará, porém, invariavel nas expressões constituidas com os verbos *ter* e *haver*, ex. :

« E vós, Tagides minhas, pois *creado*
Tendes em mi um novo engenho ardente » (4).

No portuguez arcaico o participio passado concordava com o objecto directo, sempre que **este o precedia**, ex. :

« No reino de Bintão que *tantos damnos*
Terá a Malaca muito tempo *feitos...* » (5).

A concordancia verbal.

Concordancia verbal é a conformidade da flexão verbal com o numero e pessoa do sujeito, ex. : « Todos os *effeitos* do estado de sitio *desapparecem* com a sua terminação » (6).

A flexão do verbo, pois, se adapta ao nu-

(1) A. HERCULANO, *obra cit.*

(2) FRANG. DE MORAES, *Palmeirim de Inglaterra.*

(3-4-5) CAMÕES, *Lusíadas.*

(6) RUY BARBOSA, *E. de Sitio.*



mero e á pessoa do sujeito, isto é, aquelle con-
corda com este em numero e pessoa, ex. : « Já
sobe ao grande mastro o bom *gageiro* » (1).

Dous ou mais sujeitos do singular exigem
ao verbo a flexão plural, ex. : » O *urso* ferocis-
simo, o *javali* indomavel, a leve *corça* *abaste-*
ciam a grosseira mesa desses Godos » (2).

Mas o verbo póde ficar no singular :

A) Desde que preeeda aos sujeitos, ex. : « *Fal-*
ta-me o tempo e o *alento* para escrever » (3).

« *Sirva* a real grandeza

A prata, o ouro, a fina pedraria » (3.^a).

B) Desde que se interponha entre os sujeitos,
ex. :

« Amor é um brando affecto,

Que *Deus* no mundo *poz* e a *natureza* » (4).

C) Desde que os sujeitos estejam ligados por
ou, alternando, ex. : « O *riso* ou *alegria* do pec-
cador não é animado com vida do espirito » (5).

D) Desde que os sujeitos sejam *synonymos*,
ex. : « A *instabilidade* e *incerteza* do governo
trazia os animos em eontinua hesitação » (6).

E) Desde que os sujeitos estejam ligados por
uem, alternando, ex. : « *Nem* foi o infante *uem*
seu irmão el rei D. Duarte » (7).

(1) GONZAGA, M. de Direçu.

(2) A. HERCULANO, *Eurico*.

(3) A. VIEIRA, *Cartas*.

(3^a) J. ALVARENGA PEIXOTO, *Obras Poeticas*.

(4) CAMÕES, *Obras*.

(5) P. M. BERNARDES, A. *Classicos*.

(6) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia*.

(7) ALM. GARRETT, *Camões*.



f) Desde que constituam uma enumeração ou especificação, ex. : « Cada terra, cada rio, cada cidade, é caracterizada pela feição que a define » (1).

Nos sujeitos coordenados.

Assumirá sempre o plural o verbo cujos sujeitos são coordenados pelos equivalentes da conjunção *e* :

Esses equivalentes são :

A) *Tanto... como*, ex. : « *Tanto* a fuga *como* a perseguição *eram* um phrenesi, um delirio » (2).

B) *Assim... como*, ex. : « *Assim* Saul *como* David debaixo de seu saial *eram* homens de tão grandes espiritos » (3).

c) *Nem... nem*, ex. : « *Nem* a proposição do Marquez d'Alorna *nem* a de V. Ex.^a *mereceram* a menor acceitação aos nossos Ministros de Estado » (4).

D) *Quer... quer*, ex. : « *Quer* a materia *quer* o espirito *se regem* por leis fataes » (5).

E) A conjunção *ou* equivalente a *e* ou a *nem*, ex. :

« *Onde* *nem* frio inverno *ou* quente estio
As *murcharam* jámais *ou* *seccas* *viram* » (6).

(1) O. MARTINS, *Camões e a Renascença*.

(2) A. HERCULANO, *Eurico*.

(3) P.^o ANTONIO VIEIRA, *Sermões*.

(4) A. GUSMÃO, *Sel. Literaria*.

(5) O autor.

(6) CAMÕES, *Obras*.



f) A preposição *com*, interposta às vezes a dous sujeitos diversos, ex. : « Potocasir *com* todos seus *padeceram* grande fome » (1).

Mas, sempre que neste caso o verbo precede ao sujeito, occorre geralmente o singular, ex. : « Acabadas as vodas, *veio* Jesus *com* sua Mãe para Capharnaum... » (2).

Concordancia por attracção.

Diz-se que a concordancia se effectua por **attracção**, sempre que o verbo não concorda com o sujeito, mas com o adjunto d'este.

Este phenomeno effectua-se com o verbo *ser* que póde concordar com o adjunto predicativo :

A) Sempre que os sujeitos sejam infinitivos, ex. : « *Perdoar* os erros e *engrandecer* bons intentos é do espirito generoso » (3). « *Ler*, *escrever* e *caçar* é o seu unico divertimento ».

B) Sempre que o adjunto predicativo seja identico ao sujeito, isto é, um possa exprimir a funcção do outro, invertida a ordem, ex. : « A renda de Pedro são mil escudos » (4).

C) Sempre que o sujeito seja constituido por um dos pronomes *tudo*, *isto*, *isso* e *aquillo*, com o verbo *ser*, ex. : « *Isto* não são contos arabicos, mas factos certos » (5). « O ar são gritos, fumo o céu, e a terra fogo » (6).

Sujeitos collectivos.

A concordancia tanto se póde effectuar com o colectivo como com o seu adjunto attribu-

-
- (1) D. DE GOES, *apud* Carneiro.
 (2) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.
 (3) RODRIGUES LOBO, *Obras*.
 (4) A. FREIRE, *Gram. Port.*
 (5) A. GUSMÃO, *apud* Sel. de F. Barreto.
 (6) G. DIAS, *Obras Poeticas*.

tivo por attracção, ex. : « Dos Mouros *pereceu* a maior *parte*; uns no conflicto, outros na retirada » (1). « Uma chusma de *aduladores* me *cercavam* noite e dia » (2-3).

Desde que o colectivo não tenha adjunto attributivo no plural, parece-nos melhor o singular, e assim nos classicos ha phrases que devemos reprovár, ex. : « Toda esta clerezia *tinham* tochas accesas nas mãos » (4).

A attracção tambem se effectua, sempre que o pronome *que* é o sujeito, e assim o verbo da proposição relativa assume o numero e a pessoa do antecedente, ex. :

Sou	<i>eú</i>	que	<i>digo</i>	Somos	<i>nós</i>	que	<i>dizemos</i>
Es	<i>tu</i>	que	<i>dizes</i>	Sois	<i>vós</i>	que	<i>dizeis</i>
E	<i>elle</i>	que	<i>diz</i>	São	<i>elles</i>	que	<i>dizem</i>

Assim occorrem, ex. : « *Eu* fui aquelle que *prêguei* os primeiros annos no reinado de V. Magestade » (5).

Este phenomeno ás vezes se dá com o relativo *quem*, segundo se achá em muitos escriptores, ex. : « Dize que *sou* quem te *mando* » (6). « *Nós*

(1) JAC. FREIRE, *apud Carneiro*.

(2) THEOD. DE ALMEIDA, *apud Sel. de F. Barreto*.

(3) Seja como fôr, na concordancia por attracção, o verbo concorda ou com o adjunto **predicativo** quando se trata do verbo *ser*, ou com o adjunto **attributivo**, expresso ou subentendido, pertencente a colectivo, ex. : « Uma multidão de *aduladores* me cercava (ou *cercavam*); *Dos inimigos* parte morreram; parte (dos inimigos) fugiram. »

Nos dous casos o adjunto **predicativo** e o **attributivo**, por se acharem no plural, preponderam e impõem a concordancia, attrahindo a si o verbo.

(4) G. DE REZENDE, *Liv. Classica*.

(5) ANTONIO VIEIRA, *Obras*.

(6) GONZAGA, *M. de Dirceu*.

somos quem *somos* » (1). Mas *tu* és, oh meu Deus, quem me *soltaste* das maternas entranhas » (2).

Mas o pronome *quem* equivale a *peessoa que*, *as pessoas que*, e assim apparece mais geralmente com o verbo na tereeira do singular, ou do plural, ex. : « Sou eu *quem assiste* ás luctas » (3).

As vezes até ha casos em que o verbo está no singular, quando poderia estar no plural, ex. : « Eu, o Sileneio e a Solidão eramos quem *estava* ahi » (4).

Concordancia semiotica.

Concordancia **semiotica** ou **latente** é aquella em que as flexões não se governam pelas palavras expressas, mas por outras accommodadas ao sentido.

Assim nos tratamentos politicos e familiares, constituídos pelas expressões — V. S.^a, V. Ex.^a, V. Alteza, V. Majestade, V. Mercê, Você, os adjectivos e participios concordam nessas expressões conforme a pessoa a quem ellas se referem, e assim dizemos : V. Ex.^a é *amado* ou *amada*. V. Alteza está *grata* ou *grato*, pois são communs aos dous sexos.

Os *autores*, *imperantes*, *professores*, *escriptores*, os *bispos*, etc., empregam o verbo na 1.^a pessoa do plural, mas os adjectivos e participios podem assumir a flexão do singular, ex. : « Antes sejamos *breve* que *prolixo* » (5).

Sempre que o pronome *eu* se coordena aos pronomes *tu*, *vós* ou *elle*, o verbo assume a 1.^a pessoa do plural, ex. : « *Eu* e os *meus* (nós) nos *alegraremos* » (6).

Assim temos as seguintes equações da concordancia semiotica, ex. : eu + tu = nós; eu + elle = nós, ex. : « E quasi que *vós* e *eu* estavamos em um mesmo pensamento » (7).

-
- (1) P^o PAIVA, *apud* Freire.
 (2) P^o CALDAS, *Poesias*.
 (3) TOBIAS BARRETO, *Dias e Noites*.
 (4) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (5) JOÃO DE BARROS.
 (6) ANTONIO VIEIRA, *Cartas*.
 (7) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos*.

Este facto se póde effectuar, ainda que o pronome *eu* se ligue a qualquer outra palavra mediante a preposição *com*, ex. :

« Eu *co'o* grão Macedonio e *co'o* Romano,
Demos lugar ao nome lusitano » (1).

Sempre que o pronome *tu* se coordena a uma palavra da 3.^a pessoa, o verbo assume a segunda do plural, concordando semioticamente com o pronome *vós*, e as palavras expressas passam a ser appostos, ex. : « Tu e Tullia *estaes* bons » (2), isto é, *vós*.

Syntaxe do substantivo.

O substantivo emprega-se :

A) Como sujeito, ex. : « Brilha a *lua* scintilante » (3).

B) Como objecto directo, ex. : « Fr. Ruy curvou a *cabeça* » (4).

C) Como objecto indirecto, ex. : « Então Aidano disse para o *cocheiro* » (5).

D) Como adjunto predicativo, ex. : « Este mundo é *mar*, esta vida *viagem* » (6).

E) Como adjunto attributivo, ex. : « As flores *d'aldeia* são puras e bellas » (7).

F) Como adjunto adverbial, ex. : « *Alla* noite escutci o carpir funebre » (8).

G) Como apposto, ex. : « Athenas, a *princeza* da Grecia tinha por zimborio um céu esplendido » (9).

(1) CAMÕES, *Obras*.

(2) P.^o PEREIRA, *Grammatica lat.*

(3) G. DIAS, *Poesias*.

(4) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.

(5-6) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.

(7) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.

(8) A. GARRET, *Camões*.

(9) JOSÉ M. VELHO, *Seleção Lit.*



н) Como vocativo, ex. : « Faze, *ó razão*, soar a voz angusta » (1).

O substantivo exerce, pois, todas as funções.

Syntaxe dos adjectivos.

O artigo definido.

O artigo definido antepõe-se attributivamente :

A) Aos nomes appellativos, ex. : *o* homem, *a* mulher.

B) Aos adjectivos ou palavras substantivadas, ex. : *o* justo, *o* ideal, *o* amar, *o* partir.

C) Ás expressões substantivadas, ex. : *o* não posso.

D) Aos nomes locativos, ex. : *a* America, *o* Brazil, salvo alguns nomes, ex. : *Sergipe*, *Minas*, *Pernambuco*, *S. Paulo*, *Portugal*, *Castella*.

E) A quaesquer nomes locativos, modificados por adjunto attributivo, ex. : *o* Portugal de D. Manoel.

F) Aos nomes personativos, modificados por adjectivos ou adjuntos attributivos, ex. : *o grande* Napoleão, *o poeta* Castro Alves.

G) Aos personativos de individuos celebres, ex. : « *o* Christo, *o* Dante.

Póde geralmente omittir-se :

A) Nas sentenças e maximas, ex. : *Pobreza* não é deshonra.

B) Nos vocativos, ex. : faz-te mercê, *barão*, *a Sapiencia*...

(1) P.^o CALDAS, *Poesias Sacras*.



c) Nas exclamações, ex. : *Dia feliz ! rosa suave !*

d) No substantivo da definição, ex. : *Biologia* é a sciencia da vida.

e) Antes de nomes predicativos, ex. : A historia é *mestra* da vida.

f) Antes do indefinito *que*, nas interrogações e exclamações, ex. : « *Que* tira ella emfim de ser ou parecer formosa?! » (1). « *E que* direi dos que vão descobrir nas tortuosidades da preocupação politica o fio desta iniciativa?! » (2).

A's vezes occorre o artigo em escriptores celebres, ex. : « O que parece ao villão? » (3). « O *que* dirão a isto os todo poderosos do mundo » (4).

O artigo indefinito.

O artigo indefinito póde antepor-se:

A) Aos appellativos, ex. : *uma* mulher, *um* sabio.

B) A's expressões substantivadas, ex. : *um não sei*, *um como*, *um não posso*.

C) Aos nomes personativos, ex. : *um* Napoleão, *um* Vicira.

D) Aos nomes locativos, ex. : *um* Paris, *uma* Athenas.

(1) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.

(2) RUY BARBOSA, *Estado de Sítio*.

(3) REBELLO DA SILVA.

(4) A. HERCULANO.



Omissão do artigo.

Póde geralmente omitir-se :

Nos nomes predicativos, ex. : Mariana é *poetisa*.

b) Depois da palavra *como* significando *em qualidade de*, ex. : *como homem* somos imperfeitos.

c) Antes do adverbio *tão*, ex. : elle é *tão bom professor*.

d) Antes de nomes appostos, ex. : Sapho, *poetisa maviôsã*.

e) Antes de substantivos constituindo expressões verbaes, ex. : Dizer *adeus*, pedir *desculpa*, dar *parte*, fazer *caminhos*, dar *licença*.

Repetição dos artigos.

O artigo definito ou indefinito póde repetir-se :

A) Antes de adjectivos indicando um nome anterior, ex. : a guerra *franceza e a brasileira*; um homem *justo e um injusto*.

b) Nas palavras *antonymas*, ex. : o vicio e *a virtude*, um *justo* e um *peccador*.

c) Nos nomes, exercendo as mesmas funcções, ex. : *a fome e a sêde* o *prostravam*. Sentiam um *frio e um canção*.

d) Nos nomes de generos oppostos, ex. : *o homem e a mulher*, *um menino e uma menina*.



Adjectivos descriptivos.

Os adjectivos descriptivos empregam-se :

A) Como adjuntos attributivos, ex. : « A imagem da patria *santa e melancolica* » (1).

B) Como adjuntos predicativos, ex. : « A palavra é mais *nitida e expressiva* » (2).

C) Como substantivos, ex. : « Antes, disse o *velho*, me mandaram recado » (3).

D) Como adverbios. ex. : « Mas eu que falo *humilde, baixo e rudo* » (4).

Posição dos adjectivos descriptivos.

Os adjectivos tanto se antepõem como se pospõem ao substantivo, ex. : « O templo *catholico* é commumente o symbolo da *completa* igualdade » (5).

Mas geralmente succede que :

A) Os intrinsecos tanto se antepõem como se pospõem conforme o gosto, o capricho do escriptor e a esthetica da expressão, ex. : « Quando as vagas *sonoras* arremesso » (6).

B) Os extrinsecos geralmente se pospõem, ex. : « A unidade *religiosa* é o penhor mais seguro da unidade *nacional* » (7).

(1) A. HERCULANO, *obra cit.*

(2) O. MARTINS, *C. e a Renascença.*

(3) R. LOBO, *Autores Classicos.*

(4) CAMÕES, *Lusiadas.*

(5) A. HERCULANO, *L. e Narrativas.*

(6) A. CASTELLO BRANCO, *Poesias.*

(7) BISPO DO PARÁ, *Liberdade de Cultos.*



c) Os extrinsecos, no estylo elevado, mais geralmente se antepõem do que se pospõem, ex. : « O Brazil proclamou a *definitiva* abolição de uma *deshumana* e *cruel* instituição » (1).

d) Alguns extrinsecos, desde que se antepõem, assumem nova acepção, ex. : homem grande e *grande* homem, mulher pobre e *pobre* mulher, cousa simples e *simples* cousa, casa santa e *santa* casa.

Os adjectivos designativos.

Os adjectivos designativos empregam-se :

A) Como adjuntos attributivos, ex. : « *Alguas* doces cytharas tocavam » (2).

B) Como adjuntos predicativos, ex. : *Minha* foi só a desgraça, respondeu elle » (3).

c) Como pronomes, ex. : « Buseae outro irmão, que *este* era *meu* » (4).

Posição dos adjectivos designativos.

A maior parte dos designativos se antepõem geralmente ao substantivo, ex. : « As *minhas* paixões não podiam morrer » (5).

D'onde se segue que sempre se antepõem :

A) Os possessivos, salvo no estylo elevado ou no verso, ex. : « Esta é a ditosa patria *minha* amada » (6).

(1) L. COELHO, *R. e Monarchia*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) R. LOBO, *A. Classicos*.

(4) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(5) A. HERCULANO, *Eurico*.

(6) CAMÕES, *Lusiadas*.



B) Os demonstrativos, salvo nas expressões exclamativas, ex. : Meu Deus ! que gelo ! que frieza *aquella!* » (1)

c) Os numeracs cardinaes, salvo substituindo os ordinaes correspondentes e deixando o substantivo no singular, ex. : pagina *dous*, livro *dez*, seculo *quatorze*, Carlos *doze*.

D) Os numeracs ordinaes, salvo si, além de indicar a ordem, indicam a divisão ou a distribuição, ex. : livro *segundo*, capitolo *sexto*, tomo *oitavo*.

E' uso posporem-se, sempre que indicam a successão de personagens celebres, ex. : Carlos *quinto* (V), Pedro *segundo* (II).

Sempre se antepõem ao substantivo os indefinitos *cada*, *certo*, *demais*, *muito*, *quanto*, *pouco*, *outro*, *tanto*, *que*, ex. : *cada* terra, *certo* mancebo, as *demais* nações, *muitas* pessoas, *quantos* rostos, *outro* homem, *pouco* vinho, *tanto* damno, *que* gloriosas palmas.

Pospõem-se ao substantivo os indefinitos :

A) *Algum*, desde que signifique *nenhum*, ex. : « Não lhe aconteceu mal *algum* » (2).

Nos classicos antigos apparece ás vezes posposto, mas com significação **positiva**, ex. : « Desta gente refreseo *algum* tomamos » (3). « Palavra *alguma* arabica se conhece » (4).

B) *Mesmo*, desde que signifique, *proprio* ou seja reforço intensivo, ex. : « Céos ! elle *mesmo*, elle » (5). Aqui *mesmo*, hoje *mesmo*, etc.

(1) C. DE ABREU, *Primaveras*.

(2) AULETE, *Dicc. Cont.*

(3-4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) ALM. GARRETT, *Camões*.

c) *Ultimo*, mas apenas em expressões consagradas, ex. : « Symptomas *ultimos*, fim *ultimo* (1).

d) *Qualquer*, desde que o substantivo assuma o artigo *um*, ex. : *um dia qualquer, uma mulher qualquer*.

e) *Todo*, que, seguido de alguns designativos ou dos artigos *o* ou *um*, se pôde deslocar, ex. : *toda a casa = a casa toda; todo um povo = um povo todo; todas as illusões se dissipam = as nossas illusões todas*.

Os pronomes pessoaes, *eu, tu, elle, nós, vós, elles* se empregam :

A) Como sujeitos, expressos ou subentendidos, ex. :

Eu, sim, devo morrer, pequi: mas *ella* ha de morrer : pobre, coitada ? (2).

« Do que precisamos (*nós*), é de progresso moral » (3). « Acho (*eu*) o Helio agora com outros modos : parece (*elle*) mais comedido e menos malereado... » (4).

A) Como adjunctos predicativos, ex. : « Eu sou *tu* e tu és *eu* » (5) « Sou *eu vós* para ter tal habitação » (6).

As variações *me, te, nos*, empregam-se :

A) Como objectos directos, ex. : « Levanta-*te*, rapaz dos meus peccados » (7).

(1) FR. DOMINGOS VIEIRA, *Dicc.*

(2) T. RIBEIRO, *D. Jayme*.

(3) CANDIDO JUCÁ, *Fraternidade Americana*.

(4) FABIO LUZ, *Virgem Mãe*.

(5) MANOEL BERNARDES.

(6) E. CARNEIRO, *Gram. Port.*

(7) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.



B) Como **objectos indirectos**, ex. : Como V. Ex^a *me* pede novidades, ahí vão finalmente » (1).

As variações *o, a, os, as* empregam-se :

A) Como **objectos directos**, ex. : « Favoreeei-*os* logo e alegre*-os* » (2).

B) Como **sujeitos dos infinitivos**, ex. : « Mandem-*os* frequentemente *visitar* e *falav* com algum varão pio e prudente » (3).

Este phenomeno é puro latinismo e se estende aos pronomes *me, te, uos* e *vos*.

As variações *lhe, lhes* empregam-se como **objectos indirectos**, ex. : Affonso Henrique fez-*lhe* um signal com a mão » (4).

As variações *mim, ti, si*, e as fórmãs *uós, vós, elle, ella, elles, ellas*, mediante proposições apropriadas, empregam-se :

A) Como **objectos indirectos**, ex. : « Só me fallec ser a *vós* aeeito » (5).

B) Como **adjuntos adverbiaes**, ex. : « Em *mim* é attributo da natureza » (6).

As fórmãs *me, te, lhe, nos, vos, lhes*, posto que usadas como objectos, equivalem às vezes :

A) A adjuntos attributivos eonstituidos pelos possessivos *meu, teu, seu*, ou *delle, nosso, vosso*, ex. : « Fumegava-*lhe* aos pés tartareo lume », isto é, aos pés *delle* (7). « Fechem as janellas...

(1) ANTONIO VIEIRA, *Seleção Lit.*

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(4) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

(6) A. VIEIRA, *Cartas*.

(7) BOCAGE, *Poesias*.



a luz *doc-me* nos olhos... *gela-me* as carnes » (1)
isto é, nos *meus* olhos... as *minhas* carnes.

B) A adjuntos adverbias, constituídos pelas
fôrmas *mim*, *ti*, *elle*, *nós*, *vós* com uma prepo-
sição apropriada, ex. : *Dar-lhe* bordoadas, isto é,
nelle; *applica-me* cauterio, isto é, *em mim*.

As fôrmas *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco* e *vosco*,
sempre exigem a preposição *com* e são adjuntos
adverbias, ex. : « *Quebras commigo* a flecha da
paz? » (2).

O pronome.

O pronome demonstrativo — *o*, emprega-se :

A) Como **sujeito**, ex. : « Ora aqui está *o* que
não admitto » (3).

B) Como **objecto directo**, ex. :

« Agora tu, Calliope, me ensina

O que contou ao Rei o illustre Gama » (4).

C) Como **objecto indirecto**, ex. : « Mas tornando
ao que começamos a dizer » (5).

D) Como **adjunto predicativo**, ex. : « E *o* que
presumimos friamente é que aquelle corpo foi
templo do Espirito Santo » (6).

Desde que não esteja seguido de proposição
relativa, o pronome *o* substitue :

A) A uma **proposição** ou **expressão**, ex. : « O
padre *o* sabe e Lampethusa *o* sente » (7).

(1) FABIO LUZ, *Virgem Mãe*.

(2) JOSÉ DE ALENCAR, *O Guarany*.

(3) RUY BARBOSA, *Est. de Sítio*.

(4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) LUCENA, *Liv. Classica*.

(6) MANOEL BERNARDES.

(7) CAMÕES, *Obras*.

B) A adjectivo ou expressão adjectivada, ex. : « Tu és *infeliz* e eu sei porque tu o és » (1).

A's vezes esse pronome está occulto, em certas expressões idiomáticas, em que ao relativo se segue o infinitivo, ex. : « E a esse cargo não tenho (o) *que responder* » (2).

O pronome *SE*.

O pronome *se*, proveniente de *se* accusativo, passou na lingua portugueza a exercer varias funcções e assim serve para constituir :

1.º O objecto directo reflexo :

A) Sempre que o sujeito for nome de *pessoa* e exerça a acção do verbo, ex. : « Levantou-*se* o Cardeal e subiu ao estrado do Principe » (3).

B) Sempre que o sujeito for nome de *ser vivo* e exerça a acção do verbo, ex. : « Os peixes lá se mergulham nos seus pégos, lá *se* escondem nas suas grutas » (4).

C) Sempre que o sujeito seja nome de *cousa*, mas esteja personificado, ex. : « Sumiu-*se* o sol esplendido » (5). « De ambas as partes *se* move a primeira ala » (6).

2.º O objecto indirecto reflexo :

A) Sempre que o verbo possuir objecto directo e o *se* significar *a si*, ex. : « Onde elle o rosto e o nariz *se* cortava » (7). « Quem *se* propuzesse a

(1) A. HERCULANO, *Lendas e Narrat.*

(2) MANOEL BERNARDES, *Aut. Classicos.*

(3) FR. LUIZ DE SOUZA, *Annaes de D. João.*

(4) ANTONIO VIEIRA, *Loucor dos Peixes.*

(5) A. F. CASTILHO, *Sel. Literaria.*

(6-7) CAMÕES, *Obras.*



dar-lhe feição historica, notaria já de ha muito a organização effectiva de sociedades humanitarias em varios centros adiantados » (1).

3.º A passividade pronominal :

A) Sempre que o sujeito, por ser *inanimado*, não possa exercer a acção do verbo, ex. : « Mil praticas alegres *se* trocavam » (2).

B) Sempre que o sujeito, *apesar de ser animado*, não exerça a acção, ex. : « Vejam-*se as tribus* da America do Norte » (3). « Entre os parciaes de D. Leonor viam-*se* porém *muitos fidalgos* » (4).

C) Sempre que o sujeito for um infinitivo, um pronome demonstrativo ou palavra substantivada, ex. : « Só a Deus *se* deve *amar* » (5). « *Isto se* póde ver muito claramente » (6). « Compare-*se* o que se passa em Portugal » (7). « Nem a Deus... *se* podem perguntar os *porques* » (8).

D) Sempre que o sujeito for proposicional, ex. : « Sente-*se que* Vieira tinha os olhos nos seus ovinos » (9). « Qual a materia seja não se enxerga » (10).

4.º Sujeito indeterminado :

A) Sempre que, exprimindo indeterminação, não haja na phrase palavra adaptada á função de

(1) CANDIDO JUCÁ, *Fraternidade Americana*.

(2) CAMÕES, *Obras*.

(3) LAT. COELHO, *Obras*.

(4) A. HERCULANO, *Hist. de Portugal*.

(5) LUCENA, *A. Classicos*.

(6) ANDRADE, *Primeiro Cerco de Diu*.

(7) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(8) ANT. VIEIRA, *Obras*.

(9) A. CASTILHO, *Sel. Literaria*.

(10) CAMÕES, *Lusiadas*.

sujeito, ex. : « Escreve-se da maneira que se lê e assim se fala » (1).

« Durante largos annos se viveu em Portugal sob este regimen de tolerancia » (2).

b) Sempre que, exprimindo indeterminação, o verbo seja de predicção completa ou tenha objecto indirecto, ex. : « Entre-se em uma escola » (3). « Havendo fallecido D. Henrique de Menezes... falou-se de suas prendas em roda de outros fidalgos » (4).

« E assim se vive... de qualquer modo
Ama-se; vive-se, abre a vida em flores,
Soffre-se; vive-se e o universo todo
Traduz-se em dores » (5) (6).

(1) ROD. LOBO, *Côrte na Aldeia*.

(2) LAT. COELHO, *obra cit.*

(3) A. CASTILHO, *apud. Carneiro*.

(4) MANOEL BERNANDES, *A. Classicos*.

(5) ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*.

(6) Ao publicarmos as edições anteriores, já tínhamos sentido necessidade de admittir o *se* como sujeito, pois, tendo a lingua a sua individualidade syntactica, não importa que o *se* provenha de *sui*, *sibi*, *se* que não possui nominativo, adaptado á funcção de sujeito.

Si assim fosse, então jámais poderiam servir de sujeitos as palavras que se derivam directamente do *accusativo*, ex. : *homem*, *nuvem*, *ordem*, *alguem* e todos os pluraes em que o *s* representa o expoente do *accusativo*.

Não o admittindo como sujeito, seremos obrigados a recorrer a subterfugios para explicarmos muitas phrases, taes como : *vive-se*, *vae-se*, *precisa-se de*, *trata-se de*, etc.

Alguns professores, sem minimo fundamento, reputam erroneas taes construcções, como si a grammatica não fosse o registro dos factos da lingua.

Além disso, todas as linguas têm um pronome monosyllabico, de funcção subjectiva para exprimir o sujeito indeterminado.

Assim é que no Francez existe o pronome *on*, no Inglez *one*, no Allemão *man*.

5.º Particula expletiva :

Λ) Sempre que, servindo apenas para exornar o verbo, se possa eliminar sem offensa ao sentido, ex. : « Vão-se os reis, mas as nações ficam » (1). « Dias mais tranquillos *se* seguiram aos desesperos da molestia de Alipio » (2):

B) Sempre que *se* constituir com o verbo uma expressão equivalente a verbo *depoente*, ex. : « Chega-se (é chegado) o prazo e dia assignalado » (3). « Uns e outros annos *se* passaram (foram passados) » (4).

C) Sempre que seja facultativo o seu emprego e o verbo se possa factivamente substituir por seu particípio passado e o verbo *ficar*, ex. : « Os campos seccam-se, as flores mureham-se, as aves enmudecem-se » (5), isto é, *ficam seccas... murchas... mudas...*

E assim temos : « O meu sangue gelou-se nas veias » (6). « Cerrou-se a noite clara e serena » (7). « Calou-se a musica sagrada » (8).

Como, pois, nos queremos obstinar em não darmos *se* por sujeito nos casos de que tratamos acima?

O pronome *se*, symbolo da indeterminação impessoaliza o verbo e ideologicamente equivale ao *povo*, *alguem*, um *individo*, etc.

(1) LAT. CORELHO, obra cit.

(2) FABIO LUZ, *Os Emancipados*.

(3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) CORTE REAL.

(5) E. CARNEIRO, *Gram. Port.*

(6) GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(7) FR. LUIZ DE SOUZA, *A Classicos*.

(8) B. DE PARANAPIACABA, *Sel. Literaria*.



Pronomes relativos.

Os pronomes relativos, ao mesmo tempo que ligam as proposições, exercem funções syntacticas.

O pronome *que* emprega-se como :

A) **Sujeito**, ex. : « A este ponto faz o apologo *que* se conta das cotovias *que* tinham seus ninhos entre as searas » (1).

B) **Objecto directo**, ex. : « Não lia nada *que* tanto repugnem os homens como o pedir » (2).

C) **Objecto indirecto**, ex. : « Só a palavra nas artes *a que* é materia prima, fala ao mesmo tempo... » (3).

D) **Adjunto predicativo**, ex. : « Não sabemos o *que* somos » (4).

E) **Adjunto adverbial**, ex. : « A nau grande *em que* vac Vasco da Gama » (5).

Os pronomes *qual* e *quem* têm as mesmas funções, notando-se apenas que :

A) *Quem*, mais se refere ás pessoas, ex. :

Tal embaixada dava o capitão,
A *quem* o Rei gentio respondia (6).

B) *Quem*, por ser fórma synthetica, pôde servir ás vezes de sujeito e ter **preposição**, ex. :

« Aqui espero tomar, si não me engano,
De *quem* me descobriu, summa vingança (7).

(1) MANOEL BERNARDES, A. *Classicos*.

(2) VIEIRA, *apud Aulete*.

(3) LAT. COELHO, *apud Sel. Literaria*.

(4) P. PAIVA, *Sermões*.

(5-6-7) CAMÕES, *Lusiadas*.



c) *O qual*, serve mais para a clareza, referindo-se a um termo afastado, ex. : « Vae preso por culpas, muitas *das quaes* consta serem falsas » (1).

O pronome *cujo* emprega-se :

Tanto para as cousas como para ás pessoas, ex. :

« Vós, poderoso rei, *cujo* alto imperio
O *sol*, logo em nascendo, vê primeiro » (2).

O pronome *onde* emprega-se :

A) Equivalendo a *em que, no qual*, ex. : « Na manhã de 20 alvejou-nos o dia na igreja de Garaparú *onde* dissemos missa » (3).

B) Precedido de preposição, ex. :

« Já a manhã clara dava nos outeiros
Por *onde* o Ganges murmurando sôa » (4).

Quanto emprega-se como relativo :

A) Precedido de *tudo*, ex. :

« De *tudo quanto* passei,
Em summa vos contarei » (5).

B) Precedido de *todo*, ex. : « *Todos quantos* predios elle tem, herdou de seu irmão » (6).

A's vezes a palavra *todos* attrae o substantivo, ex. : « *Toda* doçura *quanta* nos dá o mundo converte-a elle em amargo absinthio » (7).

Os relativos passam a indefinitos, desde que não tenham antecedente, ex. : « *Que* é a formo-

(1) VIEIRA, *apud* Carneiro.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) BISPO DO PARÁ, *Memorias*.

(4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) CAMÕES, *Obras*.

(6-7) CARNEIRO, *Gram. Portugueza*.



sura humana? » (1). « *Quem* quizer saber *quantos* ao todo os filhos de Adão, conte primeiro *quantos* são os afflictos e attribulados » (2). « Põe-me *onde* se use toda a feridade » (3) « Lá vae! chegou, cingiu *quem* via e amava » (4).

A's vezes o relativo liga uma proposição, mas exerce funecção em outra, ex. : Aqui estão os livros *que* (elle pensava *que*) *se tinham* perdido » (5). « Mas ha alguns nescios *que* não basta *que a falem mal* » (6).

Funcções da palavra *que*.

A palavra *que*, além de se empregar para exprimir diversas funcções, pôde substituir a mór parte das conjunções circumstanciaes, de modo que funciona de modal, causal, temporal, final, concessiva, comparativa, consecutiva ou correlativa.

Funcções da palavra <i>que</i>	Pronome . . .	{	relativo	{	
			indefinito		
	Adjectivo indefinito				
	Adverbio de quantidade				
	Conjunção	{	integral	{	subjectiva
objectiva					
		circumstancial			
Particula	{	optativa	{		
		decorativa			iterativa

(1-2) MANOEL BERNARDES, A. *Classicos*.

(3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*.

(5) EPIPH. DIAS.

(6) RODRIGUES LOBO, *Dialogo*.



À vista do exposto, torna-se-nos imprescindível conhecermos as diversas funções da palavra *que*, pois constantemente se nos deparam trechos onde ella occorre.

Será pronome relativo, quando se referir ao nome ou pronome antecedente, podendo ser substituida por *o qual*, *a qual*, *os quaes*, *as quaes*, ex. :

« A este ponto faz o apologo *que* (o qual) se conta das cotovias *que* (as quaes) tinham seus ninhos entre as searas » (1).

« Por ventura haverá alguém *que* possa levar o golpe da adversidade sem algum premio? » (2).

Será pronome indefinito, quando praticamente significar *que* cousa, *que* objecto, ex. :

« Que me importa a branca lua?!
Que me importa o sol formoso?! » (3).

« *Que* succede ao corpo quando d'elle se aparta a alma? » (4).

Neste caso, até em escriptores notaveis, occorre precedida expletivamente de *o*, ex. :

« *O* que dirão a isto os todo poderosos do mundo? » (5).

« *O* que lhes restava para se dirigerem? » (6)

-
- (1) M. BERNARDES, *A. Classicos.*
 (2) F. M. MELLO, *Ornamentos da Mem.*
 (3) G. DIAS, *Obras Completas.*
 (4) P. A. VIEIRA, *Sermões.*
 (5) A. HERCULANO, *A. Classicos.*
 (6) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja.*

Será **adjectivo indefinito**, quando significar *quanto* ou *qual*, modificando o substantivo, ex. :

« Não sabia em *que* modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes » (1).

« *Que* sons funereos de sagrados bronzes
Longos vão reboando
Nestas immensas, lugubres areadas! » (2).

Será **adverbio de quantidade**, quando, modificando a adjectivo ou a adverbio, significar *como*, *quanto* ou *quão*, ex. :

« Oh, *que* lindamente canta! Oh *que* enganados andam os homens! » (3).

« *Que* alegre, *que* suave, *que* sonora
Aquella fontezinha aqui murmura » (4).

« *Que* lindas as margens do rio possante » (5).

« *Que* triste a noite vem, com o lume baço
De seus pisados olhos, pela altura » (6).

Será **conjuncção integrante**, quando estiver ligando a outra uma proposição que lhe sirva de sujeito, objecto, ou de adjunto attributivo, ex. :

« Parece *que* hoje o céu me vem pintando
A magua triste *que* meu peito sente » (7).

Exemplos de *que*, como **conjuncção subjectiva** :

« Não tardou muito tempo *que* a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas » (8).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) G. MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos*.

(3) M. BERNARDES, *Autores Classicos*.

(4) C. M. DA COSTA, *Sonetos*.

(5) C. ALVES, *Obras completas*.

(6) ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*.

(7) C. M. DA COSTA, *Obras completas*.

(8) CAMÕES, *Lusiadas*.

« Verdade seja *que* a poesia por toda essa Europa se anda já de annos deseurando notavelmente » (1).

« É nestas barreiras formidaveis *que* se despedaçam todos esses oppressores... » (2).

« Da razão desta viagem não ha eabal certeza, mas presume-se *que* Christovam Vieira Ravaseo viera despachado a servir algum emprego... » (3).

Exemplos de *que*, como **conjuncção objectiva**, indirecta no primeiro *que* e directa no segundo :

« O caso engraçado consiste em *que* o capitalista ficou furioso, quando soube *que* a figura do poeta ia ser collocada de frente para o mar » (4).

« Coneordo *que* a acção parece ás vezes desenvolver-se pelo accidente natural » (5).

Exemplos de *que*, como **conjuncção attributiva** :

« Estranha e sublime cousa — *que* a desgraça nos prenda e *que* o homem, apenas esbulhado d'uma choça, seja o que mais anhela o tecto paternal! » (6).

« Uma cousa vos confessarei eu, Snr. Lourenço, disse a isto D. Julio, *que* os portuguezes são homens de ruim lingua... » (7) (8).

(1) A. F. DE CASTILHO, *Conversação Preambular*.

(2) MONT'AVERNE, *Sermões*.

(3) J. F. LISBOA, *Vida do P.^o Vieira*.

(4) A. DE AZEVEDO, *Contos Ephemeros*.

(5) M. DE ASSIS, *Carta a J. de Alencar*.

(6) THOMAS RIBEIRO, *D. Jayme*.

(7) Nos dous exemplos, a palavra *que*, embora conjuncção liga ao substantivo *cousa* as proposições respectivas, tornando-as **conjuncionaes, adjectivas, attributivas**.

(8) RODRIGUES LOBO, *Côrte na Aldêa*



« Recusaste sob pretexto de *que* não devias prejudicar » (1).

« Deram-me nova de *que* ajuntaveis poderosos exercitos de todas vossas gentes e das alhêas » (2).

Será conjunção circunstancial, quando substituir qualquer das conjunções subordinativas circumstanciaes.

Assim occorrem exemplos de *que* :

A) Causal = porque, visto que, etc. :

« Não me atterrou, *que* do almejado porto
Me alumiaava o pharol de luz amiga » (3).

« Da terra que te deixo não percas uma pollegada, *que* a ganhei eu com grande fadiga e trabalho... » (4).

B) Concessiva = embora, posto que, etc. :

« Qualquer *que* seja a especie cardiaca, ha alguns elementos geraes de raciocinio » (5).

« Por pouquissimo *que* houvessemos entremeadado nos quadros — uns defeitos daquelle teor, já o publico nol-os houvera todo repugnado... » (6).

« Talvez que a chuva passe e o tempo mude
E, *que* não mude, um tecto aqui nos cobre » (7)

(1) FABIO LUZ, *O Ideologo*.

(2) RODRIGUES LOBO, *Côrte na Aldêa*.

(3) A. GARRETT, *Poema — Camões*.

(4) A. FELIC. DE CASTILHO, *Anth. Nacional*.

(5) FRANC. DE CASTRO, *Propedeutica*.

(6) A. FELIC. DE CASTILHO, *Anth. Nacional*.

(7) ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poestas*.



c) **Temporal** = quando, depois que :

« Porém, já cinco sóes era passados
Que d'ali nos partiramos, cortando... » (1).

« Não andam muito *que* no erguido eume
 Se acharam onde um campo se esmaltava... » (2).

d) **Modal** = de modo que :

« Antes em vossas naus vereis cada anno
 (Si é verdade o que meu juizo aleança)
 Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte » (3).

« Deus, ó Deus, onde estás, *que* não respondes » (4).

e) **Final** = para que :

« Dae-me igual eanto aos feitos da famosa
 Gente vossa a *que* Marte tanto ajuda,
Que se espalhe e se eante no universo,
 Si tão sublime preço cabe em verso » (5).

f) **Comparativa**, quando integrar o conceito de uma das palavras *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor*, *peor*, isoladamente ou com as partículas *de* ou *do*, ex. :

« Não ha cousa *mais* escrupulosa no mundo do *que* papel e penna » (6).

« Não ha *maior* erro *que* não couhecer um homem o seu erro » (7).

(1-235) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) CASTRO ALVES, *Espumas Fluctuanles*.

(6) P. ANT. VIEIRA, *Sermões*.

(7) FR. HEITOR PINTO, *apud Orn. da Memoria*.



« Mas ha uma calamidade *peor do que* a loteria e a bolsa » (1).

« Nada é *melhor que* este pranto
Em silencio gôttejando... » (2).

g) **Correlativa ou consecutiva** a uma das palavras — *tal, tão, tanto, tamanho*, ex. :

« A variedade d'ellas é *tanta, que* não sei onde havia thesouro de *tão* differentes idéas *que* as desenhasse » (3).

« Sentiu *tamanha* fraqueza *que* cahiu no chão » (4).

« Eu farei de improviso *tal* castigo
Que seja mór o damno *que* o perigo » (5).

ii) Será particula **optativa**, quando figurar nas proposições principaes, de verbo no subjuntivo, exprimindo desejo, ex. :

« Ah, *que* me *seja* perdoada a rude franqueza » (6).

« Ah! *que* eu não morra sem provar ao menos
Siquier por um instante nesta vida
Amor igual ao meu! » (7).

1) Será particula **iterativa**, quando denotar a repetição de outro *que*, anteriormente expresso, ex. :

« Que prantos *que* não regaram
As faces de D. Martinho! » (8).

(1) RUY BARBOSA, *apud Prosadores Brasileiros*.

(2) G. DIAS, *Obras Poeticas*.

(3) MANOEL BERNARDES, *Anth. Nacional*.

(4) F. MORAES, *Palmeirim da Inglaterra*.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

(6) BISPO DO PARÁ, *Liberdade de Cultos*.

(7) G. DIAS, *Obras Poeticas*.

(8) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.



« Oh que saudades *que* tenho
Da aurora da minha vida... » (1).

— Além destes casos, occorre o *que*, principalmente depois do verbo *haver*, nas expressões de tempo, como elemento apenas decorativo e pleonástico, sem prestabilidade syntactica, ex. :

« Talvez, presado amigo (*que*) nós hoje
Sintamos os castigos dos insultos » (2).

« Quantos montes então *que* derribaram
As ondas que batiam denodadas » (3).

« Ha mais de sessenta annos (*que*) nasci detrás
daquelle penedo... » (4).

« Eu sou o sacristão que poucas horas ha (*que*)
sahi » (5).

Haverá duas horas *que* entrei na sua ca-
mara » (6).

Syntaxe do verbo.

O verbo emprega-se como predicado :

1.º Isoladamente, desde que seja de predica-
ção completa, ex. : « O moço duque *vela* po-
rém » (7).

(1) C. DE ABREU, *Primaveras*.

(2) *Cartas Chilenas*.

(3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) R. LOBO, *Côrte na Aldeia*.

(5) M. BERNARDES, *Nova Floresta*.

(6) ALM. GARRETT, *apud M. dos Remedios*.

(7) A. HERCULANO, *Eurico*.



2.º Integralizado, desde que seja de predicação incompleta :

A) Por objecto directo, ex. : « *Condemnava a arte esta anciedade de saber* » (1).

B) Por objecto indirecto, ex. : « *Então a Mãe disse para elle maguado* » (2).

C) Por adjunto predicativo, ex. : « *Era o dia chuvoso e os caminhos muito lodosos* » (3).

3.º Duplamente integralizado, desde que seja de predicação dupla :

A) Por um objecto directo e outro indirecto, ex. : « *Agora as esperanças e os votos dos monarchistas tiveram por objecto um general mais ou menos relucante* » (4). « *A grande flor o seio á borboleta entrega* » (5).

B) Por objecto directo e adjunto predicativo, ex. : « *Ignéz, a triste Ignéz seu vate o acclama* » (6).

O Alvaro Mendes foi proclamado presidente da república.

Syntaxe dos auxiliares.

A predicação ás vezes é representada por um grupo de fórmãs, constituido por um verbo fundamental, expresso em uma das suas formas nominaes, e modificado por um ou mais auxiliares, formando a expressão verbal, ex. : « *elle podia ser amado* ».

(1) O. MARTINS, *Camões e a Renascença*.

(2) R. DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

(3) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(4) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.

(5) ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*.

(6) J. MARIA VELHO, *Sel. Literaria*.

Os auxiliares são infinitivos ou participiaes.

Os infinitivos auxiliam :

A) Immediatamente ao infinitivo impessoal e podem ser : *dever, querer, poder, ir* e às vezes *vir*, ex. : « Ao mesmo tempo novos perigos *vinham reclamar* os cuidados do governador » (1). « As minhas paixões não *podiam morrer* » (2).

B) Mediatemente ao infinitivo, isto é, com preposição e podem ser : *ter de, haver de, cessar de, acabar de, acertar de, estar a, para ou por, tornar a*, etc., etc., ex. : « Meu Pae não *cessa de fazer* bem » (3). « A mesma consideração *ha de vigorar* então para com os escriptores » (4). « *Estava para dar* ao Gama aviso » (5). « Altos varões que *estão pôr vir* ao mundo » (6). « *Tornára eu a apostar* que não haveria ponto no territorio » (7). « Mas uma atroz mensagem *acaba de me ser mandada* » (8).

Os auxiliares participiaes empregam-se :

1.º Antes dos participios passados e são :

A) *Ter* e *haver* para a voz activa, ex. : « Os dous cheiks e o centenario *tinham chegado* ao pé de Suintilla » (9). « Estes farrapos de familias diversas se *haviam reunido* ali naquelle recanto florido... » (10).

B) *Ser, estar, andar, ir, ficar* para a voz passiva, ex. : « As leis ecclesiasticas de Pombal *estão*

(1) V. DE PORTO SEGURO, *Historia do Brazil.*

(2) A. HERCULANO, *Eurico.*

(3-4) REBELLO, *Fastos da Igreja.*

(5-6) CAMÕES, *Lusiadas.*

(7) A. CASTILHO, *C. Preambular.*

(8-9) A. HERCULANO, *Eurico.*

(10) FABIO LUZ, *Os Emancipados.*



abrogadas por ventura?! » (1). « A questão ficará posta e definida perante a opinião » (2).

« Viuha o padre Oceano acompanhado Das filhas e dos filhos que gerara » (3).

2.º Antes dos participios presentes e são *andar, estar, ir, vir, ficar, ex. :*

« ... Me anda Thetis cercando destas aguas » (4).

« Estava o sol nas armas rutilando » (5).

« Assim fomos abrindo aquelles mares » (6).

« Quando a fé... Thomé viuha prégando » (7).

« Alli ficou mostrando á estranha gente Do poder lusitano a immensa gloria » (8).

15.º Ser e estar.

As principaes differenças entre *ser* e *estar* se manifestam nas seguintes asserções :

Elle é doente (effectivamente)	Elle está doente (actualmente)
Elle é morto (ha muito tempo)	Elle está morto (agora mesmo)
Elle é de Sergipe (lugar d'onde)	Elle está em Sergipe (lugar onde)
Elle é de X (posse)	Elle está de guarda (estado)
Elle é por mim (favor)	Elle está por mim (substituição)

Além disso, o verbo *ser* é de sentido mais amplo e assim se emprega :

A) Por *estar*, ex. : « O senhor *seja* comtigo »

B) Por *existir*, ex. : « Si não *fosses* tu... »

(1-2) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(3-4-5-6-7) CAMÕES, *Lusiadas*.

(8) MACEDO, *O Oriente*.



- c) Por *acontecer*, ex. : « Si assim *for...* »
 d) Por *ter*, ex. : « Como ainda não *fosse* chegada a hora » (1).
 e) Com um sujeito proposicional, ex. : « *Foi* então *que* o *celebre Ruderico se* *apossou da corôa* » (2).
 f) Sem sujeito, isto é, impessoalmente, ex. : « *É* tarde! » (3).
 g) Com um sujeito referente ao tempo, ex. : « *Era* alta noite ».

Mas casos ha em que *estar* pôde substituir a *ser*.

Às vezes é quasi indifferente empregar-se *estar* por *ser*, ex. : « Lisboa *é* ou *está* situada á margem do Tejo ». « *Está* claro que... ou *é* claro que... »

Syntaxe da preposição.

As preposições e as expressões preposicionaes empregam-se para exprimir as diversas relações syntacticas a que se deu o nome de adjuntos adverbiaes.

São tantas e tão diversas que qualquer systematização se torna impossivel em um compendio elemental. Assim a pratica nol-as irá ensinando.

As principaes relações são as de :

Assumpto — discutir *sobre* moral, diseursar *acerca dos* deveres.

(1) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

(2) A. HERCULANO, *Eurico*.

(3) B. DE PARANAPIACABA, *Sel. Literaria*.



Causa — morrer *de sêde*, não sahir *pôr-motivo de molestia*.

Companhia — morar *com* outrem, viver em *companhia de* outrem.

Conformidade — proceder *segundo* a lei, escrever *de accordo com* a sciencia.

Distancia — *desde* a cidade *até* o campo, andar *cerca de* oito leguas.

Exclusão — *excepto* tu, todos foram; todos *menos* eu.

Fim — estudar *para* saber, em *honra* da sociedade.

Favor — morrer *pela* patria, interceder *por* outrem.

Instrumento — matar *com* uma pedra, lutar *á* espada.

Logar onde — viver *na* cidade e *perto* do mar.

Logar d'onde — partir *do* porto, sahir *de detrás da* porta.

Logar por onde — andar *por* montes, passar *por cima* do telhado.

Logar para onde — partir *para* a Europa, marchar *sobre* a cidade.

Materia — bordar *a* ouro, pintar *de* oleo.

Medida — vender *aos* metros, *cerca de* oito palmos.

Meio — conseguir *com* empenho, destruir *á* força de golpes.

Modo — passar *de* manso, andar *com* todo o cuidado.

Opposição — lutar *com* o inimigo, bater *contra* o rochedo.



Origem — nascer *de* paes pobres, provir *da* natureza.

Preço — vender *pelo* custo, comprar *por mais de* oito mil réis.

Quantidade — comer *com* abundancia, beber *mais do* natural.

Tempo — era *sobre* a tarde, *por volta das* quatro horas.

Substituição — *ir por* outrem, estar *em logar de* outrem.

Relatividade — conduzir-se bem *para com* outrem.

— Sempre que fôr possível, considere-se mais objecto indirecto do que adjunto adverbial toda relação em que a preposição fôr igual ao prefixo do verbo, ex. : *apresentar-se a...*, *adaptar-se a...*, *demover de...*, *deduzir de...*, *combinar com...*, *conformar com...*, *immiscuir-se em...*, *empenhar-se em...*

Syntaxe do adverbio.

O adverbio emprega-se para modificar:

A) Aos verbos, ex. : « Eu *sempre estive* em boa fê » (1).

B) Aos adjectivos, ex. : « E foste *menos pontual* do que costumás » (2).

c) A outro adverbio, ex. : O mais velho *começára muito cedo* as suas conquistas » (3).

(1) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos.*

(2) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas.*

(3) O. OLIVEIRA, *Cartas.*

Os advérbios se devem, sempre que for possível, empregar antes da palavra a que modificam, principalmente os de tempo e os de lugar, ex. : *Aqui* espero tomar, si não me engano... (1). « *Outrora* escreviam-se, carteavam-se os reis... » (2).

Concorrendo dous ou mais advérbios, terminados por *mente*, esta fôrma apenas se agglutina, quasi sempre, ao ultimo, ex. : « Monotona e tristemente passavam a vida habitual » (3).

Mas actualmente os escriptores contemporaneos usam da fôrma — *mente* em todos os advérbios, syntaxe está de que muitas vezes usava Vieira, ex. : « Vivamos neste mundo, diz o Apostolo, *sabiamente, piamente, justamente* » (4).

Alguns advérbios estão sujeitos aos grãos, principalmente os de modo, como os adjectivos descriptivos de que se derivaram, ex. : *levissimamente, exemplarissimamente, cedinho, devagarinho*.

Desde Camões, mas principalmente com Alexandre Herkulano e a mór parte dos escriptores modernos, ao cnvez de recorrer-se ao uso do advérbio, desinenciado em *mente*, é mais elegante substituil-o pelo adjectivo descriptivo ou qualificativo correspondente, fazendo-o até concordar com o sujeito, ex. :

« Oh lavradores bemaaventurados!
Si conhecessem seu contentamento
Como vivem no campo *socegados* » (5).

« A aurora rompeu *meiga e serena*... » (6).

« As sombras da noite, cahindo *pesadas e lentas*, traziam calefrios e calenturas » (7).

« Em meus cabellos *ciciavam languidos*
Os sopros da manhã... » (8).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(3) V. DE PORTO SEGURO, *Historia do Brazil*.

(4) ANTONIO VIEIRA, *Cartas*.

(5) CAMÕES, *Obras completas*.

(6) A. HERCULANO, *Eurico*.

(7) FABIO LUZ, *Chloé*.

(8) F. VARELLA, *Lenda do Amazonas*



Syntaxe das conjunções.

As conjunções coordenativas empregam-se para ligar :

A) Palavras e expressões quasi sempre de igual categoria, ex. : O vicio *e* a virtude ; tu *ou* elle, rico *mas* rude.

« Oh quanta graça *e* formosura adorna
Teu rosta eloquente *e* vivo » (1).

« Meus annos hei passado, uns após outros
Sem paz *e* sem amor » (2).

B) Proposições de igual categoria, ex. :

« Oh, quão perto a velhice está da infancia
E quão perto da infaneia a morte adeja ! » (3).

« O homem e o cidadão não são entidades
distintas : *mas* têm distintas regalias e distintos
deveres » (4).

c) Periodos que, embora independentes, ás
vezes se relacionam, se esclarecem e se comple-
tam entre si, ex. :

Tanto se apressa que na quarta aurora
Por veredas occultas viu de longe
A doce Patria e os conhecidos montes
E o Templo que tocava aõ céo co'as grimpas.
Mas não sabia que a fortuna emtanto
Lhe preparava a ultima ruina » (5).

(1-2) A. GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(3) G. MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos*.

(4) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.

(5) J. BASILIO DA GAMA, *Uruguay*.



As subordinativas empregam-se para ligar :

A) Uma proposição subordinada a uma principal, ex. : « Soavam onze horas, *quando* chegou o paciente ao Campo » (1).

B) Duas subordinadas entre si, ex. : « Choram as pedras da rua, como diz Jeremias *que* choravam as de Jerusalem destruida » (2).

Syntaxe da interjeição.

A interjeição, palavra de sentimento, não tem syntaxe, por assim dizer, passível de systematização, pois exprimem sensações indefinidas e momentaneas, destituídas de idéas ou conceitos.

SYNTAXE PHRASEOLOGICA

Phraseologia.

Phraseologia é o tratado das proposições e das suas diversas relações.

Proposição é um pensamento expresso por uma ou mais palavras.

Dous são os termos da proposição : sujeito e predicado, ex. : (3).

« Os céos resoam do Senhor a gloria » (4).

« O Douro é bem carregado e triste » (5).

(1) J. NORBERTO, *Sel. Literaria*.

(2) P. A. VIEIRA, *Sel. Literaria*.

(3) SPENCER, *Principes de Psychologie*, t. II, pag. 413 — AYER, *Grammaire de la Langue Française*, p. 381 — ZUMPT'S *Latin Grammar*, p. 267 — MASON'S *English Grammar*, p. 241.

(4) P. CALDAS, *Poesias*.

(5) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.



SUJEITOS

PREDICADOS

Os céos resoam do Senhor a gloria (1)

O Douro é bem carregado e triste (2)

Sujeito é o ser de quem se diz alguma cousa,
ex. : *Os céos...*

Predicado é o que se diz a respeito do sujeito,
ex. : *resoam do Senhor a gloria.*

Ha proposições constituídas pelo verbo *ser*, em que os dous termos têm a mesma extensão, isto é, o adjunto predicativo pôde substituir ao sujeito, ex. : « O maior dos males é *a subversão dos principios* » (3).

A proposição pôde ser simples ou composta, segundo tenha uma ou mais asserções, constituídas por proposições simples.

A proposição simples.

A proposição simples pôde ser :

A) **Expositiva**, si exprime e assevera um factó e é expressa pelo modo indicativo ou condicional, ex. : A numerosa cavalgada *atravessou* o territorio por entre o povo apinhado » (4). « As sortes *seriam* quaesquer á ventura » (5).

B) **Imperativa**, si exprime uma ordem, uma noção de mando, e é expressa pelo modo imperativo, ex. : *Inclinae* por um pouco a majestade » (6).

(1) P. CALDAS, *Poesias Sacras*.

(2-4) A. HERCULANO, *obra cit.*

(3) BISPO DO PARÁ, *L. de Cultos*.

(5) A. VIEIRA, *Sermões*.

(6) CAMOES, *Lusiadas*.



c) **Optativa** si exprime permissão, 'desejo, e é expressa pelo modo subjuntivo, ex. : (1)

« *Cessem* do sabio grego e do troiano,
As navegações grandes... (2)

d) **Interrogativa**, si serve para interrogar ácerca de um facto, ex. : « Que são as honras e as dignidades? » (3).

e) **Exclamativa**, si exprime o facto sob a forma interjectiva, ex. : « Quantos rostos alli se vêem sem côr! » (4).

A proposição composta.

Proposição composta é aquella que é constituída por duas ou mais proposições simples (5).

As proposições tambem se dizem **clausulas**, **phrases**, **sentenças** ou **orações**; mas todos esses termos se devem substituir pelo de **proposição**, por ser este mais geral e estar mais de accordo com as theorizações da logica (6) e simplificar mais a aprendizagem.

(1) A proposição optativa não se deve explicar por **ellipse** de um verbo no indicativo a que esteja sujeita, ainda que ás vezes comece por *que*, pois este se torna particula decorativa, ex. : *Que* Deus vos abençoe, D. Martinho ». (Thomaz Ribeiro).

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) MANOEL BERNARDES.

(4) CAMÕES, *obra cit.*

(5) A proposição simples tambem se diz **período simples**, e a composta **período composto**.

(6) Além disso, o termo **oração** se refere mais a um discurso inteiro, a uma successão de períodos; **phrase**, a uma expressão peculiar á indole de uma lingua; **clausula**, á contextura dos contractos juridicos, as expressões que, dependentes subjectivamente entre si, se esclarecem e se completam.



A proposição póde ser composta :

A) Por **coordenação**, desde que as proposições sejam independentes entre si, ex. : « Levantou-se o Cardeal e subiu ao estrado do principe » (1).

B) Por **subordinação**, desde que as proposições sejam dependentes entre si, ex. :

« Eu amo seus olhos *que* choram sem eausa
Um pranto sem dor » (2).

c) Por **coordenação e subordinação**, desde que occurram duas ou mais proposições que, além de independentes ou **coordenadas** entre si, se acham, entretanto, cada uma dellas, desenvolvidas por proposições subordinadas, ex. :

« *Arde o sol pelo campo*, onde o bravo
Gado se dessedenta nas ribeiras ;
A beira d'agua, como em desafio,
Cantam, batendo roupa, *as lavadeiras* » (3).

A proposição coordenada.

As proposições coordenadas exprimem pensamentos independentes, relacionados apenas pelo sentido ou por **conjuncção coordenativa**.

Tanto a classificação das coordenadas como das subordinadas se baseam em tres caracteres : o **connectivo**, a **natureza** e a **funcção**.

Os connectivos proposicionaes são — os **pronomes relativos**, as **conjuncções** e os **indefinitos conjuntivos**.

(1) FR. LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos*.

(2) GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(3) ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*.



Assim as coordenadas se classificam :

1.º Segundo o connectivo, em :

A) **Syndeticas**, desde que estejam ligadas por conjunção coordenativa expressa, ex. : « Na igreja primitiva os calices eram de pão, *mas* os sacerdotes de ouro » (1).

B) **Asyndeticas**, desde que não estejam ligadas por conjunção coordenativa expressa, ex. : « A sua tez não é pallida, os seus olhos não perderam o brilho » (2).

2.º Segundo a natureza, em :

A) **Aproximadas**, desde que sejam (ou possam ser) ligadas por conjunção aproximativa, ex. : « Era eu vestida de riquissimas galas; *e* alva e'roa de rosas me toucava » (3).

B) **Alternadas**, desde que sejam (ou possam ser) ligadas por conjunção alternativa, ex. : « Os monarchas indultam *ou* toleram facilmente a republica americana » (4).

c) **Adversativas**, desde que sejam (ou possam ser) ligadas por conjunção adversativa, ex. :

« Às torturas da dor resiste a vida
Da linda Branca, *mas* razão lhe foge » (5).

D) **Illativas**, desde que sejam (ou possam ser) ligadas por conjunção illativa ou conclusiva, ex. : « Jesus Christo nasceu do Espirito Santo, *logo* era espirito » (6).

(1) M. BERNARDES, *A. Classicos*.

(2) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(3) A. GARRETT, *Camões*.

(4) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(5) A. GARRETT, *D. Branca*.

(6) BITTENCOURT SAMPAIO, *Divina Epopéa*.



3.º Segundo a função, em:

A) **Expositivas**, si o verbo estiver no modo indicativo ou condicional, ex. : « O favo da jaty não era tão doce como seu sorriso, *nem* a baulilha *rescendia* no bosque... » (1).

B) **Imperativas**, si o verbo estiver no imperativo, ex. : « Levantae-vos, Telmo, e *ouvi-me* » (2).

C) **Optativas**, si o verbo estiver no subjuntivo, ex. : « Confieamos no poder energico, irresistivel da liberdade, no progresso incessante da liberdade e *creiamos* firmemente... » (3).

« Talvez que eu *encontrasse* as alegrias
 Dos tempos que lá vão
 E *afogasse* na luz da nova aurora
 A dor do coração » (4).

A proposição subordinada.

Os termos da proposição simples expandem-se, desenvolvem-se e assim a elles se ligam proposições accessorias, mediante connectivos subordinantes, isto é, pronomes relativos, conjunções subordinativas, e ás vezes os adjectivos ou os pronomes indefinitos.

No periodo de subordinação diz-se **principal** a proposição eujos termos estão desenvolvidos por uma ou mais proposições subordinadas (5).

(1) JOSÉ DE ALENCAR, *Iracema*.

(2) A. GARRETT, *Sel. Literaria*.

(3) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(4) CASIMIRO DE ABREU, *Primaveras*.

(5) Ha **principal** apenas no periodo de subordinação, pois no de coordenação as proposições são de igual categoria.



Os caracteres da principal são :

A) O verbo em um dos modos — **indicativo, imperativo, condicional e subjuntivo** (1).

B) Não tem connectivos subordinantes : **pronomes relativos, connectivos indefinitos e conjunções subordinativas** (2).

Assim a subordinada se classifica :

1.º Segundo o connectivo, em :

A) **Conjuncional**, sempre que se liga a outra mediante conjunção subordinativa, ex. : « O padre Christiano tomou depressa a porta, *porque* não podia reprimir o riso » (3).

B) **Relativa**, sempre que se liga a outra mediante pronome relativo, ex. : « Oh, como é grande o Senhor Deus *que* os mundos equilibra nos ares... » (4). « O berço é a barca *que* encaihou na vida » (5).

« Era a Bahia então, *d'onde* imperava
O bom Gupeva, povoada em roda
Pelos Tupinambás, *de quem* contava
Trinta mil arcos, brava gente toda » (6).

C) **Indefinita**, sempre que se liga a outra mediante pronome ou adjectivo indefinito, ex. : « *Qual* a materia seja não se enxerga » (7).

(1) As proposições de **subjuntivo** não se devem explicar por ellipse de uma principal, como se fazia antigamente, pois a ellipse é um facto em que domina a consciencia das palavras latentes.

(2) Os connectivos indefinitos são : *que, qual, quem, onde e quanto* sem antecedente.

(3) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(4) G. DIAS, *Obras Poeticas*.

(5) CASTRO ALVES, *Esp. Fluctuantes*.

(6) S^{ta} RITA DURÃO, *Caramuri*.

(7) CAMÕES, *Lusiadas*.



« E' melhor, minha bella, ser lembrada
Por *quantos* hão de vir sabios humanos » (1).

Põe-me *oude* se use toda a feridade » (2).

2.º Segundo a natureza, em :

A) **Substantiva**, sempre que valha logicamente por um substantivo, ex. : « Vê *como sobe o incenso* (a subida do incenso) » (3).

B) **Adjectiva**, sempre que valha logicamente por um adjectivo, ex. : « O sibilo das balas *que gemiam...* (gementes) » (4).

C) **Adverbial**, sempre que valha logicamente por um adverbio ou expressão adverbial, ex. :

« Hontem á tarde, *quando o sol morria*,
A natureza era um poema santo » (5).

3.º Segundo a função, em :

A) **Subjectiva**, desde que sirva de sujeito a outra, ex. : « Prouvera a Dens *que eu mentisse* hoje » (6).

B) **Objectiva**, desde que sirva de objecto directo ou indirecto a outra, ex. : « Ninguem pôde contestar *que as monarchias estão chronicamente enfermas* » (7).

C) **Attributiva**, desde que sirva de adjunto attributivo a outra, ex. : « Ergue a virgem os olhos *que o sol não delumbra* » (8).

(1) ANTONIO GONZAGA, *M. de Dirceu*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) J. FREIRE, *Sel. de Aulete*.

(4) MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos*.

(5) C. ALVES, *E. Fluctuantes*.

(6) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(7) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.

(8) JOSÉ DE ALENCAR, *Iracema*.

D) **Predicativa**, desde que sirva de adjunto predicativo a outra, ex. :

« Eram elles *que o verbo do Messias*
Prégavam desde o valle ás serranias » (1).

« Fôra a traição *que o perdera*, mas era a honra *que o guiava* » (2).

E) **Circumstantial**, desde que sirva de adjunto adverbial, ex. :

« *Emquanto tudo explora com cuidado*,
Vac dar co'os olhos na gentil donzella » (3).

Funcções da proposição adverbial.

Ha diversos typos de proposições adverbias, segundo a natureza da sua conjunção subordinativa, e assim a proposição adverbial é de funcção :

A) **Temporal**, isto é, ligada por conjunção de tempo, ex. : « *Emquanto que eu tropeço*, um grito ao longe rola » (4).

B) **Concessiva**, isto é, ligada por conjunção concessiva, ex. :

« Mas alcembron-lhe uma ira que o condemna,
Posto que a fama sua o mundo cerque » (5).

« Não esperes, amigo, não esperes,
Por mais galantes casos que te conte,
Mostrar no teu semblante um ar de riso » (6).

-
- (1) C. ALVES, *E. Fluctuantes*.
(2) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.
(3) S^{ra} RITA DURÃO, *Caramurú*.
(4) C. ALVES, *E. Fluctuantes*.
(5) CAMÕES, *Lusíadas*.
(6) *Cartas Chilenas*.

C) **Condicional**, isto é, ligada por conjunção condicional ou suppositiva, ex. : « *Si* eu morresse, que comprido choro ! » (1).

D) **Causal**, isto é, ligado por conjunção causativa, ex. : « Diziam isto, *porque* se temiam dos judeus » (2).

E) **Modal**, isto é, ligada por conjunção modal, ex. : « A sociedade nos trabalhos aligeira o peso delles, *como* a singularidade os agrava » (3).

F) **Proporcional**, isto é, ligada por conjunção proporcional, ex. : « A decomposição cresce, *á medida que* se caminha para o Oriente » (4). « *A' proporção que* se avizinha a hora, cresce a ansiedade » (5). « *A' maneira que* o extremo norte do Brasil se colonizava e explorava, iam apparecendo os phenomenos... » (6).

G) **Intencional ou final**, isto é, ligada por conjunção de fim, ex. : « É necessario que haja Saues liberaes, *para que* haja Davids animosos » (8).

Além disso apparecem:

A) **Proposições comparativas**, ex. : « Nada mais falso *do que* (seja) a pretensão de valor » (7).

B) **Proposições correlativas**, ex. :

« *Tão* temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo » (9).

(1) GOMES LEAL, *Claridades do Sul*.

(2) PER. DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

(3) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.

(4) O. MARTINS, *Camões e a Renascença*.

(5) REB. DA SILVA, *obra cit.*

(6) O. MARTINS, *O Brasil e as C. Portuguezas*.

(7-8) P. VIEIRA, *Sermões*.

(9) CAMÕES, *Lusiadas*.



Schema das proposições.

A PROPOSIÇÃO SUBORDINADA

Quanto ao connectivo	{ conjuncional relativa indefinita
Quanto á natureza	{ substantiva adjectiva adverbial
Quanto á funcção	{ subjectiva objectiva attributiva predicativa circumstancial.

A PROPOSIÇÃO COORDENADA

Quanto ao connectivo	{ syndetica asyndetica
Quanto á natureza	{ aproximada alternada adversativa illativa
Quanto á funcção	{ expositiva imperativa optativa (1)

(1) As proposições **interrogativa** e **exclamativa** apparecem quasi sempre isoladamente, e assim raros são os casos em que se coordenam : são, pois, modalidades da proposição simples.

Leis da classificação.

A) As proposições subjectivas e as objectivas são **substantivas**, porque o sujeito e o objecto são sempre logicamente constituídos por substantivos, palavras, ou expressões substantivadas.

B) As proposições attributivas e as predicativas são **adjectivas**, porque os adjuntos attributivo e predicativo são logicamente constituídos por adjectivos, palavras ou expressões adjectivadas.

C) As proposições adverbias são sempre **circumstanciaes**, por ser o adjunto adverbial sempre constituído por advérbios, palavras ou expressões adverbias.

A proposição reduzida.

Diz-se reduzida ou abreviada toda proposição constituída por uma das fórmulas nominacs do verbo, isto é, o infinitivo e os participios (1).

A reduzida se diz :

A) **Infinitiva**, desde que o verbo esteja no infinitivo geralmente no pessoal, ex. : « Não é preciso *revolver* (que se revolvam) os *annaes preciosos da Igreja* » (2). « Sancion foi o derradeiro a *passar* (que passou) » (3).

(1) A proposição reduzida constitue syntacticamente uma modalidade da **subordinada**, na qual não intercorre o connectivo subordinante, porque os infinitivos e os participios já têm sentido suspenso.

(2) MONT'ALVERNE, *Sermões*.

(3) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.



B) **Participial**, desde que o verbo seja o participio presente ou passado, ex. : « *Dizendo isto* (emquanto dizia isto), viu tres cervos *correndo* ao longe (que corriam ao longe) » (1).

Essas proposições se chamam reduzidas, por se poderem levar á fôrma conjuntiva, isto é, substituil-as por proposições relativas ou conjunccionaes, como se acha exemplificado entre parenthese, ex. : « Atalliado assim o primeiro impeto (*logo que foi atalhado assim o primeiro impeto*), o character do moço monarcha revelou-se inteiro » (2).

A substituição serve apenas para logicamente estatuirmos — a natureza e a funcção da reduzida.

A reduzida de participio passado é quasi sempre de natureza adverbial e de funcção temporal.

A de participio presente, além de ser ás vezes adjectiva e attributiva, pôde ser adverbial e exercer as seguintes funcções :

A) De tempo, ex. : « *Acabando* pois el-rei de cear (*assim que acabou*), sahiu disfarçado » (3).

B) De modo, ex. :

« Ao longe o mar bramia horrendamente,
Quebrando as ondas... »

(*de sorte que quebrava as ondas*) (4).

c) De causa, ex. : « E, *falando* neste nome de cortezia (*já que falamos*), é um vocabulo... » (5).

(1) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos.*

(2) A. HERCULANO, *obra cit.*

(3) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos.*

(4) G. CASTRO, *Sel. de Aulete.*

(5) RODRIGUES LOBO, *obra cit.*



D) De concessão, ex. : « Bernardes, ainda *fa-lando* das creaturas (*ainda que* falasse das creaturas), estava absorto no Creador » (1).

E) De condição, ex. : « *Lendo-os* com atenção (*si* os lermos com atenção) sente-se... » (2).

F) De meio, ex. :

« Também Sequeira, as ondas Erythreas *Dividindo*, abrirá novo caminho... » (3).

A reduzida de meio é a unica a que não corresponde proposição conjuncional, por não existir **conjuncção de meio**; mas pôde substituir-se por outra reduzida infinitiva ligada pela preposição *com*, ex. : « ... *Com o dividir* as ondas Erythreas ».

A proposição latente.

A maior parte dos autores chamam erroneamente **latente** a proposição **reduzida**; mas, ao nosso ver, latente ou **semiotica** é toda proposição que, integralmente occulta, apenas se torne necessaria á integração do pensamento e á exigencia da analyse, ex. : « Estes males não sinto, é bem verdade » (que os não sinto) (4). « Do latim que, sendo estudado, como cumpre (*que seja estudado*), é só por si um bom curso... passou para as palestras da philosophia » (5).

« Nelles havia um Mal a que eu dava meu culto como — quem vac rezar dentro de um cemiterio » (6).

(1-2) A. F. DE CASTILHO, *Sel. Literaria*.

(3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) J. A. PEIXOTO, *Obras Poeticas*.

(5) A. F. CASTILHO, *Sel. Literaria*.

(6) DALTRÔ SANTOS, *Taça Partida*.



Muitas vezes ha proposições objectivas latentes que se poderiam substituir pelo pronome *o*, ex. : « Eu passo como permite (*que eu passe*) o rigor do tempo » (1).

Entre a expressão — *como si* — geralmente occorre uma proposição latente, ex. : « Depois levou o punho cerrado á frente *como (o levaria) si* quizesse ali uma idéa » (2).

As proposições latentes servem, na generalidade dos casos, ou de objecto ou de sujeito a outra, ex. : « Seja pois como quereis (*que seja*) » (3). « Dá-me tu as que te parecer (*que me sejam dadas*) » (4).

« Abolimos o captivo material. Foi muito (*que o tivéssemos abolido*) » (5).

Assim é que se deve entender a proposição **latente** para não confundirmos com a **reduzida**; nesta ha apenas substituição, naquella ha integralização geral, pois assim como ha a ellipse de um vocabulo, ha **de toda a proposição**.

A proposição contracta.

Contractas são duas ou mais proposições a que por effeito da ellipse corresponde um termo ou uma parte commum, expressa apenas uma vez.

Assim, a contracção proposicional se effectua :

A) Por identidade do sujeito, ex. :

« *As faces* vão perdendo as vivas côres
E vão-se sobre os ossos enrugando » (5).

(1) ANTONIO VIEIRA, *Cartas*.

(2) A. HERCULANO, *Eurico*.

(3) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(4) MANEOL BERNARDES, *Liv. Classica*.

(5) GONZAGA, *M. de Dirceu*.



b) Por identidade do objecto, ex. : « Os sábios do Egypto, quando pintavam os esculpian a *Marte*, lhe ajuntavam um abutre » (1).

c) Por identidade do verbo, ex. : « O dia é claro, o ar purissimo, a luz esplendida » (2).

d) Por identidade do adjunto adverbial, ex. : « *Outr'ora* esereviam-se, carteavam-se de longe os monarchas » (3).

Não se consideram **contractas** nem tão pouco **compostas** aquellas proposições que, tendo o verbo no plural, possuem dous ou mais sujeitos ou objectos coordenados, pois esses se podem mentalmente considerar explanações de um termo mais geral, mais extensivo, ex. :

« *O horror, a confusão, gritos, suspiros,*
Eram como uma orchestra a seu ouvidos! (4).

E' uso classico omitir o auxiliar participial ou infinitivo pertencente a duas ou mais proposições, ex. : « *Haviam* os cavalleiros da Cruzada accitado as offertas de Aleixo e *annuido* ás suas proposições » (5). Os Arabes *começavam* a salir d'entre os arvoredos e a *aproximar-se* dos Christãos » (6)

A contracção é uma ellipse, phenomeno quasi constante na proposição comparativa e, sempre que esta tenha uma das palavras — *maior, menor, peor, melhor*, se deve integralizar mediante a fôrma positiva correspondente, ex. : « Sou *maior*

(1) MANOEL BERNARDDES, *A. Classicos.*

(2) O. MARTINS, *C. e a Renascença.*

(3) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia.*

(4) MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos.*

(5) THEOD. DE ALMEIDA, *Sel. Literaria.*

(6) A. HERCULANO, *Eurico.*



do que tu (*és grande*). Tua irmã é *menor* do que eu (sou *pequeno*). Es *peor* do que elle (*é máo*). Falas *peor* do que eu (falo *mal*). Não são *melhores* do que nós (somos *bons*). Procedo *peor* do que tu (procedes *mal*) ». « Que pôde haver *maior* do que o Oceano? » (1). « Vós bem sabeis que ha desgostos peores que cem punhães » (2).

As proposições *modaes* e as *comparativas* são as mais attingidas pela ellipse *do verbo*, tornando-se frequentemente *contractas*, ex. : « A estatua fala ; mas (*fala*), como (*fala*) uma interjeição. (Latino Coelho).

A proposição interferente.

Às vezes intercorrem proposições, exteriores á contextura organica do periodo, e destituídas de connectivos, ex. : « Dos sobejos, *atallhou Solino*, não posso eu calar um » (3).

Essas proposições são sempre constituidas pelo verbo *dizer* ou seus equivalentes semanticos — *responder, acudir, tornar, murmurar, exclamar, bradar, prosequir, continuar* e outros a que já os Latinos chamavam verbos *intercalares*, ex. : « Poetas na mocidade academica, *repito*, não escasseavam » (4). « A mim me parece, *tornou Leonardo*, que os titulos é cousa conveniente e necessaria » (5).

Essas proposições se dizem *adventicias*, in-

(1) C. DE ABREU, *Primaveras*.

(2) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.

(3) RODRIGUES LOBO, *A. Classisos*.

(4) A. F. DE CASTILHO, *Conversação Preambular*.

(5) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos*.

tercaladas ou interferentes e apparecem nos casos em que o pensamento equivale a uma citação textual, ex. : « Velho assassino, *exclamou D. Fernando*, cubriste de lucto eterno o coração do pae! » (1).

Essas proposições ás vezes têm por objecto directo uma palavra, uma expressão; outras vezes o periodo em que intercorrem, ex. : « Bem vindo, Gonçalo Mendes, *disse Mem Moniz* » (2).

Na generalidade dos casos, porém, as proposições intercaladas têm apenas funecção explicativa, ex. : « O que vos digo é a verdade, *continuou Pacheco* » (3). « O segundo ponto, *perguntou Pindaro*, me parece a mim que fica declarado nessa primeira parte » (4).

A ordem das palavras.

O verbo é o centro de attracção do systema proposicional e por elle se dirigem as palavras, de modo que fica, na ordem *analytica*, precedido do sujeito e seguido dos seus adjunctos ou do objecto, ex. : « O Cardeal Reginaldo foi aquella firmissima columna de fé » (5).

Esta disposição das palavras no organismo da proposição, diz-se *ordem*.

A ordem proposicional póde ser :

1) *Directa* ou *analytica*, desde que ao sujeito se posponha o predicado, ex. : « A *estrella de Napoleão* pairou lentamente sobre a Europa » (6).

(1-2-3) HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(4) R. LOBO, *A. Classicos*.

(5) MANOEL BERNARDES, *Liv. Classica*.

(6) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.



b) **Inversa** ou **synthetica**, desde que ao sujeito se anteponha o predicado, ex. : « Pairou lentamente sobre a Europa *a estrella de Napoleão* ».

c) **Transposta** ou **interrupta**, desde que o sujeito se intereale no predicado, ex. : « Pairou *a estrella de Napoleão* lentamente sobre a Europa ».

A transposição na ordem das palavras na proposição simples, diz-se **anastrophe**, ex. : « *Da lua* os elaros raios rutilavam » (1).

A transposição na ordem das proposições, o seu deslocamento na proposição composta, diz-se **hyperbato**, ex. : « Nuno Gonçalves, *como si não tivera ouvido as reflexões do filho*, chamou eutão » (2).

A transposição do sujeito.

O principio organico da construeção funda-se na attracção exercida pelo verbo sobre as demais palavras da proposição.

A ordem sempre depende do rythmo phraseologico, isto é, da somma de todos os accents tonieos que, constituindo a acentuação geral da proposição, conferem á expressão belleza e harmonia.

Assim pois a inversão do sujeito geralmente se effectua nos seguintes casos :

a) Nas proposições exclamativas ou nas interrogativas, ex. : « Que largas são *as praias!* » (3).
« Que são *as honras e dignidades?* » (4).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(3) LUCENA, *L. Classica*.

(4) MANOEL BERNARDES.



b) Nas proposições imperativas e nas optativas, ex. : « Dize— *tu*, severa Musa » (1). « Bem-vindo seja o *estrangeiro* aos campos dos Tabajaras » (2).

c) Nas proposições reduzidas, quer participias, quer infinitivas, ex. : « Atravessados *estes perigos*... apresentou-se o Padre Antonio Vieira na côrte » (3). « Acabando o *religioso* de referir este successo, pediu aos circunstantes o encomendassem a Deus » (4).

d) Nas proposições intercaladas, ex. : « Calculo, rezam *etymologistas*, vem de calculus, pedrinha » (5).

e) Nas proposições cujo predicado for menos extenso do que o sujeito com seus adjuntos, ex. : « Lá vão *cincoenta annos de merecimento e de penitencia* em um instante » (6). « Terribilissimos foram os *sonhos que Deus mandou ao presbytero* » (7).

A correlação das palavras.

Correlação é a correspondencia syntactica de duas palavras na proposição.

A correlação se faz :

1) **Similarmente**, isto é, repetindo a mesma palavra, ex. : *Tal* pae, *tal* filho ».

-
- (1) CASTRO ALVES, *Poesias*.
 (2) J. DE ALENCAR, *Sel. Literaria*.
 (3) J. F. LISBOA, *Vida do Padre Antonio Vieira*.
 (4) MANOEL BERNARDES, *obra cit.*
 (5) CARLOS DE LAET, *Sel. Literaria*.
 (6) MANOEL BERNARDES, *obra cit.*
 (7) A. HERCULANO, *Eurico*.



B) **Dissimilarmente**, isto é, mediante palavras diferentes, ex. : « *Tal* mulher tu sejas, *qual* te eu sou marido » (1).

A correlação similar se faz, empregando-se :

A) *Tal... tal*, ex. : « *Taes* somos nós, *taes* sereis vós » (2).

B) *Qual* = um... *qual* = outro, ex. :

« *Qual* do cavallo voa que não deseje,
Qual, eo' o cavallo dando em terra, geme » (3).

C) *Quem* = um... *quem* = outro, ex. :

Quem se afoga nas ondas enraivadas;
Quem bebe o mar e deita juntamente » (4).

D) *Tanto... tanto*, ex. : « *Tanto* tens, *tanto* gastas ».

E) *Assim... assim*, ex. : « *Assim* disse, *assim* o fez ».

F) *Quanto... quanto*, ex. : « *Quantas* cabeças, *quantas* sentenças ».

A correlação dissimilar se faz, empregando-se :

Tão	{	<i>que</i> :	« <i>tão</i> bella <i>que</i> encanta »
		<i>como</i> :	« <i>tão</i> bella <i>como</i> tu »
		<i>qual</i> :	« <i>tão</i> bella <i>qual</i> rosa ».

Tal	{	<i>que</i> :	« E' <i>tal</i> o seu valor <i>que</i> ... »
		<i>qual</i> :	« <i>tal</i> mulher, <i>qual</i> marido »
		<i>assim como</i> :	

(1) Apud Gram. Carneiro.

(2) FR. D. VIEIRA, *Dic. da L. Portuguesa*.

(3-4) CAMÕES, *Lusiadas*.

« *Assim como* a bonina que cortada
Antes do tempo foi candida e bella

.....
Tal está a pallida donzella » (1).

As vezes ocorre *qual*, isoladamente, tendo força comparativa, ex. :

« As estrellas os céos acompanhavam
Qual campo revestido de boninas » (2).

Tanto { *que* : « *tanto* estudas *que* saberás »
 como : « *tanto* trabalhas *como* ganhas »
 quanto : « *tanto* tens *quanto* elle ».

Além dessas correlações, ainda ocorrem as seguintes :

A) *Assim... como*, ex. : « *Assim* na linguagem *como* em tudo » (3).

B) *Um... outro*, ex. :

« *Um* cae além do alfange atravessado ;
Outro vinga e mata o que matára » (4).

C) *Tamanho... que*, ex. : « Sentiu *tamanho* fraqueza nelle *que* cahiu no chão » (5).

D) *Não só... como* ou *sinão*, ex. : « *Não só* trabalhas *como* cantas »:

E) *Qual... assim*, ex. : « *Qual* se esvoaça a pomba junto do ninho, *assim* se ostenta e passa o foragido » (6).

(1-2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) R. LOBO, *A. Classicos*.

(4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) F. MORAES, *Palmeirim da Inglaterra*.

(6) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.



A correlação dos verbos.

Correlação verbal é a coexistencia de dous tempos iguaes, correspondendo-se syntacticamente na proposição composta (1).

Assim, nas proposições coordenadas os verbos estão geralmente no mesmo tempo, ex. :

« Bramindo duro *corre* e os olhos *cerra*.
Derriba, fere, mata e põe por terra » (2).

« Lenita *levantou-se* muito cedo; *tomou* um côpo de leite; *deu* um passeio pelo pasto » (3).

Nas proposições subordinadas, os tempos do verbo são na generalidade dos casos governados pelo da principal.

Assim é que se correlacionam entre si tempos do mesmo ou de diferentes modos :

A) Dous presentes, ex. :

« Eu *sinto* que esta vida já *me foge* » (4).

« Elle *espera* que os convivas *saiam* » (5).

B) Dous preteritos, ex. : « Os primeiros que *entram* no tormento *foram* dous soldados » (6).

(1) Antes da publicação da nossa Grammatica, este ponto tinha impropiamente a denominação de **correspondencia dos verbos**.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) JULIO RIBEIRO, *A Carne*.

(4) CASIMIRO DE ABREU, *Primaveras*.

(5) CASTRO ALVES, *Espumas Fluctuantes*.

(6) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.



« Lenita *mandou* que a mucama se *afastasse* um pouco » (1).

c) Dous **futuros**, ex. : « Á medida que as acções e os milagres do Salvador o *forem* pedindo, *iremos* desenhando os logares e o aspecto das paizagens, theatro dos seus trabalhos e martyrios » (2).

Mas casos ha em que com o da principal não se correlaciona o verbo da subordinada, cujo emprego depende das condições do facto, ex. : « Si ainda *vive*, tirar-lhe-ão o burel e a corda de esparto, o seu capital » (3).

Na substituição da proposição reduzida por uma conjuncional, devemos attender á correlação, isto é, por-lhe o verbo de accordo com o tempo da principal, ex. : « E, largando o frankisk, (assim que *largou* o frankisk) *levou* as mãos ao capacete de bronze » (4).

Na integralização da proposição a que por ellipse falte o verbo, a correlação se faz repetindo a fórmula verbal, ex. : « O favo da jaty não *era* tão dôce como (*o era*) seu sorriso : nem a haunilha *rescendia* no bosque, como (*rescendia*) seu halito perfumado » (5).

Mas, si a proposição elliptica exprime um facto positivo, maximé nas comparações, integraliza-se independentemente da correlação, pon-do-se o verbo no presente, ex. : « Mais rapida que a cma selvagem, (*corre rapida*) a morena virgem *corria* o sertão e as mattas do Ipú » (6).

(1) JULIO RIBEIRO, *A. Carne*.

(2) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

(3-4) A. HERCULADO, *Lendas e Narrativas*.

(5-6) JOSÉ DE ALENCAR, *Iracema*.

Este é que deve ser **conceito** grammatical da correlação: mas não o entendemos eu, na minha primeira grammatica, e o Sr. Julio Ribeiro a quem seguimos neste ponto, pois explicamos nós ambos o facto apenas na proposição objectiva e de modo illogico.

A substituição dos tempos.

Os tempos verbaes se empregam de accordo com as condições em que se expõem os factos; mas ás vezes se podem substituir uns por outros, para maior realce de expressão.

Assim, o presente do indicativo póde substituir :

A) Ao perfeito nas narrações, constituindo o presente historico ou narrativo, ex. : « Junot *deixa* Lisboa e *reune* toda a sua força em Torres-Vedras. *Delibera-se* a atacar os Inglezes em *Vimieiro* » (1).

B) Ao futuro do indicativo, ex. :

« Não serei triste; si te ouvir a fala,
Tremo e palpito como treme o mar » (2).

C) Ao futuro do subjuntivo, ex. : « Quem *sobe* para Nazareth... *terá* diante dos olhos Tiberiades e o lago de Galiléa » (3).

D) Ao imperfecto do subjuntivo, ex. : « Si *sei*, não lhe tinha dado dinheiro » (4).

— O imperfecto póde substituir :

A) Ao presente do condicional, principalmente nos escriptores brasileiros, ex. : « Si eu tivesse

(1) P. DA SILVA, *Historia da F. do Imp. do Brasil.*

(2) C. DE ABREU, *Primaveras.*

(3) REB. DA SILVA, *Fastos da Igreja.*

(4) JULIO RIBEIRO, *Gram. Port.*



filha, você já *tinha* noiva» (1). « Si eu conhecesse a minha ultima hora, *mandava* queimar os meus papeis e morreria em paz... » (2).

B) Ao presente do indicativo, maximé nas expressões familiares e populares, ex. : « Vossas excellencias *podiam* ficar para jantar hoje conosco » (3).

Esta substituição data desde o seculo xv, segundo se vê em escriptores do tempo, porquanto o imperfeito apparecia em correlação com o presente, ex. :

« Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes não *trazia* (não *trago*).
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel, o que nalma andar *devia* (*deve*) » (4).

O mais que perfeito pôde substituir :

A) Ao presente do condicional, ex. :

« Pois não *fôra* melhor vivesse a planta
Cujó perfume a solidão encanta » (5).

B) Ao imperfeito do subjuntivo, ex. : « Assim na linguagem como em tudo ficamos satisfeitos, si daquelles tres generos... nos (*dêra*) *dêsse* alguns exemplos » (6).

No mesino periodo podem ás vezes occorrer dois mais que perfeitos : um em vez do condicional, outro em vez do imperfeito do subjuntivo,

(1) JULIO RIBEIRO, *A Carne*.

(2) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.

(3) JULIO RIBEIRO, *Gram. Port.*

(4) CAMÕES, *Lusíadas*.

(5) C. DE ABREU, *Primaveras*.

(6) R. LOBO, *A. Classicos*.



ex. : « Que *fôra (seria)* a vida, si nella não *houvera (houvesse)* lagrimas? » (1).

O futuro do indicativo pôde substituir :

A) Ao presente do indicativo, nas proposições exclamativas e dubitativas, ex. : « Si só precisamente o não amar é de espirito diabolico, que *será* o não amar a Deus? » (2).

B) Ao imperativo nos preceitos biblicos, ex. : « Honrarás teu pae e tua mãe ».

Ao imperativo substituem :

1.º O presente do subjuntivo :

A) Nas proposições negativas, ex. : « Da terra que te deixo *não percas* uma pollegada » (3).

B) Na proposição de voz passiva, ex. : « Por piedade explica-me (*seja-me explicado*) este horroroso mysterio » (4).

2.º Infinitivo impessoal nas proposições intimitivas, e exclamativas, nas vozes de commando, ex. : « *Preparar! Apontar! Descançar* armas! » (5).

.

« *Traballar*, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é valor » (6).

« *Marchar!* Mas como a Allemanha
Na tyrannia feudal! » (7).

(1) A. HERCULANO, *Eurico*.

(2) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.

(3) A. CASTILHO, *Quadros Hist.*

(4) A. HERCULANO, *Eurico*.

(5) JULIO RIBKIRO, *Gram. Port.*

(6) A. CASTILHO, *Hymno do Trabalho*.

(7) C. ALVES, *Espumas Fluctuantes*.



É uso empregar-se o infinitivo precedido da forma verbal é constituindo uma expressão equivalente ao imperativo ou subjuntivo, ex. : « Agora é *tratar* de casar, de ter filhos, de galgar posição (1).

O infinitivo pessoal.

A lingua portugueza, além de ter o infinitivo impessoal, possui o infinitivo pessoal, isto é, flexionado.

Esta peculiaridade da lingua é um dos seus idiotismos, a qual se observa desde o século XII, tanto assim que existe no dialecto gallego, pois este é um estadio por que passou a lingua portugueza antes de attingir a forma actual.

O infinitivo pessoal emprega-se :

A) Sempre que, constituindo proposição reduzida, se possa substituir por uma conjuncional ou pronominal relativa, ex. : (2). « Trabalhae, meus filhos, para *agradarem* suas obras a Deus (para que *agradem*) » (3). « É tempo de nos *passarmos* à Africa (de que nos *passemos*) » (4).

« Oh Neptuno, lhe disse, não te espantes De Baello no teu reino *receberes* (porque *recebes*) » (5).

« Foi o segundo a *jurar* (que *juron*) o infante D. Fernandes » (6).

(1) JULIO RIBEIRO, *A Carne*.

(2) Esta é condição primordial que regula a syntaxe do infinitivo pessoal.

(3) M. F. PINTO, *Obras*.

(4) FR. LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos*.

(5) CAMÕES, *Lusíadas*.

(6) FR. LUIZ DE SOUZA, *Obra citada*.



Por esse penultimo exemplo se prova ser indifferente ter o infinitivo sujeito proprio, tornando-se pois o unico criterio a substituição da proposição reduzida, pela conjuncional ou relativa, ex. : « Folgarás de *veres* a policia » (porque *vês*) (1). « Os cabeços negros que ás vezes lhe parecera *debruçarem-se* (que *se debruçavam*), no eimo dos despenhadeiros » (2). « Foram dous amigos á casa de outro, afim de *passarem* (afim de que *passassem*) as horas da sêsta... » (3).

O infinitivo impessoal emprega-se :

1.º Sempre que, não podendo ser levado á forma conjuntiva, constitua uma expressão verbal, ex. : « Vão *terminar* doze annos de agonía » (4). « Começavam a *abalar* contra as portas da Ribeira » (5) (6).

2.º Substituindo geralmente ao infinitivo pessoal, quando d'esta substituição não deoerrem obscuridade :

A) Depois dos verbos de movimento, indicando finalidade, ex. : « Fingiu serem vindos os embaixadores de el-rei da Persia a *costrar* o tributo » (7).

B) Sempre que o sujeito do infinitivo fôr (ou se possa tornar) objecto indirecto do verbo principal, ex. : « A muitos manda ver (que *vejam*) o

(1) CAMÕES, *Obras completas*.

(2) A. HERCULANO, *Eurico*.

(3) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.

(4) T. RIBEIRO, *D. Jayme*.

(5) FR. LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos*.

(6) Estas expressões são constituídas geralmente pelos verbos — *poder, dever, querer, saber, ter de, haver de, acentar de, cessar de, deixar de, estar a ou por ou para, etc.*

(7) MANOEL BERNARDES, *Liv. Classicas*.

Estygio Lago » (1). « Ao outro dia... a princeza, tanto que eramos chegados, nos mandou *assentar* (que nos *assentassemos*) » (2).

c) Sempre que os dous verbos, por estarem proximos, não tornem obscuro o sentido, ex. : « Os raios matutinos faziam *alvejar* (*alvejavam*) os turbantes » (3).

Tanto nesse como no caso anterior, os verbos que mais frequentemente têm essa syntaxe são *mandar*, *fazer* e *deixar*, e *ver*, ex. : « *Deixae-os* (ou lhes) *morder* uns aos outros » (4). « *Verão morrer* com fome os filhos caros » (5).

A impessoalidade verbal.

Verbo impessoal é aquelle que, apenas empregado na 3.^a pessoa do singular, *não tem sujeito conhecido*.

A maior parte dos impessoaes denotam phenomenos *meteorologicos* e assim o sujeito é uma incognita, é uma especie de *x* syntactico, cujo valor é independente de qualquer theorização grammatical, ex. : *chove*, *troveja*, *amanhece*, *alvo-rece*, *neva*, *venta*, *gela*, *relampeia*.

Impugnamos, pois, a opinião daquelles que, em desacordo flagrante com os factos da lingua, explicam a proposição impessoal já mediante illipse do sujeito, já mediante o pro-

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) F. M. PINTO, *Peregrinações*.

(3) A. HERCULANO, *Eurico*.

(4) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

nome *elle* que, dizem, occorre na lingua do vulgo ignaro, á maneira do *il* francez.

Assim é logico que, desde que ao verbo se der o sujeito, deixa de ser elle impessoal, porque a defectividade ou falta do sujeito é o caracter fundamental da impessoalidade.

Apesar disso, os verbos impessoaes se podem, pois, **personalizar**, isto é, passar a ter sujeito nas proposições imitativas, ex. : « No ardor do combate *relampeam* as espadas, *chovem* as metralhas e *trovejam* os canhões ».

Camões empregou :

« Da espessa nuvem *setas e pedradas*
Chovem sobre nós outros ».

Além dos verbos, **semanticamente** impessoaes, attinentes ao estado *meteorologico* a que nos acabamos de referir, occorrem os seguintes que acidentalmente se **impessoalizam**, perdendo portanto o sujeito, conforme a accepção que lhes regula o conceito :

A) *Dar*, desde que sirva para exprimir as horas, ex. : « Já tinha *dado* oito horas, quando lá chegámos » (1).

B) *Fazer*, desde que tenha por objecto uma palavra referente ao estado meteorologico — *calor, frio, vento, neve*, etc., ex. : « *Faz* frio, ealor; *fazia* luar ». « *Fazia* hontem já tarde um *nevoeiro* espesso » (2).

Não se pluraliza o verbo *fazer*, quando, ser-

(1) Si, porém, ao verbo *dar* conferirmos a accepção de *soar*, assumirá então o plural, passando a sujeito o que era objecto, ex. : « *deram* oito horas », por atração.

(2) G. DE AZEVEDO, *Selecta de Aulete*.



vindo-lhe de objecto uma palavra de tempo, lhe fôr sujeito uma proposição conjuncional.

Assim, em vez de *fazem*, se dizem — *faz* dias, semanas, mezes, annos, etc., *que* não nos vemos, ex. : « *Faz* alguns annos *que* visitei o norte » (1).

« Quantos annos *faz*, oh minha lavadeira, *Que* tua energia gastas nessa lida » (1).

c) *Ser*, desde que, não tendo sujeito, se ache modificado por adjunto adverbial de tempo, ex. : « *Era* por uma destas noites vagarosas de inverno, em que o brilho do céu sem lua é vivo e trémulo » (3).

d) *Bastar*, desde que esteja isoladamente empregado ou ligado a substantivo pela preposição *de*, ex. : « *Basta*, não quero mais » (4). « Não *basta* inda de dôr, ó Deus terrível?! » (5).

e) *Haver*, desde que, implicando noção de existencia, signifique latentemente — *ter*, *possuir*, em relação ao seu objecto directo, ex. : « Si não *houvesse* ingratidões, como *haveria* finezas? » (6). « Si *ha* doces sonhos no viver celeste... » (7).

Tambem erroneamente se diz impessoal o verbo que tem por sujeito uma proposição conjuncional, ex. : « Não tarda muito *que* ella desapareça mergulhada na vermelhidão da aurora » (8).

-
- (1) CANDIDO JUCA, *O Norte*.
 (2) GOULART DE ANDRADE, *Poesias*.
 (3) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (4) M. BERNARDES, *A. Classicos*.
 (5) C. ALVES, *Vozes d'Africa*.
 (6) P.º ANTONIO VIEIRA, *Sermões*.
 (7) CASIMIRO DE ABREU, *Primaveras*.
 (8) A. HERCULANO, *Eurico*.



Os principaes são os seguintes em qualquer dos seus tempos, ex. : *Occorre que... Acontece que... Succede que... Parece que... Convém que... Basta que...* e assim muitas expressões em que entra o verbo *ser* ou *estar*, taes como : *É justo que... É bom que... É logico que... É claro que... É certo que... É de notar que... É de parecer que... Está patente que... Está provado que...*

Nestes verbos se podem dar dous phenomenos :

A) Substituição da proposição conjuncional por uma reduzida infinitiva, ex. : «*E acontece chegarem* (que chegam) por seus degraos e merecimentos aos maiores officios » (1).

B) A anastrophe do sujeito da proposição subjectiva para antes do verbo impessoal, ex. : «*Eu é que sou heroe, Marilia bella* » (2).

Este facto é frequente com os verbos *parecer* e *ser*, constituindo idiomatismos, taes como : *Eu é que digo, nós é que somos, vós é que fizestes, elles parece que partem* amanhã, ex :

«*Dos cavallos o estrepito parece Que faz que o chão debaixo todo treme*» (3).

«*A casa onde habita o grande Chefe Parace, Dorotheu, que vem abaixo* » (4).

«*O cidadão nas republicas antigas era força que fosse ao mesmo passo um crente* » (5).

(1) FR. LUIZ DE SOUZA, *Vida do Arcebispo*.

(2) GONZAGA, *Marilia de Dirceu*.

(3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) *Cartas Chilenas*.

(5) LAT. COELHO, *Rep. c Monarchia*.



Este facto se póde effectuar igualmente com os verbos cuja impersonalidade é assinalada pelo *se* appassivando, ex. : « E toda esta energia, todo este recordar-se da rica herança d'esforço, dir-se-ia que eram suscitados pela Providencia » (1).

Syntaxe do verbo *haver*.

O verbo *haver* emprega-se :

A) Sempre no singular, quando, embora encerre a noção de existencia, tenha objecto directo, mas seja destituído de sujeito, por estar impessoalizado, ex. : « Quando *ha* frio e neve na serra, também *ha* lenha nestes montes e fogo nestas pedras... » (2). « Si não *houvesse* ingratições, como *haveria* finezas? » (3).

B) Na acepção de *adquirir, alcançar, obter, conseguir, ter*, ex. :

« De onde *houveste*, ó pelago revólto
Esse teu rugido? » (4).

« Troam na Iberia os hymnos da victoria
Que Isabel e Fernando do Mouro *houveram* » (5).

c) Na acepção de *portar-se, conduzir-se*, por effeito da variação pronominal, que lhe modifica o sentido, ex. : « Com mulheres não sabe o homem como *la de haver-se* » (6). « O Sr. Castro Alves

(1) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.

(2) F. RODRIGUES LOBO, *Anth. Nacional*.

(3) P. VIEIRA, *Sermões*.

(4) GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(5) A. PORTO ALEGRE, *Colombo*.

(6) *Monarchia Lusitana*.

houve-se com a mesma arte em relação aos outros conjurados » (1).

D) Na acceção de *ter*, servindo então de auxiliar ao participio passado, ex. : « *Haviam* os cavalheiros da Cruzada *acceitado* as ofertas de Aleixo » (2).

« O viço dos meus annos se *ha murchado*
Nas fadigas, no ardor do sevo Marte » (3).

E) Na acceção de *ter*, mas ligado ao infinitivo por preposição, formando expressão verbal como : hei *de* ir, havia *de* passar, houver *de* morrer, ex. : « E noções que hoje timidamente se enunciam, *hão de*, com o correr dos tempos, *apostar* evidencia com as verdades consagradas » (4). « Finalmente, si fosse invejoso, *havia de morder-me*, morder-o e estourar » (5).

F) Como adjunto adverbial em phrases ou expressões em que apenas indica circumstancia de *tempo*, seguido ás vezes do *que expletivo*, ex. : « Para os interesses da sua celebridade devera ter morrido *ha mais de vinte annos* » (6). « Perguntamos *ha pouco* si podiam tornar-se em fazendas as feitorias da Africa continental portugueza » (7).

« Quando as infidas gentes se chegaram
As nans que *pouco havia que ancoraram* » (8).

« E busca successor que te encaminhe
Ao teu logar que *ha muito que te espera* » (9).

(1) MACHADO DE ASSIS, *Carta a J. d'Alencar*.

(2) P. THROD. D'ALMEIDA, *Autores Classicos*.

(3) ALM. GARRETT, *Poema Heroico*.

(4-6) FRANCISCO DE CASTRO, *apud. A. Brasileiros*.

(5) A. F. CASTILHO, *Conv. Preambular*.

(7) OLIVEIRA MARTINS, *O Brazil e as Colonias*.

(8) CAMÕES, *Lustadas*.

(9) BASILIO DA GAMA, *Uruguay*.

« As portas do templo monastico estavam cerradás *havia* tambem tres dias » (1).

Não resiste á analyse a velha doutrina segundo a qual o verbo *haver* tem um sujeito occulto, latente, representado pelas palavras a *sociedade*, o *genero humano*, *elle*, o *mundo*, o *espaço*, etc.

O verbo *haver* é impessoal e por isso não tem sujeito, do mesmo modo que *chove*, *troveja*, *faz calor*, *está fazendo frio* e outras phrases similares e analogas.

Além disso, deixaria de ser impessoal desde que tivesse sujeito, pois o eriterio da impessoalidade é estatuido pela falta do sujeito.

Assim a qualquer proposição impessoal se dê por sujeito uma ineognita, um x cujo valor e substituição independem da grammatica.

A ineognita syntaetica x significa : — « a proposição de que se trata não tem sujeito ».

Na dialectação lusitana, na prosodia dos Portuguezes, o verbo *haver*, na 3.^a do presente do indicativo apparece seguido do antigo adverbio *hi* (ahi), que o acompanhava no portuguez areaico. Assim sempre ouvimos : *ha hi agua*, *ha hi gente*, ex. :

« Si peste não fosse, todos meus erros
Não conheeriam que *hi havia* » (2).

Na dialectação brasileira dous são os phenomenos irregulares e anomalos, referentes ao emprego do verbo *haver* :

1.^o A pluridade que o fazem assumir, até mesmo pessoas de certa cultura, tomando erroneamente o objecto por sujeito, ex. : « *Haviam* pessoas, *houveram* festas » em vez de *havia... houve...*

A essa infraecção syntaetica nota-se que sempre resiste a fórma monosyllabica *ha*, pois nunca a substituem pelo seu plural *hão*.

2.^o A sua substituição pelo verbo *ter*, um dos phenomenos mais constantes, mais geraes que se observa até mesmo en-

(1) A. F. DE CASTILHO, *Quadros Historicos*.

(2) CAMÕES, *Nau dos Amores*.



tre pessoas doudas, ex. : « Na festa *tem (ha)* muito povo.
Tinha muita agua na rua ».

A indeterminação do sujeito.

Aos verbos impessoaes se filiam aquelles que, embora se possam adaptar a um sujeito pronominal, comtudo exprimem o facto de modo vago e inapreciavel. Têm por sujeito um pronome cujos equivalentes que representa não nos é possível precisar, constituindo assim sujeito indeterminado.

A indeterminação se enuncia :

A) Com o pronome *se* indefinito, ex. : « *Ha-*
vendo fallecido D. Henrique de Menezes... *falou-*
se de suas prendas... » (1-2).

B) Com os verbos que, significativamente analogos ao verbo *dizer* e aos seus synonymos e postos na terceira pessoa do plural, exprimem os rumores publicos, ex. : « *Dizem* que ha gozos no correr dos annos » (3).

Contam que certa raposa,
Andando mui esfaimada,
Viu roxos, maduros caehos
Pendentes d'uma latada » (4).

c) Com qualquer verbo que, estando empregado na terceira pessoa do plural, declare o facto

(1) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos.*

(2) Vêde o *se* sujeito á pag. 303.

(3) C. DE ANDREU, *Primaveras.*

(4) BOCAGE, *Autores Classicos.*



de modo vago e geral, ex. : « *Recommendem* aos mestres que tenham especial vigilância sobre elles » (1).

A negação.

Tres são as modalidades da negação : — a simples, a reforçada e a aparente :

Negação	{	simples	{	similar
		reforçada		dissimilar
		aparente		semiotica

A negação simples apenas é formada por uma só palavra de sentido e função negativa, ex. :

« Este mundo *não* vale um só dos beijos
Tão doces de uma mãe » (2).

« *Ninguém* lhe abriu as portas de seus lares » (3).

A negação reforçada é constituída por duas ou mais palavras de sentido e função negativa, ex. : « Demais a verdade toda *nunca ninguém* a possuiu » (4).

« Eu, Marília, *não* sou *nenhum* vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado » (5).

(1) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(2) CAS. DE ABREU, *Primaveras*.

(3) C. ALVES, *Esp. Fluctuantes*.

(4) CANDIDO JUCA, *O Refugio da Alma*.

(5) GONZAGA, *M. de Dirceu*.



A negação reforçada se diz :

A) **Similar**, desde que sejam idênticas as palavras negativas, ex. : « *Não* era Sancho, *não*, tão desonesto » (1).

B) **Dissimilar**, desde que as formas negativas sejam diferentes, ex. : « *Não* julgue *ninguém* *nunca* outrem por si » (2).

C) **Semiotica**, desde que metaphoricamente seja reforçada por uma palavra, de sentido quasi sempre pejorativo, ex. :

« De mosca ou de verme *não* tendo *migalha* Procura a formiga rogando que a valha » (3).

As principaes palavras que assim se usam para reforço da negativa são : *ceitil*, *cabello*, *aranha*, *bocado*, *dedo*, *beira* e *eira*, *fumo*, *pada*, *signal*, *sombra*, *patavina*, *pitada*, *rastro*, *fuso*, *figo*, *tremçoço*, *mosca*, *unha*, *pello*, *gota*, *palha*, *migalha*, *vintem*, *x*, etc., ex. : « Não saber *x*... *patavina*... *pitada*... », « não ver *rastro* nem *sombra* », « sem *eira* nem *beira* », « não dar *palhas* », « não saber *dous dedos* de latim ».

As palavras *passo*, *ponto* e *rem* já constituiram negação semiotica na lingua antiga, mas actualmente se immobilizaram na lingua franceza sob as formas *pas*, *rien* e *point*, ex. :

« Triste pranto até Belem

Nem *passo* não se esquecia » (4).

A negação similar é mais restricta, menos constante do que a dissimilar, e geralmente se faz, usando-se de :

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) SÁ DE MIRANDA, *A. Classicos*.

(3) B. DE PARANAPIACABA, *Fabulas*.

(4) GIL VICENTE, *Obras Poeticas*.



A) *Nem... nem*, ex. : « *Nem* flores tenho *nem* prazer também » (1).

B) « *Nada... nada*, ex. : « *Nada* de Grego, *nada...* » (2).

C) *Não... não*, ex. : « *Não* toques, minha musa, *não...* » (3). « *Não* fiquei homem *não*, mas mudo e quedo » (4).

Sendo este processo vulgarissimo no Brasil, não o podemos impugnar, por occorrer nos classicos mais notaveis, como já o vimos. Ha outro processo de negação sinilar, vulgarissimo, o qual se faz mediante a repetição da palavra *qual*, ex. :

« *Qual* medico, *qual* doutor!

Não passa de um rachador » (5).

A negação dissimilar offerece varias modalidades, devidas á combinação das fórmulas *não* ou *nem* com palavras negativas, ex. : « O abysmo onde uma luz *siquer não* arde » (6).

A negação dissimilar quasi sempre se constitue de accordo com este schema :

	}	ninguem
		nenhum
Não . . .	}	algun (proposto ao nome)
		jámais
Nem . . .		nunca
	}	siquer
		nenhures

(1) C. DE ABREU, *Primaveras*.

(2) A. G. GARÇÃO, *Obras Poeticas*.

(3) A. GONZAGA, *Dírcen*.

(4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) A. F. DE CASTILHO, *apud T. Brandão* — Syntaxe.

(6) C. ALVES, *Esp. Fluctuantes*.

Diversos processos de negação se arcaizaram, taes como a negação *nunca já-mais* de que usavam constantemente os escriptores, ex. : « *Nunca já-mais* naquelles eloustros se experimentou nem sentiu ar contaminado » (1).

Esse e outros processos de negação só podem apparecer por affectação de arcaismo, ex. : *Nunca niuguem já-mais a Deus não vira* » (2).

Além desses processos, occorre a negação *apparente*, em que o sentido da expressão é inteiramente positivo, apesar das palavras negativas.

Essa negação ocorre.

A) Nas proposições *exclamativas* e *interrogativas*, ex. : « Quando tantas delicias ha na terra, que *não* será no céu ! » (3).

B) Nas proposições em que a função negativa do adverbio *não* ou da palavra negativa é destruida por uma expressão, geralmente: *senão*, *mais que* ou *do que*, ex. : « *Não* vimos *mais* emfim *que* mar e céu » (4). « A reforma philosophica de Luthero *não* produziu *senão* desunião e discordia na familia humana » (5). « *Não* ha outro Deus *senão* só um » (6).

(1) FREI LUIZ DE SOUZA, A. *Classicos*.

(2) BITTENCOURT SAMPAIO, *Divina Epopéa*.

(3) A. CASTILHO, A. *Classicos*.

(4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) R. ORTIGÃO, *Prefacio aos Lusiadas*.

(6) B. SAMPAIO, *Divina Epopéa*.

A voz passiva.

Todo verbo objectivo póde exprimir a acção sob duas modalidades que se chamam **vozes**. ex. :

A voz. } activa : « Os delatores começavam o seu reinado » (1).
 } passiva : « Pelos delatores era começado o seu reinado ».

Na activa o sujeito exerce a acção; na passiva recebe-a.

A passividade se exprime por tres processos : o **analytico** ou **participial**, o **pronominal** e o **semiotico** ou **infinitivo**.

A passividade *analytica* se forma com uma expressão, em que entram o verbo *ser* e o participio passado, ex. :

« Minha campá *será* entre as mangueiras
Banhada do luar » (2).

Além do verbo *ser*, também os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir* podem constituir expressões de sentido passivo, ex. : « Em outra parte *esculpida estava* a guerra » (3). « A realidade ali *fica historiada* nas suas feições características » (4).

« *Vinha* o Padre Oceano *acompanhado*
 Das filhas e dos filhos que gerara » (5).

(1) R. DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

(2) C. DE ABREU, *Primaveras*.

(3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) RUY BARBOSA, *Finanças e Política da Republica*.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

A passividade pronominal se exprime mediante o pronome *se*, cuja função apassivante se exerce :

A) Sempre que o sujeito for nome de coisa ou ser abstracto, ex. : « *Alli... se passava o tempo, se gozavam as noites, se sentiam menos as importunas chuvas e ventos de Novembro* » (1). « Na idade média a imaginação epica orienta-se por um rumo diverso » (2).

B) Sempre que o sujeito, posto seja pessoa, não exercer a acção do verbo, ex. : « *Entre os parciaes de D. Leonor... viam-se* (eram vistos) *fidalgos* » (3).

C) Sempre que o sujeito for constituido por proposição ou expressão equivalente, ex. : *Julga-se* (é julgado) *que Simão fosse natural de Cyrene, na Lydia* » (4).

A passividade semiotica ou latente se exprime apenas pelo sentido, pois o verbo exteriormente não possui signal de passividade, ex. : « *De Portugal mandou el-rei despachar* (ser despachada) *formosa frota* » (5).

Esse processo de apassivamento é privativo do infinitivo que, por não ser activo nem passivo, segundo Reinach, se adapta a qualquer das funções, ex. : « Si alguma coisa, pois, ha, para *admirar* (ser admirada) é que a baixa não fosse mais rapida, mais violenta ainda » (6).

(1) R. LOBO, *Côrte na Aldeia*.

(2) O. MARTINS, *Camões e a Renascença*.

(3) A. HERCULANO, *Hist. de Portugal*.

(4) R. DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

(5) F. LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos*.

(6) RUY BARBOSA, *F. e Política da Republica*.

Nos *Lusiadas* ocorre um caso de participio presente latentemente passivo, ex. : «... Se deixam ir dos galgos *alcançando* (*sendo alcançados*) » (1).

A passividade semiótica aparece geralmente :

A) Depois dos verbos : — *deixar, fazer, ouvir e ver*, taes como : « *Deixei-o ver por todos* ». « *Fizemol-o carregar pelo criado* ». « *Ouviu-o e viu-o louvar por todos* » (2), ex. :

« *Dêixa-te sacudir do temporal violento,
Copa verde !* » (3).

B) Depois de *ser, estar, levar, trazer*, taes como : « *E' de admirar que...* » « *Seria para de-sejar que ...* » « *A caso está para vender* ». « *Traze ou leva agua para beber* ». « *E leve-o a depositar (ser depositado) em sepulcro sempre virgem* » (4). « *E' para saber que nos primeiros tempos escreviam os homens nas folhas das arvores* » (5).

C) Depois de certos adjectivos descriptivos, taes como : *bello, bom, facil, difficil, duro, agradavel* e outros, ex. : « *Isto é facil de fazer* »... « *O osso é duro de roer* ». « *A casa é difficil de construir* ». « *Brevemente facil foi de perceber o tropear de milhares de cavallos* » (6). « *Mas em vão, porque o porco é bom só para assar (ser assado)* » (7).

-
- (1) CAMÕES, *Lusiadas*.
 (2) JULIO RIBEIRO. *Grammatica*.
 (3) ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*.
 (4) M. BERNARDES, *Liv. Classica*.
 (5) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos*.
 (6) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (7) BOCAGE, *Poesias*.

Note-se que :

A) Na voz passiva o adjunto efficiente, sujeito da voz activa, geralmente é governado pelas preposições *por*, *per* ou *de*, mas casos ha em que ás preposições *a*, *em* e *com* não se pôde recusar a função efficiente, taes como : « A fabrica era movida *a* vapor ». « O carro é puxado *a* quatro cavallos » (1). « Estava o monte *em* herva revestido » (2).

« Pede-lhe mais que aquelle porto seja Sempre *com* a sua frota visitado » (3).

B) Ao passarmos a proposição para a passiva, não devemos deslocar as palavras; ao que se oppõem ás vezes as proposições relativas, ex. : « Ergue a virgem os olhos que o sol não deslumbra » (4). « São erguidos pela virgem os olhos que pelo sol não são deslumbrados ».

A transpredicação do verbo.

A maior parte dos verbos, apesar de terem a sua predicação propria, podem assumir nova predicação, isto é, perder ou adquirir objecto directo.

Chama-se **transpredicação** a mudança por que passa o conceito ou significação do verbo, conforme a sua acceção na phrase em que se acha.

(1) A preposição *a* não constitue gallicismo ; é syntaxe correcta de accordo com o latim que neste caso usava de *a* ou *ab*, e, quanto ás preposições *em* e *com*, adquirem a função de *por* ou *per*.

(2-3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) J. DE ALENCAR, *Iracema*.



A transpredicação se opera por **subjectivação** e por **objectivação** : no primeiro caso apparece o verbo destituido de **objecto**, embora lh'o exija a significação geral; no segundo se acha, ao contrario, o verbo integrado por **objecto** que, adaptando-se-lhe ao conceito, lhe restringe a accepção.

Assim o verbo pôde perder o **objecto**, isto é, **subjectivar-se** :

A) Desde que não precise de **objecto**, por estar empregado em sentido geral e indeterminadamente, ex. : « Por isso bem *fazem* os verdadeiros liberaes, celebrando publicas e numerosas reuniões » (1).

B) Desde que se possa substituir o **objecto** directo por adjunto adverbial de lugar *onde* ou por *onde*, ex. :

« Mas logo ao outro dia seus parceiros.
Descendo *pelos* asperos outeiros... » (2).

« *Descendo* elle um dia o *rio* em una canoa... viu um homem mettido em um caeaoal » (3).

E assim os verbos *habitar* (*em*), *saltar* (*por*), *subir* (*por*), *trilhar* (*por*), *rolar* (*por*) e quasi todos cujo **objecto** indica noção de lugar, ex. : « O mundo *em* que eu *habito* tem mais sonhos » (4).

O verbo pôde adquirir **objecto** directo, isto é, **objectivar-se** :

(1) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) BISPO DO PARÁ, *Memorias*.

(4) C. DE ABREU, *Primaveras*.

A) Dando-lhe syntaxe diversa da que lhe exige a predicacção, fazendo-o assumir um objecto, ex. :
« As ruas *corriam sangue* » (1).

« E o sol, sem ser preciso pelo braço

Alguem trazel-o, *entra a celeste esphera* » (2).

« Emergem flôres as campinas » (3).

« A tela oceanica, sempre majestosa é esplendida, resumbra *possante vitalidade* » (4).

« O chão brotará *flores* » (5).

« Evola a flor o *perfume* » (6).

Em qualquer destes exemplos, de extraordinaria belleza para a lingua, poderiamos antepor ao **sujeito** a preposição conveniente, conforme exige a significacção do verbo; então os objectos se converteriam em sujeito, ex. : *da* tela oceanica sempre majestosa e esplendida, resumbra possante vitalidade; *do* chão brotarão flores; *evola da* flor o perfume; *pelas* ruas corria sangue.

« Deus não *corre a mesma lei* que entre nós e o mundo » (7).

B) Dando-se-lhe por objecto directo o seu substantivo *cognato*, isto é, de igual raiz á do verbo, ex. :

« *Cantigas pastoris* em prosa ou rima
Na sua lingua *cantam* concertadas » (8).

« E hei de *viver a mesma vida*, a mesma! » (9)

(1) JULIO RIBEIRO, *Gram. Port.*

(2) ALBERTO DE OLIVEIRA, *A. G. de Andrade.*

(3) O HUDSON, *Poesias.*

(4) J. DE ALENCAR, *O Gaucho.*

(5) JOSÉ BONIFACIO, *Ode aos Bahianos.*

(6) Para se operar este facto, perde geralmente o adjunto adverbial a preposição e assume a funcção de **sujeito** ou **objecto**, ex. : « Emergem flôres (*de*) as campinas ».

(7) P. PAIVA, *apud E. Carneiro.*

(8) CAMÕES, *Obras Completas.*

(9) DALTRIO SANTOS, *Taçã Partida.*

« Si já *viveste vida* de combate em cidade sitiada, tercis visto muitas vezes um vulto » (1).
 « Que *sonhos* que a mente *sonhara* tão placidos » (2).

c) Dando-lhe por objecto directo um substantivo de sentido mais ou menos analogo e correlato ao do verbo, ex. : « *Chorava* alli minhas *magoas* » (3). « Os olhos *faiscando raios* de amor » (4). « Oh ! *canta e canta* sempre esses teus *hymnos!* » « Uns olhos que *irradiam fogo e luz* » (5).

É este um dos phenomenos mais elegantes, um dos processos a que constantemente recorre a lingua.

Assim é que dizemos : dormir um *somno*, andar *terras*, pelear *combates*, navegar *mares* ou *ondas*, pois ha relação entre o sentido do verbo e o do objecto, ex. :

« *Dorme*, cidade maldita,
 Teu *somno* de escravidão » (6).

« *Dorme* o teu *somno*, coração liberto
 Dorme na mão de Deus eternamente » (7)

« Si os antigos philosophos que *andaram*
 Tantas *terras* por ver segredos dellas... »
 « As *ondas navegaram* do Oriente » (8).

« E os instrumentos palpitantes *soam*
 Frenetica *harmonia* » (9).

(1) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.

(2) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.

(3) BERNARDINO, *A. Classicos*.

(4) RODRIGUES LOBO, *Poesias*.

(6) C. ALVES, *Esp. Fluctuantes*.

(7) ANTERO DO QUENTAL, *Sonetos*.

(8) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5-9) G. DIAS, *Obras Poeticas*.



« *Tinha já caminhado um bom espaço do Monte Olivete* » (1).

« *Echoa a bronzea tuba duras vozes...* » (2)

« *Vae caminho de Hespanha o foragido sem esperança nem fé* » (3).

Collocação de pronomes.

(SYNCLITISMO PRONOMINAL)

As variações pronominaes — *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as* são fórmias synclíticas que, por não terem accentuação tónica, giram em torno do *verbo* a que pertencem, de sorte que se antepõem (*proclise*), se interpõem (*mesoclise*) e se pospõem (*enclise*).

Assim, pois, o facto geral da *synclise* offerece tres modalidades syntacticas : *proclise, mesoclise e enclise* (4).

A theorização attinente ás tres posições das fórmias synclíticas, isto é, o conjunto de condições que se devem observar, segundo a analyse dos modelos classieos, diz-se *synclitismo*. As fórmias pronominaes se dizem *proclíticas, mesoclíticas e enclíticas*, conforme *lhes* seja na phrase a posição quanto ao verbo, como centro de attracção do systema pronominal.

(1) P^o ANTONIO VIEIRA, *Sermões*.

(2) G. DIAS, *Poesias*.

(3) TH. RIBEIRO, *D. Jayme*.

(4) Essa theoria é o resumo do nosso trabalho publicado na « *Revista Pedagogica* », no qual systematizamos a collocação de pronomes sob o titulo de *synclise*.



A próclipse (anteposição).

A proclise sempre ocorre :

1.º Nas proposições negativas, ex. : « Não vos esperava tão de salto » (1). « Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno » (2). « A tua filha nunca te accusara ante o supremo juiz » (3).

2.º Nas proposições subordinadas :

A) Nas conjuncionaes, seja qual for a sua natureza, ex. : « Não daes lugar a que vos peça, pois me mandais tudo » (4). « O Sempiterno uos creou, quando a nossa primeira inãe nos converteu em reprobos » (5). « ... Chegado a confessar que lhe diziam respeito aquelles dous versos » (6).

B) Nas proposições pronominaes relativas, ex. : « E puzeram fogo á cidade que se queimou em duas horas » (7). « É elle mesmo quem nos refere circumstanciadamente o deploravel estado » (8). « ... Os mudos clamores desta maravilha, a qual se duplicou, entrando o santo ... » (9). « Unico é este em cuja casa me dou por respeito » (10). « Então o demonio lhe tocou no rosto onde lhe deixou impresso um signal » (11).

c) Nas proposições indefinitas, pois os connectivos destas são modalidades dos relativos,

(1-3-5) A. HERCULANO, *Eurico*.

(2) ROCHA PITTA, *Sel. Literaria*.

(4) RODRIGUES LOBO, *Côrte na Aldeia*.

(6) J. F. LISBOA, *Vida do Padre Vieira*.

(7) F. M. PINTO, *Liv. Classica*.

(8) J. F. LISBOA, *Obra cil.*

(9-11) MANOEL BERNARDES, *Liv. Classica*.

(10) ALM. GARRETT, *Liv. Classica*

ex. : « *Põe-me onde se use toda a feridade* » (1).
« *Quem me dera poder uorrer, logo que te levou a morte* » (2).

Tanto nas proposições relativas como nas conjunccionaes sempre se deve manifestar a proclise, porque as variações pronominaes são como que attrahidas pelos relativos e pelas conjunções subordinativas.

Até nos casos em que a fôrma pronominal está separada do connectivo proposicional por palavras intercurrentes, esta attracção se opera, ex. : « *Mas ordenou juntamente que, quando tivesse a carta, lhe chegasse as novas* » (3). « *O mundo actual nunca poderá entender plenamente o affecto que, vibrando-me dolorosamente as fibras do coração, me arrastava para as solidões marinhas do prouontorio* » (4).

Além dessas duas causas primordiaes, a proclise sempre ocorre :

A) Nos verbos, precedidos de **adverbio** ou expressão equivalente, ex. : « *Então o demouio lhe tocou no rosto* » (5). « *Já me combatem molestias por mil partes* » (6). « *Alli nos agasalhamos aquella noite* » (7). « *Sobre modo se eufureceu aqui o goveruador* » (8). « *Assim se verificou á visca a prophcia de Isaias* » (9).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) FR. B. DE BRITO, *apud Aulete*.

(3) R. LOBO, *Autores Classicos*.

(4) A. HERCULANO, *Eurico*.

(5) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.

(6) B. DE BRITO, *Sel. de Aulete*.

(7) F. MENDES, *Peregrinação*.

(8) MANOEL BERNARDES, *Liv. Classica*.

(9) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.



b) No verbo cujo sujeito for pronome pessoal, principalmente nos pronominaes, ex. : Eu o *vi certamente e não presumo* (1). « Eu me *assento nas pedras do caminho* » (2). « *Nós mesmos nos deshonramos* » (3).

Nestes dous casos a proclise não é muito de rigor; pôde, pois, occorrer outra modalidade syntitica, ex. : *Outrora escreviam-se, carteavam-se de longe* » (4). « Lá, *converteu-se* numa cousa insignificante e impertinente » (5).

c) Nas fórmulas verbaes **proparoxytonas**, isto é, nas 1^{as} e 2^{as} pessoas do plural dos imperfeitos do indicativo e do subjuntivo, do condicional e do mais que perfeito.

E assim devemos dizer — *Nós o víamos, vós lhe dizíeis, nós te louvaríamos, vós me chamaríeis, nós te chamáramos, vós a chamáreis, nós vos louvásemos*, etc.

Mesoclise (interposição).

A mesoclise e a enclise pertencem exclusivamente ás proposições principaes e ás coordenadas, porém affirmativas.

Occorre, portanto, a mesoclise :

1) No futuro e no condicional, pois estes sempre repellem a enclise ou assumem a proclise,

-
- (1) CAMÕES, *Lusiadas*.
 (2) C. DE ABREU, *Primaveras*.
 (3) C. OLIVEIRA, *Cartas*.
 (4) L. COELHO, *R. e Monarchia*.
 (5) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.



ex. : (1) : « *Emfim acabar-se-á no Brazil a chris-
tandade catholica* » (2). « *Ah! senhor, tiral-o-ci
de boa mente* » (3). « *Dir-se-ia então que Portu-
gal inteiro accordava para o arrependimento* » (4).

B) Nos tempos compostos de participio pas-
sado ou presente, ex. : « *A frecha tinha-se-lhe
embebido no lado* » (5). « *Ia-se pouco e pouco
acrescentando* » (6). « *Estava-se co'as ondas onde-
ando* » (7).

Enclise (posposição).

Nenhum periodo ou proposição começa por
variação pronominal, taes como : *me dizem...
lhe trago...* (8) *o vejo... nos consta*, etc.

Portanto occorre a enclise :

A) Na proposição começada pelo verbo, ex. :
« *Assusta-me a tormenta e a noite escura* » (9).
« *Alegrae-vos mais de eu não estar mal* » (10).
« *Faze-te mais ao largo e deita as redes* » (11).
« *Traziam-na os horrificos algozes* » (12). « *Cer-
rou-se a noite elara e serena* » (13).

(1) A ruptura do futuro e do condicional, nos seus elementos
históricos, por effeito do pronome, constituindo essa modalidade
de mesoclise, chama-se *tmése*

(2) A. VIEIRA, *Sel. Literaria*.

(3) MANOEL BERNARDES, *Aut. Classicos*.

(4) O. MARTINS, *C. e a Renascença*.

(5) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.

(6-7) CAMÕES, *Lusiadas*.

(8) Salvo o caso de proposições subordinadas.

(9) C. DE ABREU, *Primaveras*.

(10) RODRIGUES LOBO, *Côrte na Aldeia*.

(11) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

(12) CAMÕES, *Lusiadas*.

(13) FR. LUIZ DE SOUZA, *Annaes de D. João III*.

b) No participio presente, constituindo proposição reduzida, salvo si precedido da preposição *em*, por arcaísmo, ex. : « *Achando-se Jesus pela segunda vez do outro lado... cresceu grande concurso de povo* » (1). « *Ouvindo-os murmurar, voltou-se Jesus e respondeu* » (2). « *Em nos avisando, vieram ao nosso encontro* ».

c) No infinitivo que, não constituindo expressão verbal, tenha função syntactica propria, ex. : « *A França parece agora encaminhar-se para a consolidação* » (3). « *Para elle não ha abraçar-se com a cruz em impeto de agonia* » (4). « *Ora, acreditar-se num ente infinito creador é o mesmo que suppor-o na eternidade* » (5).

É facultativo o empregar-se proclise ou enclise; mas, desde que não se infringem as normas exaradas :

A) Nas proposições independentes : principaes ou coordenadas, ex. : « *Chagas interiores devoravam-lhe (ou lhe devoravam) as entranhas; um fogo ardente queimava-o (ou o queimava) por dentro* » (6).

B) Nas proposições interferentes ou intercalares, ex. : « *A cortezia, lhe respondeu elle, é o sobrescripto* » (7). « *Debalde rogas, me responderam os anjos, porque nenhum...* » (8). « *Não te turbes, lhe disse, pondo nelle os olhos* » (9).

(1-2) REBELLO DA SILVA, obra cit.

(3) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia*.

(4) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(5) BITTENCOURT SAMPAIO, *Divina Epopéa*.

(6) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

(7) ROD. LOBO, *Côrte na Aldeia*.

(8-9) M. BERNARDES, *Liv. Classica*.

c) Nos infinitivos preposicionaes, ex. : « Para servir-vos, braço ás armas feito » (1). « Lucio Crasso, por lhe morrer uma lampreia... deitou dó » (2).

d) Nas expressões constituídas por infinitivo e um auxiliar modificativo, ex. : « Isto se pôde ver mui claramente » (3).

Esse phenomeno constantemente oecorre nas expressões cujo auxiliar é um dos verbos — *querer, dever, poder* e ás vezes *deixar, ir, vir*, em que a variação pronominal se antepõe ao auxiliar ou se pospõe ao infinitivo, ex. : « Si as effigies e os cultos dos grandes homens se devem perpetuar... » (4). « O mesmo philosopho me foi buscar com a lanterna » (5). « O principe, vendo el-rei, o viera ver á porta » (6). « É um absurdo pretender que as nações se deixem arrastar por uma cega fatalidade » (7).

Este deslocamento se pôde dar até na proposição negativa, ex. : « Elle não podia despregalos desses cahos infernaes das aguas » (8). « O mal não pôde ennojar-me » (9).

O que é raro é encontrar-se a fôrma pronominal entre os dous verbos, e assim não se deve dizer : « Elle vem me visitar, elle quer se instruir, eu posso te ensinar » por quanto a variação pronominal deve ser proclitica ao auxiliar ou eneli-

-
- (1) CAMÕES, *Lusiadas*.
 (2) MANOEL BERNARDES, *Sel. Literaria*.
 (3) F. DE ANDRADE, *A. Classicos*.
 (4) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.
 (5) C. DE OLIVEIRA, *Cartas*.
 (6) G. DE REZENDE, *Liv. Classica*.
 (7) MONT'ALVERNE, *Sel. Literaria*.
 (8) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (9) CAMÕES, *Obras completas*.

tica ao infinitivo, como : « *Elle se quer instruir ou quer instruir-se; elle me vem visitar ou visitar me* ». « *Tão grande era de membros que bem posso certificar-te que este era o segundo* » (1).

Contractão das variações pronominaes

As variações pronominaes *me, te, nos, vos, lhe, lhes*, nos verbos bi-objectivos, se contraem com as variações objectivas *o, a, os, as*, do seguinte modo :

me + o = m'o	}	nos + o = nol-o
te + o = t'o		vos + o = vol-o
lhe + o = lh'o		lhes + o = lh'o

A fôrma *se* sempre precede às outras fôrmas synelíticas, gerando as contractões : — *se me, se te, se lhe, se nos, se vos, se lhes*, ex. : « *Converte-se-me a carne em terra dura* » (2). « *Aqui se lhe apresenta que subia* » (3).

A fôrma *lhes* se assimila ao singular antes de *o, a, os, as*. Além disso este plural é posterior a Camões, tanto assim que neste e noutros escriptores *lhe* apparece com a dupla funcção de singular e plural, ex. :

« Vinde salvar estes pardaes castiços
Mas poupar-*lhe* as filhas delicadas » (4).

As variações *te, lhe, lhes, nos, vos*, postas encliticamente á 1.^a do plural, eliminam o *s* da ter-

(1-2-3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) BOCAGE, *Obras Poeticas*.



minação *mos*; ex. : *vimo-te*, *damo-lhe*, *judgamo-nos*, *cremo-vos*.

As variações *o*, *a*, *os*, *as* substituem por *l*, *o* *r*, *s* ou *z*, das fórmãs a que se agglutinam encliticamente, ex. : *amal-o*, *vimol-o*, *cil-o*, *dil-o-á*, *fal-o*.

Essas mesmas variações, postas encliticamente nas 3^{as} do plural, *podem* assumir um *n* euphonico, como : *vendem-no*, *chiamam-nos*, *faziam-nas*, ex. : « *Traziam-na os horrificos algozes* » (1).

SINTAXE LITERARIA

Syntaxe literaria ou estylistica é o tratado do estylo nas suas diversas manifestações.

Estylo é o modo original, proprio e peculiar a cada individuo na expressão do pensamento.

Como nota caracteristica da personalidade literaria, o estylo é innato ao individuo; mas aperfeiçoa-se e corrige-se, á proporção que o individuo se exercita no conhecimento da lingua e no cultivo de seus principaes escriptores.

A syntaxe é um processo geral; o estylo é um processo individual : este, pois, se subordina a aquella.

A syntaxe literaria estuda a fórmula exterior e artistica da expressão, de accordo com as condições individuaes e a natureza do assumpto.

(1) CAMÕES, *Lusíadas*.



Toda fôrma de expressão se diz :

λ) **Precisa**, desde que o pensamento seja expresso mediante palavras apropriadas e ao mesmo tempo com brevidade e justeza.

ρ) **Concisa**, desde que seja expresso apenas com o numero de palavras estritamente necessarias á comprehensão do assumpto.

c) **Prolixa**, ou *diffusa*, desde que o pensamento seja expresso por mais palavras do que as necessarias, isto é, a mesma idéa esteja desenvolvida, explanada por palavras, mais ou menos equivalentes.

δ) **Correcta**, desde que as palavras e as proposições estejam de accordo com as normas grammaticaes impostas pela lingua vernacula (1).

As fôrmas de expressão

Todo pensamento se exprime por palavras cuja contextura constitue a fôrma de expressão.

Duas são as fôrmas de expressão : a prosa e o verso.

Prosa é a fôrma de expressão não sujeita á medida regular, isto é, a um certo numero de syllabas e ao rythmo.

A prosa diz-se solta ou poetica.

(1) As denominações de estylo **asiatico**, **rhodio**, **attico** são velharias da antiga rethorica ; estão, pois, em desaccordo com as doutrinas modernas e nada significam.



A prosa solta ou corrente é a linguagem fluente, simplesmente expressa, ex. :

« *Os factos que principalmente caracterizam a evolução da Renascença na Europa são o predomínio do commercio e da industria sobre todos os factos sociaes e o predomínio da arte sobre todos os phenomenos da intelligencia* » (1).

A prosa poetica é a linguagem ornada, vibrante, em que se engrandece e exalta o assumpto, dando-se-lhe certo colorido, vivacidade, harmonia e cadencia á expressão, ex. :

« *Era por uma destas noites vagarosas do inverno, em que o brilho do céu sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragozas do oceano é absoluta e tetrica* » (2).

Verso é a fórmula de expressão sujeita á medida regular, isto é, ao rythmo e a um certo numero de syllabas.

O verso póde ser rimado ou solto.

O verso rimado é aquelle em que ha conformidade na terminação das palavras finaes de cada um, ex. :

« *Ha duas cousas neste mundo santas :
— O rir do infante, — o descansar do morto.
O berço — é a barca que encalhou na vida;
A cova — é a barca do siderio porto...* » (3).

(1) R. ORTIGÃO, *Prefaciô aos Lusíadas*.

(2) A. HERCULANO, *Eurico*.

(3) CASTRO ALVES, *Esp. Fluctuantes*.



O verso solto é aquelle em que não ha conformidade na terminação das palavras finaes, ex. :

« Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres! — Saudade! » (1).

Figuras de Syntaxe.

Chamam-se figuras syntacticas as modificações que, aparentemente irregulares, occorrem no organismo das proposições, para maior effeito e elegancia da expressão.

Comquanto lhes seja improprio o nome de figuras, por serem factos syntacticos proprios ao estylo individual, entretanto persiste-lhes o titulo, por ter a saneção do tempo e do uso geral. Operam-se estas modificações por tres processos geraes — omissão, excesso e transposição de palavras.

FIGURAS DE SYNTAXE	}	omissão	{ Ellipse Zeugma Assyndeto Reticencia Syllepse
		excesso	{ Pleonasmio Repetição Polysyndeto Particula decorativa
		transposição	{ Anastrophe Hyperbato

(1) A. GARRETT, *Camões*.



Ellipse é a omissão de uma ou mais palavras que, facilmente **subentendiveis**, apenas se tornam necessarias á integração *analytica* da proposição, ex. :

« No mar tanta tormenta, tanto damno
Tantas vezes a morte aperebida » (1).

« Faça-se como Baccho determina (*que se faça*) » (2).

« Não ha mais novidade que (*não seja*) arder o palacio do Lavra » (3).

Zeugma é a omissão de uma ou mais palavras, geralmente verbos só ou com os seus adjuntos por já terem sido expressas em proposição proxima — anterior ou posterior, ex. : « A moral legisla para o homem; o direito (*legisla*) para o cidadão » (4).

« O sol, *perdendo* o brilho e a natureza,
Não luz; mas puro fogo *ha de accender-se*,
Como o fogo sagrado que se prende
Nas cortinas do templo » (5).

« Ali então, livres (*voam*) as mãos, livres (*voam*) os olhos, livres *voam* as palavras » (6).

« Todos tres obraram generosamente : Pythias, sujeitando-se ao perigo; Damão, entregando a vida » (7).

Asyndeto é a omissão de elementos **connectivos** ou palavras de ligação, representados por **preposições** ou **conjuncções**, ex. : « Trajava de setim escuro, (*com*) fitas nas nas madeixas, (*com*) diamantes nas orelhas, (*com*) um laço nos ca-

(1-2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) A. GUSMÃO, *apud Anth. Nacional*.

(4) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.

(5) GONÇALVES DIAS, *Poesias*.

(6-7) P. M. BERNARDES, *Nova Floresta*.



bellos, envôlta em uma capa alvadia e roçagante » (1).

« Era uma moça fraizina,
Bella visão matutina
Daquellas que é raro ver :
(*de*) Corpo esbelto, (*de*) collo erguido,
Molhando o branco vestido
Nas rosas do amanhecer » (2).

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar robusta e válida
De disforme e (*de*) grandissima estatura » (3).

« As flores d'aldêa são puras e bellas
(*de*) Suaves aromas, (*de*) vivissimas côres » (4).

« Mas já que as aguias lá no sul tombaram
E (*já que*) os filhos d'aguia o poder esquece,
E' grande, é nobre, é gigantesco, é santo!
Lança a esmola e colhereis a prece » (5).

« Do actual para o seguinte esperamos (*que*)
seja mais breve » (6).

« Não te esqueças de mim quando á tardinha
Se cobrirem de nevoa as serranias
E (*quando*) na torre alvejante o sacro bronze
Docemente soar nas freguezias » (7).

« Eis (*que*) nisto sobrem o pae turbado » (8-9).

(1) C. CASTELLO BRANCO, *apud Anth. de F. Barreto.*

(2) TOBIAS BARRETO, *Poesias.*

(3) CAMÕES, *Lusiadas.*

(4) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme.*

(5) C. ALVES, *E. Ftuctuantes.*

(6) FRANC. DE CASTRO, *Propedeuctica.*

(7) F. VARELLA, *Obras Poeticas.*

(8) G. DIAS, *Obras Poeticas.*

(9) O asyndeto dos connectivos subordinantes, isto é, os relativos e as conjunções subordinativas, torna-se frequente nas



Reticencia é a omissão propositada ou intencional de uma ou mais palavras que se não querem ou se não devem exprimir, ex. : (*)

« Quem quer vae... » « Agua molle em pedra dura... » « — Mas, Snr. Juiz... » « — Nem mas nem meio mas, entregue o filho, sinão cadêa » (1).

« Mas morra enfim nas mãos das brutas gentes Que pois eu fui... e nisto de mimosa... » (2).

« Porque os frades... repetiu em voz baixa o velho sem concluir » (3).

Syllepse é a omissão do termo fundamental ou expressão com que se tem de effectuar latentemente a concordancia, de sorte que as palavras expressas passam a ser **apostos**, ex. : « E quasi vós e eu (*nós*) estavamos em um mesmo pensamento » (4). « Todos os filhos de Adão, padecemos as nossas mutilações e fealdades » (5). « Eis ali o que eramos, (*nós*) as gentes antes da lei evangelica » (6).

Este é que actualmente deve ser o conceito da syllepse, conforme o que estatuímos á pagina 153.

proposições subordinadas que se ligam a outra anterior de *igual categoria* mediante conjunção coordenativa cuja presença lhe elimina a subordinativa, ex. : « Si a fama do amigo padece com razão ou (si) eu acho nelle defeitos reprehensíveis, corre-me obrigação de o avisar em secreto ». M. Bernades. Dizem-se então subordinadas *equipolentes*.

(*) A reticencia a que chamam os Gregos **aposiopése** é bastante usada nos proverbios e expressões sentenciosas em que apenas nos basta enunciar-lhes o começo, ex. : « Vintem poupado... (vintem ganhado) ».

(1) MARTINS PENNA, *Comedias*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) A. HERCULANO, *Hist. de Portugal*.

(4) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos*.

(5-6) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.



Pleonasma é o emprego de uma ou mais palavras que, embora desnecessárias ao sentido, no entanto reforçam e adornam o conceito da expressão, ex. : « Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, vistos *com os olhos*, palpados *com as mãos*, pisados *com os pés* » (1).

A adjectivação **intrinseca** e a manifestação da mesma idéa com palavras ou expressões **equivalentes** constituem elegantes exemplos de pleonasmos, principalmente no verso, exs :

« Houve tempo em que os meus olhos
Gostavam do sol *brilhante*
E do *negro* véo da noite
E da aurora *scintillante* » (2).

« E por memória eterna em fonte pura
As lágrimas *choradas* transformaram » (3).

« A matutina luz *serena e fria*
As estrellas do pólo já apartava... » (4)

« Ila dous mil annos, eu soluço um grito,
Eseuta o brado meu lá no infinito
Meu Deus, *Senhor, Meu Deus!* » (5).

Repetição é o emprego da mesma palavra ou expressão que, exercendo a mesma função, nenhum conceito novo confere ao sentido geral da proposição, ex. : « Pedi, *pedi* a graça ao Paecelste » (6). « Abri, *abri* estas entranhas, vêde (7), *vêde* este coração » (8). « Jámais, *jámais* mortal subiu tão alto » (9).

(1) P. A. VIEIRA, *Sermões*.

(2) G. DIAS, *Obras Poeticas*.

(3-4) CAMÕES, *Lusiadas*.

(5) ALVES, *E. Fluctuantes*.

(6) B. SAMPAIO, *Divina Epopéa*.

(7) Nas correlações o adverbio *assim*, da proposição modal, repete-se elegantemente na *principal*, ex. : *Assim* como o fogo prova o ouro, *assim* a adversidade o amigo ». Fr. Heitor Pinto, *Comparações*.

(8) P. ANT. VIEIRA, *Sermões*.

(9) G. MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos*.



« Oh, piedade! *piedade!* exangue, fria
Grita a infeliz nas sombras d'agonia » (1).

« Corre a vida pressurosa
Como a rosa
Como a rosa, na corrente » (2).

Polysyndeto é o emprego de maior numero de conjunções do que o necessario á ligação das palavras e expressões, ex. :

« Tão formosa nos gestos se mostrava
Que as estrellas *e* o céo *e* o ar vizinho
E tudo quanto a via namorava » (3).

« *E* param cheios de temor ao longe,
E nem se atrevem a chamal-a *e* temem
« Que desperte assustada *e* irrite o monstro
E fuja *e* apresse no fugir a morte » (4).

« *E* vac *e* corre *e* luta *e* não se cança
aquelle coração » (5),

Particulas decorativas ou de realce são palavras, geralmente monosyllabicas, de natureza interjeccional, pronominal ou adverbial, que servem para ornar a phrase ou expressão, ex. :

« Oh quantas horas não gastei sentado
Sobre as costas bravias do Oceano » (6).

« Não *te* partas, não me fujas
Que a vida me foge *a mim* » (7).

-
- (1) FAG. VARELLA, *Obras Poeticas*.
(2) G. DIAS, *Obras Poeticas*.
(3) CAMÕES, *Obras completas*.
(4) J. BASILIO DA GAMA, *Uruguay*.
(5) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.
(6) F. VARELLA, *Cantico do Calvario*.
(7) G. DIAS, *Obras Poeticas*.



« Custou-me *a* eoutheecer-lhe as feições » (1).

« Ao avarente não *lhe* peço nada..., ao pobre não *lhe* devo, ao rico não *lhe* peço, ao vão nem o gabo nem o reprehendo... » (2).

« Que prantos *que* não regaram
As faces de D. Martinho » (3).

« Repousa *lá* no céo eternamente...
E viva eu *cá* na terra sempre triste » (4).

« Feliz *d'*aquelle que no livro d'alma
Não tem folhas escriptas... » (5).

Anastrophe é a transposição na ordem analytica das palavras na proposição, de sorte que se não acham no lugar em que o exigem a analyse e a successão natural das idéas, ex. :

« *Da lua* os claros rutilavam
Pelas argenteas ondas neptuminas » (6).

« *Do horror* a ferrea fria mão abate
E o sangue represado

Nas assustadas veias mal me bate » (7).

« *Terribilissimos* foram os sonhos que Deus mandou ao presbytero » (8).

« E, *da esp'rança* que eu via tão donosa
Sorrir dentro em minha alma, *as longas azas*,
Doido e nescio cortei » (9).

Hyperbato é a transposição na ordem analytica das proposições dentro do periodo, de sorte

(1) A. HERCULANO, *Monge de Cister*.

(2) P. M. BERNARDES, *Nova Floresta*.

(3) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.

(4) CAMÕES, *Sonetos*.

(5) ALVARES DE AZEVEDO, *Obras Poeticas*.

(6) CAMÕES, *Lusiadas*.

(7) P. CALDAS, *Poesias Sacras*.

(8) A. HERCULANO, *Eurico*.

(9) G. DIAS, *Obras completas*.

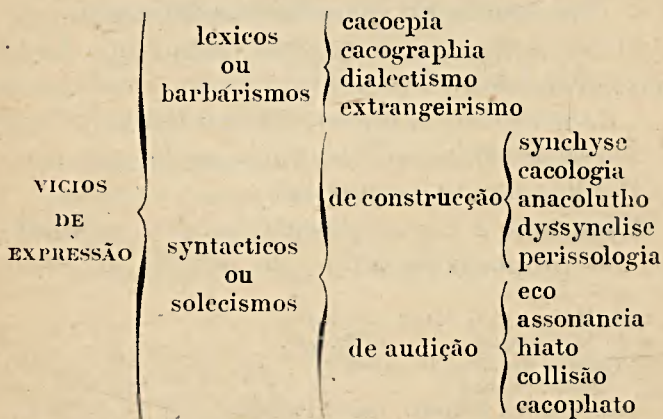
que não occupam o logar que lhes assignala a analyse, ex. : « *Que naveguemos todos é preciso* » (1). « *Que os tribunaes não podem rever os actos politicos, não contestei, não contesto* » (2). « *Mais do que a infancia desamparada, os ricos devem venerar D. Bosco* » (3).

Vícios de expressão.

Dá-se o nome de **vícios de expressão** ou de linguagem a quaesquer incorrecções no modo por que nos utilizamos das palavras em si mesmas ou no modo de construil-as nas phrases, infringindo a syntaxe e a esthetica da lingua.

Estas incorrecções ou vícios se dizem **barbarismos** quando se referem á palavra ou vocabulo tomado isoladamente; **solecismos**, quando se referem ás palavras, tomadas **collectivamente**, isto é, dispostas no corpo da proposição.

Os vícios são, portanto, **lexicos** ou **syntacticos**.



(1) P.^o MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(2) RUY BARBOZA, *Est. de Sítio*.

(3) P.^o JULIO MARIA, *Livro do Centenario*.

Vícios lexicos.

Cacoepia ou corrupção prosodica é a incorrecção na pronuncia dos vocabulos ou palavras, observada entre o povo, geralmente nos individuos analphabetos e nos estrangeiros, ex. :

trabaíar	por	trabalhar
téve	—	esteve
ad(e)vogado	—	advogado
diguini dade	—	dignidade
questã	—	questão
pantáno	—	pântano
Jupitér	—	Júpiter
amare	—	amar
quale	—	qual

Cacographia é a incorrecção no modo por que está graphada ou escripta a palavra, contrario ao uso geral, sancionado nos melhores lexicos, conformes com a tradição da lingua, ex. :

GRAPHICA INCORRECTA

GRAPHICA CORRECTA

Sachristão	por	sacristão
categoria	—	categoria
posthumo	—	postumo
thesoura	—	tesoura
satyra	—	satira
lyrio	—	lírio
estygma	—	estigma
faser	—	fazer
visinho	—	vizinho
caza	—	casa
roza	—	rosa
Nictheroy	—	Niteroy
orgão	—	organ
sotão	—	sotam
Christovão	—	Christovam
Estevão	—	Estevam
tam	—	tão
sam	—	são



Dialectismo é o emprego de palavras que, de origem popular, se usam apenas em certas zonas do territorio em que se fala a lingua, de sorte que se desconhecem em outras, ex. : *xingar* = insultar; *jabá* = carne secca; *curau* = matuto; *pitar* = fumar; *esbodegar* = destruir; *girau* = eama de varas; *pacova* = banana; *encalistrar* = envergonhar (1), *chimar* = cobiçar a comida com os olhos, ex.: « Helio estava atordoado com as auditorinhas que assustadas *babatavam* pelas paredes » (2).

Extrangeirismo é o emprego de palavras que, tomadas ás linguas estrangeiras, ainda se não encorporaram ao ebedal ou vocabulario da lingua, ex. : *guirlanda* por grinalda, *elite* por escol, *soirée* por sarau, *abat-jour* por quebra-luz ou lucivelo, *menu* por cardapio, *avalanche* por alude, *penivel* por penoso.

A muitos de que necessitamos não correspondem palavras ou vocabulos vernaculos; e, tornando-se por isso aecessiveis, os devemos graphar conformes com a nossa prosodia, ex. : *bonde*, *matiuê*, *quiniela*, *fiasco*, *vagão* (wagon), *valsa*, *revólver*, *mazurca*, *garage*.

O extrangeirismo se diz gallicismo, italianismo, anglicismo, hespanholismo, etc., conforme a origem do vocabulo de que nos utilizarmos.

Mais do que os outros extrangerismos (3), têm

(1) Vêde a theoria dos Dialectos.

(2) FABIO LUZ, *Virgem Mãe*.

(3) Muitas construcções que passam por gallicismos existiram na lingua portugueza *antiga* que as esqueceu, enquanto se perpetuaram na lingua franceza a cuja syntaxe se encorporaram.

influido no portuguez os gallicismos; e, em virtude da influencia da literatura franceza, até construcções occorrem imitantes a syntaxe franceza, ex. : navio *a* vela; equação *a* duas incognitas, redactor (em) chefe; rogo *de* fazeres; *se* o nota, e outras que não devemos adoptar.

Vícios syntacticos.

(DE CONSTRUCCÃO.)

Synchyse é a obscuridade que, resultando da posição defeituosa das palavras, communica á phrase ou expressão sentido duplo ou inintelligivel, ex. : « Viu Alexandre Apelles namorado » (1).
« Heitor Achilles chama a desafio » (2).

« Encosta-se no chão, *que* está cahindo
A *cidreira* com os pesos amarellos » (3).

« Entre os mortos, da noite e céo *queixosa*,
O cadaver amado infelizmente
Busca a que foi de Batrão *amada esposa* » (4).

« O primeiro homem, na geral lembrança,
A tradição dos velhos mais antigos
Antes do grão diluvio não *alcança* » (5-6).

Cacologia é qualquer erro de construcção em que se transgridam as regras da syntaxe, origi-

(1-2-3) CAMÕES, *Obras completas*.

(4) SÁ DE MENEZES, *Malaca Conquistada*.

(5) S^{ra} RITA DURÃO, *Caramurú*.

(6) A synchyse constitue a *ambiguidade* ou *amphilologia*, quando a phrase ou expressão offerceer dous sentidos ou interpretações, como no 1.º e 2.º exemplos.

nando-se expressões infensas á linguagem correcta, ex. : ir *na* cidade, por ir *á* cidade; *vende-se* livros, por *vendent-se*; para *mim* vêr, em vez de para *eu* vêr; *haviã* festas, por *havia* festas; comprei *elle*, em vez de comprei-o.

Muitos trechos ha de autores que se não devem imitar, por ser-lhes errada a construcção, ex. : « *Povoaram* (em vez de *poçoou*) os degraos muita sorte de gente que *pareciam* pobres (em vez de *parecia pobre*) » (1). « Pois que *houveram* (em vez de *houve*) varões dotados de tão alta fantazia » (2).

Anacolutho é a interrupção ou quebra da contextura da phrase, de sorte que fica uma palavra ou expressão syntacticamente desligada e sem função a exereer, ex. : « *A guerra*, este é o maior flagello do mundo moral » (3). « O somno ou a vigilia que me importa esta ou aquelle? » (4). « E o *menino* que nella vivia, que é feito d'elle » (5).

Na suas excellentes *Cartas philologicas*, no « Correio da Manhã » de 19 de Junho de 1910, discorreu o joven e já erudito philologo Mario Barreto sobre as condições em que em portuguez se opera o anacolutho, amparando a doutrina com farta documentação haurida nos principaes escriptores.

Entre outros exemplos seus, deu-nos os seguintes : « *Os leprosos* cae-lhes o cabelo, porque o humor excrementoso lhe roe as raizes... » (M. Bernardes); « *Eu* quasi que tambem já se me pega o mal » (Almeida Garrett); « *Tua mãe* não ha idade nem desgraça que lhe amolgue a indole rancorosa » (Camillo).

-
- (1) FR. LUIZ DE SOUZA, *apud Carneiro*.
 (2) D. DE GOES, *Chronicas*.
 (3) P. J. A. DE MACEDO, *Sel. Literaria*.
 (4) A. HERCULANO, *Eurico*.
 (5) C. NETTO, *Selecta de A. Pinto*.

Dyssynclise é a infração das regras de collocação das variações pronominaes *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as*, em desaccordo com a maior parte dos escriptores e estylistas mais seguidos, ex. : « Considerando o paiz pacificado, traçou Mem de Sá o plano da nova povoação e cidade, cuja construcção fôra *lhe* de Lisbôa re-commendada ». (1) « Para que V. S.^a não pense que minto, *lhe* conto uma historia » (2).

« Eis aqui o logar onde eclipsou-se
O meteoro fatal ás regias fronte » (4).

« Oh, fui um doudo que segui teus passos
Que dei-*te* em versos da belleza a palma » (4).

« Nas rugas da fronte fatidica e rude
Não tinham-*lhe* as rosas de longa virtude
Do tempo os vestigios lavado em perfume » (5)

« Eu soltarei-*te* os cabellos,
Quero em teu collo sonhar » (6).

« Vac triste o vivente que a fronte abatida
Os olhos na terra, não volve-*os* aos ceos » (7).

« Embora malhos de tortura infame
Quebrem-*me* os ossos no medroso equuleo » (8).

« Ora falemos sério, que o assumpto me-
rece-*o* » (9).

(1) J. M. PEREIRA DA SILVA, *apud Prosadores Brasileiros*.

(2) MARTINS PENNA, *Comedias*.

(3) G. MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos*.

(4-5) FAGUNDES VARELLA, *Obras completas*.

(6) A. DE AZEVEDO, *Obras Poeticas*.

(7) M. PORTO ALEGRE, *Brasilianas*.

(8) GONÇALVES DIAS, *Obras Poeticas*.

(9) A. F. DE CASTILHO, *Conversação Preambular*.

As dyssynclises são factos constantes nos nossos poetas e prosadores do periodo romantico, á excepção de Gouçalves Dias, em que raro se notam.

Depois de estudadas e systematizadas, actualmente sob o criterio da disciplina grammatical, consoante com os principaes modelos classicos, a maior parte dos nossos homens de letras e cientistas já se esforçam em collocar acertadamente as variações pronominaes, obedecendo á historia e á tradição da lingua, a exemplo dos escriptores portuguezes que, ainda no proprio verso, quasi jámais claudicam em dyssynclises infensas á vernaculidade da legitima syntaxe.

Perissologia é o emprego de palavras e expressões inteiramente superfluas que, ao envez de tornar elegante e reforçar o conceito da plirase, como o pleonasmio, antes o enfraquecem e o desaformoseam, ex. : *prauto de choro*, mas *porém*, preferir *mais* ou *antes*, subir *para cima*, descer *para baixo*, hemorragia *de sangue*, « pensar *mentalmente* » (1).

A perissologia é o pleonasmio vicioso, deselegante, como se observa em varios escriptores da escola gongorica do seculo XVII, nos actuaes *nephelibatas* e no falar do vulgo.

« Dezembro, noite, canta o galo
Rouco na treva, *canta o galo*
Oh dor, *oh dor!* »

. :

« Pobres *de pobres* são *pobreziuhos*
Almas sem lares, aves sem ninhos (2).

« Mas si emtanto lusitano imperio
Na Libya ardente em sangue submergido » (3).

« Ninguem *nuuca jámais* a Deus *não viu* » (4).

(1) *Petit Larousse.*

(2) G. JUNQUEIRO, *Os Simples.*

(3) S^{ta} RITA DURÃO, *Caramurú.*

(4) BITENCOURT SAMPAIO, *Divina Epopéa.*



« Mas *porém* de pequenos animaes
Do mar, todos cobertos cento e cento... » (1).

« D'ambos *de dous* a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha » (2).

Vícios syntacticos.

(DE AUDIÇÃO.)

Eco é a reflexão de som prosodico occasionada por um vocabulo cujo thema ou raiz reproduz na audição a desinencia de vocabulo anterior, ex. : quando *ando*, á janella *ella*, quem *em*, os finos *hymnos*, visto *isto*, ex. :

« Quem *tem* ao lado um punhal
Quem *tem* no peito eiumes » (3).

« Dobrado *brado* os valles repetiam » (4).

« Com finos *hymnos* e matinos *trinos*
Gorgeiam aves no romper d'aurora » (5).

« Dom *donzel*, onde é que está el-rei?... » (6).

As obras e não a *duração são*

A media certa da vida humana (7).

Assonancia é a semelhança ou igualdade na terminação de vocabulos que proximamente collocados occasionam uma especie de rima dentro da phrase, ex. : « Não foi, porem, só nesta *aeção* que se assignalou Dona Clara Camarão... » (8).

(1-2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) G. DIAS, *Obras Poéticas*.

(4-5) Nos 4.º e 5.º exemplos, como vemos, constituia o eco, nos antigos poetas parnasianos, um genero de verso de construeção difficil.

(6) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(7) *Monarchia Lusitana*.

(8) J. NORBERTO, *Selecta de A. Clemente*.



« Depois de lhe dar é que lhe *deu*, parece que se arrependeu a fortuna... (1). Os pobres dão pelo pão o trabalho » (2).

Hiato é o coneurso de vozes, geralmente abertas que, embora pertencentes a vocabulos distinctos, se encontram desamparadas de eonsoantes intereurrentes, ex. : « Foi o aio á aula ». « Uni o lituo ao gladio, o antiste ao eonsul... » (3). « Veio de longe a semente, trouxe-a o tufão nas azas e atirou-a alli onde medrou » (4).

Collisão é o coneurso ou proximidade de eonsonaneias asperas, similares entre si, geralmente representadas pelos sons *ss* ou *c*, *rr*, *jj*, *pp*, na construeção da phrase, ex. : « Pery allucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das arvores, já cobertas de agua... » (5).

« Si tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já! » (6).

« Por este sitio pois passei ha poueo » (7).
« Bramindo o negro mar de longe brada » (8).

Cacophato é o eneoncontro de vocabulos ou palavras, formando aparentemente expressão desagradavel, ás vezes até de sentido ineonveniente : ex. : a boeca *della*, mas *ella*, eu já cá estava, como *ella*, exs. :

(1-2) VIEIRA, *Sermões*.

(3) A. PORTO ALEGRE, *Colombo*.

(4) JOSÉ DE ALENCAR, *O Gaúcho*.

(5) JOSÉ DE ALENCAR, *O Guarany*.

(6) CASIMIRO DE ABREU, *Primaveras*.

(7) *Cartas Chilenas*.

(8) CAMÕES, *Lusíadas*.

« *Alma minha gentil que te partiste*
Tão cêdo desta vida descontente... » (1)

« *Mas morra* enfim nas mãos das brutas gentes » (2).

« *Eu vou morrer, meu Deus! Já sinto* as trevas,
As trevas de outro mundo que me ceream! » (3).

« *Que quem não quer commercio busca guerra* » (4).

Eu sim devo morrer, pequei, mas ella
ha de morrer... pobre, coitada! » (5).

« *Então desenganas-me, desengana-me já?* » (6).

Os dialectos portuguezes

As modificações por que passa a lingua geral nas diversas zonas em que se fala dizem-se **dialectos**.

Essas modificações se referem á prosodia, á significação e ao uso de termos **regionaes**, isto é, apenas conhecidos em certas localidades, ex. : *jabá* = carne secca, *xingar* = injuriar, *pacova* = banana, *pitar* = fumar, *curau* = *caipira* = tabaréu = matuto, *girau* = cama de varas, *azular* = fugir, *banzar* = pensar, *encalistrar* = envergonhar.

A lingua portugueza conta quatro dialectos :

A) O **gallego**, que se fala na Galliza desde o seculo XII e representa um estadio, uma phase da lingua portugueza (7), permanente na tradição

(1-2) CAMÕES, *Obras Completas*.

(3) FAG. VARELLA, *Obras Completas*.

(4) CAMÕES, *Obras completas*.

(5) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.

(6) ALM. GARRETT, *apud M. dos Remedios*.

(7) No seculo XI havia duas linguas em Portugal : o **gallego** e o **aravio**, este falado ao sul do Mondego, aquelle ao norte.



popular em que se estagnam e cristalizam os usos antigos da linguagem.

B) O açoriano ou africo, que se fala na ilha dos Açores e nas possessões portuguezas na Africa.

c) O indo-portuguez, que se fala na India Portugueza; está cheio de termos inglezes e dinamarquezes e, segundo diz o notavel philologo P. Junior, tende a desaparecer ante a supremacia do inglez.

D) O brasileiro, que se fala no Brazil e se revela no uso de termos exclusivamente brasileiros e em certos processos de construcção irregular, proprios dos Brasileiros, principalmente nã tracto familiar, ex. : estar *ia* janella, isto é *para mim* ver, vi *elle* entrar, a pessoa *que* eu falei *com ella*, *tem* missa hoje.

Muitas palavras têm significação differente da que se dá em Portugal, taes como : puxado (a uma casa), a *obrigação* (familia), *babado* (orla de saia), *quitanda*. (venda de hortaliça), *azular* (fugir), *gereré* (rede de pescar), *quartão* o *pequira* = cavallo.

A dialectação brasileira mais se tem desenvolvido no sul do que no norte, principalmente nas fronteiras onde abundam, além de termos castelhanos, numerosas fórmãs dialectaes, ex. : « A savana se desfralda a perder de vista ondu-

Esses dous dialectos fundiram-se á proporção que se estabeleceu a unidade politica do territorio portugalense.

A lingua portugueza no Brasil sé opulentou com infinidade de vocabulos indigenas e africanos. José de Alencar e Gonçalves Dias foram os escriptores mais legitimamente representantes do indigenismo vocabular.



lando pelas *sangas* e *cochilas* que figuram as flutuações das vagas neste verde oceano » (1). « Robusto, apto para affrontar a furia do *minuano* (vento), pôde-se dizer que elle (o gaúcho) vive no dorso do seu cavallo, o *pingo* ou *bagual*, no seu originalissimo e bizarro dialecto popular » (2). « Tudo nelle é caracteristico : o *pala* de verão e *poncho* de inverno, a *goaiáca* á cintura de onde pende o facão e o trabuco ; *chiripá* franjado de lã ou as *bombachas* de sêda fina que caem até a joelheira das botas *rossilhonas...* » (3) (4).

Expressões equivalentes.

Para variar o estylo, além do recurso da synonymia, ha recursos syntacticos : assim o mesmo pensamento se pôde exprimir elegantemente por diversas expressões equivalentes, diversos typos syntacticos de igual funcção significativa.

(1) JOSÉ DE ALENCAR, *O Gaúcho*.

(2) Muitos vocabulos dialectaes se podem accitar e transmitir á gíria litteraria; as construcções dialectaes ao contrario, por quanto, sendo desvios e deslizes syntacticos, violentam e deturpam o espirito e genio da lingua.

(3) M. TEIXEIRA, *Hist. da Revolução do Sul*.

(4) Além de numerosos vocabulos regionaes, a lingua que se fala ao Norte está referta e enxertada de vocabulos indigenas, mormente quanto aos que concernem á flora, conforme nos attesta o seguinte trecho de um dos mais possantes talentos e insignes escriptores modernos, o Snr. Dr Alberto Rangel nos seus admiraveis trabalhos, como no *Enferno Verde*.

Oiçamol-o :

« O terral, pelas tardes, de Agosto, sopra sempre, abalando as *acapuranas* e *ingazeiras* das varzeas, as faveiras de floração arroxçada e os *jarás* de floração esbranquiçada dos *igapós*, os pennachos fascilados dos *urucuris* e *caranans*, os louros e *abioranas* serviçaes, os *uixys* e *umaris* de fructos sapidos, senhores estes da terra firme. »

Achamos melhor se digam expressões ou **typos syntacticos equivalentes** do que typos syntacticos **divergentes** : denominação que nos parece só exprime convenientemente o facto quando duas ou mais construeções correspondem a um só typo latino.

São divergentes pois, quando partem de um typo commum : são antes construeções parallelas, de que o escriptor se pôde utilizar éasual ou intencionalmente.

As expressões ou typos equivalentes representam para a syntaxe o que os synonymos para a lexiologia : essa é a opinião acceita por João Ribeiro e Pacheco com quem concordamos neste ponto.

As expressões equivalentes têm por factores principaes :

1.º Typos similares, ex. : *mais que* = *mais do que* = *não é sinão* = *é apenas*.

2.º A synonymia preposicional, ex. : *banhado de* = *banhado por* = *banhado em* = *banhado com*; *começar a* = *começar de* = *começar por*.

3.º Predicação verbal variavel, ex. : *subir a* = *subir por*; *habitar a* = *habitar em*; *saber a* = *saber de*; *mudar a* = *mudar de*; *gritar a* = *gritar por*; *puxar a* = *puxar de* = *puxar por*.

4.º Proposição reduzida e a conjuntiva, ex. : *julgo partires* = *julgo que partes*; *anoitecendo* = *logo que anoitecer*; *o primeiro a entrar* = *o primeiro que entra*.

5.º A voz activa e a passiva, ex. : *amam-se as flôres* = *as flôres são amadas*; *amamos as flôres*.

6.º O particípio presente e o infinitivo prepo-

sicional, ex. : estava *falando* = estava *a falar*; andar *gritando* = andar *a gritar*; ao *entenebreecer* = *entenebreecendo*.

7.º A predicação verbal e a nominal, ex. : *responder* por = ser *responsavel* por; *amar* = ser amante.

8.º A ordem das palavras, ex. : Mas o sol logo desapareceu no occaso = mas logo no occaso desapareceu o sol, etc.

Classificação do estylo.

Pelo estylo, diz Taine, julga-se o escriptor e, ainda que dous individuos escrevam no mesmo estylo, sempre ha certo sabor individual, certa physionomia propria, peculiar a cada um d'elles.

Mas póde succeder que muitos escriptores modelem os seus pensamentos em normas mais ou menos similares, mais ou menos uniformes, variando apenas segundo as condições individuais.

Esse caracter commun e geral nas diversas obras literarias constitue o que se chama *escola literaria* (1).

De accordo com a epoca em que floresceram as escolas literarias, o estylo se diz *arcaico*, *classico* e *contemporaneo*.

O estylo *arcaico* se revela desde os primeiros momentos em que o portuguez assumiu a fórma escripta e se estende até os fins do seculo XV.

(1) Sobre o que seja *escola literaria*, acha-se a verdadeira concepção na 2.ª serie dos *Estudos Brasileiros*, do escriptor José Verissimo.



O estylo **classico** começa no scenlo XVI e caracteriza-se pelo grande numero de vocabulos importados do latim e pelo castigado e arrevezado da phrase, entrecortada de muitas conjunções, ex. : « De maneira que tudo quanto deve ter una cidade muito nobre e muito rica, tanto se achá d'estas cercas para dentro em muita abundancia, e em muitas cousas de muita vantagem, porque os mais d'estes presos têm aqui comsigo suas mulheres e seus filhos, a que elrei dá casa, conforme a familia que cada um tem » (1).

O estylo classico, principalmente do periodo quinhentista, é ordinariamente pesado; entremean-lhe as asserções connectivos que, ligando-as mutuamente, tiram aos periodos a elegancia, a mobilidade, a leveza immanentes aos idiomas modernos.

A maior parte, pois, dos periodos classicos já não nos devem servir de modelos, porque destoam das condições geraes da lingua portugueza, na sua phrase contemporanea.

Antes do advento do estylo contemporaneo appareceu o estylo **gongorico**, que tambem se chama **culteranismo**, **marinismo**. E o estylo da decadencia literaria e se caracteriza pelas repetições de palavras, trocadilhos, antitheses disparatadas, metaphoras turgidas, ex. : « Affonso e Beatriz geram em Pedro sua imagem e semelhança. Pedro é de sens paes; este foi ditoso em que teve paes, de que mereceu ser filho, aquelles em ter um filho de que mereceram ser paes : de um e outro é a felicidade e a sorte dos paes, por-

(1) LUCENA, *Liv. Classica*.



que se apresentam em tão bom filho, do filho, porque é imagem de seus paes » (1).

« Já não se tolera mais, diz Candido Jucá, o estylo gongorico, a linguagem turgida, a expressão engommada, o gesto rhetorico, pedantesco, vazio. A dicção ha de ser simples e natural, embora suggestiva e eloquente, intensa e vibrante » (2).

O estylo contemporaneo data dos fins do seculo passado e, ao mesmo tempo que se afastou dos moldes classicos, imprimiu á phrase a ordem directa, propendendo mais para a phrase de coordenação, ao passo que no estylo classico prepondera a de subordinação.

Esse estylo assumiu dous aspectos : o **romantico** e o **naturalistico**, segundo as duas escolas modernas de literatura.

A escola romantica, cujos representantes na Franca foram Victor Hugo, Chateaubriand e Lamartine, reflectiu-se em Portugal na extraordinaria personalidade de Alexandre Hereulano, A. Garrett, Castilho, Rabello da Silva e outros, ex. : « Uma nuvem de settas respondeu ao sibilar das dos esculcas arabes ; algumas das fitas de escumas ondecaram, derivaram pela corrente e desvaneceram-se no dorso escuro e scintillante das aguas. O Chryssus recolhia os primeiros despojos de um terrivel combate » (3).

Quanto á escola romantica no Brasil, excellentes tres vultos literarios — Gonçalves Magalhães,

(1) F. H. DE NORONHA, *Exemplar Poetico*. Apud Pacheco e Lameira.

(2) CANDIDO JUCÁ, *Vida Paradoxal*.

(3) A. HERCULANO, *Eurico*.

Gonçalves Dias e Castro Alves : o primeiro a iniciou; o segundo a elevou ao maior esplendor literario, o terceiro a fechou, resvalando-a para o gongorismo, comquanto houvesse sido um dos nossos mais excellentes poetas.

A escola naturalistica, estreada na França por Balzac, e depois por Flaubert, Zola, vac conquistando adeptos no Brasil, comquanto muitos a exagerem, transfigurando-a, corrompendo-a, como o Sr. Julio Ribeiro na *Carne* que, segundo a opinião do Sr. José Verissimo é « o parto monstruoso de um cerebro artisticamente enfermo » (1).

O estylo contemporaneo, nos seus dous aspectos, caracteriza-se pela preferencia da phrase de coordenação, por uma adjectivação frequente, periodos pouco extensos symetricos e cadenciosos, inversões syntacticas pouco frequentes, de modo que se não obscureça a intelligencia e a comprehensão do assumpto.

Ha uma nova escola, mais da poesia do que da prosa : é a **decadente** ou **nephelibatica**, cujo estylo, offerecendo semelliança com o gongorico, se caracteriza pela repetição e repisar das idéas, o emprego de fórmulas arcaicas, de diminutivos, de alliteraões e assonancias, de sorte que a expressão se reveste de certo ar de simplicidade e singeleza.

Esta escola, iniciada na França por Baudelaire, Paul Bourget, François Coppée, tem como representantes em Portugal Guerra Junqueiro e outros. Alguns poetas brasileiros tambem nos elaboraram producções adscriptas aos moldes

(1) JOSÉ VERISSIMO, *Estudos Brasileiros*.



desta escola de que tanto abusou Cruz e Souza, um dos seus mais ardentes proselytos.

Basta-nos lermos *Os Simples* de Guerra Junqueiro para termos uma idéa de estylo decadente, ex. :

« Dezembro, noite, *canta o galo...*
 Roueo na treva *canta o galo...*
 — Oh, *dor!* oh, *dor!*
 Aldeão, não durmas!... vae chamal-o
 Misera negra, *vae chamal-o!*
 Oh *dor!* oh *dor!*... » (1).

.....

« *Pobres de pobres são pobrezinhos,*
 Almas *sem lares,* aves *sem ninhos...*
 Passam em *bandos,* em *aleatêas*
Pelas herdades, *pelas aldêas* » (2).

O estylo, segundo o genero literario ou assumpto em que se exercee, se classifeca em familiar, epistolar, didactico, descriptivo, historico, oratorio, official, academico, politico ou parlamentar, forense, laudativo, critico, biblico, etc.

Para não alongarmos o nosso compendio, basta-nos apenas dar um exemplo de algumas destas modalidades de estylo.

Cada modalidade de estylo tem os seus caracteres proprios, que mais se conhecerão practicamente do que theoreticamente.

(1-2) GUERRA JUNQUEIRO, *Os Simples*, pags. 95 e 101.



Especimens de estylo.

ESTYLO FAMILIAR

« Sentaram-se perto da mesa, e disse o senhor da casa :

— Pesa-me que não viesseis mais cedo, que me poderíeis acompanhar neste trabalho tão necessário da velhice; mas, si ainda verdes na mesa alguma cousa de vosso gosto, lançae mão d'ella, que de mistura achareis a minha boa vontade... »

(RODRIGUES LOBO — *Côrte na Aldeia*).

ESTYLO EPISTOLAR

« *Ao Marquez de Gouvêa*

Excellentissimo Senhor,

Como outras das que eserevo nesta occasião a Vossa Excellencia são de differentes materias, seja esta toda ecclesiastica.

Chegou o nosso Areebispo, quando já se não esperava á sua visita este anno; antes se suspei-tava que a efficacia do mesmo patrocínio, que o promoveu a esta Mitra, era a que o dilatava, para que, sem passar o mar, chegasse ao Porto ».

(P^o ANTONIO VIEIRA — *Apud Seleccção Literaria*).

ESTYLO DIDACTICO

« Durante o trabalho da digestão o estomago conserva-se perfeitamente fecliado nas duas ex-



tremidades, isto é, superiormente pelo anel do esophago, chamado *cárdia*, e inferiormente por outro anel, denominado *pyloro*, que significa *porteiro* na lingua grega ».

(HILARIO RIBEIRO — *Lições no Lar*).

ESTYLO DESCRIPTIVO

« A cidade é um conjunto de habitações, mais ou menos alinhadas, dispostas em ordem, nas quaes vive uma multidão de individuos sujeitos a uma mesma autoridade civil.

As casas, elemento primeiro das cidades, grupam-se em ruas, as ruas em arrabaldes.

Muitas ruas apresentam alargamentos em seu percurso : são as praças. Certas praças já existiam anteriormente ás ruas e as casas em geral offerecem maiores dimensões do que as outras, taes são a praça da Republica e de Pedro I, na nossa cidade. »

(DR. ALFREDO GOMES — *Descrições e Cartas*).

ESTYLO HISTORICO

« *Descoberta e conquista de Sergipe*

O territorio de Sergipe era comprehendido na doação que El-Rei D. João III fez da capitania da Bahia a Francisco Pereira Coutinho, a 5 de Abril de 1534, cujo foral foi passado a 26 de Agosto do mesmo anno, doação que se estendia, em distan-



cia de cincoenta leguas, da barra do rio S. Francisco á ponta da bahia de Todos os Santos ».

(DR. FELISBELLO FREIRE — *Historia de Sergipe*).

ESTYLO ORATORIO

« Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflietiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos e cujos degráos descí só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro ».

(FR. FRANCISCO DE MONT'ALVERNE — *Sermões*).

ESTYLO BIBLICO

« E, quando se completavam os dias de Pentecostes, estavam todos juntos num mesmo lugar.

E de repente veiu do Céu um estrondo, como de vento que soprava com impeto, e eneheu toda a casa onde estavam assentados.

E lhes appareceram repartidas umas como linguas de fogo, que repousaram sobre cada um delles ».

(P^o ANTONIO P. DE FIGUEIREDO — *apud Fr. D. Viera*).



PARTE IV

SEMILOGIA

Semiologia é o tratado da significação das palavras, em todas as suas manifestações (1).

A semiologia ou semasiologia estuda as palavras :

A) Como signaes necessarios á expressão das idéas;

B) Como signaes de idéas, susceptíveis de diversas acepções no seu conceito sob a acção dos tropos.

A semiologia, pois, divide-se em semantica e tropologia.

SEMANTICA

Semantica é o tratado da significação das palavras e das mutações ou alterações de sentido, que podem experimentar no tempo e no espaço, impostas pela evolução da lingua.

(1) A systematização da semiologia é toda nossa, pois ninguém, mais do que nós, lhe deu maior desenvolvimento, tornando-a um corpo de doutrina.



A significação.

Significação é a idéa, o conceito logico a que a palavra serve de signal.

As palavras, attinente á sua significação, dizem-se **termos** que podem ser **mononymos**, **polynonymos**, **synonymos** e **antonymos** (1).

A significação se divide, segundo está exarado neste schema :

Significação	}	propria
		translata
		etymologica
		technica
		historica

Significação **propria** é aquella para que a palavra está destinada pelo uso mais geral e de accordo com os lexicos, ex. : *dente*, *bôca*, *pé*, *braço*, *barriga* (partes do corpo).

Significação **translata** é aquella que a palavra assume por uma dilatação no seu conceito, segundo a accêpção em que se acha, ex. : *pé* (de vento), *braço* (de rio), *barriga* (da parede), *bôca* (da noite), *dente* (de serra).

Significação **etymologica** ou **lexiogenica** é aquella que se deduz dos elementos organicos, constitutivos da palavra, ex. : *e* + *migr* + *ação*, *com* + *bat* + *er*, *pro* + *pell* + *ir*, *bio* + *logia*.

(1) Dizem-se **mononymos** os termos ou palavras que apenas se limitam á expressão de **uma idéa** ou relação, ex. : *hoje*, *posto que*, *ar*, *sombra*, etc.; **polynonymos** os que se prestam á expressão de **mais de uma idéa**, ex. : *montar*=cavalgar, *montar*=orçar, *montar*=fundar, *montar*=subir.

A significação etymologica é a somma de cada uma das significações expressas pelos elementos organicos da palavra, modificando-se mutuamente para exprimir um conceito, isto é, a significação fundamental da raiz se modifica e se esclarece sob a acção das relações expressas pelos affixos

Significação **technica** é a significação propria aos termos das sciencias e das artes, geralmente ignorados por quem não as professa, ex. : *disphoria, paregorico, cacuminal, catacaustica, emphyteuse, antichrese, holpodes, orthodromia, otite, otoscopio, aerostato*, etc.

Significação **historica** é a que se deduz de certos e determinados factos sociaes, ex. : *berlinda* (carruagem feita primeiramente em Berlin), *macadam* (systema de calçada inventado por Mac-Adam), *pecego* (o fructo de origem persica).

Na significação historica o objecto tira o nome do inventor ou do lugar em que foi fabricado, ex. : *calepino, magnolia, camelia, nicotina, cognac, guillhotina, nankin, dunkerque, damasco, casemira, caraçau*, etc.

São elementos historicos os diversos adjectivos, derivados de nomes personativos celebres, ex. : *camoneano, lugoniano, socratico, machiavellico, homerico, dantesco*.

Alteração semantica.

Alteração semantica ou semiologica é a mudança definitiva que se effectua na significação da palavra no tempo e no espaço, isto é, de um para outro periodo da lingua, ou de uma para outra zona.

A alteração se diz :

A) **Meliorativa**, desde que a palavra passe a ter significação mais nobre, ex. : *testa* era *caco de pote* e hoje é *fronte*;

B) **Pejorativa**, desde que a palavra passe a ter significação menos nobre, isto é, se corrompa significativamente, ex. : *mazella* era *dôr, afflicção* e hoje *ferida, chagas, humores*.

A significação antiga diz-se **arcaica** ou **dynamica**; a moderna diz-se **actual** ou **estatica**.

SIGN. DYNAMICA

testa = caco de pote
 britar = quebrar
 catar = olhar
 comprido = cheio
 entender = pretender
 peça = tempo
 forte = valente
 valido = sadio
 torto = damno
 vivenda = modo de vida
 brocha = peça da armadura
 contrariar = lutar
 attender = esperar
 mazella = dor
 saude = salvação
 perna (de porco)

SIGN. ESTATICA

testa = fronte
 britar = quebrar pedras
 catar = procurar
 comprido = longo
 entender = saber
 peça = mola, etc.
 forte = rijo, poderoso
 valido = dotado de valor
 torto = torcido
 vivenda = morada
 brocha = pincel
 contrariar = estorvar
 attender = prestar attenção
 mazella = humores maus
 saude = sanidade
 perna (de qualquer animal)

A alteração semantica é um dos phenomenos mais importantes na vida das linguas e, para apreciarmol-a, temos de recorrer á analyse dos antigos documentos. A muitas dellas estamos assistindo na evolução da lingua, como organismo vivo, ex. : *tratante* = velhaeo, *eugrossar* = adular.

Assim os velhos materiaes da lingua, diz o sabio americano Whitney, se vão prestando á expressão de novos conceitos, de novas idéas.



Toda alteração semantica está sujeita a duas leis : a **generalização** do particular e a **especialização** do geral.

Assim é que o termo *britar* significava *quebrar* em geral; mas hoje se especializou, significando apenas *quebrar pedras*; ao passo que o termo *cabo*, significando apenas *extremo*, hoje assumiu muitas significações, ex. : *cabo* (de faea), *cabo* (de esquadra), ao *cabo* (no fim) de dous annos, *cabo* (promontorio).

Ha palavras que assumem significação nova por um dos tres processos :

A) A mudança de genero, ex. :

eabeço .	eabeça
serro	serra
lenho	lenha
rio	ria
tormento	tormenta
espinho	espinha
marujo	maruja

B) A mudança de numero, ex. :

parte = pedaço	partes = manchas
arte = officio	artes = astucias
liberdade = acção de agir	liberdades = atrevimento
humanidade = sentimento	humanidades = preparatorios
ferro = metal	ferros = grilhões
viver = modo de vida	vivercs = mantimentos

c) A mudança de posição, ex. :

homem <i>pobre</i>	<i>pobre</i> homem
cousa <i>simples</i>	<i>simples</i> cousa
casa <i>santa</i>	<i>santa</i> casa
padre <i>nosso</i>	<i>nosso</i> padre
mal <i>dizer</i>	<i>dizer</i> mal
bem <i>dizer</i>	<i>dizer</i> bem
homem <i>grande</i>	<i>grande</i> homem



Segundo Max Muller, tres são as causas da alteração semantica : a alteração phonetica, a dialectação e os tropos (1); mas são tantas as causas, que escapam a qualquer systematização.

Além disto, a significação pôde sobreviver á alteração phonetica e até aproveitar-se desta (2), como succedeu ao vocabulo — *plano* que, alterando-se phoneticamente sob as fórmulas divergentes, *lhano*, *piano*, *chão*, *plaino* e *porão*, tomou, em cada uma d'ellas, uma significação especial e diversa.

Occorrem até alterações semanticas mais proprias de certas zonas do que de outras, de sorte que a palavra pôde adquirir uma significação puramente regional ou dialectal, ex. : (3)

NORTE DA REPUBLICA

ama = criada
cangica = papa de milho
moqueca = iguaria de peixe
comadre = madrinha do filho

SUL DA REPUBLICA

ama = patrão
cangica = milho cozido
moqueca = iguaria de carne
comadre = parteira

Propriedades semanticas.

Duas são as propriedades semanticas dos termos : a extensão e a comprehensão.

Extensão é o maior ou menor numero de individuos a que se estende a significação da palavra, ex. : *animal e homem; flor e lirio*.

Assim *animal* tem maior extensão do que o

(1) MAX MULLER, *La Science du Langage*.

(2) MICHEL BRÉAL, *Mythologie et Linguistique*, pag. 300.

(3) Casos occorrem em que a palavra passa a adquirir significação *antonyma*, inteiramente opposta, como as seguintes, nos vocabulos : — *abrigar, contestar, hospede, senhorita*, esmolar (dar esmola) esmolar (pedir esmola).



termo *homem*, e *flor* do que *lirio* : o maior é o termo generico e o menor é o especifico.

Comprehensão é a idéa, a noção que nos desperta o termo, o conjunto de qualidades do objecto, da cousa ou pessoa significada pelo termo.

A extensão está na razão inversa da comprehensão.

Na synonymia imperfeita o termo generico pôde possuir muitos termos especificos, ex. :

mandar	{	enviar governar ordenar transmittir
deixar	{	legar abandonar cessar permittir consentir
pedir	{	rogar implorar supplicar exigir requerar instar solicitar
ver	{	enxergar divisar lobrigar perceber avistar descortinar descobrir vislumbrar.

As vezes os termos especificos, em relação a um termo generico, podem não ser synonymos entre si. Assim é que os termos *cavalgar*, *fundar* e *orçar*, posto que sejam synonymos de *montar*, não são synonymos entre si.



TROPOLOGIA

Tropologia é o tratado geral dos tropos.

Tropos são as modificações accidentaes na accepção ou conceito da palavra, na proposição em que se acham.

Os tropos servem para supprir a pobreza da lingua e dar ao mesmo tempo uma idéa mais viva do objecto.

A quatro se reduzem semiologicamente os tropos : a *metaphora*, a *synecdoche*, a *catachrese* e a *metonymia*.

Estes quatro tropos regulam, pois, a accepção das palavras, isto é, a sua significação ou sentido na proposição em que se acham.

Metaphora.

A *metaphora* e a *metonymia* generalizam, estendem e dilatam a significação das palavras; a *synecdoche* e a *catachrese* especializam, encurtam e restringem a significação.

Metaphora é a translação ou dilatação do sentido proprio da palavra para outro analogicamente, ex. : *pé* de vento, *pé* de cadeira, *braço* de rio, *dente* d'alho, coração *duro*, *raiz* de palavra, etc.

A maior parte das palavras, referentes ao nosso organismo, se prestam á *metaphora* ou translação. Assim se dizem : — *orelha* de pau, *pescoço* de moringue, *bôca* da noite, *barriga* de parede, *olhos* de queijo, *perna* de mesa, *costas* de de cadeira, etc.

Synecdoche.

Synecdoche é a substituição de um termo por outro de extensão desigual. Assim se emprega nos seguintes casos :

A) O genero pela especie, ex. :

« Treineu a socegada natureza,
Ao ver deste *mortal* a louca empreza » (1).

B) A especie pelo genero, ex. :

« Por vias nunca usadas, não temendo
De *africo* e *noto* a força, a mais se atreve » (2).

C) O singular pelo plural, ex. :

« O *inimigo* occupa os muros e já Troia
Inteira vem ruindo... » (3).

D) O plural pelo singular, ex. : « Logo mal
escreveram os *Jeronymos*, os *Ambrosios*, os
Agostinhos » (4).

E) O todo pela parte, ex. : « Adeus, *bri-
lhante céu da patria minha* » (5).

F) A parte pelo todo, ex. : « Dez annos *qui-
lhas* mil os não domaram » (6).

G) O nome proprio pelo commum, ex. :

« E esses *Leandros* do Hellesponto novo
Se resvalaram — foi no chão da historia... » (7).

(1) P.^o CALDAS, *Poesias Sacras*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) CARDOSO, *Rhetorica*.

(4) FR. LUIZ DE SOUZA, *Vida do Arcebispo*.

(5) MAGALHÃES, *Obras Poeticas*.

(6) CARDOSO, *Rhetorica*.

(7) CASTRO ALVES, *Espumas Fluctuantes*.

- ii) O commuin pelo proprio, ex. :
 « Este milagre fez tamanho espanto
 Que o *Rei* se banha logo na agua santa » (1).
- i) A materia pelo artefacto, ex. :
 « Que sons descompassados trôa o *bronze*
 Nas torres do mosteiro!! » (2).
- j) O determinado pelo indeterminado, ex. :
 « *Mil* praticas alegres se trocavam,
 Risos doces, subtis e argutos ditos... » (3)

Catachrese.

Catachrese é o esquecimento da significação da palavra, passando esta a exprimir definitivamente outro conceito, por assim dizer, novo e differente do legitimo.

Assim é que actualmente as palavras que se seguem e outras já quasi não despertam a sua significação etymologica, mais legitima, mais racional, ex. : « *Sabatina* (no sabado), *sabatina* — recapitulação na aula em qualquer dia ». « *Quarentena* (40 dias), *quarentena* — estadio ». « *Caderno* (4 folhas), *caderno* (de cinco folhas) ou livro de apontamentos, etc. ». « *Corneta* (chifre pequeno), *corneta* (instrumento militar) ».

A maior parte dos nomes das sciencias não estão de accordo com a etymologia, pois têm

(1-3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) A. GARRETT, *Camões*.



quasi sempre conceito muito diverso do que indicam os seus elementos de constituição etymologica, ex. : *periodo, etymologia, philologia, geometria, physiologia.*

Metonymia.

Metonymia é a substituição entre palavras de significação correlata, de modo que uma lembre a outra.

Este phenomeno geralmente se dá, de sorte que se substituem entre si :

A) A causa pelo effeito, ex. :

« Como da *seva mesa* de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Athreu comia » (1).

B) O effeito pela causa, ex. : « Surdo *aos trovões da guerra* que bradavam » (2).

C) O continente pelo conteúdo, ex. : « Levanta-te, esclareee-te, *Jerusalém*, porque chegou a tua luz » (3).

D) O conteúdo pelo continente, ex. :

« Que alli vão despedir-se concertaram
Onde a ancora pesada o *sal* feria » (4).

E) O conereto pelo abstracto, ex. :

« Este sempre as *soberbas castelhanas*
Co' o feito desprezou firme e sereno » (5).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) MAGALHÃES, *Obras Poeticas*.

(3) CARDOSO, *Rhetorica*.

(4) P. DE CASTRO, *Ulysséa*.

(5) CAMÕES, *Lusiadas*.



f) O autor pela obra, ex. :

« Lia Alexandre Homéro, de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira » (1).

g) O signal pela cousa significada, ex. : « Nem
cora o livro de lombrear com o *sabre* » (2).

h) A cousa significada pelo signal, ex. : « As
monarchias julgam-se fortes, apesar de que os
desenganos se succedem... » (3).

Technica.

A technica trata da leitura e do emprego das notações syntacticas necessarias á comprehensão do sentido integral do periodo e applica as theorias grammaticaes aos casos occurrentes na analyse do trecho e ás condições geraes da redacção.

Na leitura se devem observar geralmente as modalidades da accentuação geral dos periodos.

A accentuação póde ser — **emphatica**, **oratoria** ou **pathetica**, **nacional** e **local**.

A accentuação **emphatica** faz sobresahir na proposição, ao lermos ou falarmos, as palavras que julgamos mais importantes.

A accentuação **oratoria** ou **pathetica** assignala-se pelo sentimento de que a pessoa está possuida, ao proferir um discurso.

A accentuação **nacional** assignala-se pela inflexão prosodica particular a um povo, a uma nação ou Estado.

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) CASTRO ALVES, *Espumas Fluctuantes*.

(3) LAT. GOELHO, *Republica e Monarchia*.



Assim é que qualquer de nós distingue sem dificuldade a dicção, o modo de falar dos Portuguezes e o dos Brasileiros.

A accentuação local ou sotaque assignala-se pela inflexão prosodica propria aos individuos de um Estado ou provincia.

Notações syntacticas.

Pontuação ou interpuncção é o emprego das diversas notações syntacticas, necessarias á separação das palavras e proposições entre si, para exacta comprehensão do sentido geral do periodo (1).

Ha tres classes de notações syntacticas : objectivas, subjectivas e distintivas.

As objectivas são : a virgula (,), o ponto e virgula (;), os dous pontos (:), o ponto final (.) e o parenthese ().

As subjectivas são : o ponto interrogativo (?), o ponto exclamativo (!), os pontos reticentes (...)

As distintivas são : as virgulas dobradas ou aspas (« »), o travessão (—), o paragrapho (§), a chave ({}).

Notações objectivas.

A virgula emprega-se :

1) Para separar palavras independentes e de igual categoria, ex. :

(1) A pontuação exacta depende mais da pratica, do sentido e até ás vezes do *ouvido* do que da aprendizagem de regras, geralmente falliveis nos casos occurrentes.



« Deu o signal a trombeta Castellhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso » (1).

b) Para separar os appostos, ex. : « Bemvindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e á cabana de Araken, *pae de Iracema* » (2).

c) Para separar os vocativos, ex. :

« Si eu tivesse, *meu Deus*, santos amores
Eu m'erguera cantando essa paixão » (3).

d) Para separar expressões de função idên-
tica, ex. : « Só em vós acharei bondade pura,
*perfeição absoluta, formosura admiravel, felici-
dade eterna* » (4).

e) Para separar expressões deslocadas, ex. :

« Que *em terreno*
Não cabe o altivo peito, *tão pequeno* » (5).

f) Para separar as proposições conjuncio-
nacs, ex. : « *Depois que os amigos se despediram,*
os hospedes ficaram gabando a D. Julio a
graça... » (6).

g) Para separar as reduzidas participiaes, ex. :
« A philologia, *eusiuando-uos a origem dos voca-
bulos,* tem utilissimos ensinamentos » (7).

O ponto e virgula serve para separar as pro-

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.

(2) JOSÉ DE ALENCAR, *apud Seleccção Literaria*.

(3) C. DE ABREU, *Primaveras*.

(4) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(5) CAMÕES, *Obras completas*.

(6) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos*.

(7) CARLOS DE LAET, *Sel. Literaria*.



posições coordenadas asyndeticamente, de grande extensão, ex. : « *Por fim o sol se escondeu; Ayres Gomes estendeu o mosquete e um tiro saudou o occaso* » (1).

Os dous pontos servem para indicar citação, ou uma explanação, um desenvolvimento ao que precede, ex. :

« Ha duas cousas neste mundo santas :
O rir do infante, o descançar do morto » (2).

O ponto final indica a conclusão do periodo, ex. : « O Brasil acaba de vencer uma destas pacificas batalhas que servem para glorificar e engrandecer a *humanidade.* » (3).

Notações subjectivas.

O ponto interrogativo assignala uma interrogação ou pergunta, directamente enunciada, ex. : « O meu leal conselheiro, deixal-o-ei despedaçar pelos peões d'esta cidade abominavel? » (4).

O ponto exclamativo assignala uma palavra ou proposição, exprimindo admiração, surpresa, ex. :

« *Meu Deus ! Quanta belleza nessas trilhas !
 Que perfume nas doces maravilhas
 Onde o vento gemeu !* » (5).

-
- (1) JOSÉ DE ALENCAR, *apud Seleccção Literaria.*
 (2) CASTRO ALVES, *Espumas Fluctuantes.*
 (3) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia.*
 (4) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas.*
 (5) CASTRO ALVES, *Esp. Fluctuantes.*

Os pontos reticentes assignalam interrupção de sentido, ex. :

« Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes
Que pois eu fui... » (1).

O parenthese assignala palavras ou expressões que, servindo apenas para explicar, podem ser eliminadas, ex. :

« Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganasse...) » (2).

Notações distintas.

As virgulas dobradas ou aspas indicam citação ou transcrição, ex. :

Que se dirá dos feitos sublimados
Do lusitano assombro da epopéa,
Que eternizou na índica Odysséa,
« *As armas e os barões assignalados* » (3).

O travessão ou traço de divisão indica mudança de interlocutor ou chama a atenção para o pensamento, ex. :

« E uma voz respondeu nas sombras triumphante :
— Accende, ó viajor! — o facho da Razão » (4).

O paragrapho ou alinea indica as diversas secções de um discurso ou capitulo, ex. :

Do Novo Mundo tantos seculos
.

(1-2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) J. VELHO DA SILVA, *A Camões*.

(4) CASTRO ALVES, *Esp. Fluctuantes*.



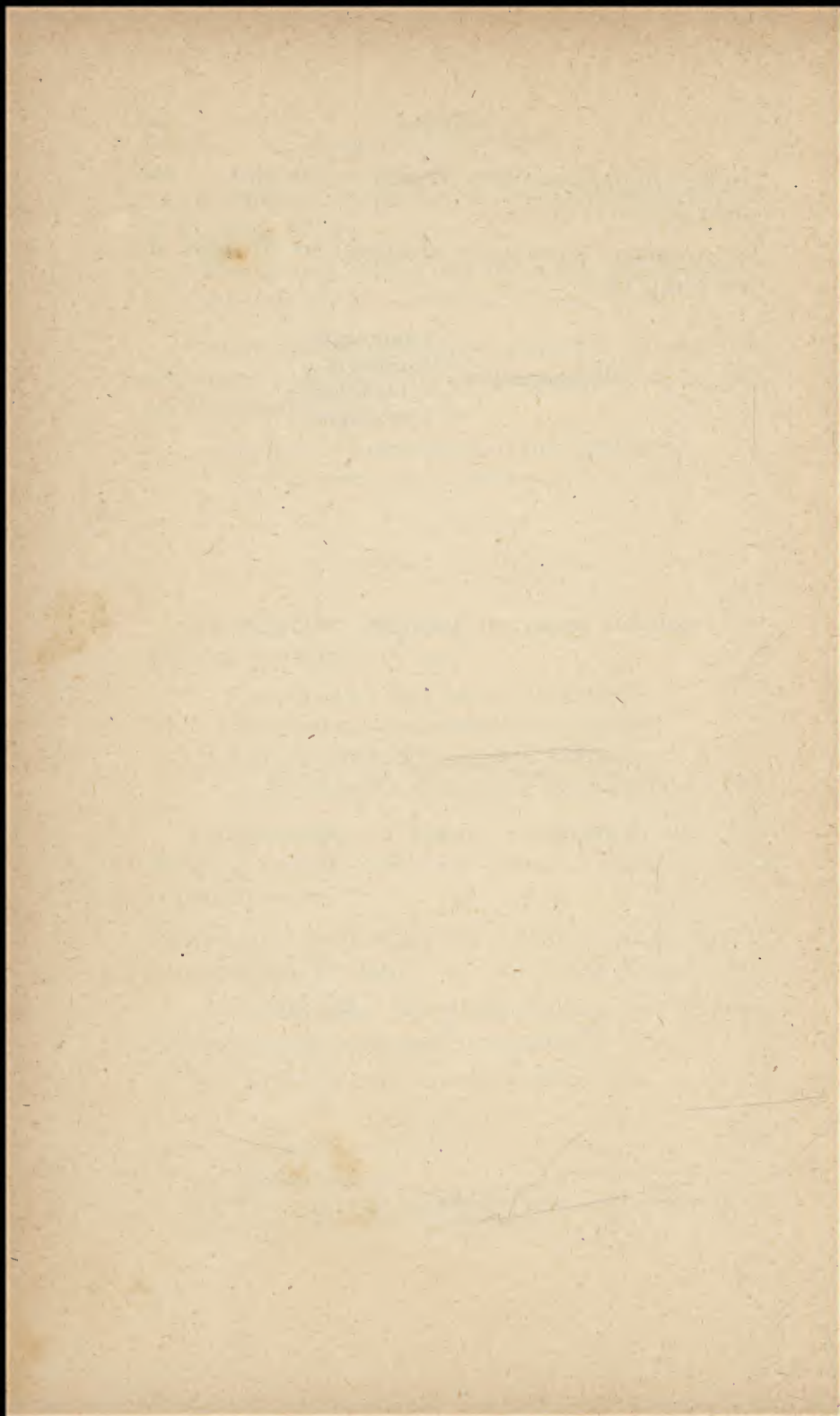
Em nenhuma outra região se mostra o céu
mais sereno... (1)

A chave serve para abranger as divisões de
um todo, ex. :

A grammatica	{	phonologia.
		lexiologia.
		syntaxologia
		semiologia.

(1) ROCHA PITTA, *apud Seleção Lit.*





Modelos de Analyse syntactica.

Proposições simples.

« A tarde ia morrendo ».

Proposição simples (ou periodo simples), expositiva.

Sujeito : *A tarde*, simples e ampliado pelo adjunto attributivo — *a*.

Predicado : *ia morrendo*, constituido pela expressão verbal — *ia morrendo*, de predicação completa (1).

« A graciôsa ará, sua companheira e amiga, brinea junto della ».

Proposição simples, expositiva, plena, ordem directa.

Sujeito : *A graciosa ará sua companheira e amiga*, ampliado pelos appostos — *sua companheira e amiga*.

Predicado : *brinca junto della*, constituido pelo verbo — *brincar*, de predicação completa e pelo adjunto adverbial de lugar onde — *junto della*.

(1) Vêde a pag. 128.



« Quebras commigo a flecha da paz? »

Proposição simples interrogativa (1), elliptica, ordem directa.

Sujeito : *tu*, elliptico e simples.

Predicado : *quebras commigo a flecha da paz*, constituido pelo verbo — *quebrar*, de pred. incompleta, pelo objecto directo — *a flecha da paz* e pelo adjunto adverbial de companhia — *commigo*.

« Volta os olhos para esses amenos prados e vargens fertilissimas ».

Proposição simples, imperativa, elliptica, ord. directa.

Sujeito : *tu*, elliptico e simples.

Predicado : *Volta os olhos para esses amenos prados e vargens fertilissimas*, constituido pelo verbo — *voltar*, de predicção incompleta, pelo obj. directo — *os olhos* e pelos adjuntos adverbias de lugar para onde — *para esses amenos prados e vargens fertilissimas*.

« Como a philosophia é triste e arida! ».

Proposição simples, exclamativa, plena, ord. directa.

Sujeito : *a philosophia*, simples e ampliado pelo adjunto att. — *a*.

Predicado : *é triste e arida*, constituido pelo verbo — *ser*, de predicção incompleta e pelos adjuntos predicativos — *triste e arida*.

(1) Vêde a pag. 325.



« Faça-se a luz ».

Proposição simples, optativa, plena, ord. inversa.

Sujeito : *a luz*, simples e ampliado pelo adjunto att. — *a*.

Predicado : *Faça-se*, constituído pelo verbo — *fazer*, apassivado pelo pronome — *se*.

Proposições compostas.

(« Apenas Pelagio transpoz o escuro portal da gruta), Eurico levantou-se ».

Este periodo é formado por subordinação e constituído por duas proposições.

1.^a Proposição : *Apenas Pelagio transpoz o escuro portal da gruta* — conjuncional (quanto ao connectivo), adverbial (quanto á natureza), temporal (quanto á função) (1).

Sujeito : *Pelagio*, simples e incompleto.

Predicado : *transpoz o escuro portal da gruta*, constituído pelo verbo — *transpôr*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *o escuro portal da gruta* : *da gruta*, e *o escuro* são adjuntos attributivos de *portal*.

2.^a Proposição : *Eurico levantou-se* — principal, por não ter connectivos subordinantes e o verbo não ser fórmula nominal.

Sujeito : *Eurico*, simples e incompleto.

Predicado : *levantou-se*, constituído pelo verbo — *levantar*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *se*.

(1) Vêde a pag. 33o.



| « Todos calaram de novo; | mas aqui não houve silencio : | ouvia-se já o ruído dos corredores sarracenos, bem perto, no fundo do valle ». |

Este periodo é formado por coordenação e constituido por tres proposições (1).

1.^a Proposição : *Todos calaram de novo* — **expositiva**.

Sujeito : *Todos*, simples e incompleto.

Predicado : *calaram de novo*, constituido pelo verbo — *calar*, de predicação completa, e pelo adjunto adverbial de tempo — *de novo*.

2.^a Proposição : *mas aqui não houve silencio* — **coordenada syndetica** (quanto ao connectivo), **adversativa** (quanto á natureza), **expositiva** (quanto á função) (2).

Sujeito : *x*. (O verbo é impessoal e por isso não tem sujeito, segundo está exarado nas paginas 353 e 359).

Predicado : *aqui não houve silencio*, constituido pelo verbo — *haver*, de predicação incompleta, pelo objecto directo — *silencio* e pelo adjunto adverbial de lugar onde — *aqui*.

3.^a Proposição : *ouvia-se já o ruído dos corredores sarracenos, bem perto, no fundo do valle* — **coordenada asyndetica**, **expositiva**.

Sujeito : *o ruído dos corredores sarracenos*, simples e ampliado pelos adjuntos attributivos — *o* e *dos corredores sarracenos*.

(1) No periodo de coordenação não ha proposição principal, por serem todas de igual natureza ou categoria.

(2) Vêde as pag. 325 e 328.



Predicado : *ouvia-se já, bem perto, no fundo do valle*, constituido pelo verbo — *ouvir*, apasivado pelo pronome — *se* (1), pelo adjunto adverbial de tempo — *já* e pelos adjuntos adverbias de lugar onde — *bem perto* e *no fundo do valle*.

| « Mas (depois que as estrellas o chamarem)
Succederás, ó forte Mascarenhas, |

| E (si injustos o mando te tomarem)

. Prometto-te | (que fama eterna tenhas!) » (2).

Este periodo é de subordinação e constituido por cinco proposições.

1.^a Proposição : *Mas succederás, ó forte Mascarenhas* — **principal** (em relação á prop. — *depois que as estrellas...*)

Sujeito : *tu*, elliptico e ampliado pelo vocativo — *ó forte Mascarenhas*.

Predicado : *succederás*, constituido apenas pelo verbo — *succeder*, de predicação completa.

2.^a Proposição : *depois que as estrellas o chamarem* — **conjuncional** (quanto ao connectivo), **adverbial** (quanto á natureza), **temporal** (quanto á função).

Sujeito : *as estrellas*, simples e ampliado pelo adjunto attribut. — *as*.

Predicado : *o chamarem*, constituido pelo verbo — *chamar*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *o*.

(1) No verbo passivo não é preciso falar em **predicação**.

(2) Separem-se a principal e as coordenadas mediante traços verticaes e as subordinadas com traços curvos.



3.^a Proposição : *E prometto-te* — coordenada syndetica, aproximada e expositiva.

Sujeito : *en*, elliptico e simples.

Predicado : *prometto-te*, constituido pelo verbo — *prometter*, de predicação dupla, pelo objecto indirecto — *te* e pelo directo — *que fama eterna tenhas* (1).

4.^a Proposição : *que fama eterna tenhas* — conjuncional, substantiva e objectiva.

Sujeito : *tu*, elliptico e simples.

Predicado : *fama eterna tenhas*, constituido pelo verbo — *ter*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *fama eterna*, ampliado este pelo adjunto attributivo — *eterna*.

5.^a Proposição : *si injustos o mando te tomarem* — conjuncional, adverbial, condicional.

Sujeito : *injustos*, simples e incompleto.

Predicado : *o mando te tomarem*, constituido pelo verbo — *tomar*, de predicação dupla (ou hi-objectivo), pelo objecto directo — *o mando* e pelo indirecto — *te*.

Analyse em que ha proposições reduzidas.

(« Ouvindo isto o padre Christiano), | tomou depressa a porta, | (porque não podia reprimir o riso); | mas o padre Scherer (representando sisedeza), lhe rendeu as graças pelo beneficio... » |

(1) Vêde a pag. 129.



Este trecho tem cinco proposições :

1.^a Proposição : *Ouvindo isto o padre Christiano* — reduzida, adverbial, temporal (1).

Sujeito : *o padre Christiano*, simples e ampliado.

Predicado : *ouvindo isto*, constituído pelo verbo — *ouvir*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *isto*.

2.^a Proposição : *tomou depressa a porta* — principal.

Sujeito : *o padre Christiano*, simples e ampliado pelo adjunto attrib. — *o* e *o* apposto — *Christiano*.

Predicado : *tomou depressa a porta*, constituído pelo verbo — *tomar*, de predicação incompleta, pelo objecto directo — *a porta* e adjunto adverbial de tempo — *depressa*.

3.^a Proposição : *porque não podia reprimir o riso* — conjuncional, adverbial, causal.

Sujeito : *elle* (Padre Christiano).

Predicado : *não podia reprimir o riso*, constituído pela expressão verbal — *podia reprimir* (2), de predicação incompleta e pelo objecto directo — *o riso*.

4.^a Proposição : *mas o padre Scherer lhe rendeu as graças pelo beneficio* — coordenada syndetica, adversativa e expositiva..

(1) É reduzida por ser o verbo uma forma nominal e é adverbial temporal, porque, levada á forma conjuntiva, dá « logo que ouviu isto ». Vêde as pags. 333 e 334.

(2) Vêde nas pags. 135 e 314 a theoria das expressões verbales.



Sujeito : *o padre Scherer*, simples e ampliado pelo adjunto attributivo — *o* e o apposto — *Scherer*.

Predicado : *lhe rendeu as graças pelo beneficio*, constituido pelo verbo — *render*, de predicação dupla (ou biobjectivo), pelo objecto directo — *grças*, pelo indirecto — *lhe* e pelo adjunto adverbial de causa — *pelo beneficio*.

5.^a Proposição : *representando sisudeza* — **reduzida, adjectiva, attributiva** (1).

Sujeito : *o padre Scherer*.

Predicado : *representando sisudeza*, constituido pelo verbo — *representar*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *sisudeza*.

« Amir Al-melek, | replicou Albary, | ainda não é tarde : os mensageiros podem ter sido retidos por algum successo imprevisto ». |

Este periodo consta de tres proposições.

1.^a Proposição : *Amir Almelek, ainda não é tarde* — **coordenada asyndeticamente** á proposição — *os mensageiros...*

Sujeito : *x* (2).

Predicado : *ainda não é tarde*, constituido pelo verbo — *ser*, de predicação incompleta, pelo adjunto predicativo — *tarde*, e pelo adjunto adverbial de tempo — *ainda*, e *Amir Almelek* é um vocativo.

(1) Esta reduzida, levada á fórma conjuntiva é igual — *que representava* sisudeza. Vêde pags. 335 e 336.

(2) Vede as pags. 353 e 359.



2.^a Proposição : *replicou Almary*, proposição **interferente** (1).

Sujeito : *Almary*, simples e incomplexo.

Predicado : *replicou*, constituído pelo verbo — *replicar* (2).

3.^a Proposição : *os mensageiros podem ter sido retidos por algum successo imprevisto* — **coordenada asyndetica expositiva**.

Sujeito : *os mensageiros*, simples e ampliado pelo adjunto attributivo — *os*.

Predicado : *podem ter sido retidos por algum successo imprevisto*, constituído pela expressão verbal — *podem ter sido retidos*, de sentido passivo e pelo adjunto adverbial de causa efficiente — *por algum successo imprevisto*.

Analyse integral.

A analyse se deve dividir em **lexica** e **syntactica** ou **relacional**, por ser destituída de criterio a antiga divisão em **grammatical** e **logica**.

A analyse logica seria a do conceito expresso pela proposição, qualquer que lhe fosse a fórma exterior, pois, si dissessemos : « o circulo é uma figura quadrada », teriamos affirmado o maior absurdo perante a logica, mas **grammaticalmente** a proposição está correcta.

Apesar de ser **grammatical** toda analyse, deve-se entender por esta a analyse integral, isto é, completa, em que a palavra seja estudada sob todos os pontos de vista.

(1-2) Vêde a pag. 338.

Esta analyse, por ser longa e minuciosa, só se pôde fazer mais de viva voz do que por escripto.

Mas damos mais ou menos um modelo, segundo o processo que seguem diversos professores da materia.

| « Neste tempo ainda João estava perto de Bethania baptizando | e (vendo a Jesus) (que ia passando) tornou a exclamar : | Eis o cordeiro de Deus » (1).

1.^a Proposição : *Neste tempo ainda João estava perto de Bethania baptizando* — **expositiva, ordem directa, plena e coordenada syndetica** á do verbo — *tornou a exclamar*.

Sujeito : *João*, simples e incompleto, constituido por subst. proprio personativo, dissyllabo oxytono, masculino, singular, grão normal; não tem synonymos, antonymos nem paronymos.

Predicado : *Neste tempo ainda estava perto de Bethania baptizando*, constituido pela expressão verbal — *estava baptizando*, de predicação completa (1.^a conjugação regular, na 3.^a pessoa do pret. imperf. do indicativo) pelo adjunto adverbial de lugar onde — *perto de Bethania* (formado da expressão preposicional — *perto de* e do subst. proprio locativo — *Bethania*, trissyllabico, feminino, singular, paroxytono, simples, primitivo) e pelos adjuntos adverbias de tempo — *ainda* (adv. formado de *a* prothetico e de *inda* = *inde*, modificando ao

(1) REBELLO DA SILVA, *F. da Igreja*.



verbo do predicado) e — *neste tempo* (formado da antiga fôrma *en* da preposição actual *em*, menos *e* por apherese; do adj. demonstrativo *este* e do substantivo *tempo*, abstracto, simples, primitivo, dissyllabico, paroxytono; sendo seus synonymos — *época, occasião, momento*, etc., e seus cognatos são — *contemporaneo, temporal, tempestade, extemporaneo, temporão*, etc.

2.^a Proposição : *e tornou a exclamar* : *Eis o cordeiro de Deus*, **expositiva, ordem directa, contracta**, por identidade de sujeito, **coordenada synteticamente** á primeira e **principal** em relação á do verbo — *vendo...*

Sujeito : *João* (A analyse segue a marcha da primeira prop.).

Predicado : *tornou a exclamar*, constituido pela expressão verbal — *tornou a exclamar* (formada do auxiliar *tornou*, da prep. *a* e do infinitivo *exclamar*) de predicção incompleta, pelo objecto directo — *Eis o cordeiro de Deus*.

3.^a Proposição : *vendo a Jesus*, **reduzida, adverbial, temporal**, pois levada á fôrma conjuntiva equivale a « assim que viu a Jesus ».

Sujeito : *João*.

Predicado : *vendo a Jesus*, constituido pelo verbo — *vendo* de predicção incompleta (part. presente do verbo *ver*, irreg., 2.^a eonjug; seus synonymos são *avistar, olhar, enxergar, lobrigar, perceber*, etc; esta fôrma é homonyma perfeita de — *vendo* (pres. indie. de *vender*) e pelo objecto directo, prepo-



sicional — *a Jesus* (substantivo proprio personativo, primitivo, oxytono, dissyllabico, etc.

4.^a Proposição : *que ia passando* — pronominal relativa (quanto ao connectivo), adjectiva (quanto á natureza), attributiva (quanto á função).

Sujeito : *que* — (pronome relativo, monosyllabico atono, inorganico ou invariavel; seus cognatos são *qual, quem, cujo*).

Predicado : *ia passando*, constituido pela expressão verbal — *ia passando*, de predicação completa (formada do auxiliar *ia* e da fôrma nominal *passando* tendo ambos o valor de um imperfeito indicativo).

Este processo de analyse é quasi impossivel fazel-o por escripto, pois a palavra se deve considerar sob tantos aspectos quantas as subdivisões da grammatica, afim de, perlustrando a lingua em todos os seus aspectos, adquirirmos o conhecimento exacto de todos os seus factos internos e organicos, como condições para falarmos e escrevermos com acerto e consciencia.

FIM



Breve retrospecto sobre o ensino da Lingua Portugueza.

Ao publicarmos em 1887 a nossa *Grammatica Analytica*, asseguravamos que a sciencia da linguagem atravessava uma época de transição.

De facto, a orientação e o methodo que nos norteavam na aprendizagem das linguas, nol-os dictavam os antigos grammaticos portuguezes Soares Barbosa, Bento J. de Oliveira, Lage e outros.

Comquanto tambem trabalhos nossos houvesse de certo valor, como os de Sotero dos Reis, Freire (de S. Paulo), Soares Passos, Grivet, P^o Duarte, Gentil Ibirapitanga, P^o Massa, entretanto se adscreviam ao criterio philologico de então, em que dos factos da lingua se divorciavam as doutrinas grammaticas.

Nas provincias então jazia o ensino da lingua portugueza na maior immobildade, salvo no Maranhão em que pontificava Sotero dos Reis e na Bahia o Dr. Ernesto Carneiro, embora os trabalhos que elaborassem se não houvessem de todo desligado dos moldes dos autores portuguezes, de onde nos advieram, por assim dizer, os lineamentos geracs a que obtemperava o methodo adoptado.

Entretanto, aqui na Capital, já começavam a esplender as primeiras manifestações do criterio philologico, o methodo historico comparativo, applicado á aprendizagem das linguas, com especialidade ao da vernaculna.

Tornara-se o Collegio de Pedro II o centro de que se ia irradiando a nova orientação cujos albores se vislumbavam nos concursos de linguas a que affluíam candidatos a quem eram familiares as doutrinas de Max Muller, Miguel Bréal, Gaston Paris, Whitney, Littré, Darmesteter, Ayer, Brunot, Brachet, Frédéric Diez, Bopp, Adolpho Coelho e outros, principalmente as dos autores allemães em que se estavam



haurindo os elementos primordiaes para esta verdadeira Renascença dos estudos philologicos no Brasil.

Os espiritos dir-se-ia que acordavam para transfundir na linguistica o criterio experimental e positivo, rompendo de vez com a tradição e a rotina, immobilizadas na deficiencia de incentivo, apesar da nova orientação que se vinha impondo aos poucos que se dedicavam a esses estudos.

Certo que por esse tempo já Pacheco Junior publicára os seus primeiros trabalhos, as primicias do seu talento, e no Pedro II sobrelevava na cathedra de portuguez o Sr. José M. Nunes Garcia que, embora de nome, nada nos legou, salvo trabalhos de compilação, excerpts de poueo valor, collectaneas de escriptos classicos, sem quaesquer annotações, nos quaes não se deseobria o menor espirito de systematização doutrinaria.

Os seus trabalhos, os seus esforços foi por isso que se perderam; não repercutiram, como seria de esperar, na aprendizagem da lingua portugueza, pois não contribuíram para lhe norteare o ensino.

Mais ou menos por esta época apparecera a *Grammatica* de Julio Ribeiro, baseada nos trabalhos dos philologos allemaes, inglezes e francezes. Tão de perto se lhes abeirava, porém, que se diria antes-uma adaptação á lingua vernacula do que um trabalho onde transluzissem, com a individualidade do autor, os seus processos, o seu methodo, emfim norteação propria, oriunda de um trabalho de assimilação. Até pontos havia em que o Sr. Julio Ribeiro se adscrevia a transverter, quasi *ipsis verbis*, para o vernaculo, as novas doutrinas dos autores estrangeiros, de Guardia, de Mason, de Bergmann. Além disso, resumbrava-lhe do estylo certo gráo de frouxidão e obscuridade; do methodo, certa desorientação; e, quanto á syntaxe, ao envez de exemplos hauridos aos monumentos literarios, dava-lh'os elle proprio, quasi sempre.

O que se nos afigura é que se apressurou o Sr. Julio Ribeiro a de chofre quebrar a rotina, fosse como fosse, embora ainda não houvesse assimilado o quanto lera nos philologos estrangeiros.

Entretanto, ramaneseelhe de certo o merito de haver sido o primeiro a trasladar para compendio didactico a nova orientação, evertendo os alieeres da rotina e servindo de norma para algumas Grammaticas que se publicaram em S. Paulo.

Nestas condições, o que se averigúa é que por esta época já muitos professores que se norteavam pelos philologos estrangeiros, iam evangelizando, quer na docencia particular, quer em publicações esparsas, as novas doutrinas, desbravando-lhes o terreno onde se tinham de architectar os novos estudos.

A este grupo se fliavam Fausto Barreto, Hemeterio dos Santos, Alfredo Gomes, Silvio de Almeida, em S. Paulo, João Ribeiro, Pacheco Junior, Lameira de Andrade, Said Ali, Ventura Boscoli, Verissimo Vicira, Vicente de Souza, Paranhos de Macedo, Aureliano Pimentel e outros.

Mas no vetusto arcabouço das doutrinas de então foi Fausto Barreto quem de vez e definitivamente vibrou o golpe de morte, porphyrizando-as por incompativeis com o gráo da nova cultura philologica.

Tornou-se, pois, Fausto Barreto o centro de onde se irradiaram os delincamentos geraes, o trabalho de synthese das novas acquisições philologicas, adscriptas ao ensino da lingua vernacula.

Havendo-se especializado nos estudos de humanidades, mórmente nas linguas novi-latinas e tendo perlustrado a Historia Natural no curso de Medicina que deixou no 5.º anno, convenceu-se de que ás linguas, como organismos, se lhes deveria applicar o methodo positivo das sciencias biologicas.

Assim em 1870 annotou elle a Theoria da Conjugação de Adolpho Coelho e, nos seus dous concursos ao Pedro II, dissertou, consoante o novo aspecto philologico, sobre *Archaismos* e *Neologismos* no primeiro, e *Themas* e *Raizes* no segundo.

Nomeado cathedratico do Collegio Pedro II e depois da então Escola Normal, ascendera á culminancia do magisterio official, de onde poderia definitivamente diffundir e firmar as novas doutrinas; e, com exito mais do que todos, orientar o ensino da lingua vernacula.

Constituindo-se o centro de rehabilitação do ensino da lingua, apercebeu-se com as lições d'elle, além de muitos outros, uma pleiade de moços, hoje conceituados professores e escriptores, em cujo grupo sobrelavam Pinheiro Guimarães, Floriano de Brito, José Piragibe, Paranhos da Silva, Osorio Duque Estrada, Vicente Piragibe, Theodoro Magalhães e outros.

Comquanto neste pé jovesse então o estudo da lingua no Pedro II, na Escola Normal e na mór parte dos Institutos

particulares aqui do Rio de Janeiro, entretanto imprescindia, quanto antes, expungir-lhe os velhos defeitos e remodelar a aprendizagem de humanidades, conferindo-lhe orientação nova, mais segura, mais consentanea com as necessidades da época.

Entrementes, o Dr. Emygdio Victorio, Director Geral que era da Instrucção Publica, ao euvez do que até então se praticava, commetteu a profissionacs, a professores competentes, o descmpenho da proficua tarefa de remodelar o plano do ensino de preparatorios, sendo escolhido para elaborar o das linguas, maximè o da vernacula, Fausto Barreto a quem por portaria de 5 de Abril de 1887 agradeceu o Governo.

O que foi este programma, a influencia que exerceu, o effeito que produziu pela orientação que palcava, desviando o alveo do curso das linguas, agitaudo questões a que se achavam alheios muitos dos docentes, é mistér assegurar-mol-o : assignalou nova época na docencia das linguas e, quanto á vernacula, a emancipava das retrogradadas doutrinas dos autores portuguezes que esposavamos.

Não havendo compendios que se adscrevessem á nova orientação, foi então que Pacheco e Lameira, João Ribeiro e Alfredo Gomes, nomes já laureados no magisterio, tiveram de escrever as suas grammaticas, versadas no programma que Fausto Barreto traçara, no qual de todo se revelavam o espirito de synthese, o criterio philologico e o novo rumo que nos importava trilhassem o ensino e estudo da lingua portugueza.

A este *programma* cujos dizeres até hoje servciu de titulos ás doutrinas dissertadas nas alludidas Grammaticas, é que se subordinaram a orientação e a reforma do ensino da lingua vernacula.

No prefacio da 1.^a edição da sua Grammatica os proprios Lameira e Pacheco declaravam que de ha muito emprehenderam publicar um trabalho *rompendo com a tradição*; mas « o novo programma para exaues geraes de preparatorios, sentenciavam elles, veiu fazer-nos mudar de proposito ».

Por esta occasião vinhamos nós de apparecer com o publicar o nosso modesto trabalho, *Grammatica Analytica*, na qual, embora collaborassemos para quebrar a tradição, no emtanto sobrelevavam defeitos e senões, porquanto, além da nossa pouca idade, traziamos apenas o preparo que hauriramos em nosso Estado, Sergipe.

De mais, doutrinas modernas contrastavam com as antigas, claudicavamos na collocação de pronomes, incidindo em dys-



synclises, como quasi todos os escriptores e publicistas de então, até que lograssemos estatuir as bases deste importante instituto syntactico.

Além de haver traçado o programma, prestava tambem ao ensino inestimavel serviço Fausto Barreto, publicando com Vicente de Souza a Selecção Literaria, em cujo prologo se nos deparava uma apreciação succinta sobre os novos moldes a que tinham de obedecer a classificação das proposições e a analyse relacional.

Este seu trabalho, actualmente refundido com o concurso do erudito e insigne escriptor Carlos de Lact, não ha quem, professor de linguas, hoje o desconheça, porquanto, além dos trechos magistralmente selectados, traz sobre cada escriptor succinta noticia historica e literaria. Desta fórma, com aprender a lingua, vão conhecendo os alumnos os vultos mais proeminentes das literaturas brasileira e portugueza, ao menos quanto á parte critica e descriptiva, bastando apenas ao professor elucidar a parte geral, a propedeutica da litteratura brasileira, cuja systematização se deve a Sylvio Roméro.

E' de imprescindivel justiça confessarmos que, muito anteriormente ás grammaticas de Alfredo Gomes, Pacheco e Lamcira e João Ribeiro, já havia Hemeterio dos Santos elaborado uma *Grammatica elementar* em que, nas suas linhas geraes, se esboçavam com segurança as novas doutrinas philologicas, applicadas á discencia do vernaculo.

Este seu trabalho, hoje augmentado, refundido com o titulo de *Grammatica Portugueza*, publicado em 1907, constitue um dos nossos excellentes compendios de lingua portugueza, reflexo da erudição do autor na materia.

A estas publicações seguiram-se as do Professor Ventura Boscoli que, além de nos haver dado a *Orthographia* e a *Analyse Phonetica* de collaboração com Pacheco Junior, escreveu a *Grammatica da Puericia* e a *Grammatica Portugueza*, o seu principal trabalho.

Quanto a esta, releva consignarmos que seguiu a orientação de Julio Ribeiro, cntremeada com opiniões de nós outros, como elle proprio deixa transparecer.

O que, porém, sobresaie neste seu trabalho é o exagero, o rigorismo etymologico a que se apega nas graphicas vocabulares, peccando por este lado, a nosso ver, pois, evolvendo a lingua, emquanto organismo, não pôde ficar assim adstricta á immobildade do passado.

Como quer que seja, as obras didacticas do Prof. Boscoli têm valor e não as poderíamos olvidar nesta ligeira noticia.

Outrosim participou grandemente na orientação dos nossos estudos linguisticos o Sr. Professor Said Ali. Além de varios trabalhos, amparados na sua extensa cultura philologica, nos publicou, fructo de pesquisas proprias, compaginados em volume de cerca de 200 paginas, sob o titulo de *Difficuldades da Lingua Portuguesa*, excellentes artigos em que deslinda factos controversos, com opinião pessoal.

Dentre as grammaticas que se abeiraram á orientação do programma de Fausto Barreto, duas lograram successivas edições, tornaram-se obras larga e geralmente solicitadas : a de João Ribeiro e a de Alfredo Gomes, por isso que, por serem dous nomes conceituados, lhes acceitaram desde logo os professores os trabalhos, adoptando-os, reservando o de Pacheco e Lameira apenas para consulta.

Quanto a Alfredo Gomes, limitaram-se á Grammatica Portugueza e á Franceza os seus principaes trabalhos didacticos, embora tenha elle varias vezes discutido, na imprensa e em publicações esparsas, pontos de linguística com aquella erudição e criterio que lhe reconhecemos.

Houve, pois, com a publicação do programma de 1887, uma como Renascença dos estudos da lingua vernacula : na imprensa, na docencia particular se aclaravam, se discutiam os factos da lingua á luz das novas doutrinas.

Surgira um periodo de disciplina grammatical em que, uns na *imprensa*, outros no *magisterio*, outros com seus *trabalhos*, excelliam Fausto Barreto, Alfredo Gomes, Helderio dos Santos, João Ribeiro, Pacheco e Lameira, Ventura Boscoli, Said Ali, Verissimo Vieira, Conego Evangelista Braga, Silvio de Almeida, o eminente philologo e eximio prosador, como no-o attestam, além do seu livro. — *O Antigo Vernaculo*, os seus trabalhos na imprensa paulistana.

Da Capital, em que se focalizava todo o movimento, se irradiavam aos Estados as novas doutrinas, principalmente nas Grammaticas de Alfredo Gomes, Pacheco e Lameira, João Ribeiro e igualmente em a nossa Grammatica Analytica que logrou ser por algum tempo adoptada no então Collegio Pedro II e na Escola Normal, antes de haver Alfredo Gomes attingido a cathedraticeo.

Assim se diffundiram as novas doutrinas : nos Estados, nos diversos institutos officiaes ou particulares, quando para seus programmas se não trasladavam, *ipsis verbis*, os dizeres



do programma de 1887, se lhe obtemperava, no amago, em synthese, a orientação que delineara.

Creado o Collegio Militar, tornou-se desde logo um dos Institutos cuo que o ensino da lingua obtemperou ao criterio historico e comparativo, transluzindo nos programmas das linguas o influxo das doutrinas modernas.

Desse modo tambem ali se aprimoraram talentos juvenis, que hoje occupam posições sociaes; alguns até actualmente ha, nossos collegas, eximios sabedores da lingua vernacula, como Daltro Santos e outros cuja orientação philologica devem ao apprendizado do Collegio.

Realizara-se portanto a remodelação geral da grammatica: expungiram-se-lhe os defeitos e a metaphysica da escola de Soares Barbosa, Bento José de Oliveira, Lage, Sotero dos Reis, Freire (de S. Paulo), Soares Passos e outros, escola a que chamamos *classica* em contraste á actual a que conferimos o titulo de *positiva*, por isso que, conforme o criterio em que se inspira, estudamos a lingua vernacula, como phenomeno natural, experimentalmente; como organismo, adstricto a evolver, a offerecer metabolismo glottico, cujos phenomenos se tornam susceptiveis de systematização em corpo de doutrina.

Em 1903, com surpresa nossa, surgiu-nos pelas columnas do *Correio da Manhã* uma série de artigos versantes sobre philologia, deslindando factos syntacticos da lingua; subscrevia-os o Sr. Dr. Heraclito Graça, sob a rubrica de *Notações philologicas*.

Visavam estas notações principalmente, conforme o declarou o proprio autor, confutar algumas opiniões e sentenças do Sr. Candido de Figueiredo, dadas a lume no *Jornal do Commercio*, sob o titulo: « *O que se não deve dizer* », e nos três volumes das *Lições praticas da lingua portugueza*.

Grande influencia exerceu, nas rodas literarias, este excellento trabalho do Sr. Dr. Heraclito Graça, pois, além da dicção escorrecita em que o redigiu, houve por effeito rebater os conceitos do Sr. Candido de Figueiredo que se arvorara em mentor de nós outros, explanando ás vezes factos da lingua sem o verdadeiro criterio, e documentação precisa de que se ha mister nestes trabalhos.

E pois as Notações do Sr. Dr. Heraclito Graça, procurando, como disse elle, « o fio do labyrintho da sciencia da linguagem », lograram porphyrizar a maior parte das asserções e opiniões do Sr. Candido de Figueiredo.

De todos os livros, porém, os que mais concorreram para disseminar e vulgarizar as novas doutrinas foram os de João Ribeiro, mercê do merito de seus trabalhos. Além disso os divulgou o editor que acertou de escolher, um dos mais reputados e mais habéis na propagação de seus trabalhos didacticos, o Sr. Francisco Alves e C.^a a quem neste particular sobremodo devem as letras patrias.

O que, porém, notamos nas grammaticas de João Ribeiro, no seu Dicionario Grammatical, nas Frases Feitas, é que, apesar de ostentarem bastante erudição, lhes fallece o espirito de synthese, de coordenação systematica : são mais trabalhos de muita leitura, de inimitavel paciencia, de acuradas investigações philologicas, esparsas com o objectivo de documentar o quanto assevera o autor.

Seja como for, João Ribeiro foi sempre um analysta e, não obstante um dos nossos mais insignes philologos, nunca nos apresentou uma theoria, um corpo de doutrina em que nos transparecesse o cunho de individualidade.

No mesmo anno em que nos prendava o Dr. Heraclito Graça com as suas *Notações philologicas*, actualmente compaginadas em volume com o titulo de Factos da Linguagem, nos appareceu Mario Barreto com o opusculo. — *Estudos da lingua portugueza*, prefaciado por João Ribeiro. Este trabalho, além de vir firmado por um nome de tradição no magisterio, mereceu os elogios de Heraclito Graça, Sylvio de Almeida, Osorio Duque Estrada e carta de Ruy Barbosa.

Todos que, de certo modo, contribuíram para romper a antiga tradição, houvermos por finda a nossa missão e retrahimo-nos, adstringindo-nos apenas a acompanhar as nossas obras, deixando a arena para os novos, afim de proseguirem na rota que collimámos.

Desse modo, já nos não assiste outra tarefa que, á lezira do alveo por onde alluviaes e impetuosos torrencêam os factos da lingua, descançarmos a observal-os, afim de, apprehendendo-os e transcoando-os á luz da analyse, caldeal-os e transfundil-os no corpo das doutrinas, de ha muito consolidadas.

Assim é que os hemos de transmittir aos que, no turbilhão da vida, nos vão substituindo e succedendo, aos posteros para quem, já de acinte, já por iudifferença, se não anda a descurar a formosa lingua dos nossos avoengos.

Ao scientista só lhe cabe esta missão; mas, quando lhe é mister, embora de vôo, contrastear trabalhos alheios, com-



prehende-se quão difficultosa e arreseada se lhe afigura a tarefa de haver de aerisolar meritos, acendrar competencias, aleandorar ou afundir reputações, maximè dos vivos, com a aceseencia das paixões, que não é só aos mortos a quem se tenha de applicar a sentença de Bossuet, isto é, a quem se deva a verdade.

Mas até aqui poucos ou quasi nenhuns, que nos conste, se têm consagrado a estes estudos, salvo Mario Barreto a cujo trabalho principal nos já referimos. De tres annos, nos tem elaborado elle interessantes monographias amparadas por citações dos melhores autores e consolidadas nos textos da lingua, em basta e criteriosa documentação.‡

Assim, entre outras lhe destaeamos as seguintes que versam sobre *Acentuação tónica*, *Orthographia*, artigo em prol da simplificação graphica conforme as bases de Gonçalves Viana, *Genero*, *Observações sobre os graus de comparação*, *Conjugação*, erros de conjugação e de pronuncia, uso improprio de algumas fórmias verbaes. *Mudança de significação das palavras*, *Extravagancias da linguaagem*, *Etimologia popular* e *Confusão de paronimos*, *A concordancia gramatical*, *Casos curiosos de regencia*, *Atração* e *Anacoluto* (1).

(1) Na enumeração dos trabalhos do nosso distinto collega Mario Barreto, respeitamo-lhes a graphica, porquanto segue elle o systema de Gonçalves Viana, tendo sido o primeiro a adoptal-o.

Quanto á graphica phonetica que antes perturba do que regulariza e facilita o ensino da lingua, ser-nos-ia motivo de júbilo e de alviçareiras prolfas para as nossas lettras, si talentos de escol, como Antonio Austregesilo, o proprio Mario Barreto, Pinheiro Guimarães, Conego Evangelista Braga e alguns outros renunciassem a esta graphica subversiva, deixando apenas para *alguns senhores* da Academia de Letras este phonetismo extravagante que transvestiram em acyrographia anarchica.

Como bem pondéra o Dr. Ramiz Galvão, constitue este phonetismo « um retrocesso á infancia da lingua sob pretextos de simplifical-a ».

Nestas condições nos publicou elle o *Vocabulario etymologico*, *orthographico e prosodico*, como soleune protesto aos desmandos da reforma orthographica, inopportunamente emprehendida pela Academia de Letras. Ali alguns senhores presumiram influir nos destinos da lingua vernacula, embargando-lhe a evolução natural, demudando-lhe a physionomia, retrocedendo-lhe a marcha ao periodo de indisciplina scientifica, de anarchia graphica, anterior aos seculos XV, XVI, XVII, antes de se lhe haverem polido, aperfeiçoado e fixado as fórmias vocabulares, lenta e gradualmente, como sóc occorrer a todas as linguas cultas.



Como se vê, tem-se innegavelmente distinguido Mario Barreto como um dos moços mais versados na lingua vernacula, nas questões de philologia geral, concorrendo para abrilhantar o magisterio, offertando-nos de quando em quando fructos sazonados do seu talento.

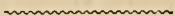
Na succinta resenha que esboçamos attinente ao movimento philologico entre nós, é possível que hajamos omittido alguns dos obreiros que de algum modo tenham collaborado na reforma do ensino da lingua vernacula.

Seja como for, sendo este o historico nas suas linhas geraes, afigura-se-nos havermos exposto os factos com imparcialidade e animo desprevenido, esforçando-nos tão sómente para nos appropinuar, tanto quanto possível, aos dietames da verdade.

Por isso, alguns autores, si os houver, a cujas obras, tremalhando-se-nos, foi impossivel alludir, ao menos de voo, confiamos sejam só quem pretextos, mas não motivos, busquem de nós insimular de pareiaes, visto que nos parece só transverberarem justiça e verdade as nossas asserções respeito ao ensino da lingua, de ha uns poucos de annos apenas, accommodada ao criterio philologico, historico-comparativo.

Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1910.

MAXIMINO MACIEL.

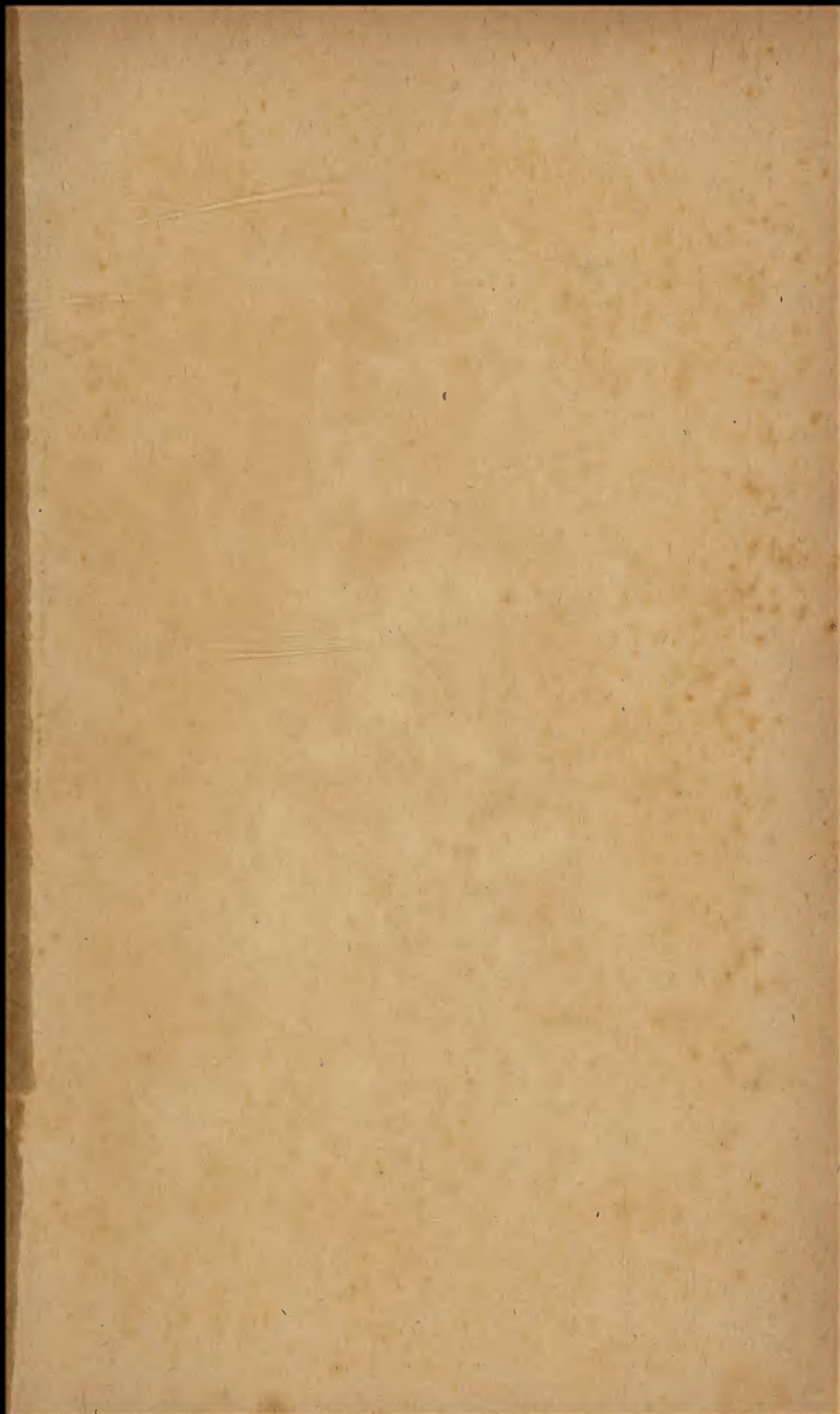


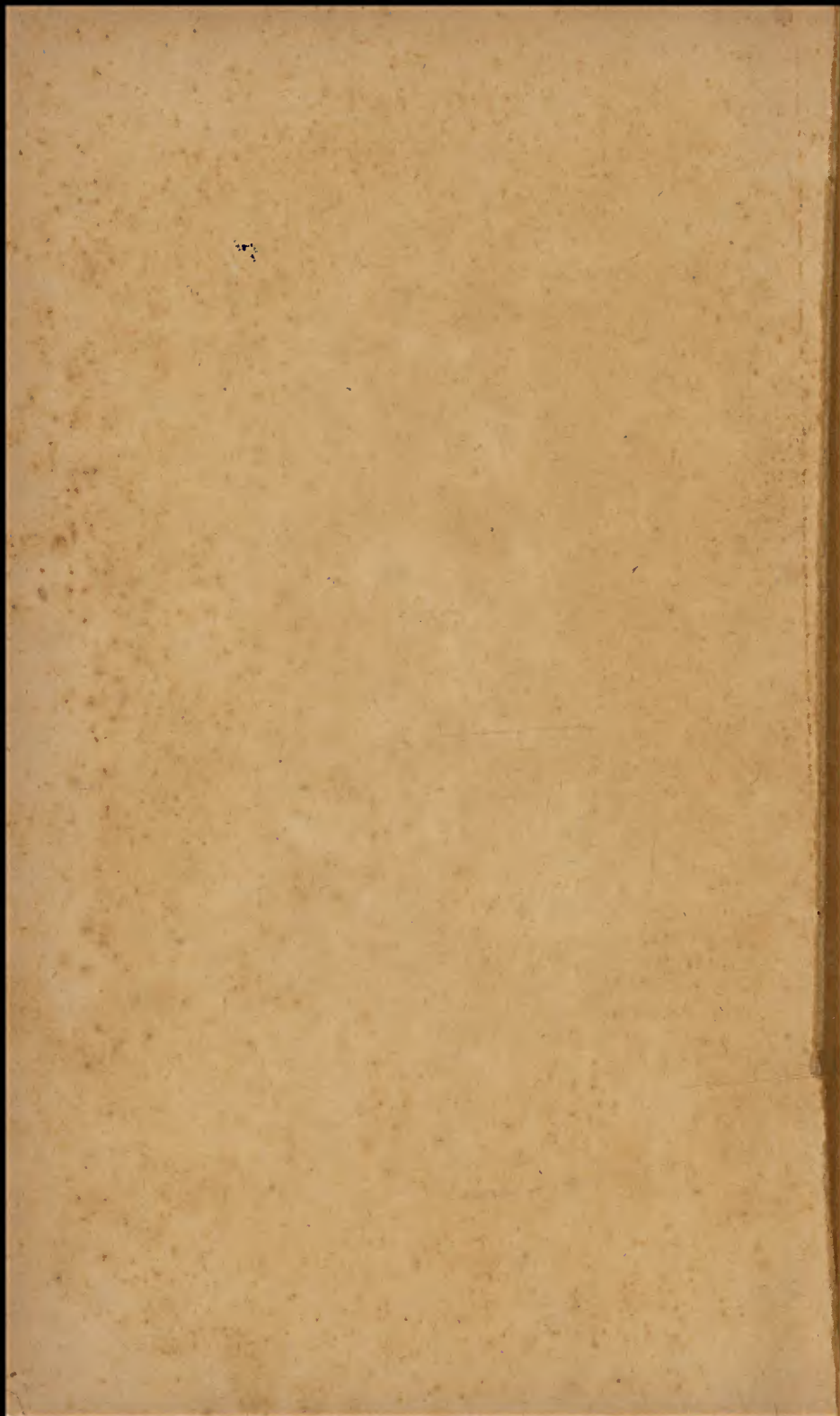
INDICE DAS MATERIAS

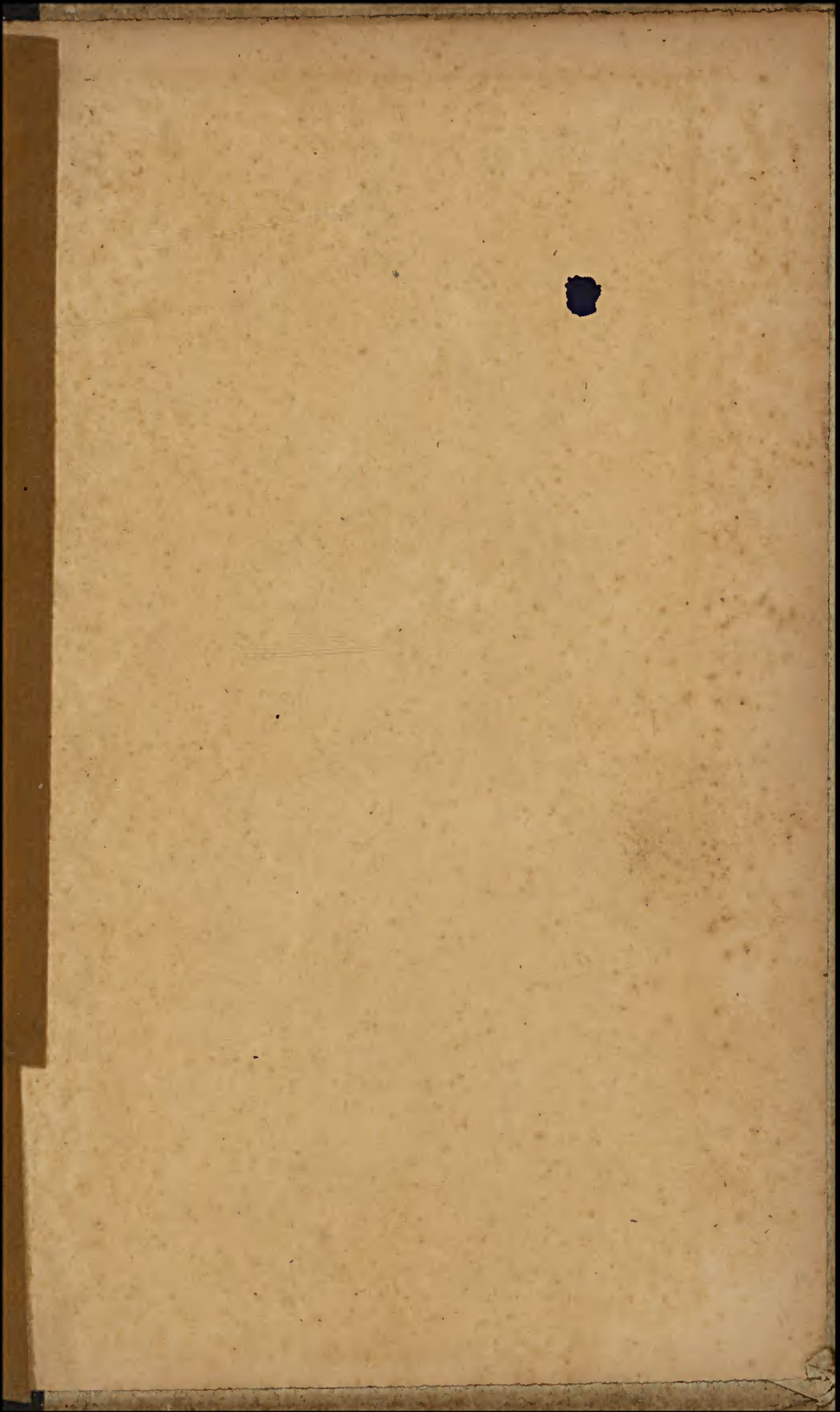
	Pags.		Pags.
NOÇÕES PROPEDEUTICAS.	1	Graphica das vozes.	57
Phonologia		— dos diptongos	
e sua subdivisão		— oraes	58
<i>Phonetica</i>	5	— dos diptongos	
Phonemas.	6	— nasaes.	60
Classificação physiologica.	10	— das vozes nasa-	
Grupos phoneticos	11	— ladas	61
Diptongos.	14	— dos phonemas	
Triptongo	14	— polymorphicos	62
Grupos consonantae	15	— das geminações.	65
Syllabismo	19	— das maiusculas	67
Tau tosyllabismo	21	Divisão graphica	69
<i>P honographia</i>	22	Regras graphicas.	70
Letras em geral.	22		
Graphica dos phonemas.	27	Lexiologia e sua subdivisão.	
Notações lexicas e suas		<i>Morphologia</i> ; raiz e affixos.	76
funções.	28, 29	Formulas dos themas	77
Historico das letras	31	Estructura das raizes	78
<i>Prosodia</i>	33	Affixos: prefixo e sufixo	79
Quantidade prosodica	33	Estructura do vocabulo.	81
Accentuação prosodica	35	Suffixos nominaes : sua	
— tonica.	36	classificação.	83
Oxytonos, paroxytonos,		— verbaes : sua clas-	
proparoxytonos.	36, 37	sificação.	86
Translação tonica.	38	— adjectivaes : sua	
Accentuação dupla	40	classificação.	88
— perispoména.	40	Função dos prefixos : la-	
Metaplasmos.	43	— tinos e gregos	89-93
Assimilação.	47	Fórmias cognatas	94
Dissimilação	49	Raizes latinas	95
Corrupção phonetica.	49	Fórmias analogas.	98
Interferencia phonetica	51	Homonymos : homogra-	
<i>Orthographia</i>	52	phos, homophonos.	98, 99
Systema etymologico.	53	Homonymos aurioculares	
— phonetico	54	— ou perfectos	101
— mixto	55	Homonymia verbal.	103



Pags.	Pags.		
Synonymos : organicos e inorganicos.	105-107	<i>Ptoseonomia</i>	148
Paronymos.	108	Genero	148
Antonymos : organicos e inorganicos	109	Genero pela significação	149
<i>Taxinomia</i>	110	— terminação	150
As categorias grammaticas : substantivo.	110	— acceção	151
Substantivo proprio e a sua subdivisão	111	Formação do genero.	152
Substantivo appellativo.	112	Heteronymia generica	152
— collectivo.	113	Juxtaposição generica.	152
O collectivo especifico : organico e inorganico	114	Flexão generica.	154
Expressão substantiva.	115	— personativa	155
— personativa	115	Duplas genericas.	155
A substantivação.	116	Flexão dos adjectivos	157
Adjectivo.	117	— numerica	158
— descriptivo.	117	Plural especifico	160
— especifico.	118	Fórmãs sigmaticas.	161
— designativo.	119	Plural dos compostos.	162
Artigo.	119	Flexão gradual	164
Adjectivo demonstrativo	120	Augmentativo organico.	165
— possessivo	121	— inorganico.	166
— indefinito.	122	Diminutivo organico.	166
— numeral.	122	— erudito	167
Diferença entre os adjectivos.	124	— personativo	168
Pronome	124	Função dos grãos.	168
Pronomes pessoacs.	125	Grãos dos adjectivos.	169
— demonstrativos	126	Comparativos inorganicos.	170
— articulares	126	— organicos.	170
— relativo	127	Superlativos.	171
— indefinitos	127	— organicos.	172
Verbo	128	Superlativos divergentes e convergentes	174, 175
A predicação completa	128	Defectividade gradual.	176
— incompleta.	128	Flexão conjugativa : modos e tempos.	176-179
— dupla	129	Numero e pessoa.	179
A antiga classificação	130	Verbos depoentes	180
Personalidade do verbo.	131	As fórmãs de conjugação.	182
Pronominalidade do verbo	132	As conjugações geraes	182
A conjugação do verbo.	134	A conjugação especifica.	185
Verbos irregulares : fortes, fracos e graphicos.	134	As conjugações anômalas	187-190
Expressões verbaes	136	A irregularidade verbal.	193
Verbo redundante	137	Irregulares graphicos e suas leis.	195
Preposição.	141	— fracos e suas leis.	196
Adverbio	142	— fortes e suas leis.	199
Conjunção.	144	<i>Etymologia</i>	201
Interjeição.	147	Synopse historica.	202
		Leis da etymologia.	203







Edições da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

- Compendio de Corographia do Brasil**, pelo Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt. 1 vol. in-16, illustrado com numerosas gravuras, contendo um mappa do Brasil e um de cada um dos Estados. 4.^a edição, cart. 3\$000
- Arithmetica Intuitiva — cursos elementar e medio**, contendo: 230 exercicios e calculo mental, 900 problemas escriptos e 160 gravuras, por Olavo Freire. 1 vol. de 402 pags. cart. 1\$500
- Separadamente: Curso elementar. 1\$000
Curso medio 1\$000
- Arithmetica Intuitiva — curso complementar**, contendo: 1645 exercicios e problemas, 100 problemas resolvidos e 136 gravuras, por Olavo Freire. 1 vol. de 332 pags. cart. 1\$500
- Compendio de Pedagogia Escolar**, precedido d'um resumo de *Psychologia applicada á educacão*, de accordo com o programma da Escola Normal, pelo Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt. 1 vol. cart. 2\$500
- Methodo facil para aprender o latim**, pelo Dr. Fortunato Duarte. 1 vol. cart. 3\$000
- Minha Primeira Viagem á volta do Mundo**, traducção do Dr. Laet. 1 vol. 3\$000
- Historia do Brasil**, pelo Dr. F. Pinheiro Bittencourt. 1 vol. in-16, com illustrações, cart. 2\$000
- Grammatica Elementar e lições progressivas de composicão**, por Hilario Ribeiro, adoptada nas escolas primarias da Capital Federal e de diversos Estados, premiada pelo Jury da Exposição Pedagogica do Rio de Janeiro. Edição revista, emendada e annotada por João Ribeiro. 1 vol. cart. 1\$000
- Breves Noções de Historia Natural**, organisadas segundo o programma de ensino das escolas publicas primarias do Distrito Federal, pelo Dr. Carlos de Novaes. 1 vol. com 228 pags. e 203 figuras cart. 2\$000
- Sciencias Naturaes e Physicas — Zoologia — Botanica — Physica — Chimica — Physiologia** — pelo Dr. Felicissimo Rodrigues Fernandes, ensino primario do 2.^o gráo curso medio e superior. 1 vol. com 302 pags. e 200 figuras, cart. 2\$000
- Livro de Exercícios**, para o curso elementar primario da Grammatica portugueza, por João Ribeiro. 1 vol. cart. 1\$000
- Compendio de Historia da Literatura Brasileira**, pelos Drs. Sylvio Romero e João Ribeiro. 1 vol. cart. 5\$000
- Minha Historia Sagrada**, traducção do Dr. Carlos de Laet, obra approvada pelo Eminentissimo Sr. Cardeal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, illustrado de numerosas bellissimas gravuras e chromos. 3\$000
- Exercícios Cartographicos**, por Olavo Freire, approvados pelo Conselho Superior de Instrucção Publica da Capital Federal — seis cadernos. 2\$000
- Tratado de Versificacão — A Poesia no Brazil — A Metrica — Generos litterarios**, por Olavo Bilac e Guimarães Passos, 2.^a edição. 1 vol. cart. 3\$000
- Theatro Infantil** (comedias e monologos em prosa e verso), por Olavo Bilac e Coelho Neto. 2.^a edição. 1 vol. cart. 2\$000

